

CASTELO DE CASTELO BRANCO

CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DE UMA FORTIFICAÇÃO DA RAIA BEIRÃ

Carlos Manuel Pereira Boavida

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

(SETEMBRO, 2009)

**Carlos Boavida – “Castelo de
Castelo Branco – Contributo para o
Estudo de uma Fortificação da Raia
Beirã” - 2009**



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Rosa Varela Gomes

Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de de 2009

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

O(A) orientador(a),

Lisboa, de de 2009

*Aos Defensores do
Património Albicastrense*

Agradecimentos

O presente estudo não seria possível sem o apoio e a colaboração de várias pessoas. Cabe-me agradecer em primeiro lugar à Professora Doutora Rosa Varela Gomes, que me orientou na elaboração deste trabalho e que se mostrou sempre disponível para me aconselhar sobre metodologias de trabalho e bibliografia específica, assim como para tirar qualquer dúvida. Agradeço, igualmente, ao Dr. João Henriques Ribeiro, responsável pelas escavações da década de 80 na necrópole do castelo de Castelo Branco, e à Dr.^a Sílvia Moreira e ao Dr. Pedro Salvado, responsáveis pelos trabalhos junto à muralha em 2000, os quais da mesma forma me apoiaram no desenvolvimento deste estudo e me forneceram todas as informações necessárias. Os meus agradecimentos vão também para o Dr. José António Pereira e Dr.^a Rosa Mateos, da empresa Novarqueologia, actualmente a trabalhar no castelo, pelos dados cedidos.

Agradeço de igual modo aos funcionários do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, em especial à sua directora Dr.^a Aida Rechená, responsável por todos os trâmites necessários à cedência e deslocação temporária do espólio, das intervenções dos anos 80, aí depositado para Lisboa, onde foi estudado. Da mesma forma agradeço ao Dr. Joaquim Morão, Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, que possibilitou o estudo do espólio deste arqueosítio em depósito no Museu do Canteiro em Alcains, assim como à directora desse, Dr.^a Solange Almeida.

Cabe-me agradecer também ao Dr. Luís Raposo, director do Museu Nacional de Arqueologia, o qual possibilitou que neste museu fossem colocados temporariamente os espólios provenientes das colecções do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. O meu agradecimento estende-se a toda a equipa do Museu Nacional de Arqueologia, em especial ao Gabinete de Inventário e à Dr.^a Luísa Guerreiro.

Agradeço também ao Professor Doutor Miguel Telles Antunes, que amavelmente aceitou analisar o conjunto arqueozoológico e parte do numismático, que fazem parte integrante do espólio em estudo, e sobre os quais serão publicados brevemente os resultados.

Os meus agradecimentos são extensíveis ao Arq.¹⁰ Mário Varela Gomes, aos Mestres Rodrigo Banha da Silva, Mário de Gouveia, Guilherme Cardoso e Ant.^o Severino Rodrigues, ao Dr. Fernando Real e ao Dr. José Morais Arnaud, pela sua disponibilidade para me esclarecerem acerca de determinadas temáticas relacionadas com o trabalho desenvolvido.

Agradeço também aos funcionários e responsáveis das várias bibliotecas e arquivos consultados, por permitirem o acesso a tão variada bibliografia, muitas vezes difícil de localizar. A saber: Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca Municipal Central (Galveias), Hemeroteca Municipal de Lisboa, Biblioteca Municipal de Castelo Branco, Biblioteca da Assembleia Distrital de Lisboa, Biblioteca do extinto Instituto Português de Arqueologia, Arquivo da extinta Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian e Biblioteca Mário Sottomayor Cardia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Este agradecimento é extensivo aos responsáveis pelos blogs “*Por Terras do Rei Wamba*” (Joaquim Baptista), “*O Albicastrense*” (António Veríssimo) e “*República, Democracia e Laicismo*” (Luís Lourenço), pelas informações disponibilizadas através desses, quase em tempo real.

Aos meus familiares, amigos e colegas de curso que me apoiaram durante o desenvolvimento deste trabalho, agradeço de igual forma, nomeadamente a Joaquim Apolinário, pelos contactos albicastrenses disponibilizados, aos meus padrinhos e ainda Gabriela Asseiceiro, Salomé Vieira, Inês Ribeiro, Daniel Nunes, Luísa Batalha, Sofia Pedro, Ângela Salgueiro, Rui Felipe, João Damásio, Pedro Castelo, Alexandra Krus, Ana Coelho, Teresa Barbosa, Rudolfo Ferreira, Pedro Peça e Joana Rodrigues entre outros.

Por fim um especial obrigado aos meus pais que seguiram diariamente todo o estudo e se deslocaram comigo a diversos locais da Beira Interior, não só em levantamentos diversos, mas também na procura de bibliografia regional sobre os temas analisados; e ao meu irmão, que mesmo longe, não deixou de se interessar e acompanhar o desenvolvimento deste trabalho.

Castelo de Castelo Branco

Contributo para o Estudo de uma Fortificação da Raia Beirã

Castelo Branco Castle

Contribution for the Study of one Raia Beirã Fortress

Carlos Manuel Pereira Boavida

PALAVRAS-CHAVE: Castelo, Medieval, Moderno, Beira, Raia

KEYWORDS: Castle, Medieval, Modern, Beira, Raia

Resumo

No Inverno de 1979, um temporal provocou um aluimento de terras no adro da Igreja de Santa Maria do Castelo, na alcáçova de Castelo Branco, colocando à vista diversos vestígios de Época Medieval e Moderna.

Com o objectivo de investigar a História e evolução deste monumento, organizou-se uma intervenção arqueológica, que se desenvolveu ao longo de seis campanhas entre 1979 e 1984.

Apesar dos resultados relativamente modestos do ponto de vista estrutural, recolheu-se numeroso espólio elaborado nos mais diversos materiais. Além das habituais cerâmicas, recuperaram-se várias peças metálicas, em vidro, osso, azeviche e cabedal, um conjunto de estelas funerárias e restos arqueozoológicos.

Pretende-se com este estudo dar a conhecer os resultados obtidos à 30 anos, assim como numa sondagem arqueológica levada a efeito em 2000.

Abstract

In the Winter of 1979, a storm caused a landslide at the churchyard of Santa Maria do Castelo, in the citadel of Castelo Branco, exposing several artifacts from the Middle and Modern Ages.

In order to study the History and evolution of the monument, an archaeological intervention was organized and ran for six seasons, from 1979 to 1984.

Despite the somewhat modest outcome from a structural viewpoint, numerous artifacts, in varied materials, were collected. Besides the usual ceramics, there were several metal, glass, bone, jet, and leather findings, a set of stelae, and archaeozoological remains.

The current study aims to bring to a wider audience the results obtained 30 years ago, as well as those obtained in an archaeological survey done in 2000.

Índice

I – Introdução	1
I. 1. Objectivos	1
I. 2. Arqueologia do Centro Histórico e Castelo de Castelo Branco	2
I. 3. Metodologia	9
II – O Espaço e o Tempo	20
II. 1. O Espaço	20
II. 1. 1. Geografia Natural e Humana	20
II. 1. 2. Clima	21
II. 1. 3. Coberto Vegetal	22
II. 1. 4. Faunas	23
II. 1. 5. Vias de Comunicação	25
II.2. O Tempo	27
II. 2. 1. O Povoamento	27
II. 2. 1. 1. A Raia Beirã: Do fim do Império à Reconquista Cristã	27
II. 2. 1. 2 A Herdade da Cardosa	30
II. 2. 1. 3. A Vila de Castelo Branco	32
II. 2. 2 Necrópoles medievais e modernas	37
II. 2. 2. 1. Necrópoles medievais e modernas em Castelo Branco	38
III – Intervenções Arqueológicas	40
III. 1. A Alcáçova – Descrição	40
III. 2. Intervenções Arqueológicas	42
III. 2. 1. A Necrópole (1979/1984)	42
III. 2. 1. 1. Campanha de 1979	43
III. 2. 1. 2. Campanha de 1980	44
III. 2. 1. 3. Campanha de 1981	45
III. 2. 1. 4. Campanha de 1982	46
III. 2. 1. 5. Campanha de 1983	47
III. 2. 1. 6. Campanha de 1984	47
III. 2. 2. A.Muralha (2000)	48
III. 2. 3. Trabalhos Preventivos no âmbito do POLIS (2008/09)	49
IV – Estudo do Espólio	51
IV. 1. Inventário do Espólio Total e em Estudo	51

IV. 2. Cronologia e Paralelos	53
IV. 2. 1 As Cerâmicas	54
IV. 2. 1. 1 Cerâmica Comum (séculos XII-XIV)	54
IV. 2. 1. 2. Cerâmica Comum (séculos XIV-XVI)	59
IV. 2. 1. 3. Cerâmica Comum (séculos XVII-XIX)	65
IV. 2. 1. 4. Cerâmica Esmaltada e/ou Vidrada (séculos XV-XVIII)	66
IV. 2. 2. Artefactos em Vidro	68
IV. 2. 3. Artefactos em Osso	70
IV. 2. 4. Artefactos em Azeviche	71
IV. 2. 5. Artefactos em Cabedal	72
IV. 2. 6. Os Metais	73
IV. 2. 7. Os Líticos	80
IV. 2. 8. Os Numismas	81
IV. 2. 9. Estelas Funerárias	84
IV. 2. 10. Espólio Arqueozoológico	86
V – Conclusões	88
Bibliografia	97
Bibliografia Passiva	99
Bibliografia Activa	107
Anexos	127
1. Cartas, mapas e plantas	129
2. Documentos	139
3. Catálogo	149
3. 1 As Cerâmicas	151
3. 1. 1 Cerâmica Comum (séculos XII-XIV)	152
3. 1. 2. Cerâmica Comum (séculos XIV-XVI)	178
3. 1. 3. Cerâmica Comum (séculos XVII-XIX)	206
3. 1. 4. Cerâmica Esmaltada e/ou Vidrada (séculos XV-XVIII)	212
3. 2. Artefactos em Vidro	225
3. 3. Artefactos em Osso	229
3. 4. Artefactos em Azeviche	231
3. 5. Artefactos em Cabedal	235

3. 6. Os Metais	239
3. 7. Os Líticos	259
3. 8. Os Numismas	261
3. 9. Estelas Funerárias	273
4. Apêndice Fotográfico	303
4. 1. Castelo de Castelo Branco	305
4. 2. Intervenções Arqueológicas	315
4. 3. Espólio	325
5. Gráficos	333
6. Tabelas de Inventário	347

I. Introdução

I. 1. Objectivos

No âmbito da cadeira de licenciatura de Relatório Final foi efectuado o trabalho “Castelo de Penamacor – Estudo de Espólio Medieval e Moderno”. Ao longo da investigação desenvolvida foi levada a cabo uma “prospecção” na base de dados *Endovélico*¹ para tomar conhecimento de outros contextos contemporâneos que tivessem sido alvo de estudo nessa região. Entre eles estava o castelo de Castelo Branco.

À partida não estranhei que um monumento tão marcante da cidade albicastrense já tivesse sido alvo de um projecto de investigação. No entanto, decorridas quase três décadas sobre a realização dos trabalhos, tinham sido publicados apenas alguns pequenos artigos e/ou notícias sem que o espólio recuperado tivesse sido alvo de estudo aprofundado.

Apenas quando decidi inscrever-me no mestrado em Arqueologia voltei a procurar informação sobre o local, uma vez que o mesmo não me era assim tão indiferente. Além de o ter visitado em criança, trata-se de um dos principais símbolos das terras da Beira Baixa, das quais sou neto em várias gerações.

Segundo informação do *Endovélico*, o espólio recolhido no castelo tinha sido entregue para depósito no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, mantendo-se inédito. Contactado o museu, fui informado de que aquele espólio nunca tinha sido procurado por alguém além do responsável pelos trabalhos. Depois de consultar a orientadora da tese e de lhe apresentar a minha ideia, contactei o então responsável pela intervenção arqueológica que, de forma entusiástica, se congratulou por finalmente alguém se interessar por um projecto que por motivos vários não tinha tido oportunidade de continuar.

Ao longo de seis campanhas, entre 1979 e 1984, foram colocados à vista os restos de uma necrópole da Época Medieval, cuja utilização ter-se-á prolongado pelo menos até final da Época Moderna, do qual subsistem também vários vestígios.

¹ <http://www.ipa.min-cultura.pt>

Quase trinta anos depois, no momento em que o castelo de Castelo Branco foi uma vez mais intervencionado, este trabalho tem como objectivo não só estudar o espólio recuperado nesta e noutra pequena intervenção preventiva naquele em 2000, mas também apurar um pouco melhor a história deste monumento que o tempo e os homens foram apagando.

I. 2. Arqueologia do Centro Histórico e Castelo de Castelo Branco

A fixação de comunidades humanas no planalto de Castelo Branco, em particular na área onde hoje se encontra esta cidade, está relativamente bem estudada para as épocas mais recuadas². No entanto, para o período após a queda do Império Romano, a situação é totalmente diferente.

Do ponto de vista histórico-documental, diversos autores, entre historiadores e etnógrafos, elaboraram estudos monográficos essenciais para a compreensão da evolução histórica da cidade albicastrense, apesar de nem sempre convergirem nas mesmas conclusões. Alguns deles devem mesmo constar na bibliografia obrigatória para o estudo de Castelo Branco, a saber: “*Memorial chronológico e descritivo da cidade de Castelo Branco*” (Porfírio da Silva – 1853); “*Monografia de Castelo Branco*” (Ant.º Roxo – 1891); “*Castelo Branco e o seu alfoz: achegas para uma monografia regional*” (J. Ribeiro Cardoso – 1953); “*Castelo Branco na História e na Arte*” (Manuel Tavares do Santos – 1958); “*Esquema para uma biografia da cidade de Castelo Branco*” (José Vasco Mendes de Matos – 1972); “*Esboço Histórico da cidade de Castelo Branco*” (Cónego Anacleto Martins, 1979); “*Castelo Branco*” (Ana Cristina Leite – 1991); “*Castelo Branco Antiga*” (Ernesto Pinto Lobo – 1995) e “*Castelo Branco, uma cidade histórica*” (António Lopes Pires Nunes – 2002). No âmbito do

² Ver HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos (2004) – “*O megalitismo da região de Castelo Branco na obra de Francisco Tavares Proença Júnior e trabalhos posteriores*”; CARDOSO, João Luís (2004) – “*Contributos para o conhecimento do megalitismo funerário do Sul da Beira Interior*”; ALARCÃO, Jorge de (2004) – “*Da Idade do Bronze Final ao Período Suévico no distrito de Castelo Branco*”; VILAÇA, Raquel (2004) – “*O Monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze*”; GUERRA, Amílcar (2004) – “*A respeito dos materiais epigráficos de Francisco Tavares Proença Júnior*”; CRISTOVÃO, José (2004) – “*O Monte de S. Martinho e as suas proximidades na Época Romana: cem anos de investigações arqueológicas (1903-2003)*”; GOMES, Mário Varela (2004) – “*Touro de bronze, da Serra de Oleiros (Beira Baixa)*”; para referir os mais recentes publicados no catálogo da exposição “*Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*” no MFTPJ. No prelo estão igualmente as actas do Congresso Internacional de Arqueologia – *Cem Anos de Investigação Arqueológica no Interior Centro*, promovido pelo MFTPJ e pela SAMFTPJ (17 a 19 de Abril de 2008)

Programa POLIS, em 2003 foi publicado um extenso album histórico sobre a cidade de Castelo Branco, da autoria de Leonel Azevedo, Ant.º Silveira e Pedro Quintela d'Oliveira, que reúne diversa informação documental e iconográfica, de extrema importância para a compreensão da evolução daquele espaço³.

Existem também vários artigos publicados pela Junta Provincial da Beira e no âmbito do Congresso Beirão, que remetem para aspectos mais precisos da história da região, tal como sucede com o periódico local “*Estudos de Castelo Branco*”, actualmente na sua 3.ª série e editado desde 1961.

Alguns estudos sobre a Ordem do Templo fornecem importantes dados sobre o povoamento da região onde Castelo Branco nasceu, como sucede com os da autoria de António Lopes Pires Nunes⁴, José Manuel Câpele⁵ e Nuno Villamariz Oliveira⁶. Em estudos temáticos em torno dos castelos e fortificações existem referências também a Castelo Branco, como é o caso de “*Os Castelos da Raia – Beira*” de Rita Costa Gomes⁷ ou dos trabalhos de Luís Jorge Gonçalves⁸, João Gouveia Monteiro⁹ e Mário Jorge Barroca¹⁰.

³ AZEVEDO, Leonel (coord.) (2003) – “*O Programa Polis em Castelo Branco – Álbum Histórico*”; Sociedade Polis Castelo Branco, Castelo Branco

⁴ NUNES, Ant.º Lopes Pires (2005) – “*Os Castelos Templários da Beira Baixa*”; col. *Cadernos de Património Cultural da Beira Baixa*, n.º 6; Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, s.l.; NUNES, Ant.º Lopes Pires (2004) – “*Os Templários e a Beira Baixa*” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 2 - Nova Série; dir. Ant.º Salvado; Castelo Branco (pp. 5 – 24)

⁵ CAPÊLO, José Manuel (2003) – “*D. Fr. Pedro Alvites, Mestre Templário em Portugal e nos três reinos*”, in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 1 – Nova Série; dir. Ant.º Salvado; Castelo Branco (pp. 56-78); CAPÊLO, José Manuel (2007) – “*Castelo Branco, a Cidade-Capital Templária em Portugal: de 1215 a 1314 – As Sedes Templárias em Portugal*” in *Codex Templi*, dir. e coord. Teresa Pinto Furtado; Zéfiro (pp. 159-220)

⁶ OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2000^B) – “*Castelos da Ordem do Templo em Portugal (1120-1314)*”; Tese de Mestrado em História de Arte Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa ; OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2000^A) – “*Algumas considerações sobre os castelos da Ordem do Templo em Portugal: o exemplo paradigmático de Castelo Branco*” in *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 7: “*Arqueologia da Idade Média na Península Ibérica*”, coord. Mário Barroca, Ant.º Malpica Cuello e Manuel Real; Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Universidade de Tras-os-Montes e Alto Douro, Porto (pp. 153-168); OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2002) – “*A influência do Oriente em Portugal através da arquitectura militar templária: o paralelo entre Chastel Blanc e Castelo Branco*” in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos – Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, coord. Isabel Cristina Fernandes; Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela (pp. 909-913)

⁷ GOMES, Rita Costa (2001) – “*Castelos da Raia – Beira*”, vol. I, col. Arte e Património; 2.ª ed.; Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa

⁸ GONÇALVES, Luís J. Rodrigues (1995) – “*Os castelos da Beira-Interior na defesa de Portugal (séculos XII-XVI)*”, Tese de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Lisboa; GONÇALVES, Luís Jorge (2000) – “*Implantação e conservação dos castelos da Raia da Beira (séculos XII-XVI)*” in *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 7: *Arqueologia da Idade Média na Península Ibérica*, coord. Mário Barroca, Ant.º Malpica Cuello e

Em obras mais gerais sobre a zona da Beira Baixa, podem encontrar-se ainda informações complementares sobre a região de Castelo Branco, como é o caso do estudo “*Os Muçulmanos na zona de Castelo Branco: do domínio árabe ao período medieval cristão*” de M.^a Helena Lopes de Barros¹¹ e “*Egitânia/Antanyia e o domínio islâmico: algumas hipóteses para o estudo de um território de fronteira*”, artigo publicado por Fernando Branco Correia¹², nas actas de seminário decorrido em Palmela, apesar de não fornecerem dados concretos sobre o espaço da actual cidade. São igualmente importantes do ponto de vista demográfico os trabalhos de João José Alves Dias, publicados entre outros, na obra *Ensaio de História Moderna*¹³, assim como os estudos de Jaime Lopes Dias¹⁴ e Ant.º Canoso¹⁵ sobre a problemática do abastecimento

Manuel Real; Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Universidade de Tras-os-Montes e Alto Douro, Porto (pp. 131-140)

⁹ **MONTEIRO**, João Gouveia (1999) – “*Os castelos portugueses dos Finais da Idade Média – Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*”; col. Estudos, n.º 29; Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lisboa (Galveias)

¹⁰ **BARROCA**, Mário Jorge (1996/97) – “*A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do século XII*” in *Portugália*, vols. 17/18 – Nova Série; coord. Rui M. S. Centeno; Instituto de Arqueologia (Faculdade de Letras/Universidade do Porto), s.l (pp. 171-209); **BARROCA**, Mário Jorge (2000^A) – “*Aspectos da evolução da arquitectura militar na Beira Interior*” in *Actas das Primeiras Jornadas do Património da Beira*; coord. M.^a do Céu Ferreira, Manuel Sabino Perestrelo, Marcos Osório e Ant.º Augusto Marques; Câmara Municipal da Guarda, Guarda (pp. 215-238); **BARROCA**, Mário Jorge (2000^B) – “*Contributo para uma bibliografia dos estudos de castelologia medieval portuguesa*” in *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 7: “*Arqueologia da Idade Média na Península Ibérica*”, coord. Vítor Oliveira Jorge; Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Universidade de Tras-os-Montes e Alto Douro, Porto (pp. 79-88); **BARROCA**, Mário Jorge (2002) – “*Os Castelos das Ordens Militares em Portugal (séculos XII a XIV)*” in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos – Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, coord. Isabel Cristina Fernandes; Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela (pp. 535-548); **BARROCA**, Mário Jorge (2003) – “*Arquitectura Militar: Baixa Idade Média - O Castelo Gótico*” in *Nova História Militar de Portugal*, vol. I, dir. Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, coord. José Mattoso; 1.^a ed., Círculo de Leitores (pp. 117-121)

¹¹ **BARROS**, M.^a Filomena Lopes de (2008) – “*Os Muçulmanos na zona de Castelo Branco: do domínio árabe ao período medieval cristão*” in *Colchas de Castelo Branco – Percursos por Terra e Mar*; Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul, Instituto dos Museus e da Conservação/Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco (pp. 32-71)

¹² **CORREIA**, Fernando Branco (2005) – “*Egitânia/Antanyia e o domínio islâmico: algumas hipóteses para o estudo de um território de fronteira*” in *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, coord. Mário Jorge Barroca e Isabel Cristina F. Fernandes; Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (pp. 77-83)

¹³ **DIAS**, João José Alves (1988^A) – “*A Beira Interior em 1496 (Sociedade, Administração e Demografia)*” in *Ensaio de História Moderna*, n.º 9; Lisboa (pp. 145-152); **DIAS**, João José Alves (1988^B) – “*A comarca de Castelo Branco em 1527-1540: Aspectos administrativos e demográficos*” in *Ensaio de História Moderna*, n.º 9; Lisboa (pp. 145-152)

¹⁴ **DIAS**, Jaime Lopes (1932) – “*Castelo Branco: o problema do abastecimento de água*”; V Congresso Beirão; depositária Torres e C.^a - Livraia Féris; Tip. Minerva, Vila Nova de Famalicão

¹⁵ **CANOSO**, António (1996) – “*A História e a Água no concelho de Castelo Branco*”; 1.^a ed.; Serviços Municipalizados de Castelo Branco

de água à cidade. Por fim, uma perspectiva geográfica da evolução da cidade ao longo dos séculos foi o tema da dissertação de mestrado de Rui Manuel dos Santos Duarte¹⁶.

No que diz respeito à Arqueologia, ao contrário do que se verificou nos inícios do século XX, com os estudos de Francisco Tavares Proença Júnior, ou nos anos 50, com as investigações de D. Fernando de Almeida, pouco ou nada se sabe em relação às Épocas Medieval e Moderna, mas é um facto que estas áreas do saber arqueológico só começaram a ser alvo de estudo mais sistemático e preciso a partir das três últimas décadas do século XX. É nesse âmbito que a exposição de materiais desses períodos, devido a um aluimento de terras na alcáçova, e ao seu conseqüente saque, veio chamar a atenção das entidades responsáveis para o estudo deste tipo de contexto e seus vestígios na cidade albicastrense.

Assim, em 1979, no decorrer das 1.^{as} Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa, foi feito o primeiro ponto da situação sobre este assunto¹⁷. Além da intervenção, que decorreu no castelo, de forma não contínua, entre 1979 e 1984 e das sobreditas Jornadas, teve também impacto junto do público a exposição dos materiais recolhidos, no local onde foram colocados em depósito, o Museu Francisco Tavares Proença Júnior, o grande agente cultural desta região à época¹⁸.

No entanto, em 1998, após o encerramento deste Museu durante vários anos e depois da sua reorganização, o espólio recuperado no castelo e noutras pequenas intervenções eventuais no centro histórico (Baptista, 1982, p.14), foi remetido para depósito, onde permanece em grande parte inédito. O espólio arqueológico aqui existente passou a estar acessível ao público através de exposições temporárias, de longa duração, que incidem principalmente nos períodos mais recuados da História da região.

Coincidência ou não, a arqueologia medieval voltou a ser alvo de análise com uma nova intervenção no castelo em 2000. No perímetro deste, no âmbito da construção

¹⁶ DUARTE, Rui Manuel dos Santos (1996) – “*As marcas do passado no actual espaço urbano – A cidade de Castelo Branco sob uma perspectiva geográfica*”; Tese de Mestrado em Geografia apresentada à Universidade de Coimbra/Instituto de Estudos Geográficos

¹⁷ NUNES, Ant.º Lopes Pires (1986) – “*A problemática dos vestígios medievais de Castelo Branco*” in *Arqueologia da Beira Baixa – Livro das 1.^{as} Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa (1979)*; ARCINPE – Associação Regional da Arqueologia e Defesa do Património dos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor, Castelo Branco (pp. 51-69)

¹⁸ Foi também levada a cabo, no âmbito das escavações, uma exposição dos materiais recolhidos no antigo Celeiro da Ordem de Cristo, em Castelo Branco Cristo (Diário de Notícias, Lisboa, 9/7/81 cit. *Informação Arqueológica*, n.º 4, p. 265)

de um depósito de água, foram recolhidos materiais de cronologia medieval e/ou moderna, à guarda do Museu do Canteiro, em Alcains, entretanto criado sob a tutela da autarquia. É assim que a edilidade albicastrense se torna no motor organizativo do processo arqueológico na cidade, contando nos seus quadros com um especialista em Arqueologia. Se por um lado a Arqueologia de Castelo Branco ganhou do ponto de vista técnico, perdeu pelo facto de se começarem a dispersar os espólios provenientes de um mesmo local, algo que de acordo com a lei que regula trabalhos arqueológicos deveria ser evitado¹⁹. A mesma lei defende igualmente que os vestígios arqueológicos recuperados sejam integrados num museu da Rede Nacional de Museus, algo que a partir daqui deixou de acontecer.

Fora do âmbito autárquico, em 2004, o Instituto Português do Património Arquitectónico levou a cabo a recuperação das fachadas e logradouro da Sé-Catedral de São Miguel, tendo sido desenvolvida uma intervenção arqueológica preventiva. No decorrer desta colocaram-se à vista os vestígios de uma necrópole associada ao antigo templo aqui existente. Entre os materiais exumados, de cronologia medieval e moderna, foram recolhidas cerâmicas (comum, vidrada, faiança, porcelana e de construção), peças metálicas (botões, medalhas, alfinetes, fivelas e pregos), numismas e vidros (Reis, 2006). No que diz respeito à necrópole, trata-se um conjunto de cerca de dezena e meia de sepulturas escavadas na rocha, parcialmente destruídas aquando da construção do templo actual, tendo-se levantado cinquenta enterramentos primários e catorze ossários (Matos, 2005).

No entanto, a revolução da arqueologia albicastrense verificou-se devido às obras do Programa POLIS – Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades, articulado com o Plano Director Municipal e o Plano Estratégico de Castelo Branco 2020²⁰. O grande objectivo foi sem dúvida a reabilitação de áreas urbanas entretanto negligenciadas devido ao exponencial desenvolvimento da urbe que se verificou ao longo da última década do século XX.

¹⁹ Cf. Dec.-Lei n.º 270/99 de 15 de Julho, Anexo I - Art.º 16.º

²⁰ Cf. **MILHEIRO**, Fernando (2000) – “*Viver Castelo Branco – Programa Polis: Plano Estratégico / Programa Polis – Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades: Plano Estratégico de Castelo Branco*”; Programa Polis, Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território, s.l. (pp. 21-31); Castelo Branco 2020: “*Um Programa de Acções Mobilizadoras - Valorizar a memória: intervir no centro histórico*”; Câmara Municipal de Castelo Branco (<http://www.cm-castelobranco.pt>)

No que diz respeito ao centro histórico e à área do castelo, o grande objectivo passaria pela sua revalorização, para uma correcta manutenção da sua identidade, evitando assim o surgimento de áreas degradadas. Além da reabilitação de espaços históricos de interesse patrimonial e turístico, foram planeados meios que permitissem não só o apoio às populações residentes, mas também à fixação de outras. A dinamização da zona passaria igualmente pela criação de locais para os diversos agentes culturais.

No âmbito destes projectos, e uma vez que diversas cartas e convenções internacionais ratificadas por Portugal²¹ recomendam que quaisquer obras em áreas de sensibilidade arqueológica sejam devidamente acompanhadas por especialistas da disciplina, a fim de minimizar eventuais impactos, foram levadas a cabo várias intervenções um pouco por toda a cidade. Algumas das quais revelaram vestígios de diversas estruturas há muito esquecidas pela memória albicastrense.

Desde meados de 2008 que decorrem várias intervenções no castelo para minimizar os efeitos das obras de reabilitação que aí tem lugar no âmbito do já referido Programa POLIS²².

Nos trabalhos de substituição de canalizações, que decorreram um pouco por todo o centro histórico, não foram identificadas quaisquer estruturas, mas sim variado espólio descontextualizado por trabalhos anteriores²³. Em diversos locais foram demolidos edifícios devolutos construídos sobre a muralha, permitindo assim que esta última fosse recuperada e reintegrada no espaço público (Lourenço, 2009^A; Veríssimo, 2008^B, 2009^A).

No entanto, as intervenções mais gravosas para o sub-solo foram levadas a cabo para a construção de quatro parques de estacionamento subterrâneo: Praça Académica, Devesa, Largo de São João e Praça Postiguinho Valadares. O primeiro foi construído na área de jardim de um palácio oitocentista, actual Arquivo Distrital, encravado no coração da vila medieval. O segundo foi edificado sob uma ampla praça, criada no século XIX, altura em que a cidade crescia fora das muralhas, e onde se fixaram vários

²¹ Cf *Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico* (Conselho da Europa, Londres – 1969), *Carta para a Protecção e a Gestão do Património Arqueológico* (ICOMOS, Lausanne – 1990), *Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico – revista* (Conselho da Europa, La Valleta – 1992) – consultáveis no sítio <http://www.ipa.min-cultura.pt>

²² Ver capítulo III. 2. 3. (pp. 46 e seguintes)

²³ Informação cedida pela Dr.^a Sílvia Moreira (CM Castelo Branco)

edifícios administrativos e militares. Em ambos os casos não foram identificados vestígios arqueológicos²⁴. Nos outros dois casos a questão foi bastante diferente.

Se por um lado no Largo de São João seria expectável encontrar as fundações de uma antiga capela aí existente ou vestígios de enterramentos a ela associados, nada disso veio a acontecer, tendo surgido no entanto uma grande construção em granito porfiroíde, interpretada por alguns como uma estrutura hidráulica. Esta, após vários meses de impasse, acabou por ser parcialmente preservada *in situ* (Baptista, 2008^A, 2008^B; Lourenço, 2009^B). Na Praça Postiguinho de Valadares, onde igualmente se demoliu parte de um edifício contemporâneo, totalmente fora do contexto no espaço histórico onde foi inserido, a construção do parque revelou o que poderá ser as fundações de uma outra capela, de Santa Eulália, à qual estaria associada uma albergaria (Veríssimo, 2008^A).

Uma outra intervenção importante foi levada a cabo para a reabilitação e revalorização do Jardim do Paço Episcopal, na qual foram identificadas as estruturas hidráulicas que permitiam o funcionamento dos diversos jogos de água dos tanques oitocentistas daquele (Moreira, 2008, p. 16). Devem ser igualmente referenciados os trabalhos de preservação e restauro de diversos panos de muralha da vila.

A maioria da informação sobre as intervenções arqueológicas mais recentes foi divulgada primeiro por blogs e depois pela imprensa local; no entanto, oficialmente, nas decorridas no centro histórico, de acordo com o *Endovélico, não foram identificados vestígios com interesse arqueológico*²⁵. Se por um lado esta situação é no mínimo estranha num aglomerado urbano com pelo menos 800 anos, por outro não será assim tanto, uma vez que o espaço em questão sempre foi densamente ocupado ao longo desse período. De qualquer modo, a questão pode prender-se apenas com o facto de não serem encontrados restos de eventuais estruturas minimamente preservados, ou porque uma grande parte da área ocupada não foi profundamente remexida no momento da edificação das construções devido à existência de afloramentos graníticos muito próximos da superfície. Esta situação não impede de todo a existência de diverso espólio, que embora estando desintegrado de contextos estratigráficos continua a fornecer informação vária sobre a ocupação de um determinado espaço.

²⁴ Cf. “EIA – Programa POLIS – Castelo Branco” in *Bases de Dados Endovélico*; Instituto Português de Arqueologia (<http://ipa.min-cultura.pt>)

²⁵ Cf. “EIA – Programa POLIS – Castelo Branco” in *Bases de Dados Endovélico*; Instituto Português de Arqueologia (<http://ipa.min-cultura.pt>)

As intervenções provocadas pelas obras do POLIS incidiram precisamente na área onde a cidade cresceu e se desenvolveu até aos anos 50 do século XX, criando uma oportunidade única, a nível da arqueologia urbana, e inédita em muitos aspectos no quadro da arqueologia nacional das Idades Média e Moderna; apesar disso os resultados dos trabalhos desenvolvidos tardam em ser publicados, o que lentamente vai apagando os vestígios do tempo em que a actual cidade se formou, não contribuindo para a resolução de várias questões que o urbanismo albicastrense tem vindo a colocar aos investigadores ao longo da sua história.

I. 3. Metodologia

Este trabalho inicia-se com definição dos seus objectivos, que passam acima de tudo pelo estudo do espólio arqueológico recolhido no castelo de Castelo Branco. Seguidamente elabora-se síntese do estado da arqueologia urbana na área do centro histórico da cidade albicastrense, em especial a referente ao castelo e ao espaço envolvente. Para esta análise considerou-se que seria mais proveitoso complementar a informação disponível na bibliografia existente com os dados fornecidos por profissionais que trabalham ou já trabalharam neste espaço, para uma melhor contextualização da questão.

A segunda parte do trabalho refere-se às questões relacionadas com o Espaço e o Tempo. No que diz respeito ao Espaço, enumeram-se as características geográficas e naturais da região onde o castelo de Castelo Branco foi construído, tendo como base não só as informações presentes na Carta Geológica de Portugal, mas também em obras gerais de referência. Do ponto de vista do Tempo, sintetizam-se os dados existentes para a compreensão da evolução e organização do povoamento na área de Castelo Branco, abordados por vários autores, que nem sempre coincidem na sua interpretação e conseqüente conclusão. Nesta contextualização histórica é igualmente analisada a questão das necrópoles medievais e modernas, para a qual a bibliografia existente é escassa, sendo maioritariamente referente às problemáticas provocadas pela mudança destas para o exterior dos aglomerados urbanos. Apresenta-se por isso, em complemento, pequena nota, com base nas informações disponíveis, sobre as necrópoles medievais e/ou modernas no espaço da vila de Castelo Branco.

O terceiro capítulo relata de forma sucinta as intervenções arqueológicas realizadas no castelo. Os trabalhos decorreram entre 1979/1984, época em que foi identificada a antiga necrópole, existente no adro da Igreja de Santa Maria do Castelo. No âmbito de algumas obras neste espaço, realizaram-se intervenções preventivas em 2000 e em 2008/09. As informações aqui veiculadas são baseadas essencialmente no que se encontra descrito nos Relatórios de Escavação (1979/1984, 2000 e 2008) depositados no arquivo do antigo Instituto Português de Arqueologia, em Lisboa e pelos próprios responsáveis pelos trabalhos.

No quarto capítulo apresenta-se a parte fulcral do trabalho, o estudo do espólio. Devido à escassez de material recolhido numa área tão vasta, optou-se por analisar a sua totalidade e não apenas uma das tipologias recuperadas. Se por um lado a quantidade não é muito elevada, por outro a diversidade de matérias-primas é relativamente alargada. O conjunto mais abundante corresponde ao das cerâmicas, maioritariamente comuns, sendo escassos os exemplares vidrados e/ou esmaltados. Foram também recolhidos materiais de construção. Existe uma grande variedade de peças metálicas e de numismas a par de apenas alguns restos de peças em vidro, osso, azeviche e cabedal. Foram igualmente recuperados restos de fauna mamalógica e elementos pétreos.

No caso da escavação de 1979/84, as peças encontram-se marcadas de duas formas – um número único para todo o conjunto correspondente ao número de inventário do museu, e um outro colocado à época da escavação, em muitos casos aplicado de forma irregular e deficiente, que em vários exemplares já não apresenta leitura. Nenhum deles nos fornece referências do ponto de vista estratigráfico. Optou-se, no entanto, apesar desse facto, por não marcar de novo estes materiais, uma vez que, nenhum método seria razoavelmente correcto, tendo em conta a falta da informação supracitada. Utilizou-se como referência o que resta da marcação inicial, articulada com a numeração dos sacos e caixotes utilizados em depósito.

No que diz respeito à intervenção decorrida em 2000, os materiais recolhidos encontram-se inventariados no relatório da mesma. Aí, além do número de inventário, estão registados em função da data e da quadrícula de quando e onde foram recuperados.

Em todo o caso, o trabalho baseou-se essencialmente no estudo das tipologias, tendo em conta espólios de outros locais, onde a informação estratigráfica se encontra bem definida. Esta informação cronológica não foi obtida apenas nos trabalhos que se

encontram publicados, mas também em vários relatórios de escavação de diversos arqueossítios intervencionados em toda a região da raia beirã, uma vez que para esta zona e período poucos foram os locais alvo de estudo com posterior publicação.

Do espólio, totalmente inventariado, seleccionou-se depois aquele que se considerou como mais significativo, e que como tal deveria constar do catálogo e ser registado graficamente. Apresenta-se em seguida a metodologia de estudo utilizada para cada uma das tipologias dos materiais.

Cerâmicas

Para a descrição das peças cerâmicas estudadas foi elaborada uma ficha em que se apresentam os seus dados: forma, número de inventário, descrição formal, tratamento das superfícies, pasta, cozedura e dimensões (em centímetros). A mesma baseou-se na tipologia formal apresentada por Rosa Varela Gomes em “*Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: Território e Cultura*”²⁶; que reportando a espólio islâmico, se pode aplicar, com as devidas alterações, tanto ao espólio medieval cristão como ao moderno. O mesmo se pode dizer dos tratamentos (para impermeabilização) e decorações aplicadas às superfícies das peças.

Loiça de Mesa

Garrafa	Recipiente de forma globular ou ovóide, com gargalo estreito e alto, assente em fundo plano, podendo ter uma asa que liga o gargalo à zona mesial do corpo. Usada para conter líquidos.
Jarro	Recipiente fechado de corpo globular ou ovóide, com gargalo largo e alto, cujo fundo pode ser plano, algo convexo ou em anel. Tem uma asa que liga o bordo à zona mesial do corpo. Sobre o bordo normalmente existe um bico de forma trilobulada. Usado como contentor de líquidos de forma colectiva. As suas medidas são variáveis.
Prato	Recipiente aberto, cujo corpo tem forma tronco-cónica e paredes baixas. Assenta em fundo plano e tem geralmente um bordo largo sub-horizontal em banda. O diâmetro deste bordo aproxima-se do da base, podendo ter várias dimensões. É usado para servir os alimentos,

²⁶ Cf. GOMES, 2002, pp. 34-48

	que nele também poderão ser consumidos.
Púcaro	Recipiente de pequena dimensão, de corpo globular, sub-cilíndrico ou troncocónico. Tem bordo alto e vertical, assente em fundo plano ou um pouco convexo. Por vezes pode apresentar carena. Pode ter uma ou duas asas (opostas no segundo caso), que ligam o bordo à zona mesial do corpo. Trata--se de uma peça de utilização individual à mesa, para por ela se beber.
Taça	Recipiente aberto com corpo de forma hemisférica, sub-hemisférica ou troncocónica, que pode ter carena, carena acusada ou dupla carena. Assenta num fundo que pode ser plano, algo convexo ou em pé anelar. As suas dimensões são variáveis. Usada como contentor de alimentos, para os servir e nela os consumir.

Loiça de Cozinha

Alguidar	Recipiente aberto, de forma sub-cilíndrica ou troncocónica, com paredes oblíquas assentes em fundo plano. Em geral são peças de grande dimensão. Pode ter sido usado para preparar diversos alimentos e eventualmente para lavar a loiça.
Frigideira	Recipiente baixo, de forma cilíndrica ou troncocónica, de paredes pouco inclinadas e assente em fundo plano ou um pouco convexo. Por vezes pode existir uma pega comprida, tipo cabo, ou duas ou mais pegas horizontais. São peças com dimensão variável, usadas para a preparação de alimentos.
Panela ²⁷	Recipiente fechado com corpo globular ou ovóide, um pouco achatado. Assenta num fundo que pode ser plano, algo convexo ou em bolacha. Pode ter uma asa ou duas, opostas, que arrancam do bordo até à zona mesial do corpo. Podia ter também uma tampa ou testro. As suas dimensões são variáveis. Era usada para cozinhar os alimentos ao lume.
Tacho	Recipiente baixo e largo, de forma cilíndrica ou troncocónica, de

²⁷ Este estudo baseia-se essencialmente nos bordos, que para esta época, no caso das panelas e dos potes, nalguns casos, são difíceis de distinguir sem ter acesso ao resto da peça. Por esse motivo, optou-se por considerar como bordos de panela (ou usados como tal) todos aqueles que apresentam vestígios de queimaduras exteriormente ou sobre bordo e como potes (ou usados como tal) todos aqueles que apresentam apenas queimaduras pós-fractura. Nunca se poderá excluir totalmente, nesses casos, a hipótese de terem sido usados com a função preterida na descrição.

	paredes um pouco inclinadas. Assenta num fundo plano ou ligeiramente concâvo, tendo duas asas ou pegas opostas sobre ou abaixo do bordo. São peças de dimensões variáveis utilizadas para a confecção de alimentos ao lume.
--	---

Loiça de Armazenamento e/ou Transporte

Bilha	Recipiente fechado com corpo globular ou ovóide alongado, assente em fundo plano e com gargalo baixo e estrangulado. Apresenta uma asa que arranca abaixo do bordo até à zona mesial. São peças de dimensão pequena a média, usadas para armazenar e/ou transportar alimentos líquidos a nível doméstico.
Cântaro	Recipiente fechado com corpo globular ou ovóide alongado, assente em fundo plano e com gargalo alto. Apresenta uma ou duas fortes asas, largas e opostas que arrancam do gargalo até à zona mesial do corpo. São peças de grande dimensão usadas para armazenar e/ou transportar alimentos líquidos.
Pote	Recipiente fechado, baixo e de forma globular assente em base plana. Podem apresentar uma ou duas asas. Estas vasilhas de média dimensão eram usadas como contentores de alimentos líquidos e sólidos.
Talha	Recipiente de forma ovóide com paredes espessas. Possui duas asas, opostas, que ligam o gargalo à zona mesial do corpo. A sua base pode ser plana ou convexa. Estas peças de grande dimensão eram usadas para armazenar alimentos líquidos ou sólidos. Podiam ter uma tampa de forma tronco-cónica com pega sub-cilíndrica central.

Outros

Testo	Peça de forma tronco-cónica de paredes baixas, com pequena pega sub-cilíndrica. Usado para tapar panelas, tachos e outros recipientes fechados de armazenamento.
-------	--

Contentores de Fogo

Candeia	Recipiente aberto, com corpo baixo e de forma cilíndrica, assente em fundo plano. Sobre o bordo tem um bico e do lado oposto uma asa que
---------	--

	liga o bordo ao fundo. Era uma peça usada para a iluminação.
Defumador	Recipiente de forma troncocónica, assente em fundo plano. A fonalha tem uma boca de formato semi-circular, é separada da caldeira por grelha com perfurações semi-circulares. A caldeira apresenta paredes baixas e um bordo de perfil semi-circular.

Tratamentos de Superfície

Aguada	Quando é aplicada uma cobertura, com corante muito diluído, normalmente diferente da pasta.
Brunido	As superfícies da peça são alisadas, antes desta ser cozida, por um seixo, espátula de madeira ou osso. Após a cozedura, estas superfícies ficam polidas e brilhantes.
Engobe	Semelhante à aguada, mas mais espesso, sendo-lhe ou não acrescentado óxido, como colorante.
Esmalte	Cobertura vítrea opaca, branca ou colorida, obtida através da utilização de óxidos alcalinos de estanho. Se misturado com outros óxidos podem-se produzir outras tonalidades: castanhos e ocres (óxido de ferro), castanhos escuros, roxos e negros (óxido de manganês), azuis e negros (óxido de cobalto), amarelos (óxido de antimónio) e verdes (óxido de cobre).
Vidrado	Quando a peça é parcial ou totalmente coberta por uma camada de óxidos alcalinos de chumbo, que vitrificam quando expostos ao fogo. A sua aparência é similar à de um verniz transparente, possibilitando assim a observação da pasta. É usado para impermeabilizar o interior de certas peças e de forma decorativa no seu exterior. Podem-se obter vários tons de vidrado da mesma forma que o para o esmalte.

Tipos de Decoração

Canelura (digitada)	Existem dois tipos: <ul style="list-style-type: none"> - Processo decorativo muito comum, em que o oleiro deixa impressos na superfície exterior das peças os dedos aquando da sua elaboração ou apenas tendo em vista decorar certas zonas. Nas asas podem surgir caneluras verticais obtidas
------------------------	---

(por incisão)	<p>desta mesma forma.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Através do uso de uma espátula ou ponta aguçada são criadas, no exterior do bordo, uma ou mais caneluras horizontais, paralelas entre si. <p>Esta decoração realiza-se com a pasta ainda mole, aquando da montagem dos recipientes no torno.</p>
<p>Corda Seca</p>	<p>Pintura de peças, primeiramente cozidas, com esmaltes de cores diferentes, separados por matéria gordurosa ou óxido de manganês, muitas vezes aplicado sobre incisões prévias que contornam os motivos decorativos. Uma segunda cozedura fixa o óxido de manganês e os esmaltes.</p>
<p>Decoração plástica</p>	<p>Constituída pela aplicação de elementos criados, manualmente ou a molde, com o barro ainda fresco. Este tipo de decoração pode surgir também sobre ou abaixo do bordo.</p>
<p>Incisão</p>	<p>Decoração elaborada com espátula fina ou ponta aguçada, que pode criar efeito linear ou ondulado e, mais raramente, pequenas perfurações. Este tipo de ornamentação surge isolado ou integrado em bandas, demarcando bordos, o arranque de gargalos ou a ligação entre o colo e o corpo das peças Esta decoração é aplicada antes da peça ser cozida, normalmente após a montagem ao torno.</p>

Em relação ao tipo de cozedura, textura e ao acabamento da pasta, utilizou-se também a informação apresentada por Artur Martins e Carlos Ramos em “*Elementos para análise e descrição de produções cerâmicas*”²⁸.

Tipos de Cozedura

<p>Oxidante</p>	<p>As peças são cozidas em fornos em que o oxigénio circula livremente entre as peças, ficando as suas pastas com cores que variam do bege ao ocre.</p>
<p>Redutora</p>	<p>As peças são cozidas num forno fechado e mantem-se aí durante o seu arrefecimento, obtendo-se assim pastas negras ou cinzentas, tanto no</p>

²⁸ Cf. MARTINS e RAMOS, 1992, pp. 91-100

	exterior como no cerne.
Parciais (oxidante)	Existem dois tipos: - As peças são cozidas num forno fechado e arrefecidas com ar provindo do exterior. As pastas assim cozidas tem externamente tons que variam entre o rosa e o bege, enquanto o cerne se apresenta negro ou cinzento.
(reduzora)	- As peças são cozidas e arrefecidas num forno em que circula o ar exterior; durante o arrefecimento o forno é fechado. Exteriormente estas pastas são negras ou cinzentas, enquanto o seu cerne é de tom rosa ou bege.

Textura da Pasta

Depurada	Trata-se de uma pasta muito compacta em que os componentes se encontram bem ligados entre si. Os elementos não plásticos, quando existem, são de reduzida dimensão.
Foleácea	A pasta apresenta como se estivesse em camadas, nas quais os elementos não plásticos podem variar de dimensão.
Grosseira	A pasta, muito pouco depurada, apresenta uma grande diversidade de elementos plásticos e não plásticos de vários tamanhos.
Homogénea	A variedade de elementos não plásticos é baixa, ao mesmo tempo que estes possuem dimensões muito semelhantes.

Não é possível atribuir categoria funcional a muitos dos fragmentos recolhidos, nomeadamente os correspondentes a paredes, dos quais foram recolhidos apenas aqueles que apresentavam decorações.

Para inventariar todos os fragmentos cerâmicos em estudo, em depósito no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, foi criada tabela que responde aos seguintes tópicos: caixote, saco, número de fragmento (quadrícula, número, ano e caixa), tipologia cerâmica, forma, designação formal, categoria funcional, tratamento da superfície (externa e interna), cor da pasta, cozedura, secção de asas, decoração, existência de queimaduras e observações.

Para o espólio depositado no Museu do Canteiro, uma vez que este se encontra inventariado de forma diferente, foi criada igualmente uma tabela de inventário, tendo

por base a já existente no relatório das escavações, com os seguintes tópicos: número de peça, número de inventário (sigla de sítio, dia, mês, ano, quadrado, camada), tipologia cerâmica, forma, designação formal, categoria funcional, tratamento da superfície (externa e interna), cor da pasta, cozedura, secção de asas, decoração, existência de queimaduras e observações.

No que diz respeito ao registo gráfico das peças em catálogo, optou-se por valorizar a forma em detrimento do fragmento, excepção feita apenas para as peças não elaboradas a torno rápido ou que possuem decoração.

Peças metálicas, em vidro, osso, azeviche e cabedal

Em relação ao espólio metálico, a bibliografia existente para as Épocas Medieval e Moderna é muito escassa, apesar de na actualidade já se encontrarem publicados alguns estudos sobre o assunto que nos dão novas informações sobre este tipo de materiais. Esta situação repete-se para os artefactos elaborados em vidro, osso e cabedal. Também para estes materiais foi criada uma tabela, para facilitar o seu inventário, igual em relação às anteriores no que se refere à numeração de inventário dos respectivos museus, e com a informação relativa à sua forma, material constituinte e observações.

No caso dos vidros, tal como para as cerâmicas, optou-se por valorizar a forma em detrimento do fragmento.

Numismas

Quando a estratigrafia é fiável, os numismas são usados para obter datações muito aproximadas das camadas onde foram recuperados; no entanto, apesar do numeroso conjunto recolhido, tal não se verifica, pois desconhece-se qual a sua posição estratigráfica. Por outro lado, as condições de jazida e o facto de todos eles se encontrarem cerceados dificulta a sua leitura, situação que no entanto só impediu a correcta identificação num reduzido número de casos.

A análise destes exemplares seguiu em grande parte o modelo aplicado por Miguel Teles Antunes no estudo de espólio similar contemporâneo recolhido em

Évora²⁹, utilizando diversos catálogos portugueses e outras informações disponíveis *on-line* em sítios da especialidade. Dois dos exemplares numismáticos foram analisados pelo investigador anteriormente citado.³⁰

No que diz respeito ao catálogo são apresentados registos fotográficos a preto e branco dos exemplares mais significativos e em melhor estado de conservação.

Elementos Pétreos e Estelas Funerárias

Neste conjunto, entre outros objectos, além de alguns instrumentos de produção Pré-histórica, foram recolhidas cabeceiras de sepultura normalmente consideradas de produção medieval. A análise destas foi elaborada tendo como modelo os trabalhos publicados dentro desta temática por José Beleza Moreira e Guilherme Cardoso. O registo gráfico foi feito através de desenho e de fotografia a preto e branco. Nalguns destes casos, apresenta-se igualmente o registo fotográfico levado a efeito à época da intervenção arqueológica.

Espólio arqueozoológico

Consistindo apenas em escassos vestígios de fauna mamalógica, toda a informação aqui apresentada é baseada no estudo que Miguel Teles Antunes elaborou sobre os mesmos³¹.

Todas as peças estudadas e apresentadas em catálogo são sempre nomeadas em função do número que apresentam neste último e não do seu número de inventário, com excepção dos numismas. As estelas foram numeradas à parte. O espólio arqueozoológico é parcialmente apresentado através de fotografia a preto e branco.

²⁹ Cf. ANTUNES (2003) - “Estudo numismático e datação do sítio da Praça do Giraldo 56, Évora” in *O Arqueólogo Português*, vol. 21 – Série IV; dir. Luís Raposo; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (pp. 287-300)

³⁰ Cf. ANTUNES (no prelo) – “Castelo de Castelo Branco: Notas numismáticas e arqueozoológicas” in *O Arqueólogo Português*, Série IV; dir. Luís Raposo; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

³¹ Cf. ANTUNES (no prelo) – “Castelo de Castelo Branco: Notas numismáticas e arqueozoológicas” in *O Arqueólogo Português*, Série IV; dir. Luís Raposo; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

Em anexo estão incluídos vários documentos, mapas, plantas, gráficos e quadros que complementam a informação presente no estudo, assim como um apêndice fotográfico com vários aspectos do espaço onde se insere a intervenção da qual é proveniente o espólio em estudo. Os valores apresentados nos gráficos e quadros referencem-se à totalidade do espólio.

Optou-se por apresentar uma bibliografia passiva e uma activa, uma vez que muitos são os títulos consultados, que não sendo citados, possuíam informações relevantes para o estudo.

II. O Espaço e o Tempo

II. 1. O Espaço

II. 1. 1. Geografia Natural e Humana

A actual cidade de Castelo Branco nasceu na encosta do Cerro da Cardosa, posição que lhe permitiu desde sempre um total controlo visual de todo o planalto onde este acidente geológico se situa. A zona envolvente é caracterizada por uma vasta área planáltica, pouco recortada ou acidentada, na qual existem alguns cabeços dispersos.

O castelo foi edificado no afloramento central da faixa ordovícica de Castelo Branco, constituída essencialmente por quartzitos do Skidaviano, que se encontra orientada de noroeste (Ribeira da Líria) para sueste (São Martinho). A sudoeste estes afloramentos contactam com xistos metamórficos e a nordeste com granito porfiróide. O afloramento de Castelo Branco, cuja altitude é de 489m, é o mais extenso (2,5 Km), sendo mais largo na zona da cidade. Os quartzitos são acompanhados de finas faixas xistentas, muito metamorizadas. (Ribeiro *et alia*, 1967, p. 11)

Devido ao facto da cidade se encontrar numa área de transição entre xistos e granitos, toda a zona de contacto é marcada por uma extensa faixa onde predominam corneanas e xistos mosqueados e siliciosos, que se vão tornando mais argilosos e menos mosqueados à medida que se afastam da mancha granítica. No entanto, à excepção da área do castelo que se encontra sobre a crista quartzítica, todo o centro histórico foi construído sobre granito porfiróide, de grão médio a grosso, onde predominam vários feldspatos (microclina, micropertite e ogliclase) e duas micas (biotite e moscovite). (Ribeiro *et alia*, 1967, pp. 14-16)

Do ponto de vista geográfico, de Norte para Oeste, o planalto é limitado pelas serras da Gardunha, Muradal e Alvelos. A Sudoeste, já com o extremo sul banhado pelo Tejo, fica a serra das Talhadas, enquanto a Sudeste está isolada a serra de Monforte. A Leste a cintura montanhosa que abraça o planalto passa pela crista quartzítica de Idanha-a-Nova, no interior da qual corre para sudoeste o rio Pônsul (até desaguar no Tejo, a poucos quilómetros de Castelo Branco). Para lá desta, já a Nordeste do planalto,

e ao Norte da Campanha de Idanha, ficam as serras da Murracha, Ramiro, Moreirinha e Alegrios. O Sul é totalmente limitado pelo grande rio ibérico, o Tejo.

O planalto de Castelo Branco encontra-se sensivelmente ao centro de toda uma região designada como Beira Interior Sul, que mesmo ao nível interno apresenta algumas diferenças espaciais bem marcadas. Assim, ao Norte, fica a região das serranias e da Cova da Beira (concelhos de Belmonte, Covilhã e Fundão), a Sudoeste o Pinhal Interior (concelhos de Oleiros, Proença-a-Nova, Sertã e Vila de Rei) e finalmente os planaltos da área central e do Leste (concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor e Vila Velha de Rodão). Esta localização faz da cidade albacastrense, devido à sua centralidade, não só sede de concelho, mas também de distrito.

O concelho é limitado a Sudoeste pelo de Vila Velha de Rodão, a Oeste pelos de Proença-a-Nova e Oleiros, a Norte pelo do Fundão, a Este pelo de Idanha-a-Nova e a Sul pela província espanhola de Cáceres. Internamente o concelho inclui vinte e cinco freguesias de diferente dimensão, nas quais a sede, normalmente, se encontra situada sobre pequenos outeiros ou elevações existentes no planalto.

Toda a área do planalto é densamente ocupada por uma rede de ribeiras e riachos, muitos deles sazonais, afluentes do Tejo, onde se destacam o Pônsul, a Ocreza, o Aravil e a Lória.

II. 1. 2. Clima (Pena, 2000^B, pp. 160-161)

Uma vez que se encontra encaixado entre a cordilheira central e o Alentejo, o planalto de Castelo Branco é do ponto de vista climatológico afectado por esta posição geográfica.

Cercado de norte para sudoeste por várias serranias, a precipitação é mais acentuada nesses locais, diminuindo à medida que nos afastamos desses relevos em direcção ao rio Tejo e seus afluentes (Ocreza, Pônsul e Aravil). Da mesma forma os níveis de humidade são mais elevados nas serras, dissipando-se no planalto propriamente dito; no entanto, a percentagem de humidade volta a aumentar junto ao curso do Tejo, devido ao ar húmido que entra através do vale deste rio.

Do ponto de vista das temperaturas a situação é totalmente inversa à da precipitação. Assim, à medida que nos afastamos do rio em direcção às serras, a temperatura vai diminuindo.

II. 1. 3. Coberto Vegetal (Pena, 2000^A, pp. 125-127; Pena, 2000^B, pp. 162-170)

As condições climatológicas e a orografia vão assim condicionar o espaço natural, em particular o coberto vegetal. Apesar do concelho de Castelo Branco ser marcadamente mediterrânico existem três áreas distintas do ponto de vista dos habitats: o pinhal a oeste, o planalto na área central e o vale do Tejo a sudeste.

Na zona do pinhal, a oeste, dominada inicialmente por carvalhais, destacavam-se espécies como o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), o carvalho-roble (*Quercus robur*) e o castanheiro (*Castanea sativa*), sendo a sua distribuição influenciada pela altitude ou exposição solar. Nos pontos mais altos seria também comum o videeiro (*Betula pubescens*), enquanto nos mais baixos e solarengos cresceria o sobreiro (*Quercus suber*). Pouco ou nada resta hoje desta floresta, uma vez que estes terrenos xistosos e de vales estreitos estão ocupados por extensos pinhais, onde a espécie mais comum é o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), predominando no sub-coberto o feto-ordinário (*Pteridium aquilium*). Nas clareiras eventuais, o bosque é essencialmente constituído por espécies arbustivas como a esteva (*Cistus ladanifer*), a urze branca e a roxa (*Erica arborea* e *Calluna vulgaris*). É também possível ver aí o medronheiro (*Arbustus unedo*), o sargaço (*Halimium alyssoides*) e a carqueja (*Pterospartum tridentatum*). Na zona mais setentrional ao estevão (*Cistus populifolius*), substitui a esteva.

Na área do planalto o antigo carvalhal acabou por dar lugar ao sobreiral, onde se destacavam espécies como o carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*) e o medronheiro (*Arbustus unedo*). Além destes, nalguns locais seria comum a presença da azinheira (*Quercus ilex*). Entretanto, com a pressão populacional, esta área tornou-se muito compartimentada, encontrando-se hoje dispersas algumas manchas de montado de sobreiro, onde predomina o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) e o sobreiro (*Quercus suber*), entremeadas por matagais e olivais (*Olea europaea*), normalmente em redor das

aldeias. No noroeste do planalto foi introduzido o pinheiro e a sudeste domina o eucalipto (*Eucalyptus globulus*) a par com a esteva.

O sudeste, limitado por importantes cursos aquíferos, como o Tejo, o Pônsul e o Aravil, existiriam inicialmente povoamentos de azinho e sobreiro. Junto às linhas de água o sobreiro dava lugar ao zimbro (*Juniperus oxycedrus*). Hoje, este montado subsiste lado a lado com os campos cultivados, sendo igualmente comum a esteva. Em redor das aldeias o olival ocupou o espaço anteriormente dominando por azinheiras. No entanto, à medida que se avança para o Tejo, na paisagem cada vez menos humanizada surgem ao nível arbustivo espécies como o rosmaninho (*Lavandula pendunculata*) e a sargacinha (*Halimium viscosum*). Nas zonas de matagal, junto da água existe uma maior diversidade, onde predominam o tamujo (*Securinega tinctoria*), o salgueiro (*Salix alba*) e o freixo-de-folha-estreita (*Fraxinus angustifolia*). Nas encostas, a par com a azinheira, surgem ainda outras espécies mediterrânicas como a cornilheira (*Pistacia terebinthus*), o lentisco-bastardo (*Phillyrea angustifolia*), o sanguinho-das-sebes (*Rhamnus alaternus*) e o zimbro (*Juniperus oxycedrus*).

Num poço, considerado lusitano-romano, de Idanha-a-Velha, em 1964, foram recolhidos vestígios de sementes de diversas espécies frutícolas, das quais algumas poderão ter sido introduzidas nesse período, difundindo-se depois, a pouco e pouco por toda a região, a saber: videira (*Vitis vinifera*), zambujeiro (*Olea europea* var. *silvestris*), pinheiro bravo e pinheiro manso (*Pinus pinaster* e *Pinus pinea*), noqueira (*Juglans regia*), ameixeira (*Prunus domestica*), pessegueiro (*Prunus persica*), cerejeira (*Prunus fr. avium*) e romanzeira (*Punica granatum*) (Almeida e Ferreira, 1967, pp.59-60; Edmondson, 1994, p.23).

Do ponto de vista agrícola, nas culturas de sequeiro domina o centeio (*Secale cereale*) e o trigo (*Triticum* spp.), enquanto nas de regadio há uma predominância do milho (*Zea mays*), da batata (*Solanum tuberosum*) e do feijão (*Phaseolus vulgaris*).

II. 1. 4. Faunas (Pena, 2000^A, pp. 125-127; Pena, 2000^B, pp. 162-170)

Nas clareiras dos pinhais que cobrem os serros e encostas xistosas no oeste do concelho, pode-se encontrar uma grande diversidade de espécies, principalmente de avifauna; é o caso da felosa-do-mato (*Sylvia undata*), da ferreirinha (*Prunella*

modularis), da carriça (*Troglodytes troglodytes*), do picanço-real-meridional (*Lanitus meridionalis*), da cia (*Emberiza cia*) e do pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*). Aqui também encontra refúgio o javali (*Sus scrofa*), a toupeira (*Talpa occidentalis*), o ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*) e o musaranho-de-dentes-brancos (*Crocidura russula*) (Mathias, 1999, pp. 22, 30 e 38). Na zona setentrional do pinhal, o bosque altera-se, surgindo espécies como o chapim (*Parus spp.*), o gaio (*Garrulus glandarius*), a gralha-preta (*Corvus corone*), o pica-pau-verde (*Picus viridus*), a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) e por vezes o gavião (*Accipter nisus*).

No planalto propriamente dito existem duas realidades. Por um lado nas áreas de cultivo por sequeiro, na grande mancha granítica a norte da cidade surge a pega (*Pica pica*), a cotovia-montesina (*Galerida theklae*), o alcaravão (*Burhinus oediconemus*) e eventualmente o sisão (*Tetrax tetrax*) e o rolieiro (*Coracias garralus*). No Inverno, a barragem da Marateca (Santa Águeda) é a principal área para a observação de aves aquáticas que para aqui se dirigem durante a sua migração anual, destacando-se entre elas o abibe (*Vanellus vanellus*).

Em oposição, na zona xistosa a sul da cidade, são mais comuns a cegonha-branca (*Cicconia cicconia*), o pardal-espanhol (*Passer hispaniolensis*), o abelharuco (*Merops apiaster*) e a poupa (*Upupa epops*). Nas áreas abertas, no sudeste do concelho, onde voltam a surgir culturas de sequeiro, podemos encontrar a lebre (*Lepus granatensis*), o tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), o cortiçol-de-barriga-preta (*Pteroles orientalis*) e a abetarda (*Otis tarda*).

As zonas de montado são igualmente ricas em avifauna nesta área, podendo-se observar espécies como o noitibó-de-nuca-vermelha (*Caprimulgus ruficollis*), a águia-calçada (*Hieraactus pennatus*), o cuco-rabilongo (*Clamator glandarius*), o picanço-barreteiro (*Lanitus senator*), a toutinegra-real (*Sylvia hortensis*) e o bico grossudo (*Coccothraustes coccothraustes*). Também existem aqui populações de rato-de-cabrera (*Microtus cabreræ*) (Mathias, 1999, p. 120).

Junto às linhas de água, em pequenos bosques, coabitam comunidades selvagens de veados (*Cervus elaphus*), raposas (*Vulpes vulpes*), texugos (*Meles meles*), genetas (*Genetta genetta*), sacarrabos (*Herpestes ichneumon*), coelhos-bravos (*Oryctolagus cuniculus*), tourões (*Mustela putoris*), ratos-de-água (*Arvicola sapidus*) e ratinhos-do-campo (*Apodemus sylvaticus*) (Mathias, 1999, pp. 102, 110, 122, 140, 146, 154, 158 e 160). Estes locais são território de caça de algumas aves de rapina como o grifo (*Gyps*

fulvus), o abutre-do-egipto (*Neophron percnopterus*) e o abutre-negro (*Aegyptius monachus*). Existe ainda o lince-ibérico (*Lynx pardinus*), muito raro por estas paragens, assim como a águia real (*Aquila chrysaetos*), o chasco-preto (*Oenanthe leucura*), o melro-azul (*Monticola solitarius*), a cegonha-preta (*Cicconia nigra*), a andorinha-daúrica (*Hirundo daurica*) e a andorinha-das-rochas (*Ptynoprogne rupestris*). São ainda comuns a lontra (*Lutra lutra*), o cágado (*Mauremys leprosa*) e o cágado-de-carapaça-estriada (*Emys orbicularis*). Dos anfíbios, destacam-se a lagartixa-do-mato-ibérica (*Psammotriton hispanicus*) e a lagartixa-de-dedos-denteados (*Acanthodactylus erythrurus*); e na fauna piscícola a boga (*Chondrostoma toxostoma*) (Cabral, 2005, pp. 121, 129 e 135)

De acordo com o foral manuelino, de 1510, no termo de Castelo Branco era permitido caçar várias espécies de pequeno porte, como sejam o coelho, a lebre, a perdiz (*Alectoris rufa*), patos e galinhas³².

II. 1. 5. Vias de Comunicação

As principais vias de comunicação da região de Castelo Branco surgiram no período romano, quando as comunidades humanas aí existentes se fixaram na área planáltica, abandonando o cume das serranias. Testemunho da importância deste povoamento, nas faldas do Cerro da Cardosa e do Monte de São Martinho, são as vias que aqui se cruzavam. Da Serra da Estrela seguia para sul uma estrada que junto à actual Castelo Branco, entroncava numa outra vinda da *Egitânia*, seguindo depois para o Alto Alentejo (Duarte, 1996, p. 48). Tanto uma como outra eram, provavelmente, parte de uma rede de vias secundárias associadas à importante via que ligava *Emérita* a *Bracara*. Esta, depois de entrar em território português, ao passar o Erges na ponte de Segura, seguia pela *Egitânia*, Belmonte, circundava a Serra da Estrela por noroeste, continuando por Viseu, entroncando depois na via *Olisipo-Bracara Augusta* (fig. 8) (Almeida, 1945, pp. 397-398; Duarte, 1996, p. 51).

O sistema viário mencionado prevaleceu até ao período islâmico, momento em que foi aumentado e em parte modificado. Existiam dois caminhos principais na Beira

³² “Foral da cidade de Castelo Branco – 1510”; ed. fac-similada; Câmara Municipal de Castelo Branco, 1996

Baixa: um a sul, vindo de Alcântara, ao longo do curso do rio Tejo, que continuava por Abrantes e Santarém, até chegar a Lisboa; o outro, entroncava na estrada que de Santarém seguia para norte, via Tomar-Coimbra-Gaia, passando, entre outros por Lafões, Viseu, Mangualde, Belmonte, Penamacor e Monsanto até atingir a estrada romana de Idanha até Alcântara (fig. 9) (Marques, 1993, pp. 168-170).

Estas vias romanas e islâmicas são a base da circulação de pessoas e bens no período medieval pós-reconquista. Ao contrário de outras regiões mais povoadas a norte ou a oeste, a região da Idanha e de Castelo Branco continuou a utilizar as velhas estradas associadas à via romana Viseu-Idanha e respectivas variantes. Estas vias atravessavam vários cursos de água, que na maior parte secavam durante o Estio e que no Inverno eram ultrapassados por meio de barcas ou a vau (fig. 11) (Marques, 1996, pp. 487-492).

Ao longo da Idade Moderna, a falta de manutenção dos caminhos, aliada ao terreno acidentado e ao clima seco em grande parte do ano, dificultavam a circulação de pessoas e bens. Outro problema passava pelo facto de a principal via de acesso a Lisboa (por Abrantes) atravessar as ribeiras da Lória, Ocreza e Alvito, cujos caudais se tornavam impossíveis de ultrapassar em anos de elevada pluviosidade, não sendo por isso estranhos os vários pedidos para a construção de pontes (Oliveira, 2003, pp.39-40).

Tinham igualmente importância as vias fluviais, no caso o Tejo, navegável até Vila Velha de Rodão (25 Km a sul), sendo o restante percurso possível quer por via terrestre, quer pela ribeira da Ocreza, que permitia o acesso quase directo a Castelo Branco (fig. 12) (Oliveira, 2003, pp. 41-42).

Ao nível regional, a maioria das comunicações eram feitas pelo norte, através do Fundão, de onde se podia chegar tanto à região de Coimbra, pela Serra do Açor, ou ao litoral por Coja, até Aveiro ou à Figueira da Foz. Esta estrada permitia igualmente o acesso a outras importantes localidades da Beira Interior, como Covilhã, Belmonte, Sortelha ou Touro. Para a zona raiana existiam dois percursos, um pelo Ladoeiro, que dava acesso aos Escalos, à Lousa e à Campanha de Idanha e outra por Monforte, que seguia pela fronteira até Segura (fig. 11) (Oliveira, 2003, p. 41).

As vias fluviais continuam a ser importantes para a circulação de mercadorias, permitindo o Tejo, a partir de Malpica, a ligação a Herrera de Alcântara, em Espanha (fig. 12) (Oliveira, 2003, p. 42).

II. 2. O Tempo

II. 2. 1. O Povoamento

Na encosta do Cerro da Cardoso nasceu aquela que viria a ser a actual cidade de Castelo Branco. Neste espaço, além das ruínas do antigo castelo, existem ainda alguns troços de muralha, mais ou menos preservados, que definem o antigo burgo da vila medieval.

Este assentamento populacional é referido por diversos autores como sendo de origem romana ou até mesmo anterior, no entanto, nada disso foi, até à data, conclusivamente evidenciado documental ou arqueologicamente.

II. 2. 1. 1. A Raia Beirã: Do fim do Império à Reconquista Cristã

Após a queda do Império Romano, com as convulsões provocadas pelo fim desta entidade político-militar, iniciou-se um período conturbado em grande parte do mundo ocidental, do qual as realidades regionais e quotidianas não deixaram registos.

O mundo alterou-se, verificando-se um êxodo populacional da cidade para o campo, onde a sobrevivência, acreditava-se, fosse mais fiável. A cidade, como centro aglutinador das riquezas, era o principal alvo dos ataques dos povos que então deambulavam pelo antigo império. As vias de comunicação eram arriscadas e muito envelhecidas, o que levou a que muitos dos produtos tivessem igualmente maior dificuldade em circular.

No entanto, a cidade não morreu, continuou a ser a base da administração territorial e também religiosa, principalmente a partir do momento em que se tornou o local de residência do bispo. Progressivamente, foi-se difundindo pelo campo uma rede eclesiástica, que substituiu a rede político-administrativa romana e que permitiu o controlo das vastas regiões onde as populações se tinham refugiado. Forão estes agregados populacionais, instalados no que subsistia das antigas *villas* romanas, principalmente em torno de pequenos templos de índole cristã, a base de uma nova forma de ocupação e povoamento do território.

O único núcleo urbano conhecido desta região era, à época, a Egitânia (Cardoso, 1940, p. 8), que ao que tudo indica terá sido fundada pelos romanos em meados do século I a.C. (Gomes, 1981, p. 18), adquirindo mais tarde a dignidade de município (Cardoso, 1940, p. 8). A importância deste aglomerado populacional, assim como o alto nível de romanização da região, levou a que pouco tempo depois da oficialização do Cristianismo no Império, rapidamente tenham surgido vários movimentos de evangelização (Gomes, 1981, pp. 18-19).

Tendo sido destruída durante a invasão sueva, a cidade readquiriu o seu estatuto ao longo da ocupação visigótica, nomeadamente com os reis Wamba e Egica (Gomes, 1981, p. 20). A relevância daquela urbe ficou ainda mais marcada a partir do momento em que passa a ser sede de diocese em 569, ao que tudo indica sufragânea de Mérida e com bispo residente (Gomes, 1981, pp. 20-22).

Em 675, no Concílio de Toledo, a Egitânia viu confirmada a extensão dos seus territórios, do qual era sede pelo menos desde 534, e que se estendiam de Zarça a Tomar, de Seia a Almourol. A diocese egitanienense fazia fronteira a leste com os bispados de Coria e Salamanca, a oeste com os de Coimbra e Lisboa, a norte com os de Viseu e Lamego e finalmente a sul com os de Mérida e Évora (Gomes, 1981, p. 23). Estes limites sofreram pequenas alterações aquando da anexação do reino suevo pelo visigodo. Internamente, a diocese subdividia-se em três paróquias, a saber: Egitânia (sede), *Moncipio* (toda a área a norte) e *Francos* (a região a oeste, onde está o Cerro da Cardosa) (Duarte, 1996, pp. 53-54).

Ao que tudo indica, a Egitânia, terá sido conquistada pelos Mouros, ou pelo menos saqueada, em 715, altura em que deixaram também de existir quaisquer documentos sobre a presença de bispo nesta cidade (Gomes, 1981, p. 26). Para todo o período que vai até ao início das campanhas de reconquista a partir das Astúrias, não existem registos sobre o que aconteceu nesta região, sendo crível que apesar da inexistência do bispo, a Egitânia tenha continuado como sede vacante da diocese, que seria governada por uma colegiada episcopal sediada em Penamacor e integrada num arcediogo. A escolha da vila de Penamacor justificava-se por esta estar afastada da influência islâmica através de terras que os próprios bispos possuíam no termo desta e a isolavam pelo sul, como seja o caso da Aldeia do Bispo (Gomes, 1981, p. 27).

A região foi essencialmente povoada por tribos berberes que conviveram com as populações autóctones cristãs, principalmente nas áreas urbanas. Tal facto não deve ter

provocado conflitos, uma vez que estas tribos provinham de meios rurais norte-africanos, onde não estavam expostas a um elevado grau de islamização (Correia, 2005, p. 77). Como evidência clara dessa ocupação subsistem diversos topónimos a nível local e regional (Marques, 1993, pp. 138-143 e 192-205).

Ao longo do século IX, a então *Antaniya*, não perdeu a sua importância estratégica em relação à capital emiral de Córdoba, sendo inclusivamente, até aí, reconhecida como capital de *kûra*. Segundo *al-Razi*, a região seria bastante rica em termos de fertilidade e produtividade, mas também defendida por fortes castelos, que controlavam os rendimentos dessa produção (Correia, 2005, p. 78), ao mesmo tempo que defendiam o acesso às planícies alentejanas (Marques, 1993, p. 148). Devido a este facto, não será estranho que alguns líderes de revoltas em Emérita contra o governo central tenham procurado esta região para se refugiarem. O primeiro, logo no início da ocupação, *Sufian ibn Abdu-I-Wahid*, em fuga às tropas que entretanto debelaram a revolta no vale do Guadiana, foi perseguido pelas serranias a norte, tendo passado pelo termo de *Al-kasr Al-Abyad*. No século X, a permanência nesta região do revoltoso *ibn Marwan al-Jilliqi*, provocou uma forte repressão por parte do poder emiral, que controlando todo o território a sul do Douro abafou tanto as pretensões de Emérita como de *Antaniya* (Correia, 2005, p. 78). A partir de então, o grande interesse da corte emiral foi o controlo da passagem do Tejo em Alcântara. Aí construíram uma fortificação, apoiada por uma outra em Coria, ambas referidas por *al-Idrisi*. *Antaniya* perdera toda a sua importância (Correia, 2005, p. 79).

Este vasto território, parte integrante da taifa de Badajoz, durante o século X, apesar de não referido nas fontes, continuou a ter ocupação e a ser alvo de um progressivo processo de arabização, mas a sua importância, cada vez menor, levou a que se tornasse numa área cada vez mais periférica em relação aos poderes centrais (Correia, 2005, pp. 81-82).

Assim, de certo modo isoladas do resto do mundo, as comunidades locais conseguiram manter uma certa autonomia, principalmente do ponto de vista religioso, não sendo os autóctones forçados a converterem-se à fé islâmica (Cardoso, 1953, pp. 24-25). A política de tolerância levada a cabo pelo ocupante permitiu, tanto no campo como na cidade, a manutenção de igrejas e ermidas. Muitas destas eram herdeiras das pequenas capelas construídas nos terrenos das antigas *villas* romanas, e tornaram-se o

principal centro aglutinador das populações cristãs que viviam no território islamizado (Cardoso, 1953, p. 25).

II. 2. 1. 2. A Herdade da Cardoso

Não se sabe ao certo quando é que as regiões entre a Serra da Estrela e o Tejo foram conquistadas aos mouros; no entanto, é facto que em 1165, D. Afonso Henriques doou à Ordem do Templo todo território entre os rios Tejo, Zêzere e Erges (Costa, 1771, pp. 199-202) o qual, corresponde, *grosso modo*, ao termo da antiga Egitânia (fig. 4) (Oliveira, 2000, p. 277; Nunes, 2005, p. 21; Capelo, 2007, pp. 181-182). Com a doação de Idanha e Monsanto, pretendia-se não só povoar esta região, mas acima de tudo defender uma posição estratégica em relação à taifa de Badajoz (Capelo, 2007, pp. 181-182) e ao reino de Leão. No entanto, nessa altura, a Ordem do Templo não possuía forças de combate suficientes para debelarem as constantes surtidas almóadas na região (Capelo, 2007, p. 184). Apesar de em 1185 se ter iniciado a construção do castelo de Rosmaninhal (Capelo, 2007, p. 185), a maioria deste território continuava ao abandono, daí que D. Afonso Henriques tenha dado foral a Monsanto em 1175 e criado o concelho da Covilhã em 1186 (fig. 5) (Nunes, 2005, p. 25 e 35). D. Sancho I, em 1195, ordenou de novo o povoamento de Idanha (Capelo, 2007, p. 187).

O início desta década de 90 foi muito atribulado, com ataques frequentes comandados por *Abu Yacub al-Mansur*, que chega mesmo a ocupar Torres Vedras e a levantar cerco a Tomar, depois de o ter feito em Silves e Évora (Nunes, 2005, p. 25; Capelo, 2007, p. 186).

Não se tendo verificado a tomada de posse de Idanha por parte do Templo, D. Sancho I, em 1199, doou a denominada Herdade da Açafa, subtraindo esta ao antigo termo da Egitânia, assim como renovou a concessão desta última e de Idanha-a-Nova (Capelo, 2007, p. 189). A Herdade da Açafa correspondia à margem norte do Tejo, desde a sua entrada em território nacional até Belver (que pertencia à Ordem do Hospital), além de uma extensa área no Alto Alentejo, mais ao menos até Castelo de Vide e entrando por terras espanholas, numa área antes pertencente à Ordem de Santiago (fig. 6) (Nunes, 2005, p. 26; Capelo, 2007, pp. 189-190). Esta região fazia a fronteira com o califado almóada, daí a necessidade de a ocupar e povoar, para assim

ser possível defendê-la de eventuais ataques. Idanha-a-Velha foi trocada pelos castelos de Mogadouro e Penas Róias, revertendo uma vez mais para a coroa (Capelo, 2007, p. 189). Foi confirmada a doação de Castelo Novo (Alpreade), assim como criados novos locais: Escalos, Alcains, Lousa, Cafede, Póvoa e Salgueiral do Campo (Branco, 1961, p. 2; Capelo, 2007, p. 189).

Em 1204, D. Sancho I concedeu de novo à Ordem Idanha-a-Velha com o seu castelo e termo, iniciando-se finalmente o povoamento desta área (Capelo, 2007, p. 191).

Várias vicissitudes levaram a que a Ordem só onze anos depois da doação da Açafa viesse a tomar posse desse território; no entanto, nessa altura, já um cavaleiro de nome Fernando Sanches³³ se tinha fixado no Cerro da Cardosa, na designada Granja do Castelo, que continuava para sul até atingir o Tejo (Duarte, 1996, 58). Em 1210, este acabou por doar aos Templários o termo da Cardosa, reservando para si a alcaidaria de uma povoação aí existente, Vila Franca da Cardosa, a qual reverteria para os cavaleiros aquando da sua morte (Branco, 1961, p. 1; Leal, 1990, p. 177; Santos, 1951; Oliveira, 2003, p. 16). Na área a norte da Granja do Castelo, havia uma outra, a Herdade da Granja de Mércoles, onde estaria uma povoação de nome Moncarche, que terá começado a prosperar logo após o domínio templário (Duarte, 1996, p. 59).

Em 1212, D. Fr. Pedro Alvites, 11.º Mestre do Templo, outorgou carta de foral a Castelo Branco de Moncarchino para lhe fixar população. Após a doação definitiva da Herdade da Cardosa (onde se integravam as granjas do Castelo e de Mércoles) por D. Afonso II, em 1214, confirmada pelo papa Inocêncio III em 1245, o mestre voltou a dar carta de foral a Castelo Branco de Moncarchino em 1215 (Santos, 1951; Martins, 1979, p. 7; Duarte, 1996, pp. 59-62; Capelo, 2007, pp. 193-195), sendo eleito para primeiro alcaide D. Fr. Arnaldo Salomão (Capelo, 2007, p. 196). Três anos depois da outorga do foral, o castelo encontrava-se já em construção. Castelo Branco tornou-se sede da Ordem do Templo em Portugal, até à sua extinção em 1314 (Capelo, 2007, p. 195).

Com D. Fr. Pedro Alvites à frente da Ordem aqui sediada, Castelo Branco (e o seu termo) ganhou um grande impulso para o seu desenvolvimento, transformando-se numa forte povoação muralhada (Capelo, 2007, p. 196 e nota 217). Esta, em conjunto

³³ Desconhece-se ao certo quem seria este cavaleiro, no entanto, vários autores abordam a questão e inúmeram possíveis hipóteses, veja-se para tal José Cardoso Ribeiro - "*Castelo Branco*" in *Subsídios para a História Regional da Beira Baixa* (pp. 14-16) e também F. de Pina Lopes - "*A Beira Baixa na Reconquista Cristã (...)*" (p. 18)

com os castelos de Pombal, Soure, Tomar, Zêzere, Almourol e Monsanto integrava a linha defensiva do Tejo em relação ao sul (Castro, Costa, 1998/2001^A; Nunes, 2005, pp. 35-37).

D. Sancho II confirmou a doação em 1229, numa altura em que a vila de Castelo Branco era já um importante agregado populacional (Santos, 1951). Foi daquela que este mesmo rei, em 1240, ordenou novamente o povoamento do território de Idanha-a-Velha (Santos, 1951).

II. 2. 1. 3. A vila de Castelo Branco

A povoação confinada aos muros do castelo e em torno da Igreja de Santa Maria, eventualmente reconstruída pelos Templários sobre as ruínas de um antigo templo moçárabe³⁴ (Cardoso, 1953, pp. 24-25), rapidamente cresceu e se desenvolveu pela encosta. Em 1229, por ordem de mestre D. Simão Mendes foi iniciada a construção, na alcáçova, de um palácio para os comendadores, que mais tarde se tornou na residência dos alcaides da vila (Branco, 1961, p. 2; Oliveira, 2003, p. 32).

Devido ao facto de ainda não serem seguras as fronteiras nesta região, principalmente a leste com o reino de Castela, foi necessário construir uma muralha que defendesse o burgo que entretanto começou a surgir à sombra da fortaleza. Esta muralha, que terá sido erguida no período de tempo que mediou entre a outorga do foral e a extinção da Ordem do Templo (Cardoso, 1953, p. 77), tinha três portas: Santiago, Ouro e Pelame. Além destas existia ainda na alcáçova a porta da Traição (Santos, 1951; Oliveira, 2003, p. 18). O burgo medieval organizava-se, tal como ainda hoje, numa rede de ruas que irradiam a partir do castelo, descendo a íngreme encosta, atravessadas por duas ruas transversais.

Em 1242 ou 1245, os Templários fizeram um acordo com o bispo da Guarda (para onde tinha passado a sede da antiga diocese da Egitânea), que permitiu a este ter residência e celeiro, tanto em Castelo Branco como em Vila Velha de Rodão (Santos,

³⁴ Não existem quaisquer evidências claras de que o templo da alcáçova tenha origem moçárabe.

1951). O bispo recebia ainda a quarta parte da cobrança da dízima, que entrava directamente no seu celeiro, a partir do celeiro da Ordem³⁵.

O grande desenvolvimento que a vila vai sofrer na primeira centúria vai obrigar a um alargamento das muralhas, facto que se deveu a ordem expressa de D. Afonso IV à já então Ordem de Cristo, não só para Castelo Branco, mas também para Nisa (Gonçalves, 1965, p. 7). São mantidas as antigas portas, excepto a de Pelame, e são construídas a porta da Vila, a porta do Esteval, a porta de Santarém e a porta do Espírito Santo. Pouco tempo depois começa a ser construída a *barbacã*, tendo esta entradas desencontradas com as da muralha principal.

D. João I, em 1390, concedeu a Castelo Branco carta de feira franca, anual, com a duração de 14 de Abril a 1 de Maio, por este lugar *seer mais nobre e melhor pobrado* (Rau, 1989, pp. 135-136). Aquela feira era essencialmente para o comércio de gado e não punha em causa as suas congéneres na região (Trancoso e Guarda), mais antigas. Esta feira provavelmente tinha lugar na zona da actual Rua do Mercado, junto ao castelo. A pouco e pouco e à medida que a vila se foi desenvolvendo a feira/mercado acabou por se fixar em espaços mais desafogados ou de mais fácil acesso. As zonas de intersecção de várias ruas normalmente eram as ideais para este tipo de eventos, sendo assim possível que no reinado de D. Manuel já se encontrasse na área onde foi aberta a Praça Velha, local onde foi então construída a nova Casa da Câmara, junto da Casa do Bispo e do Celeiro da Ordem de Cristo (o centro cívico da vila continuava a descer a encosta).

³⁵ O celeiro do bispo estaria junto da sua casa, ainda existente na actual Praça Luís de Camões. O conjunto arquitectónico destaca-se pelo facto de integrar o chamado Arco do Bispo, considerado erradamente pela maioria dos autores como sendo a antiga Porta de Pelame (Cardoso, 1953, pp. 80-81). José Ribeiro Cardoso sublinha, que além da velha designação do arco, o facto de nunca terem aparecido quaisquer vestígios de muralha na continuidade ou enfiamento dessa estrutura é evidência clara de que esta não poderia ser a mítica porta da antiga muralha.

Não se sabe ao certo onde ficava a referida porta de Pelame, daí que seja difícil perceber por onde passava a muralha original, uma vez que dela não restam quaisquer vestígios evidentes. Desconhece-se as outras portas da muralha não mudaram de sítio, mas devido ao facto de se encontrarem duas na alcáçova (Ouro e Traição) e a de Santiago ser do lado norte (para onde a vila não se veio a desenvolver), não é possível chegar a qualquer conclusão.

Para os autores que defendem que a Porta de Pelame era no Arco do Bispo, a vila desenvolveu-se para sul. Para Ribeiro Cardoso tal não poderia ser, uma vez que dessa forma a Rua Nova ficaria de fora, facto que não sucede com as suas congéneres, da mesma época, em Lisboa e em Viseu (Cardoso, 1953, pp. 80). Para esse autor a vila ter-se-á desenvolvido progressivamente, descendo a encosta, daí que o espaço de reunião inicialmente tenha sido o adro da Igreja de Santa Maria e depois tenha passado para a Rua Nova, onde pelo menos em 1481 estava a *domus municipalis* (Cardoso, 1953, p. 80).

O designado Arco do Bispo poderá simplesmente ser um passadiço, comum em algumas casas senhoriais até ao século XVI, altura em que são proibidos, que faria a ligação entre a Casa do Bispo e o seu celeiro. Um exemplo deste tipo de passadiço é o existente em Guimarães na rua de Santa Maria.

Este mesmo rei, elevou a vila de Castelo Branco e o seu termo a couto de homiziados, em 1509. Segundo o diploma eram abrangidos todos os delinquentes que se achassem nos reinos de Portugal e Castela e fossem oriundos da Beira (Moreno, 1974, pp. 60-61). O mesmo foi confirmado pela carta de foral que o Venturoso outorgou em 1510. Terá sido por essa altura, ou talvez um pouco mais tarde, que em frente da Casa da Câmara foi erguido o pelourinho (Moreira, 2002, pp. 122-123). Um pouco por toda a vila surgem os chamados portados manuelinos, com ombreiras decoradas por chanfradura, o que evidencia o dinamismo da vila nesta época.

Nesta altura, a vila, tendo em conta as imagens que chegaram até aos nossos dias, através do *Livro das Fortalezas* de Duarte d'Armas, era bem protegida por alta muralha, precedida por barbacã onde as portas eram defendidas por duas torres, pelo menos no burgo. A necessidade de circulação de pessoas e bens, já tinha levado à abertura da porta do Relógio³⁶, por trás da qual também se pode ver a torre da casa do bispo, que havia sido entretanto ampliada (Nunes, 2005, p. 56; Silva, 1998, pp. 6-7). A alcáçova surge defendida por altas torres, destacando-se a de menagem de planta sub-hexagonal, e com o interior dominado por um lado pela Igreja de Santa Maria (com a sua cabeceira em ábside e com os sinos colocados na muralha) e por outro pelo Palácio dos Alcaides. No arrabalde existem também diversas casas, construídas entre a fortaleza e algumas igrejas e ermidas, das quais sobressai a de São Miguel com características românicas.

A 3 de Julho de 1535, D. João III, elevou Castelo Branco a vila notável, uma vez que era então o maior aglomerado urbano da Beira Interior apesar de em termos absolutos ser apenas o nono concelho mais populoso (Dias, 1996, pp. 185-186, nt. 1)³⁷. Para o desenvolvimento que aqui se verificou ao longo do século XVI, poderão não ter sido alheios dois factores: por um lado muitos navegadores que partiram para o Novo Mundo eram daquela região; por outro, a expulsão dos judeus e mouriscos de Castela, provocou um verdadeiro êxodo de populações que se fixaram ao longo da raia e que pouco depois passou a viver sob o “véu” de cristãos-novos. A importância da vila é também evidenciada pelo facto de se tornar sede de comarca após a reforma

³⁶ Conforme a necessidade foram abertas ainda mais duas entradas para o espaço da vila: o postigo Valadares (entre as portas do Relógio e a da Vila) e o posiguinho (entre as portas do Espírito Santo e a do Relógio).

³⁷ Ver também João José Alves Dias – “*A Beira Interior em 1496 (Sociedade, Administração e Demografia)*” (1988) e “*A comarca de Castelo Branco em 1527-1540: Aspectos administrativos e demográficos*” (1988)

administrativa civil que se verificou entre 1532 e 1536 (Dias, 1996, pp. 210-211, 219 e 236).

A vila cresceu exponencialmente ao longo desta centúria, principalmente na área dos arrabaldes. Se por um lado dentro de portas já não existia espaço para novas construções, por outro a necessidade de bens essenciais como a água levou à fixação de várias comunidades em torno de diversos poços e nascentes existentes no exterior. A par com estes aglomerados populacionais surgem igualmente capelas e ermidas, das quais o orago acabou por “baptizar” alguns desses poços e nascentes. O próprio bispo da Guarda, mandou construir nesta época uma quinta de recreio e respectivo palácio para sua residência de Verão no exterior da muralha da vila e encostada a ela (Silva, 1998^B, pp. 6-7).

Assim começaram a desenvolver-se os arrabaldes, não só em volta da Igreja de São Miguel, mas também das ermidas de São Sebastião, São João Baptista, São Pedro, São Marcos, São Gregório e Espírito Santo (Nunes, 2002, pp. 59-61) e de nascentes, como o Chafariz da Devesa (São Marcos) ou os poços da Páqueixada e do Concelho (Santos, 1958, pp. 177-178). No arrabalde da vila de Castelo Branco foram igualmente construídos no século XVI dois conventos, o da Graça (dos Agostinhos) e o de Santo António (dos Capuchos), estando um chafariz associado ao primeiro (Santos, 1958, pp. 168-170 e 177-180; Nunes, 2002, pp. 60-61). Alguns destes arrabaldes estavam igualmente relacionados com determinados ofícios sucedia com o dos açougues e o dos oleiros.

A vila continuou a desenvolver-se ao longo da ocupação filipina, principalmente por estar no caminho para Lisboa para quem desce o vale do Tejo pelo Norte. Essa posição fez dela um alvo imediato em 1640, aquando da Restauração. A sua proximidade com a fronteira levou a que a vila e as suas muralhas tenham sido muito afectadas pelos conflitos armados que se desenrolaram entre 1646 e 1668 (Santos, 1951). Por outro lado, os factos da alcaidaria da vila ter revertido para a Casa do Infantado em 1656 e dos comendadores da Ordem de Cristo deixarem de aí residir, levaram a um certo abrandamento no florescente crescimento da vila, agravado pelos ataques de que a vila foi sendo alvo sucessivamente (Branco, 1961, p.8)

Assim, em 1704, no âmbito da Guerra da Sucessão Espanhola (uma vez que Portugal fazia parte da Grande Aliança), o exército franco-espanhol entrou pela raia, atacando todas as praças, tendo demoliu parte da muralha da vila albicastrense e

incendiou a Igreja de Santa Maria do Castelo (Santos, 1951; Oliveira, 2003, p. 31). Em 1762, a mesma força militar, desta vez no decorrer da Guerra dos Sete Anos, voltou a atacar Castelo Branco e a profanar o templo da alcáçova, transformando-o mesmo em caserna (Castro, Costa, 1998/2001^B). A igreja ficou reduzida a ruínas, tal como grande parte das muralhas e das torres que a defendiam (Silva, 1998^A, p. 25).

Em 1753, de acordo com o inventário dos bens da Casa do Infantado, o Palácio dos Comendadores continuava a fazer parte do seu património (Santos, 1951), acabando a alcaidaria por ser extinta em 1769 (Branco, 1961, p. 8).

A situação alterou-se em 1770 com a dupla elevação de Castelo Branco: a cidade, por parte do rei D. José e a sede de bispado, por breve apostólico, em 1771 (Santos, 1951). A nova cidade viveu um momento de desenvolvimento, sendo erguidos os grandes palácios oitocentistas das famílias aristocráticas, como sejam o dos Viscondes de Portalegre, o dos Viscondes de Oleiros ou os dos Barões de Castelo Novo. A falta de espaço dentro de portas levou a que grande parte destes edifícios fossem no exterior da muralha onde se começavam a definir novos espaços. Também nesta altura foi renovado o Paço Episcopal, onde forão criados os jardins de buxo decorados com estatuária (ao estilo italiano). A Igreja de São Miguel, agora sede de bispado e de paróquia (uma vez que Santa Maria do Castelo deixara de ter quaisquer condições para tal), sofreu neste período sucessivas campanhas de reconstrução e ampliação (Conceição 2004).

Este fulgor albicastrense voltou ser de novo abalado pela guerra, que em 1807, chegou com o exército napoleónico comandado por Junot (Santos, 1951). A cidade foi saqueada durante vários dias e a Igreja de Santa Maria (entretanto reconstruída) foi novamente arrasada, passando o culto para a capela de São Brás que ficava nas proximidades (Castro, Costa, 1998/2001^B; Oliveira, 2003, p. 31). O exército aliado inglês, que expulsou os franceses, pilhou de igual forma uma cidade já arrasada (Santos, 1915). A Guerra Civil que se seguiu à Peninsular deixou igualmente as suas marcas. A cidade histórica não se voltou a erguer.

Em 1881, o bispado é extinto por ordem de Leão XIII, sem que tenha havido qualquer contestação por parte das populações (Santos, 1951). Por essa altura já tinham sido dadas autorizações para a desmontagem de portas e muralhas para reaproveitamento do material construtivo; o mesmo acontecendo com o castelo, o

Palácio dos Alcaides e muitas das ermidas (Oliveira, 2003, pp. 42-50). O pelourinho também terá sido desmontado por esta altura (Moreira, 2002, p. 122).

O desenvolvimento moderno chegou à cidade no fim do século XIX, com o telégrafo e no início do século XX com a linha férrea (Santos, 1951).

II. 2. 2. Necrópoles medievais e modernas

Durante a Tardo-Antiguidade, com o início da difusão do Cristianismo, há uma tendência para a construção de templos (igrejas e catedrais), em áreas despovoadas da cidade clássica, reutilizando em muitos casos antigas estruturas dessa. Estes templos tornaram-se cada vez mais frequentes com o avanço do Cristianismo no Ocidente Europeu.

Numa tentativa de estar mais próximo das relíquias dos santos, *onde os demónios não se aproximariam dos cadáveres* (Torres, 1989, p. 402), os enterramentos começaram a fazer-se no interior destes templos, ao contrário do que sucedia anteriormente.

Com o avançar da evolução do Cristianismo esta prática começou a ser condenada por alguns teólogos presentes em vários concílios (Braga – 663, Meaux – 845, Tibur – 895 e Reims – 1117) (Torres, 1989, p. 402). De pouco ou nada serviram estas condenações, uma vez que a rede eclesiástica existente, ainda não tinha força nem poder para controlar tal facto, sendo assim difícil impedir esta prática.

Os enterramentos só deixaram de ser feitos no interior dos templos quando estes já não tinham capacidade para tal. No entanto, as figuras mais influentes da sociedade, muitas vezes promotoras da construção ou renovação desses edifícios, continuavam a ter um espaço reservado para si, normalmente nas zonas mais importantes do templo (cabeceira, ábside e transepto). As inumações começaram assim a ser efectuadas no adro das igrejas e demais terrenos imediatamente circundantes. Muitas vezes, esta situação levou ao surgimento de enterramentos um pouco por todo o terreno em torno das igrejas, chegando mesmo a encontrarem-se alguns bastante afastados das mesmas.

Os corpos normalmente eram colocados em *decubitus dorsal*, orientados no sentido nascente-poente, com a cabeça para o lado poente. A posição dos braços e dos pés é variável, sendo comum terem numa das mãos uma moeda, para pagar a Caronte a

travessia para o outro mundo. As moedas associadas a este tipo de prática são, na maioria dos casos, um excelente indicador cronológico sobre o momento do enterramento. Existem vários exemplos semelhantes. Em Silves, numa sepultura identificada junto à Sé, foi exumado o corpo de um indivíduo que, na sua mão direita segurava um dinheiro de D. Afonso III (Gomes, 2006, pp. 123-127); em Santarém, no Convento de São Francisco, foram identificadas diversas sepulturas na mesma situação (Lopes e Ramalho, 2002, p. 204).

Um outro artefacto, associado às sepulturas, essencialmente entre os séculos XII-XVII, são as estelas funerárias. Esta forma de identificação de sepulturas remonta à Proto-História, mas só durante a Idade Média é que a vemos ressurgir na Hispânia, principalmente à medida que a reconquista cristã vai avançando (Cardoso, 2005, p. 5).

A falta de espaço nas áreas em torno da igreja também se tornou visível, a longo prazo, obrigando à sobreposição dos corpos e ao aproveitamento de todos os espaços livres, por vezes reorganizando-os através da criação de ossários e/ou carneiros. Esta situação levou a que em muitos casos alguns enterramentos surgissem totalmente desorientados em relação à sua posição original, ou até colocados de forma a adaptarem-se às condições geológicas do espaço.

II. 2. 2. 1. As Necrópoles Medievais e Modernas na vila de Castelo Branco

Pouco se conhece sobre as necrópoles no espaço da vila de Castelo Branco.

A necrópole inicial ter-se-á formado em torno da Igreja de Santa Maria do Castelo, junto da qual foram recolhidos os materiais em estudo. O interior do templo também foi usado como área de enterramento, para as personalidades mais ilustres. Aquele espaço, ao que tudo indica, funcionou como tal até ao século XIX, altura em que foi transferido para a zona leste da cidade.

Tendo em conta as imagens de Duarte d'Armas, também a Igreja de São Miguel tinha uma necrópole associada, vendo-se mesmo numa das fachadas um arco-sólido com sarcófago. Este cemitério terá sido afectado pela reconstrução do edifício nos séculos XVII-XVIII, no entanto, a intervenção arqueológica aí decorrida em 2004, pôs a descoberto vestígios do mesmo, evidenciados por sepulturas escavadas na rocha junto à cabeceira do templo (Reis, 2004).

Em 1805, o Príncipe-Regente, futuro D. João VI, autorizou a construção de um cemitério público exterior ao adro da Sé, que se revelou rapidamente insuficiente e insalubre. Após longa discussão, durante a qual foi poderada a sua transferência para diversos locais, entre eles, o pátio do Palácio dos Alcaides, entretanto já demolido, acabou por ser deslocado para o actual local, a Este da cidade (Silveira, 2003, pp. 292; Veríssimo, 2008^D).

Quanto aos outros templos antigos da cidade, desconhece-se se teriam necrópoles associadas ou pelo menos enterramentos no interior. Não se pode de qualquer modo excluir tal hipótese, ou pelo menos a existência de carneiros. Nos conventos fizeram-se enterramentos, nomeadamente nos claustros e nas igrejas.

Para as capelas de índole privada a questão não é tão problemática, uma vez que este tipo de estruturas eram muitas vezes usadas como sepultura dos seus promotores, como é o caso das capelas de Nossa Senhora da Graça e dos Mesquitas, criadas como capelas-jazigo (Santos, 1958, pp. 169-170).

Existem ainda, segundo a base de dados *Endovélico*, várias sepulturas antropomórficas no termo da cidade.

III. Intervenções Arqueológicas

III. 1. A Alcáçova – Descrição

A alcáçova da vila de Castelo Branco, de acordo com a planta presente no *Livro das Fortalezas*, tinha formato sub-quadrangular, estando orientada no sentido noroeste/sudeste (fig. 18)

Esta área era cercada por uma muralha de 7,70m, à qual estavam adossadas sete torres. A torre de menagem localizada a noroeste, de planta hexagonal, atingia os 16m de altura. As restantes tinham planta quadrangular ou rectangular, com alturas entre os 9,90m e os 13,20m. As torres distavam entre si um mínimo de 16,50m e um máximo de 43m (Monteiro, 1999, p. 67).

A muralha da vila arrancava da torre de menagem e fechava na torre diagonalmente oposta. Junto desta última, numa outra torre, estava integrada a porta do Ouro, pela qual se acedia à alcáçova. Numa das torres viradas para o campo, estava a porta/postigo da Traição. Toda a muralha da alcáçova era envolvida pela barbacã que de igual forma cercava a vila murada.

O interior da alcáçova encontrava-se dividido em três espaços em função da Igreja de Santa Maria, construída no centro do recinto. Ao passar a porta do Ouro existia um grande pátio dominado pela igreja. As áreas a sudoeste e noroeste do templo eram usadas como necrópole. Apesar da inexistência de referências a outras eventuais estruturas no restante espaço disponível, seria normal a presença de várias edificações relacionadas com as forças militares aqui instaladas (Lopes, 2004, pp. 14-15).

A igreja, provavelmente de traça românica, tinha um portal axial a noroeste, de volta perfeita sustentado por dupla colunata e uma porta lateral, virada a sudoeste, no mesmo estilo sustentada por tripla colunata, numa das quais se encontravam gravadas as medidas do concelho (*cit.* Oliveira, 2003, p. 30). O interior, de uma só nave, terminava numa cabeceira destacada em ábside.

Praticamente destruída pelas forças castelhanas durante as Guerras da Restauração, a igreja foi reconstruída e ampliada por ordem de D. João IV; tendo sido instituída por Gaspar Mouzinho Magro, em 1684, a capela de Nossa Senhora do Rosário

ligada à capela-mor (Castro, Costa, 1998/2001^B). Em 1704, durante a ocupação da vila pelos exércitos de Filipe V no decorrer da Guerra da Sucessão Espanhola, a igreja foi saqueada e incendiada (Oliveira, 2003, p. 31).

Segundo o *Tombo da Ordem de Cristo* de 1706, sobre a porta principal teria existido o coro, ao qual se acedia por uma escadaria à direita de quem entrava, ficando à esquerda a pia baptismal. Ao longo da parede nordeste do templo existia uma tribuna, na qual os antigos comendadores assistiam à missa. A igreja, reconstruída em 1753, foi novamente profanada pelo exército franco-espanhol em 1762, durante a Guerra dos Sete Anos e praticamente arrasada pelo invasor francês em 1807 (Oliveira, 2003, p. 31).

O edifício actual, totalmente descaracterizado, é extremamente simples, resultado de várias campanhas de recuperação, nomeadamente em 1950 (Santos, 1951). A fachada sul tem adossadas a sacristia e um campanário, enquanto a fachada norte se podem observar os vestígios de uma estrutura sobradada que estaria encostada à igreja, assim duas troneiras, que foram provavelmente integradas durante alguma das reconstruções (figs. 38 a 43).

Por trás da cabeceira da igreja, através de uma passagem em arco de volta perfeita (figs. 35 e 36), tinha-se acesso ao recinto onde por ordem de D. Frei Simão Mendes, foi construído em 1229 o Palácio dos Comendadores da Ordem de Cristo, posteriormente usado como residência dos alcaides da vila (Branco, 1961, p. 2). Era também aí que ficava o acesso à cisterna. Tratava-se de um segundo reduto, na parte este da alcáçova. A descrição mais antiga do palácio consta no *Tombo da Comenda da Ordem de Cristo*, de 1408, a qual evidencia uma organização espacial de grande complexidade (Oliveira, 2003, p. 33). Ao que tudo indica, ao longo do século XV houve algumas obras de remodelação e ampliação do palácio, que lhe conferiram o aspecto presente nos debuxos do *Livro das Fortalezas*. Aí verifica-se que esta estrutura ocupava uma das torres da alcáçova, sendo a fachada principal percorrida por um alpendre ao estilo italiano (Oliveira, 2003, pp. 33-34). Do alpendre era possível ver a Praça de Armas, local onde se erguia a torre de menagem, defendida por troneias na fachada virada para esta mesma praça. Acedia-se a este último reduto através de uma escada que saía do pátio do palácio.

Ao longo dos séculos XVII e XIX, devido aos conflitos militares referidos, a maior parte das muralhas do castelo e da vila foram arrasadas. Quando em 1867 a área norte da alcáçova foi aterrada para permitir a construção da Escola Conde de Ferreira,

subsistiam apenas, além da igreja, duas torres e parte do Palácio dos Alcaides (figs. 22 e 32). Por esse motivo, poderão encontrar-se soterradas eventuais estruturas, arruinadas ou parcialmente demolidas (Castro, Costa, 1998/2001^B; Silveira, 2003, p. 292).

Na segunda metade do século XIX, por iniciativa do Governo Civil, foram reconstruídas algumas muralhas, assim como parte do palácio. No entanto, diversos temporais continuaram a deitar por terra muitas das estruturas da alcáçova (figs. 22 e 31 a 33) (Castro, Costa, 1998/2001^B).

Durante a primeira metade do século XX, várias partes da fortificação foram demolidas para darem lugar a depósitos de água e estruturas hidráulicas associadas, principalmente na área do Miradouro de São Gens (Canoso, 1996, pp. 47-52)

III. 2. Intervenções Arqueológicas³⁸

III. 2. 1. A Necrópole (1979/1984)

Em 1979, devido a um grande temporal, verificou-se um aluimento de terras no adro da Igreja de Santa Maria do Castelo, colocando à vista vestígios de um passado distante, correspondente à antiga necrópole da alcáçova. O saque não se fez esperar, daí que a Câmara Municipal tenha decidido levar a cabo uma intervenção arqueológica de emergência para salvaguardar o património que entretanto ia sendo desbaratado. O local foi soterrado para o preservar até ao início daquela.

De acordo com o pedido de autorização de trabalhos arqueológicos³⁹ dirigido aos serviços centrais, pretendia-se acima de tudo assegurar a preservação do espólio arqueológico que então ficou à superfície, mas também reconstruir o pavimento da estrada circundante da zona histórica do castelo, área onde se tinha verificado a aluimento. O assunto foi debatido no âmbito das 1.^{as} Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa que decorreram em Castelo Branco no final de Maio daquele ano.

³⁸ Informação conforme relatórios de escavação em depósito no arquivo do antigo Instituto Português de Arqueologia

³⁹ Recebido nos serviços centrais em 14 de Maio de 1979 (de acordo com processo n.º 263 do Arquivo do ex-IPA)

Os trabalhos de campo foram coordenados por João Henriques Ribeiro e a mão de obra assegurada por professores e alunos do ensino secundário, um sacerdote, um capitão do exército e alguns empregados comerciais, apoiados por técnicos cedidos pelo gabinete técnico da edilidade. O material de trabalho foi adquirido ou emprestado por várias entidades tais como a Câmara Municipal, a Casa da Cultura, os Bombeiros Voluntários e o Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

A área intervencionada foi cercada por rede metálica, num perímetro total de 125 metros. Foi elaborado caderno de campo, registando-se aí a estratigrafia observada, assim como todos os materiais recolhidos, com a sua identificação e localização. Procurou registar-se igualmente o espólio associado aos enterramentos. As terras foram crivadas a seco nos primeiros anos e com o auxílio de água nos restantes.

A 25 de Julho de 1979, a Secretaria de Estado da Cultura, após parecer da Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural, deu autorização para o início dos trabalhos através do ofício n.º 7382.

III. 2. 1. 1. Campanha de 1979 ⁴⁰

No início dos trabalhos foram definidos três sectores nos quais foram criados sete rectângulos, subdivididos em quadrados de três metros de lado (sendo que 1m foi reservado para a banquetta) (fig. 14).

Sector A: área em frente da fachada principal da igreja, virada a noroeste;

Sector B: área ao longo da fachada lateral da igreja, virada a sudoeste;

Sector C: área ajardinada periférica, com possível informação sobre o enquadramento da necrópole.

Após o levantamento da calçada em redor do aluimento surgiu uma camada de terra castanha, remexida, igual à existente no restante espaço ajardinado em redor. A 10 cm de profundidade apareceram os primeiros restos osteológicos, totalmente desconexos e misturados, provavelmente em resultado da terraplanagem efectuada para a abertura da estrada neste local. Trata-se de uma camada de terra argilosa onde existem algumas pequenas bolsas de terra fina tendencialmente arenosa.

⁴⁰ Cf. **RIBEIRO** (s.d) – “Relatório das Escavações da zona do castelo – Castelo Branco” (não publicado)

Na camada seguinte, igualmente argilosa, continuaram a ser postas a descoberto várias ossadas humanas associadas com outros espólio (pregos, alfinetes, numismas e cerâmicas). Esta camada não apresenta vestígios de ter sido remexida. A última camada, assente sobre formações quartzíticas xistoídes, selava diversas sepulturas antropomórficas.

Esta estratigrafia foi comum a toda a área intervencionada neste ano, no entanto, no local do aluimento (Q.118), a situação diferiu. As camadas encontram-se remexidas e apesar dos esforços se terem aqui concentrado não se atingiu o afloramento nem se conseguiu chegar a nenhuma conclusão quanto à função desta “cratera”. A sondagem foi alargada aos quadrados contíguos.

Recolheu-se aqui grande quantidade de materiais em associação com numismas da primeira e segunda dinastia.

III. 2. 1. 2. Campanha de 1980 ⁴¹

Ao longo deste ano, apesar da falta de subsídios, com o apoio autárquico foi possível organizar duas épocas de escavação.

Em Julho foram abertas três valas no sector C para avaliar o potencial arqueológico desse espaço:

vala 1: Terras remexidas com ossos desconexos e sem espólio significativo;

vala 2: Terras remexidas sobre uma base rochosa coberta com vestígios de argamassas. Aquando da abertura da estrada neste local foram recolhidos silhares alinhados com esses;

vala 3: Além de uma formação rochosa elevada, foi observada uma estratigrafia preenchida por cinco terraplanagens sucessivas, sem qualquer espólio significativo associado.

Uma vez que o potencial arqueológico deste sector se considerou diminuto, optou-se por reduzir o perímetro da área cercada, limitando-a as sectores A e B, intervencionados a partir daqui em função dos rectângulos que neles se integravam. Ao mesmo tempo facilitou-se o trânsito deste local, como aliás foi solicitado pela autarquia.

⁴¹ Cf. **RIBEIRO** (1981) – “Relatório da 2.ª Campanha de Escavações da zona do castelo de Castelo Branco” (não publicado)

Em Setembro os trabalhos regressaram ao sector B, incidindo no Q.118, uma vez que nos quadrados contíguos existiam sepulturas escavadas no afloramento a cerca de 1,20m de profundidade. Entre outro espólio, recolheu-se um conjunto de cabeceiras de sepultura, aparentemente fora de contexto, estando apenas uma delas associada a uma tampa de sepultura ao que tudo indica *in situ* (3,20 m) (fig. 52). A cerâmica muito fragmentada continua a ser predominante.

Em associação com os enterramentos surgem diversos numismas envoltos em vestígios de linho (conservados pela oxidação das ligas metálicas) e também alguns objectos de carácter religioso.

III. 2. 1. 3. Campanha de 1981 ⁴²

Iniciou-se a abertura de uma vala compreendendo os quadrados ao longo da fachada da igreja no sector B para avaliar e tentar definir qual o período de construção da mesma. Esta tarefa foi em grande parte dificultada pelas muitas raízes das árvores aí existentes (figs. 48 e 49).

Além de se terem posto a descoberto os alicerces de estrutura anterior, o que veio confirmar arqueologicamente que o templo actual foi erguido sobre um outro mais antigo, colocou-se igualmente à vista uma calçada, em seixos rolados, junto à entrada lateral da igreja (fig. 53). Ao que tudo indica, e apesar do seu aspecto de tipo medieval, foi considerado recente, uma vez que não difere em nada dos outros existentes nas diversas ruas do centro histórico.

Ao longo desta sondagem foram identificadas, após uma primeira camada em terra batida, várias bolsas que poderiam corresponder ao espaço ocupado pelas raízes de árvores entretanto retiradas. No entanto, não se exclui outra possível utilização apesar de não existirem quaisquer evidências de qual teria sido. Foram encontradas na camada sobre o afloramento inúmeras inumações, na maioria danificadas pelas raízes das árvores (fig. 51).

O Q.118 foi dividido através de uma quadrícula auxiliar para maior pormenor de análise. Após a remoção da tampa de sepultura posta a descoberto na campanha anterior, a área da mesma foi intervencionada para recolher o eventual espólio

⁴² Cf. **RIBERO** (s.d) – “Relatório da Terceira Campanha de Escavações – zona do castelo de Castelo Branco’ 1981” (não publicado)

associado. Além de cerâmica foram recolhidos restos de fauna mamalógica, assim como alguns objectos metálicos e lages de xisto da zona da peseira. Este quadrado continua a não oferecer dados suficientes para determinar da sua utilização. No final da campanha esta área foi protegida por uma estrutura criada para o efeito (fig. 49).

III. 2. 1. 4. Campanha de 1982 ⁴³

Esta campanha foi planeada tendo em vista a conclusão da intervenção, após os resultados dos anos anteriores. No entanto, aqueles se prolongaram ao sector A, isto é, para o terreno em frente da fachada principal da igreja, verificaram-se novas descobertas (fig. 50).

No seguimento dos trabalhos já efectuados, o Q.118 continuou a “esconder os seus segredos”, apesar do surgimento de vestígios de parede de um eventual carneiro a 4,20 m.

No sector A foram postas a descoberto várias sepulturas antropomórficas de forma trapezoidal, nas quais as ossadas humanas estavam melhor preservadas, uma vez que aqui não terão existido árvores, apenas um pequeno canteiro. Neste sector foram igualmente encontrados os alicerces da possível estrutura anterior à do actual templo, que apresenta uma posição ligeiramente desviada em relação a esse (cerca de 30°) (figs. 50.1 e 55).

Junto à torre sineira, a cerca de 2,90 m de profundidade, identificou-se entulhamento em pedra solta que devido à ausência de *patine* se considerou ser resultado de uma deposição recente (não se conseguiu perceber exactamente qual seria a sua função).

O espólio recolhido é constituído essencialmente por cerâmicas e peças metálicas, a par de numismas dos séculos XIII-XVI. Todas as terras retiradas foram crivadas e manteve-se em permanência uma equipa para tratamento dos materiais recolhidos (fig. 56).

Algumas das sepulturas foram cobertas com plástico e com terra, preservando-as assim para eventuais intervenções futuras. As ossadas recolhidas não foram alvo de

⁴³ Cf. RIBEIRO (s.d) – “Relatório das Escavações da Zona do Castelo/Castelo Branco: IV.ª Campanha, Set. 82” (não publicado)

estudo, tendo sido devidamente enterradas num local da estação já analisado, junto à sacristia, conforme indicação de um sacerdote da paróquia local.

III. 2. 1. 5. Campanha de 1983 ⁴⁴

Procedeu-se à abertura de novos quadrados no sector A e foram aprofundados os já existentes. Em frente à igreja, no Q.19 apareceu um outro pavimento de calçada, que foi registado e levantado para continuação dos trabalhos (fig. 54). Na camada imediata foi identificada estrutura que se prolonga para Q.12 (fig. 15). Esta encontra-se sem argamassa significativa, sendo irregular e perpendicular a um troço de muralha próximo, apresentando indícios de se prolongar. Considerou-se que esta construção poderá corresponder a alicerce da antiga igreja ou de um outro edifício adossado a essa. Entre os materiais constituintes desta, foi identificado um grande bloco de granito, bem aparelhado e decorado em relevo, supondo-se que possa corresponder aos vestígios de uma estrutura anterior inutilizada.

Neste sector continuaram a surgir mais sepulturas antropomórficas trapezoidais. Verificou-se que a camada entre o afloramento e a camada superior estava muito remexida, talvez devido à remoção de restos mortais para o actual cemitério municipal. A instalação de cabos e tubagens de iluminação pública no local também terá violado o substrato.

O Q.118 continuou a ser aprofundado até de cerca de 10 m. Não sendo possível assegurar a integridade dos perfis, optou-se por dar por terminada a escavação neste local até que se alterasse esta situação. Continuaram a aparecer materiais em grande quantidade, principalmente cerâmicas e numismas. A estrutura criada para o efeito continuou a cobrir esta área.

III. 2. 1. 6. Campanha de 1984 ⁴⁵

Com os meios materiais e de segurança necessários, os trabalhos recomeçaram no Q.118, sendo este o único espaço intervencionado nesta campanha. A maioria dos

⁴⁴ Cf. **RIBEIRO** (s.d) – “*Relatório das Escavações da Zona do Castelo/Castelo Branco: V.ª Campanha – Julho 1983*” (não publicado)

⁴⁵ Cf. **RIBEIRO** (s.d) – “*Relatório das Escavações na Zona do Castelo/Castelo Branco: VI.ª Campanha – 1984*” (não publicado)

materiais foram recolhidos entre os 13 e 14,20 m de profundidade. Além das habituais cerâmicas, foram exumados diversos numismas da primeira dinastia e outros vestígios de fauna mamalógica. Neste quadrado foi igualmente recuperada grande quantidade de grainhas de uva, acompanhadas de espessas turfas e carvões, com especial incidência entre os 12 e 14m. Não se chegou a qualquer conclusão sob qual seria a utilidade da eventual estrutura aqui existente.

A falta de recursos técnicos e financeiros, a par de pressões da Assembleia Municipal sobre a Câmara para se proceder ao ajardinamento da zona, tornando-a mais agradável ao visitante, levou ao encerramento definitivo dos trabalhos. O espaço foi novamente soterrado até à actualidade. As escavações foram visitadas por muitos habitantes da cidade para observarem os resultados desta última campanha.

Os materiais recolhidos são essencialmente cerâmicas comuns, alguns restos de faianças, vidros, cabedais, espólio arqueozoológico, numismas, diversos peças metálicas (alfinetes, pregos, fivelas, chaves, elementos decorativos,...) e cabeceiras de sepultura. As peças mais frágeis foram tratadas no Instituto José de Figueiredo e no laboratório do Museu Monográfico de Conímbriga. Concluído o trabalho de laboratório, o espólio foi integralmente depositado no Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

Nos primeiros anos foram publicados alguns artigos sobre o local e os trabalhos aí desenvolvidos (Ribeiro, 1984, pp. 57-59; 1985 , pp. 63-64; 1987, pp. 277-281).

III. 2. 2. A Muralha (2000)⁴⁶

No âmbito de obras de construção por parte da Câmara Municipal, de um depósito de água na encosta oeste do cerro da Cardoso, no perímetro do castelo, foram colocados à vista vários vestígios arqueológicos. Tendo este facto chamado a atenção da comunicação social, a promotora da obra solicitou parecer ao Instituto Português de Arqueologia que concluiu da necessidade de ser levada a cabo uma intervenção arqueológica de emergência.

⁴⁶ Cf. **MOREIRA** (s.d) – “Relatório das escavações de emergência do castelo de Castelo Branco – 2000” (não publicado)

Sílvia Moreira, juntamente com Pedro Salvado, apoiados pelos serviços de topografia da edilidade, constituíram a equipa de trabalho para o efeito. Colaboraram ainda alguns alunos da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, bem como funcionários dos Serviços Municipais de Água e Saneamento.

Os trabalhos limitaram-se à área de afectação da obra, cerca de 48 m². Após a remoção dos materiais, entretanto descontextualizados pelo avanço precipitado daquela, foi criada uma quadrícula de 12 por 4 m, com 12 quadrados de 2 m de lado. No perfil identificaram-se cinco camadas, provável resultado de vários séculos de entulhamentos nesta vertente da encosta do castelo.

A nível estrutural foi colocada à vista uma construção de pedra seca, já sem qualquer ligante, bastante arruinada. Trata-se de um muro de pedras de grande dimensão, recheado por outras menores, acompanhadas por fragmentos de cerâmica e argamassa. Considerou-se que se poderia tratar de um eventual derrube da muralha do castelo ou da barbacã que o rodeava (fig. 57).

Do ponto de vista do espólio foram recolhidas várias tipologias de cerâmicas (comum, vidrada, faianças e construção), vidros e peças metálicas, associadas a material osteológico humano desconexado. Tendo em conta a existência da necrópole no adro da igreja e o facto de não terem aqui aparecido quaisquer vestígios de sepulturas, colocou-se a hipótese da presença destes materiais neste local ser resultado de escorrimentos provindos dessa. Contrário a essa lógica, foi encontrado aqui um variado conjunto de possíveis projecteis pirobalísticos.

Depois de inventariado, o espólio recuperado foi depositado no Museu do Canteiro (Alcains), mantendo-se inédito.

III. 2. 3. Trabalhos Preventivos no âmbito do POLIS (2008/2009)

Na recente intervenção no âmbito da revitalização do espaço histórico do castelo, a decorrer desde meados de 2008, sob responsabilidade do Dr. José António Pereira e da Dr.^a Rosa Mateos, ambos da empresa Novarqueologia, têm sido levadas a cabo diversas sondagens preventivas.

Uma delas teve lugar junto à fachada nordeste da Igreja de Santa Maria, aterrada desde 1867 (Castro, Costa, 1998/2001^B). Além de se ter colocado à vista toda a porta lateral do templo, foi possível identificar uma outra estrutura, até aí desconhecida, adossada ao contraforte da fachada principal (virada a noroeste) (fig. 58.1). Foi colocada também à vista parte da cabeceira da igreja, nos silhares da qual se encontram várias cruces de Cristo esgrafitadas⁴⁷.

Na zona traseira da cabeceira, sob o arco que dava acesso ao pátio do palácio dos alcaides identificou-se o pavimento original desta passagem, a cerca de um metro de profundidade, o que evidencia o quanto esta área da alcáçova se encontra soterrada (Lourenço, 2008^A). Junto desta porta, do lado exterior, repousa o que poderá ser uma estela de sagração da antiga igreja medieval⁴⁸ (figs. 36 e 37). Todo o espaço ajardinado a sul foi igualmente intervencionado, desconhecendo-se que novos dados foram obtidos (Baptista, 2008^C).

Descendo a encosta, perto do Miradouro de São Gens, ao qual se pode aceder através do castelo, numa área onde se construía um novo acesso a esse, foi identificada uma estrutura escavada na rocha, associada a outras pequenas cavidades e interligações superficiais⁴⁹ (Carrega, 2008^A; Veríssimo, 2008^C). Aqui foi recolhido numeroso espólio que remonta aos séculos XV-XVIII⁵⁰.

Algumas áreas intervencionadas na década de 80 voltaram a ser alvo de escavação, principalmente ao redor da igreja (fig. 58.2).

Na parte superior da Rua do Mercado, à entrada do castelo, durante a substituição de tubagens, foi colocado à vista muro de dupla fiada, que corta diagonalmente a estrada actual. Ao que tudo indica, não faz parte da muralha, ao contrário do que sucede com os negativos de silharia encontrados no alinhamento da muralha ainda existente, num quintal contíguo a este local.⁵¹

⁴⁷ Situação observada no local em 9 de Julho de 2008

⁴⁸ Situação observada no local em 10 de Julho de 2009

⁴⁹ Situação observada no local em 9 de Julho de 2008

⁵⁰ Informação cedida pelo Dr. José Ant.º Pereira e pela Dr.ª Rosa Salvador Mateos (Novarqueologia)

⁵¹ Situação observada no local em 10 de Julho de 2009

IV. O Espólio

IV. 1. Inventário do Espólio Total e em Estudo

Ao longo de seis campanhas de trabalhos arqueológicos (1979-1984), no adro da Igreja de Santa Maria do Castelo (Castelo Branco), foram recolhidos 918 fragmentos cerâmicos, 1409 objectos metálicos, 191 numismas, diversos artefactos em azeviche (12), cabedal (10), osso (4) e vidro (13), 44 fragmentos de espólio arqueozoológico, 56 elementos pétreos, um conjunto de sementes e ainda restos de madeira, estuque, carvão e turfas.

No que diz respeito às cerâmicas, uma vez que não foi possível efectuar grande número de reconstruções, o levantamento formal das peças teve que ser feito apenas em função das partes constituintes das mesmas, essencialmente bordos e fundos (não esquecendo as asas e as paredes decoradas). Do conjunto em estudo, após as colagens, só foi possível atribuir função a 650 fragmentos.

Em relação à cerâmica dita comum, dentro das loiças de servir à mesa foram recolhidos: 11 asas, 5 bordos, 3 fundos e 1 parede de jarro; 4 bordos, 8 fundos e 1 parede de prato; 14 asas, 15 fundos e 2 paredes de púcaro; 4 bordos e 3 fundos de taça. Do grupo das loiças de cozinha identificaram-se: 1 bordo e 6 fundos de alguidar; 1 pega de cafeteira; 3 bordos de frigideira; 16 asas, 59 bordos, 69 fundos e 20 paredes de panela; 13 bordos e 4 fundos de tampa e/ou testo. Das peças de armazenamento e/ou transporte obtiveram-se: 1 fundo de ânfora (fig. 60.2)); 3 asas, 9 bordos e 1 fundo de bilha, 26 asas, 8 bordos, 13 fundos e 1 parede de cântaro; 1 asa, 18 bordos, 69 fundos e 20 paredes de pote; 1 asa, 4 bordos, 4 fundos e 9 paredes de talha. Dentro dos contentores de fogo recolheu-se 1 fragmento de candeia, 1 fundo e 1 fragmento de grelha de defumador e 1 fragmento de grelha de fogareiro. Contam-se também dentro do conjunto da cerâmica comum 3 marcas de jogo, 1 peso de tear (fig. 60.1) e 68 fragmentos de telhas, tijolos e tijoleiras.

No que se refere às cerâmicas esmaltadas e/ou vidradas identificou-se a funcionalidade de 100 fragmentos. Na loiça de mesa incluem-se: 3 asas, 1 bordo e 1 parede de jarro; 12 bordos, 14 fundos e 10 paredes de prato; 10 bordos e 10 fundos de

taça e 1 fundo de garrafa. Dentro deste tipo de cerâmica existem ainda 6 bordos, 2 fundos e 9 paredes de alguidar, 2 marcas de jogo e 18 fragmentos de azulejos.

Deste universo seleccionaram-se para estudo 132 fragmentos cerâmicos, a saber: alguidar (1 bordo e 1 fundo), azulejo (4 fragmentos), bilha (9 bordos e 1 fundo), cafeteira (1 pega) candeia (1 asa), cântaro (4 bordos e 3 fundos), defumador (1 fragmento de grelha), frigideira (3 bordos), garrafa (1 bordo e 1 fundo), jarro (4 asas, 2 bordos e 2 paredes), marca de jogo (3), panela (21 bordos e 2 fundos), pote (4 bordos e 4 fundos), prato (5 bordos, 9 fundos e 1 parede), púcaro (2 asas 4 fundos), taça (5 bordos, 8 fundos e 1 parede), tacho (2 bordos) talha (1 asa, 2 bordos, 1 fundo e 2 paredes) e tampas/testo (4 bordos e 2 fundos).

No que diz respeito aos artefactos em azeviche, osso, cabedal e vidro, são na maioria peças associadas aos enterramentos na necrópole. Das 13 peças em vidro foi possível identificar, além de 3 anéis, 1 pulseira (?) e algumas contas, 2 fragmentos de garrafas, 1 asa de chávena (?) e 1 pé de cálice. Em azeviche e osso existem vários fragmentos de contas, cruzes e também uma pequena figa. Em cabedal foram encontrados 10 fragmentos de sapato. Deste conjunto constam do catálogo as peças mais completas e pelo menos um exemplar de cada.

No conjunto de objectos metálicos recolhidos estão presentes muitas peças normalmente associadas à vida quotidiana das populações. Alguns deles estão relacionados com os sepultamentos existentes neste espaço de necrópole constituído pelo adro da Igreja de Santa Maria do Castelo. Assim, de 1409 objectos recuperados foi possível identificar funcionalidade para 1377, que são os seguintes: 400 alfinetes, 2 anéis, 2 anilhas, 1 aplique de móvel, 8 argolas, 1 bala de mosquete, 17 bolas de pedra, 4 botões, 2 brincos, 1 cabo de sinete, 1 cadeado, 2 chaves, 1 corrente, 2 cruzes, 2 dobradiça, 1 fecho de livro, 4 fechos de cinturão, 2 ferradura, 1 firmal, 3 fivelas, 3 fuzilhões, 1 ilhós, 2 lâminas de faca, 7 medalhas, 1 pega de caldeiro, 1 pintadeira, 12 pontas de atilhos, 882 pregos e 1 virote de besta. Deste conjunto seleccionaram-se as peças mais significativas, nomeadamente as total ou parcialmente completas. No caso dos alfinetes e dos pregos foi possível criar tipologias formais, que poderão indicar a que fim estes se destinavam.

Presente está igualmente o estudo dos 191 numismas recuperados, encontrando-se um deles preservado com o tecido que lhe estava associado. Outros

exemplares também estavam envolvidos em tecido, que lhes foi retirado no momento do restauro, encontrando-se actualmente preservado em invólucros próprios.

No catálogo estão ainda alguns elementos em material pétreo, como sejam as 12 estelas funerárias e uma tampa de sepultura, malhas de jogo e/ou tampas e uma bala de funda.

Exumaram-se no adro da igreja ainda 44 fragmentos de espólio arqueozoológico, nomeadamente restos de dentição e ossos de articulações analisados e estudados por Miguel Teles Antunes.

IV. 2. Cronologia e Paralelos

Uma vez que para o espólio estudado não foi registada a sua contextualização estratigráfica, é extremamente importante o recurso a paralelos para obter uma datação relativa do mesmo.

A existência de regionalismos levanta igualmente problemas, uma vez que para se atribuir uma datação a essas peças é necessário ter em linha de conta a realidade local do ponto de vista material. Na região da Beira, à excepção dos castelos de Castelo Novo e de Penamacor, muito embora já terem tido lugar várias intervenções (Belmonte, Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha, Fundão, Sabugal, Sortelha, Vilar Maior, ...), poucos foram os locais onde o espólio medieval e/ou moderno foi alvo de estudo com posterior publicação dos resultados.

São por isso apontados paralelos com locais intervencionados no resto do país, para os quais existem cronologias bem datadas, quer do ponto de vista estratigráfico, quer através de numismas que aferem o primeiro. É também possível observar este tipo de espólio em pinturas contemporâneas das produções cerâmicas.

Existem poucos estudos em Portugal sobre materiais não cerâmicos, nomeadamente quando estes correspondem a cronologias tardias, quer medievais, quer modernas. Apesar disso, nos últimos anos têm sido efectuadas intervenções arqueológicas onde este tipo de artefactos foi recolhido, estudado e em alguns casos publicado em revistas ou catálogos de exposições. São exemplos deste caso os trabalhos arqueológicos decorridos nos conventos de Santa-Clara-a-Velha de Coimbra (2004) e de São Francisco de Santarém (2002), na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do

Cadaval (Cardoso, 2007), na Igreja do Convento do Carmo (Ferreira, 1999; Ferreira e Neves, 2005) e no Mosteiro de São Vicente de Fora, ambos em Lisboa. No último caso, as peças deste tipo de espólio encontram-se em exposição no local, mas os resultados do sua análise estão dispersos por várias publicações. Existem ainda alguns estudos de caso, cujo catálogo destaca essencialmente o espólio cerâmico, mas que não deixa de publicar outro tipo de materiais (Castelo Novo, Palmela, Penamacor, Silves e Sintra).

IV. 2. 1. As Cerâmicas

O conjunto da cerâmica comum é sem dúvida o mais numeroso e com maior amplitude cronológica de todo o espólio em estudo. Há uma predominância das panelas, seguindo-se-lhe os potes e os cântaros, normalmente em pastas laranjas ou castanhas.

IV. 2. 1. 1. Cerâmica Comum (séculos XII-XIV)⁵²

Para o período que medeia entre os séculos XII-XIV, as peças mais comuns são as panelas, os potes e as talhas.

As panelas apresentam normalmente um corpo globular, com gargalo mais ou menos estrangulado, diferindo essencialmente no bordo. Existem três tipos principais:

- panelas com bordo alto, um pouco extrovertido e espessado no exterior;
- panelas de bordo direito, também algo extrovertido e
- panelas de bordo introvertido, espessado no exterior.

Do primeiro grupo fazem parte as peças n.^{os} 11 a 13, que encontram paralelos em Santarém (Viegas e Arruda, 1999, p. 152, fig.11, n.^{os} 8 e 11; Mendes, Pimenta e Valongo, 2002, p. 272, Est. 4.15; Trindade e Diogo, 2003), em Torres Vedras (Luna e Cardoso, 2002, p. 10) e no Cadaval (Cardoso, 2005, p. 36, fig. 21.7) com cronologias dos séculos XII-XIII. No castelo de Belmonte foi recolhida uma panela similar em contextos dos séculos XIII-XV (Marques, s.d, des. 14).

A peça n.º 16 faz lembrar as panelas de perfil em S dos séculos XII-XIII recuperadas no Baldoeiro, Torre de Moncorvo (Rodrigues e Rebanda, 1995, p. 62, n.^{os} 20 e 24), e de níveis dos séculos XIII-XIV de Santa Cruz da Vilariça (Rodrigues e

⁵² Ver Anexo 3. 1. 1. (pp. 152-177)

Rebanda, 1998, p. 20, SCV/A1-005-2068), Braga (Gaspar, 1985, Est. XVII.12; Gaspar, 1991, Est. II.8), Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 99-102, figs. 17-19 e p. 105, fig. 21) e Penamacor (Boavida, 2006, p. 89, n.º 32). No entanto, todos estes exemplos mostram um bordo extrovertido, ao contrário daquele, que é totalmente direito.

No segundo grupo podem integrar-se as peças n.ºs 17 e 20. São similares a outras recolhidas na alcáçova de Santarém (Viegas e Arruda, 1999, p. 152, fig. 12, n.º 7; p. 166, fig. 14, n.º 18), datadas da primeira metade do século II, apesar da última diferir na decoração com cordão plástico. O mesmo sucede para as peças recuperadas em Caparide (Rodrigues e Cabral, 1990, p. 66, n.º 4) e na Adeganha (Rodrigues e Rebanda, 1995, p. 62, n.º 24) dos séculos XII-XIII e no castelo de Belmonte (Marques, 2000, p. 280, fig. 18) do século XV, que de igual modo não apresentam cordão plástico. Apesar do espessamento externo do bordo da peça n.º 19, pode incluir-se neste grupo, tendo paralelo com a mesma cronologia das anteriores no castelo de Santarém (Viegas e Arruda, 1999, p. 154, fig. 12, n.º 4).

Do último grupo fazem parte as painéis n.ºs 15 e 18. A primeira tem uma cronologia similar à de uma panela recolhida no Salvador, Sobral de Monte Agraço (Gonçalves e Gonçalves, 1990, p. 83, fig. 7, n.º 6) atribuída aos séculos XI-XII. A n.º 18 é semelhante a outra também exumada nos contextos já referidos da alcáçova de Santarém, embora aquela apresente uma canelura abaixo do bordo (Viegas e Arruda, 1999, p. 154, fig. 12, n.º 4).

A panela 14 poderá ser considerada como uma variante dos exemplares do grupo II, uma vez que o seu lábio, ao contrário da tendência evidenciada pelo gargalo, é introvertido. Foram recolhidas peças desta tipologia no Sabugal Velho em níveis dos séculos XII-XIII (Silva, 2004, des. 63) e no Salvador, um pouco mais tardias (Gonçalves e Gonçalves, 1990, p. 83, fig. 7, n.º 6).

No que diz respeito à loiça de cozinha, na alcáçova albicastrense foram ainda recuperadas frigideiras, tachos e alguidares. As frigideiras têm paralelo numa caçarola de Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 116, fig. 32) e a sua decoração surge igualmente em taças dos séculos XII-XIII, do castelo de Belmonte (Marques, 2000, p. 278, fig. 116). Quanto aos tachos, são similares a outros estudados em Santa Cruz da Vilarça (Rodrigues e Rebanda, 1998, p. 113, SCV/A1-005-1364) atribuídos aos séculos XII-XIII. Nesse arqueossítio foi recolhido também um alguidar de fundo espessado exteriormente (Rodrigues e Rebanda, 1998, p. 116, SCV/A1-005-2711), que surge com

a mesma cronologia no castelo de Belmonte (Marques, 2000, p. 279, fig. 13), onde é decorado com linhas incisivas, tal como outro dos séculos X-XII de Conímbriga (Man, 2006, p. 171, n.º 21).

Dentro da loiça de armazenamento e/ou transporte, tal como já se disse, predominam potes e talhas, que na prática são potes de grande dimensão.

Os primeiros apresentam bordos extrovertidos e espessados e fundos planos igualmente espessados. A peça n.º 29 tem um bordo sub-triangular parecido com outro recolhido em Caparide, atribuído ao século XIII (Rodrigues e Cabral, 1990, p. 68, Est. IV, n.º 19). Para o pote n.º 30 não se apurou paralelo, no entanto a decoração sobre o bordo é do mesmo tipo que a das frigideiras n.ºs 9 e 10, o que poderá indicar a sua cronologia. O fundo do pote 30 tem paralelo com um outro de maior dimensão exumado em contextos do século XIII do sítio do Cruzeiro, na Aljubarrota (Carvalho, 1991, p. 559, Est. 1.3).

As paredes de pote apresentam decorações diversas, conjugando ou não cordões plásticos, caneluras, bandas e linhas incisivas. Os n.ºs 33 a 37 assemelham-se a outros estudados em potes e jarros de Idanha-a-Velha (Teichner, 1997, p.348, pranchas I.2, I.9 e I.15; Duarte, 2000, pp. 137 e 138, n.ºs 36-41 e 45), Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 163, fig. 57), Sabugal Velho (Osório, 2008, p. 114, n.º 167), Adeganha (Rodrigues e Rebanda, 1995, p. 163, n.º 39), Santa Cruz da Vilariça (Rodrigues e Rebanda, 1998, p. 126, SCV/B1-008-5320) e Vila Real (Rodrigues e Lebre, 2003, pp. 158-159, n.ºs 8 e 18).

No que diz respeito às talhas, destacam-se um bordo (n.º 38) e um fundo (n.º 39), que poderão ser de uma mesma peça de grande dimensão, sendo igualmente aquelas que de todo o conjunto estudado ofereceram mais reconstituições. Estas peças foram usadas para conter azeite, o que é revelado através da sua face interna. Uma vez que são produzidas em pasta grosseira muito porosa, esta absorveu parte do conteúdo, que hoje se encontra totalmente oxidado, além de exalar o aroma a esse óleo.

Não foi possível aferir a cronologia da sua morfologia, no entanto, ambas exibem aplicações plásticas elaboradas com cordões digitados que surgem em talhas recuperadas em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 165, fig. 59), embora aí estejam aplicadas na vertical. Alguns fragmentos de paredes de talhas (?) recolhidos em

Santa Cruz da Vilariga, em contextos que recuam até ao século XII, mostram igual decoração.

A asa n.º 41 e a parede n.º 42 pertenceram eventualmente a peças da mesma morfologia e temática decorativa, que poderá vir no seguimento das peças islâmicas profusamente decoradas.

Na sondagem levada a cabo em 2000, no castelo de Castelo Branco, recuperou-se um outro bordo de talha, sem qualquer decoração, que tem paralelo em peça exumada em Penamacor (Silvério, Barros e Teixeira, 2004, p. 523, fig. 26; Silvério e Santos, 2007, p. 14, fig. 22) atribuídas aos séculos XIV-XV, mas essa tem bordo de secção sub-triangular, espessado no exterior e mostra um esgrafito na superfície externa.

Em relação aos contentores de líquidos existem cântaros e bilhas. Os primeiros (n.ºs 27 e 28) são peças claramente na tradição islâmica, principalmente o n.º 27, idêntico a outros recolhidos em Santarém (Mendes, Pimenta e Valongo, 2002, p. 269, est.2.8; Trindade e Diogo, 2003, p. 150, fig. 6.26) e em Silves (Gomes e Gomes, 2001, p. 95, n.º 124) datados dos séculos XII-XIII. No sítio do Salvador recuperou-se uma bilha com um bordo um pouco mais curto que o estudado, atribuído aos séculos XIV-XV. O cântaro n.º 28 tem paralelo em jarro na tradição almóada, em níveis dos séculos XI-XII do castelo de Tomar (Ponte, Ferreira e Miranda, 2002, p. 433, fig. 6F).

As bilhas, além de usadas para o transporte de água, podiam, se de pequena dimensão, ser utilizadas para servir à mesa. As exumadas em Castelo Branco mostram maioritariamente bordos extrovertidos e espessados de secção sub-rectangular (22 a 24), sendo estes variantes de um mesmo tipo. Esta mesma morfologia de bordo surge em cântaros com cronologias dos séculos XIII-XV recuperados em Lisboa (Gaspar e Amaro, 1997, p. 344, Est. 7.2) e em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 155, fig. 52), sendo esses de maior dimensão que as bilhas albicastrenses.

No mesmo arqueossítio olissiponense (Rua dos Correeiros), foi igualmente estudado outro tipo de bilha, no qual a face externa, abaixo do bordo, mostra decoração de caneluras criada no momento do levantamento da peça no torno, como sucede com a bilha n.º 25; a bilha n.º 26 é muito parecida morfológicamente com esta última, mas não apresenta qualquer decoração.

Existem também contentores de líquidos dentro do conjunto da loiça de mesa, como sejam jarros e uma garrafa. Quanto à garrafa, trata-se de fragmento de bordo que apresenta linhas incisivas onduladas na face externa. Similares a este foi recolhido bordo de forma indeterminada em Braga (Gaspar, 1985, Est. XVI.7) e um fragmento e parede de garrafa em Vila Real (Rodrigues e Lebre, 2003, p. 158, n.º 8), ambos atribuídos aos séculos XIII-XIV.

Em relação aos jarros, apenas no caso dos bicos vertedores (2 e 3) foi possível atribuir funcionalidade de forma conclusiva. O jarro n.º 2 será mais antigo, uma vez que foi recuperada peça similiar na Adeganha (Rodrigues e Rebanda, 1995, p. 63, n.º 33), em contextos dos séculos XII-XIII, enquanto o jarro n.º 3 será datado do XIII-XIV, podendo encontrar-se no tipo IV de Idanha-a-Velha (Teichner, 1997, p. 350, prancha 2, n.º 48). Do tipo III de Idanha-a-Velha é o jarro n.º 4, cuja asa mostra cordão plástico aplicado sobre a face externa (Teichner, 1997, p. 350, prancha 2, n.º 35).

Os dois fragmentos com aplicações de engobe branco são aqui classificados como sendo jarros, mas poderão ser de outro tipo de peça. Existem paralelos para este tipo de decoração em Lisboa (Gomes, Gaspar et alli, 2001, p. 140, n.º 25) e em Santarém (Viegas e Arruda, 1999, p. 121, fig. 8), onde foram recolhidos em contextos dos séculos XI-XIII.

Ainda na loiça de mesa inclui-se uma taça, que, tal como o pote n.º 30 já referido, apresenta decoração digitada sobre o bordo, como as frigideiras n.ºs 9 e 10, atribuídas aos séculos XIII-XIV, podendo pertencer à mesma cronologia.

Para o período entre os séculos XII-XIV existem ainda duas peças, ambas de tipologias com uma grande previvência, um testo e uma candeia. O primeiro tem paralelo em Caparide, atribuído ao século XII-XIII (Rodrigues e Cabral, 1990, p. 69, Est. V, n.º 23) e a última em Alenquer, datada da segunda metade do século XIV (Matos, 1971, p. 576, fig. 31).

IV. 2. 1. 2. Cerâmica Comum (séculos XIV-XVI)⁵³

Com o desenvolvimento e vitalidade alcançados pela vila albicastrense neste período, verifica-se uma maior diversidade morfológica nas formas utilizadas. As panelas e os cântaros continuam a ser as peças mais comuns.

Estas panelas, no geral, apresentam características formais muito próximas às do período anterior, mas variando ao nível do bordo. Assim e tal como antes é possível distinguir três grupos principais:

- panelas com bordo muito extrovertido e secção sub-rectangular, aplanado superiormente e com gargalo destacado em relação ao corpo da peça;
- panelas com bordo de lábio de perfil semi-circular, algo extrovertido e espessado com caneluras no exterior abaixo desse lábio;
- panelas com bordo direito de secção sub-triangular, algo biselados e espessados no exterior ou em ambas as faces.

Do primeiro grupo fazem parte as panelas n.ºs 63 e 64 que encontram diversos paralelos na região de Lisboa, recolhidos principalmente em contextos dos séculos XV-XVI. Exemplos disso são as peças recuperadas na Rua dos Correeiros, em Lisboa (Gaspar e Amaro, 1997, p. P. 342, Est. 5.6; Diogo e Trindade, 2000^A, p. 231, fig. 10, n.º 53; Trindade e Diogo, 2001, p. 203, n.º 1), no Palácio dos Condes da Guarda, em Cascais (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 238, n.ºs 25 e 26) e na atalaia de Belmonte, Coruche (Gonçalves e Amaro, 2002, p. 483, fig. 11, n.º 2). Existem paralelos mais recuados para estas duas peças em Paterna, onde são atribuídas ao século XII-XIII – período muçulmano – para a panela n.º 63 (Garcia, 1998, p. 135, lam. I.8) e ao século XIII – período mudéjar – para a panela n.º 64 (Garcia, 1998, p. 135, lam. VI.5). Ambas as peças apresentam gargalos mais altos que os exemplares valencianos. A diferença cronológica entre estas e os casos portugueses poderá dever-se ao tempo que medeou até que os modelos valencianos, neste caso de cerâmica comum, fossem divulgados e se popularizassem em território português.

No segundo grupo estão as panelas n.ºs 61 e 66, com paralelos atribuídos ao século XIV-XVI em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 290, n.º 38) e Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 147, fig. 48), no entanto esses não mostram um espessamento por caneluras tão acentuado.

⁵³ Ver Anexo 3. 1. 2. (pp. 178-205)

Ao terceiro grupo poderão estar associadas as painéis n.ºs 67 a 70. As n.ºs 69 e 70 tem bordos muito destacados, tipo cabeça de prego, como as painéis de perfil em S recolhidas em Braga; no entanto, ao contrário desses, as painéis de Castelo Branco mostram gargalos altos e direitos, como uma outra recolhida no Crato, atribuída aos séculos XV-XVI (Catarino, 1995, p. 134, fig. II.4).

As painéis n.ºs 67 e 68 têm bordo sub-triangular mais acentuado e espessado, apresentando algumas caneluras no gargalo, como sucede com painela do século XIV recuperada em Cascais, embora seja algo estrangulado em comparação a estas (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 201, n.º 17).

A painela n.º 62 pode incluir-se neste grupo como uma variante, visto que o seu gargalo é estrangulado à medida que se aproxima do bordo. Foram estudadas peças deste tipo em contextos dos séculos XV-XVI no Palácio dos Condes da Guarda, em Cascais (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 238, n.º 27), no Bairro das Olarias, em Lisboa (Gaspar e Amaro, 1997, p. 345, Est. 8.2) e na Rua Henriques Nogueira, em Almada (Sabrosa e Santo, 1992, p. 11, n.º 26). Este último caso tem cronologia que recua até ao século XIII.

A peça n.º 65 poderá ser vista como uma variante entre o segundo e o terceiro grupos, uma vez que o gargalo não se encontra tão marcado como sucede nas painéis n.ºs 67 e 68. Para esta peça que é a mais completa do conjunto existem paralelos em Penamacor (Silvério, Barros e Teixeira, 2004, p. 529, fig. 21) e em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, pp. 151 e 153, figs. 50-51), embora esses bordos sejam um pouco mais espessos.

Por último, painéis semelhantes à peça n.º 60 surgem em contextos dos séculos XIV-XV no Casal do Geraldo, em Cascais (Cardoso e Encarnação, 1990, p. 55, Est. VI, n.º 16). Nesta vila, na Rua dos Navegantes, foi recuperada uma painela com a mesma tipologia, mas com cronologia recuada até ao século XIII (Cardoso e Rodrigues, 1991, pp. 576 e 581, prancha 1, n.º 4), sendo que as caneluras que demarcam o gargalo são ainda mais pronunciadas que as da painela albicastrense. Em Ria de Aveiro A foi exumada uma caneca, do século XV, que mostra a mesma morfologia (Alves, Rodrigues, Garcia e Aleluia, 1998, p. 194, fig. 21).

Foram analisados dois fundos: o n.º 71, que é plano e tem paralelo em Valencia de Don Juan, datado do final do século XV (Gutiérrez González e Benítez González,

1997, p. 541-542, fig. 7, n.º 2) e o n.º 72, um pouco convexo, que é similar a outro de Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 108, fig. 24).

Entre a loiça de cozinha contam-se ainda uma frigideira (n.º 59) e um tacho (n.º 73), recolhidos em 2000. A frigideira é muito parecida com uma outra de Castelo Novo dos séculos XV-XVI, embora essa não apresente decoração nem o bordo biselado (Silvério e Barros, 2005, p. 116, fig. 31). Em Santa Cruz da Vilarça foi recolhida uma taça com decoração similar, com lábio horizontal e diâmetro menor, atribuída aos séculos XII-XIII (Rodrigues e Rebanda, 1998, p. 114, SCV/A1-005-1722). Quanto ao tacho com pegas sub-triangulares, existem paralelos dos séculos XV-XVI em Almada, tanto na Rua Almeida Garrett (Sabrosa e Santo, 1992, p. 7, fig. 9), como no Palácio Pragana (Sabrosa, 1994, p. 42, n.º 17), no entanto este último não apresenta carena e possui pegas ainda mais pequenas. Em Lisboa, na Rua dos Correeiros, foi recolhido tacho com a mesma morfologia, atribuído aos séculos XIII-XV (Gaspar e Amaro, 1997, p. 345, Est. 8.4). Na Quinta do Conventinho, em Loures (Silva e Deus, 1999, p. 43, fig. 7, n. 25-26) e em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 231, fig. 11) foram recuperadas frigideiras idênticas a este tacho datadas dos séculos XVI-XVII.

Na alcáçova albicastrense, para este período, não existem grandes evidências da utilização de peças de grande formato para o armazenamento de sólidos. Provavelmente o Celeiro da Ordem de Cristo, erigido na parte baixa da vila no século XIV, passou a ser usado com mais frequência, daí que surjam principalmente potes de pequena e média dimensão, como é o caso das peças n.ºs 85 a 87.

O primeiro será do século XVI, tal como o seu congénere recolhido no Palácio dos Condes da Guarda (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 237, n.º 18), enquanto os outros têm uma cronologia alargada até ao século XVII, aferido morfologicamente numa panela da Igreja da Misericórdia de Almada (Sabrosa e Santo, 1992, p. 9, n.º 22) e num pote vidrado da Casa do Infante (Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998, p. 167, fig. 39). A peça n.º 86 tem paralelo dentro da mesma época nos castelos de Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 249, n.º 144) e de Penamacor (Boavida, 2006, p. 101, n.º 50).

Ao contrário dos contentores de sólidos, foi recuperada uma grande quantidade de contentores de líquidos, tanto cântaros como bilhas.

Os primeiros têm normalmente bordos espessados, introvertidos (n.ºs 79 e 80), com asas em fita com depressão longitudinal (n.ºs 80 e 81) e fundos planos, mais ou menos destacados (n.ºs 82 a 84). O cântaro n.º 78 tem um bordo sub-triangular, alto e muito espessado no exterior, típicos dos níveis do século XV. Foram recuperados exemplares destes em Santarém (Mendes, Pimenta e Valongo, 2002, p. 271, Est. 3, n.º 2), em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 157, fig. 54) e em Penamacor (Silvério, Barros e Teixeira, 2004, p. 531, fig. 24; Boavida, 2006, p. 97, n.º 44). Em Silves, este tipo de bordo surge também em talhas quinhentistas (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p. 53, fig. 12, n.º 41).

No castelo de Palmela, em níveis dos séculos XV-XVI foi exumado cântaro similar ao n.º 79, mas esse tinha um gargalo mais estreito (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 94, n.º 15). Em relação ao n.º 81, encontrou-se algo semelhante em Setúbal (Soares, 2002, p. 251, fig. 3, n.º 6) e em Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p. 118, fig. 16), com cronologias dos séculos XIV-XV.

Quanto aos fundos analisados, apuraram-se paralelos datados dos séculos XV-XVI. Como o n.º 82, foram recuperados cântaros em Cascais (Cardoso e Rodrigues, p. 206, n.º 50) e em Silves (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p. 51, fig. 11, n.º 37), este último com ligeiro ônfalo interior. O n.º 83 assemelha-se a peças recolhidas em Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p. 120, n.º 39), Lisboa (Gaspar e Amaro, 1997, p. 343, Est. 6.3), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 94, n.º 31) e Silves (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p. 53, fig. 12, n.º 42) e o n.º 84 a outros descobertos em Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo (Martins, 2004, p. 99, fig. 2) e no Crato (Catarino, 1995, p. 135, figs. 3.1 e 3.2).

No que diz respeito às bilhas, existem peças simples (n.ºs 75 e 76), mas também foi estudada uma mais elaborada (n.º 74). A classificação desta última é possível devido à decoração que apresenta e à sua pequena dimensão, já que a sua forma levanta poucas dúvidas. A aplicação de digitados sobre ou abaixo do bordo surge em vários tipos de peça um pouco por todo o país, a saber: num prato em Ria de Aveiro A (Alves, Rodrigues, Garcia e Aleluia, 1998, p. 204, fig. 34), numa taça de Castelo Novo e Penamacor (Silvério e Barros, 2005, p. 120, fig. 34; Boavida, 2006, p. 81, n.º 20), em talhas de Lisboa (Gaspar e Amaro, 1997, p. 344, Est. 7.5 e 7.6) e num alguidar da Casa do Infante, no Porto (Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998, p. 166, fig. 37). Todos os casos são datados entre os séculos XIII-XV, excepto o último que vai do XVI ao XVIII.

A bilha (?) n.º 75 é similar aos jarros usados na abóbada do claustro do Convento de São Francisco, em Évora (Teichner, 2003, p. 509, fig. 4, n.º 3). O fundo da bilha n.º 77 encontra-se datado dos séculos XIII-XV através de outros recolhidos em Lisboa (Gaspar e Amaro, 1997, p. 343, Est. 6.4) e em Alenquer (Matos, 1971, p. 573, Est. I.2).

Para este período a loiça de mesa é constituída maioritariamente por pratos baixos, com abas pouco inclinadas e fundos mais ou menos destacados. Os bordos são ligeiramente espessados no exterior criando uma secção sub-triangular nas peças n.ºs 46 e 47, sendo o primeiro um pouco aplanado. Este tem paralelos no século XV, tanto em Almada (Sabrosa, 1994, p. 43, n.º 26), como em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 228, fig. 8), enquanto o outro, com a mesma cronologia, se assemelha a um recolhido em Évora (Teichner, 1998, p. 28, fig. 12.7). O prato n.º 48 não tem um espessamento tão marcado, mas mostra uma pequena incisão, no interior, abaixo do bordo, como sucede com uma peça seiscentista recuperada também em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 288, fig. 8).

Quanto aos fundos de prato (n.ºs 49 a 51), a sua datação aponta para os séculos XV-XVI tendo em conta outros similares exumados em Penamacor (Boavida, 2006, p. 73, n.º 9; Silvério e Santos, 2007, p. 11- figs. 16-17). O fragmento de parede com arranque de fundo da peça n.º 52 será da mesma cronologia que os anteriores, com paralelos em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1991, pp. 577 e 588, prancha 2, fig. 14), Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p.129, fig. 39) e Penamacor (Silvério, Barros e Teixeira, 2004, p. 528, fig. 20; Boavida, 2006, p. 73, n.º 9), embora todos eles sejam um pouco mais altos, espessos e de menor diâmetro. Em Santo António da Charneca foi recolhida peça em pasta branca com a mesma morfologia (Barros, Cardoso e Gonzalez, 2003, p. 303, Est. II.5).

Uma vez que alguns destes pratos mostram vestígios de exposição ao fogo na face externa ou sobre o bordo, não se exclui a hipótese de terem sido usados como testos.

Dentro das loiças de mesa existem taças brunidas no interior, como a n.º 56, com paralelo numa outra de Penamacor que apresenta uma incisão mais funda e um pouco mais a baixo que a desta, sem carena, atribuída aos séculos XV-XVI (Boavida, 2006, p.

83, n.º 25). Também em Penamacor e com a mesma cronologia foram recolhidos fundos como os das taças n.ºs 57 e 58 (Boavida, 2006, p. 83, n.º 24), que de igual forma foram recuperados em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 122, fig. 35).

Em relação ao fundo do púcaro n.º 54, foi possível aferir a sua datação através de outros similares exumados em contextos dos séculos XIV-XV de Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p. 119, n.º 20; Leal, 2000, pp. 203-204, n.º 6), de Sintra (Amaro, 1992/93, p. 116, Est. VIII.2 e IX.1), de Alenquer (Matos, 1971, p. 573, Est. I.1) e Penamacor (Boavida, 2006, p. 75, n.º 13). A maioria destes, não mostra fundo boleado como o do exemplar albicastrense.

Os testos têm utilidade não só para a loiça de cozinha como para a de armazenamento e/ou transporte, e serviriam para tapar diversos recipientes, em função daquilo que estes continham. Grande parte deles têm forma semelhante a um prato, mas o bordo tem um ligeiro espessamento na face superior para facilitar o seu levantamento do bocal, como acontece nos n.ºs 90 e 91; no entanto, e em vez disso, podia existir uma pitorra central que seria usada como pega (n.ºs 92 e 93). Os dois primeiros tem semelhança com outros recolhidos em diversos locais de Almada, como na Rua Henriques Nogueira (Sabrosa e Santos, 1993, p. 177, n.º 11), na Rua da Judiaria (Leal, 2000, pp. 203-204, n.º 17), nas ruas Almeida Garrett e na da Cerca (Sabrosa e Santo, 1993, p. 6, fig. 6) e no Palácio Pragana (Sabrosa, 1994, p. 40, n.º 4), onde níveis arqueológicos foram classificados como sendo dos séculos XV-XVI.

Os exemplares com pitorra são muito comuns em contextos dos séculos XIV-XV, tendo sido recuperados em Almada (Sabrosa e Santo, 1992, pp. 6 e 9, n.ºs 3 e 19; Sabrosa e Santos, 1993, p. 177, n.º 10; Sabrosa, 1994, p. 40, n.º 1), Cascais (Cardoso e Encarnação, 1990, p.56, Est.XI, n.º 59; Cardoso e Rodrigues, 1991, p. 584, prancha 4, n.º 47; Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 199, n.ºs 2 a 5; Cardoso e Rodrigues, 2002, p. 278, Est. 5.1), Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 173, fig. 65); Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 287, fig. 11-13), Setúbal (Soares, 2002, p. 251, fig. 3, n.º 9), Silves (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p. 41, fig. 7, n.º 15) e Sintra (Amaro, 1992/93, p. 117, Est. X.1).

Marcas de jogo como n.ºs 94 e 95 foram datadas dos séculos XIV-XV em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 95, n.º 44).

IV. 2. 1. 3. Cerâmica Comum (séculos XVII-XIX)⁵⁴

Com hábitos e produtos provindos do Novo Mundo, surgiram novas peças. É o caso da pega de cafeteira (n.º 98), recuperada em 2000 e com paralelos no século XVIII, no Convento de Nossa Senhora das Neves, no Montejunto, em peças decoradas com caneluras (Cardoso, 2009, p. 77, fig. 80, n.º 110) e no Conventinho, em Loures, onde é peça de função indeterminada (Silva e Deus, 1999, p. 45, fig. 11, n.º 51).

Do ponto de vista decorativo, surgem novas “modas” na loiça de mesa, como são exemplo as peças modeladas, nomeadamente púcaros dos séculos XVII-XVIII (n.ºs 96 e 97), que apresentam temáticas decorativas similares às registadas em Santarém (Ramalho e Folgado, 2000, pp. 39-60), que são comuns neste período barroco (Ferreira, 1995, pp. 157 e 159, Est. 6).

Encontram-se também formas diferentes ao nível das tampas e dos testos, que se adaptam a essas novas “modas”. É o caso do testo n.º 99, de espessura similar à de outros recolhidos em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 2002, p. 278, Est.1, n.º 1) e em Penamacor (Boavida, 2006, p. 107, n.º 56; Silvério e Santos, 2007, p. 11, fig. 15, n.º 1); no entanto esses são de púcaro e este, com maior diâmetro, será de outro tipo de peça. O n.º 102 é uma nova forma de tampa, que se encontra em níveis do século XVIII do Convento de Nossa Senhora das Neves, tanto em cerâmica comum como em vidrada, mas algo mais espessas (Cardoso, 2009, pp. 69 e 78, figs. 72 e 81, n.ºs 30, 141 e 142).

A peça n.º 100 mostra um bordo direito, muito espessado no exterior, para permitir o encaixe hermético. Será uma peça tardia, uma vez que não se encontrou paralelo para tal forma. Existem vários testos semelhantes ao n.º 101, datados dos séculos XVII-XVIII no Conventinho, em Loures (Silva e Deus, 1999, p. 44, fig. 8, n.º 32), e no convento do Montejunto (Cardoso, 2009, p. 78, fig. 81, n.ºs 132 a 134).

A peça n.º 103 é provavelmente uma grelha de defumador, não só por não mostrar vestígios de exposição ao fogo, mas principalmente por os fogareiros deste período terem normalmente uma grelha em barras e não perfurada, como mostram os exemplos do Montejunto (Cardoso, 2009, p. 79, fig. 82, n.ºs 144 a 147).

⁵⁴ Ver Anexo 3. 1. 3. (pp. 206-211)

IV. 2. 1. 4. Cerâmica Esmaltada e/ou Vidrada (séculos XV-XVIII)⁵⁵

Dentro desta tipologia cerâmica dominam os exemplares de taças e pratos.

As taças cujos vestígios foram recolhidos na alcáçova albicastrense, são predominantemente vestígios de fundos esmaltados a branco e decorados a azul cobalto (116 a 118). A temática variada aponta para cronologias dos séculos XVII-XVIII: a taça n.º 116, mostra uma espiral, como as que se podem observar em peças do Montejunto (Cardoso, 2009, p. 60, fig. 45), da Sortelha (Osório, 2008, p. 175, n.º 275), de Belmonte (Marques, 1998, fotos 175-176), de Vila Viçosa (Nolen, 2004, p. 30, n.º 3) e Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 254, n.º 198). Na Sortelha recolheu-se igualmente taça idêntica à n.º 117 (Osório, 2008, p. 175, n.º 275). A decoração do que resta da taça n.º 118 é similar à existente numa outra recolhida na Casa do Infante (Real, Gomes, Teixeira e Melo, 1995, p. 184, fig. 14).

O fundo da taça n.º 115 e o bordo da n.º 119 são parecidos com os existentes noutras exumadas em Penamacor (Boavida, 2006, p. 123, n.º 73; Silvério e Santos, 2007, p. 10, fig. 14) e em Reguengos de Monsaraz (Gomes, Gomes, Correia e Serpa, 1991, p. 423, fig. 6, Q76/C2); embora esta última seja vidrada de amarelo e não esmaltada a branco, além de que o fundo de taça de Castelo Branco possui um pé anelar mais suave que essas, assim como tem o bordo de maior diâmetro. A taça n.º 113 também se poderá incluir neste conjunto. São atribuídas ao século XVII.

Existe um paralelo mais recuado, no poço-cisterna de Silves, dos séculos XIV-XVI (Gomes e Gomes, 1996, p. 159, fig. 14, SILV.1-45). É também possível observar peça semelhante na pintura “Nascimento da Virgem (1530/40), de autor desconhecido, nas colecções do Museu Nacional de Arte Antiga (fig. 23).

Foi analisado um conjunto de fragmentos que corresponde a parede de taça esmaltada a branco e que mostra a face exterior decorada com o motivo das contas, elaborado a azul de cobalto e negro de manganês. Trata-se de temática recorrente nos séculos XVII-XVIII, que se pode observar no espólio recuperado no Convento de Nossa Senhora das Neves (Cardoso, 2009, p. 58, n.º 39) ou em Vialonga (Lopes, 1998, p. 332, n.º 5). Esta combinação de óxidos para a execução de decorações surge de igual forma em pratos, como o n.º 110, com o típico motivo dos aranhões, já muito simplificado,

⁵⁵ Ver Anexo 3. 1. 4. (pp. 212-224)

como sucede nos exemplares do terceiro quartel do século XVII (Santos, 1960, p. 91 e figs. 77 e 80).

Surgem igualmente alguns vestígios de produções valencianas, como é o caso do prato n.º 111, com bandas concêntricas intercaladas de azul de cobalto e roxo de manganês como outros recolhidos em Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 173, fig. 26), no Funchal (Gomes e Gomes, 1998, p. 339, fig. 17) e em Penamacor (Boavida, 2006, p. 119, n.ºs 69 e 70). As produções sevillanas estão também presentes num fundo decorado com bandas azuis (112), que encontra paralelo na Cascais do século XVI (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 208). Da mesma origem e cronologia será um outro prato esmaltado a branco (108) (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 208).

Em Palmela, no Convento de São Francisco de Alferrara foi recolhido prato com a mesma forma que a do n.º 108, mas apresenta banda azul junto ao bordo (Fernandes e Carvalho, 2003, p. 239, n.º 3). A mesma situação repete-se com o quadro “Natureza-morta com ostras, ovos e um tacho” (1771) de Luis Eugenio Meledez, no Museu do Prado, em Madrid (fig. 25).

O exemplo citado pode abranger da mesma forma o prato n.º 109, datado dos séculos XIV-XV em função de outros recolhidos em Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 161, fig. 15), em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 249, n.ºs 153-154 e 156) e Penamacor (Boavida, 2006, p. 117, n.º 67). Na Sortelha este tipo de prato é considerado mais tardio, já dos séculos XVII-XVIII (Osório, 2008, p. 175, n.º 275).

Um outro prato esmaltado a branco é o n.º 107, que encontra semelhanças em Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 161, fig. 15) e em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 135, fig. 42), atribuídos aos séculos XV-XVI.

Apenas foi recolhido um bordo de loiça de cozinha vidrado, correspondente a um alguidar (123), que na forma, mas não no seu revestimento, tem paralelo com outros exumados em níveis dos séculos XV-XVI de Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 200, n.º 13), de Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 291, fig. 14, n.º 74) e em Sevilha (Somé Muñoz e Huarte Hembra, 1999, p. 167, fig. 21, n.º 4). Mais tardio será o da Casa do Infante com cronologia entre os séculos XVI-XVIII (Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998, p. 166, fig. 37).

Em relação à cerâmica de revestimento são de destacar fragmento de azulejo hispano-árabe, tipo corda seca (n.º 125), provavelmente produzido em Sevilha por volta do século XVI, semelhante com os recolhidos em Torres Vedras (Luna e Cardoso, 2006, p. 105, n.º 22), em Cascais (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009, p. 215) e na Sortelha (Osório, 2008, p. 168, n.º 251). O possível azulejo de aresta n.º 126, devido ao desgaste que apresenta na superfície poderá ter sido usado como loseta, como sucede com os dessa tipologia recuperados na Praça Nova do Castelo de São Jorge, em Lisboa (Amaral, 2008, p. 60, fig. 68).

Os exemplares n.ºs 127 e 128, apesar de algumas diferenças nas pastas, são muito próximos na temática decorativa, datada do século XVII e com o motivo de padrão P-452 (Simões, 1971, p. 83), elaborado com azul cobalto e amarelo de antimónio. São peças parecidas com as encontradas nas sondagens arqueológicas levadas a efeito na Igreja do Convento de São Francisco de Portalegre (Santos e Lourenço, 2007, p. 42).

IV. 2. 2. Artefactos em vidro⁵⁶

O espólio vítreo é normalmente o mais raro neste tipo de jazida devido à sua fragilidade. Além disso, o comércio de peças em vidro no período medieval estava reduzido espacialmente à área em redor dos centros produtores. Só com o aumento do comércio por via marítima a partir do século XVI, é que este tipo de peças começaram a dispersar-se um pouco por todo o mundo (Ferreira, 1990, p. 39-50). Na alcáçova de Castelo Branco escasseiam os vestígios deste tipo de produção, resumindo-se a alguns objectos de uso pessoal e de mesa.

Em relação ao primeiro grupo, existem três anéis (129 a 131) de reduzida dimensão (1,5 e 2 cm de diâmetro), de vidro negro, opaco e maciço, provavelmente pertencentes a crianças ou usados no dedo mindinho, como era comum. Peças similares foram recolhidas no Convento de São Francisco de Santarém (Lopes e Ramalho, 2002, p. 203, n.ºs 250 e 252), onde são atribuídas aos séculos XVI-XVII (?). No Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, também foram recolhidos anéis em vidro negro (Ferreira, 1983, pp. 10 e 35, fig. 16), semelhantes aos estudados, assim como pulseira

⁵⁶ Ver Anexo 3. 2. (pp. 225-228)

no mesmo material, mas em tom alaranjado, atribuídos aos séculos XVII-XVIII. No Convento de Santa-Clara-a-Velha, em contextos atribuídos aos séculos XVI-XVII, foram recolhidos anéis de vidro, em várias cores entre o azul e o verde (Mourão, 2004, p. 28, n.º 60, p. 32, n.º 68 e p. 38, n.º 83). Com a mesma datação foram exumadas peças idênticas no Convento de Santo António, na Sertã (Batata, 1998, p. 91) e mais tardias ainda no Sabugal (Osório, 2008, p. 174, n.º 272).

Em São Vicente de Fora, para o mesmo período, foram recolhidas contas de colar em vidro laranja (133), de formato sub-hexagonal, facetadas, parecidas com uma conta de vidro encontrada em Castelo Branco. Não se exclui a hipótese, neste último caso, de se tratar de uma cornalina. Foram ainda recolhidos fragmentos de conta de formato oval, lisa, de tom laranja, com paralelo também em contas de colar exumadas em São Vicente, que poderá ser em âmbar (134).

No que diz respeito às peças de uso à mesa, recuperou-se uma possível asa de chávena (135) em vidro azul-água transparente, que poderá ser interpretado como uma produção da primeira metade do século XVIII da Real Fábrica de Vidros da Coima, tendo em conta outra aí estudada de tom verde azulado, em forma de orelha (Custódio, 2002, p. 328, n.º 109). Deste mesmo centro produtor e cronologia, será também a garrafa (137) em vidro negro opaco, que corresponde ao fundo em ônfalo pronunciado de uma garrafa cilíndrica de tamanho pequeno, com 8,4 cm de diâmetro, em oposição às de tamanho médio e grande, respectivamente com 10 e 13 cm de diâmetro (Custódio, 2002, pp. 336-337, n.ºs 154-160).

O pé de cálice destacado em disco, produzido em vidro incolor transparente lembra alguns dos exemplares recolhidos no Convento de Santa-Clara-a-Velha, em Coimbra, no entanto esses apresentam bola a separar o disco do depósito ao contrário deste (Ferreira, 2004, p. 564, figs. 9e a 9g). São atribuídos aos séculos XVI-XVII, no entanto, a qualidade do vidro, sem quaisquer bolhas como aqueles, além da sua simplicidade, evidencia que poderá tratar-se de uma produção mais tardia.

IV. 2. 3. Artefactos em osso⁵⁷

O grupo dos artefactos em osso é muito reduzido. É constituído por três contas e um conjunto de fragmentos correspondente a um braço de cruz de terço.

A conta de rosário (n.º 140), redonda e totalmente lisa, correspondente a uma Avé-Maria, encontra paralelos no Convento de São Francisco de Santarém (Lopes e Ramalho, 2002, p. 200, n.ºs 231-232), em níveis do século XVI. Dos séculos XVI-XVII, foram recolhidas contas de rosário similares na antiga Igreja Paroquial da Foz do Douro (Osório, 1993, p. 32) e no Convento de Santa-Clara-a-Velha (Mourão, 2004, p. 21, n.º 45). Poderá ser também uma conta de pulseira, semelhante às recolhidas na Igreja do Convento do Carmo, em Lisboa, onde são atribuídas ao século XVII (Ferreira e Neves, 2005, p. 607, n.º 1657). No entanto, essas últimas são de menor dimensão (0,5-0,9 cm de diâmetro) que a do caso estudado (1,3 cm).

Por outro lado as duas contas de terço (n.ºs 138 e 139), de dimensão muito reduzida (0,6-0,7 cm), correspondem a um Padre-Nosso (redonda) e a uma Avé-Maria (redonda achatada), idênticas às recolhidas na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval (Cardoso, 2007, pp. 13-14; p. 38, fig. 23, n.ºs 5-6; p. 30, fig. 24, n.ºs 24 e 27), com excepção de não apresentarem qualquer tipo de decoração e onde foram recolhidas em níveis atribuídos aos finais do século XVIII, inícios do século XIX. Com cronologia mais recuada até aos séculos XVI-XVII surgem contas desta tipologia também nos conventos de Santa-Clara-a-Velha (Mourão, 2004, p. 88, n.º 176) e no de Santo António, na Sertã (Batata, 1998, p. 91), sendo que no último caso é colocada a hipótese de serem contas de colar.

Quanto ao braço de cruz (n.º 141), trata-se de peça elaborada a torno rápido, como sucede com peças do mesmo tipo recolhidas em contextos dos séculos XVI-XVII, em Santa-Clara-a-Velha (Mourão, 2004, p. 20, n.º 43 e p. 89, n.º 177), do final desse período, na igreja do Convento do Carmo (Ferreira e Neves, 2005, p. 609, n.º 1668) e já do século XVIII, em Sesimbra, no Hospital da Confraria do Espírito Santo (Franco *et alia*, 1984, p. 169, fig. 30).

⁵⁷ Ver Anexo 3. 3. (pp. 229-230)

IV. 2. 4. Artefactos em Azeviche⁵⁸

Os artefactos em azeviche limitam-se a peças que normalmente surgem associadas a enterramentos (Lopes e Ramalho, 2002, p. 203-204), como os terços, os rosários e as figas.

Há uma predominância das contas, em que se destacam as de rosário (n.^{os} 142 e 143), por serem as de maior dimensão (1,3 cm de diâmetro). Além disso são igualmente as mais elaboradas do ponto de vista decorativo. Por outro lado existem outras contas bastante mais pequenas (0,8 cm), lisas ou decoradas por incisões finas (n.^{os} 144 e 145), que considerámos serem de terço. Outra questão relevante é o facto de existirem duas tipologias bem diferentes dentro deste género de contas, por um lado existem as de formato esférico e por outro as ovaladas ou esféricas achatadas.

Surgiram peças deste tipo no Convento de São Francisco de Santarém, onde as ovais correspondem a Avé-Marias e as redondas a Padre-Nossos (Lopes e Ramalho, 2002, p. 200, n.^{os} 233-234). Estas peças são aí datadas como sendo dos séculos XV-XVI e XVII (?) e são descritas como sendo de madeira, talvez pau-preto. Na antiga igreja paroquial da Foz do Douro foi recolhida uma conta de rosário em azeviche atribuída aos séculos XVI-XVII (Osório, 1993 p. 32). Para o mesmo período, em Santa-Clara-a-Velha foram recolhidas contas de rosário em azeviche, tanto redondas (Mourão, 2004, p. 44, n.^o 94 e p. 94, n.^o 181) como decoradas com entalhes (Mourão, 2004, p. 81, n.^o 166). Também aqui foi recuperada conta de terço no mesmo material (Mourão, 2004, p. 91, n.^o 215). Na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval foram recolhidas de igual modo contas de azeviche, mas apenas de terço, onde os Padre-Nossos são normalmente com a superfície gomada. Neste caso foram datadas do século XVIII, tendo em conta a grande semelhança com as suas congéneres em osso, deste mesmo local, datadas do final do século XVIII, inícios do século XIX (Cardoso, 2007, pp. 13-14; p. 38, fig. 23, n.^o 9; p. 39, fig. 24, n.^{os} 3-7).

Foi igualmente recolhida na alcáçova de Castelo Branco pequena figa em azeviche (n.^o 150), com argola de suspensão, para a qual existem paralelos no Convento de São Francisco de Santarém, onde são atribuídas aos séculos XVI-XVII (?) e são descritas como podendo ser de madeira de ébano (Lopes e Ramalho, 2002, p. 202, n.^{os}

⁵⁸ Ver Anexo 3. 4. (pp. 231-234)

246-247). Com a mesma cronologia foi recolhida figa de talhe mais rudimentar no Convento de Santa-Clara-a-Velha (Mourão, 2004, pp. 3-4, n.º 6).

As peças n.ºs 146 a 148, devido à sua reduzida dimensão em relação às de terço e rosário, poderão ser de pulseiras ou colares.

IV. 2. 5. Artefactos em Cabedal⁵⁹

Infelizmente não se encontram publicados estudos sobre espólio Medieval e/ou Moderno produzido em cabedal a nível nacional, sendo necessário recorrer a trabalhos desenvolvidos pelo Museu de Londres sobre materiais recuperados em contextos arqueológicos junto ao rio Tamisa.

Em Castelo Branco foram recolhidos diversos fragmentos de solas de sapato, algumas quase completas (155 e 156), mas principalmente correspondentes a calcanhares (151 a 154). As peças n.ºs 155 e 156, além de serem as melhor preservadas, mostram ainda os orifícios e até o fio das costuras de união com as partes do peito do pé e do cano. Ao que tudo indica serão sapatos do início do século XIV, tendo em conta os exemplares londrinos, designados *ankle shoe* (Grew e Neergaard, 1988, p. 56, fig. 89).

Em relação aos pedaços dos calcanhares, podemos admitir que sejam partes de solas de sapatos do tipo já referido ou então mais tardios, de calçado em que esta parte era cozida à parte da restante sola, como os *toggle-fastened shoe* de meados do século XIV (Grew e Neergaard, 1988, p. 60, fig. 94). No entanto, alguns dos vestígios não mostram quaisquer orifícios, podendo ser de sapatos abertos na parte traseira (153 e 154).

A sola n.º 154 é mais estreita que as restantes, podendo ser parte de uma evolução das peças com calcanhar separado, no caso os sapatos bicudos, tipo *poulaine*, já do final do século XIV (Grew e Neergaard, 1998, pp. 28, 34, 68 e 70, figs. 41, 48, 102 e 104).

⁵⁹ Ver Anexo 3. 5. (pp. 235-238)

IV. 2. 6. Os Metais⁶⁰

O conjunto de peças metálicas recolhido na alcáçova albicastrense é sem dúvida um dos mais interessantes e diversificados para as épocas Medieval e Moderna. A maioria das peças foi identificada, tendo sido possível organizá-las, a nível de catálogo, em cinco categorias: uso pessoal, doméstico, elementos de mobiliário, armamento e actividades artesanais.

A maior parte são objectos de uso pessoal, no qual se incluem elementos de vestuário e seus acessórios, além de pequenos objectos de carácter religioso. Existem três botões com cronologias claramente distintas. O mais antigo (n.º 180) foi produzido em liga de cobre, devendo ser anterior ao século XVIII, visto que a sua forma não está presente na tipologia feita para o conjunto destes objectos recolhidos no Palácio Marialva/Casebres do Loreto, em Lisboa (Torres, 2006, pp. 44-48). O grande botão com pé (n.º 179), ao que tudo indica, será de meados do século XVIII ou inícios do XIX, como se pode observar em retratos da autoria de Charles Wilson Peale (1741-1827)⁶¹ e Ralph Earl (1751-1801)⁶², como são os casos de “*Charles Pettit*” (fig. 26), “*Colonel William Taylor*” (fig. 27) ou “*Colonel Benjamin Tallmage and son William Tallmage*” (fig. 28). São objectos que podiam ser polidos ou forrados de tecido, como sucederia com os dois exemplares de Castelo Branco. Acredita-se que o botão concavo (n.º 181), de ferro, será resultado de uma perda fortuita muito tardia, quando a alcáçova já estaria abandonada.

Os fragmentos de fecho de cinturão são peças pouco comuns; no entanto, a decoração geométrica de um deles (n.º 183) está presente também numa fivela do século XII, considerada de tradição islâmica, recolhida no Sabugal Velho (Osório, 2008, p. 122, n.º 207), localidade que só se tornou portuguesa pelo Tratado de Alcanizes de 1297. O outro (n.º 182) mostra um elemento heráldico que poderá corresponder às armas da família Castelo Branco (de azul, leão rompante de ouro virado à dextra). Em Palmela, em contextos tardios da ocupação islâmica, recuperou-se também fecho decorado com temática zoomórfica, mas não heráldica (Fernandes e Santos, 2008, p. 47,

⁶⁰ Ver Anexo 2. 6. (pp. 239-258)

⁶¹ Early American Paintings in the Worcester Art Museum
(http://worcester.org/collection/early_american)

⁶² My Studios.com, gallery sponsored by 1.st art-gallery.com
(<http://www.mystudios.com/artgallery>)

n.º 52). Os fuzilhões (n.ºs 184 e 185) encontram paralelo no Castelo do Sabugal, em níveis dos séculos XII-XIII (Osório, 2008, p. 122, n.º 208).

Foram também recolhidas três fivelas de várias dimensões. A mais pequena (n.º 186) tem formato rectangular com travessa central, idêntica a outra da Rua de Nenhures, em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 293, fig. 15, n.º 81) e semelhante a duas de Castelo Novo, embora essas tenham algumas decorações laterais (Silvério e Barros, 2005, p.190, fig. 77, n.ºs 5 e 7). Estão datadas dos séculos XV-XVI. Mais tardia é a grande fivela de sapato (n.º 188), com mola, e cujos paralelos formais do século XVIII, produzidos em materiais nobres, fazem parte da colecção de joalheria do Museu Nacional de Arte Antiga (Orey, 1995, pp. 79 e 90, figs. 106 e 125). A fivela de formato liriforme (n.º 187) é igual a outras duas recolhidas na necrópole da Ermita de Santa Catalina de Valeria, Cuenca (Juan Fernández, 1981, p. 67, fig. 12, n.º 1 e p. 77, fig. 17, n.º 1), que, com base em comparações iconográficas foram datadas do século XV (Juan Fernández, pp. 102-103).

O possível firmal (n.º 189) mostra uma peça central em pasta vítrea similar a uma outra, romboidal, recuperada em níveis dos séculos XVI-XVII do Convento de Santa-Clara-a-Velha (Mourão, 2004, p. 44, fig. 95). Recolheram-se ainda numerosas pontas de atilhos (n.ºs 166 a 169), consideradas dos séculos XV-XVI no castelo de Portel (Nolen, 2004, p. 31, n.º 8) e até à centúria seguinte em Coimbra (Mourão, 2004, p. 22, n.º 47). Em Castelo Novo, este tipo de peça é considerado como ponta de cossoiro, com a mesma cronologia das peças de Portel (Silvério e Barros, 2005, p. 181, fig. 71).

Recuperaram-se algumas jóias, incluindo um anel (n.º 190), possivelmente em prata, e um pequeno brinco de cobre (n.º 191). O anel é parecido com outros mais espessos, em liga de cobre, existentes em Coimbra (Mourão, 2004, p. 26, n.º 56, Penamacor (Boavida, 2006, p. 135, n.º 88; Silvério e Santos, 2007, p. 17, fig. 28) ou Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 194, fig. 80.2), atribuídos aos séculos XVI-XVIII, enquanto o brinco é igual a um outro encontrado em Santa-Clara-a-Velha, atribuído ao século XVI-XVII (Mourão, 2004, p. 13, n.º 27).

Relativamente aos alfinetes, utilizou-se a tipologia desenvolvida por Guilherme Cardoso na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval, com algumas adaptações (Cardoso, 2007, pp. 12-13). São peças que surgem em grande quantidade, perfazendo algumas centenas de exemplares.

Os chamados alfinetes de sudário (tipo I), são pequenas hastes de cobre de secção circular de ponta afilada às quais foi enrolado fio, posteriormente batido. O excesso de haste para lá da cabeça era cortado (n.º 172). Este tipo de alfinete pode ainda ser subdividido em quatro grupos, tendo cada um deles a sua função:

- alfinetes de cabeça grande e corpo espesso com mais de 5 cm de comprimento (n.º 175);
- alfinetes de cabeça grande e corpo espesso com menos de 5 cm de comprimento (n.º 176);
- alfinetes de cabeça pequena e corpo fino com mais de 3 cm de comprimento (n.ºs 173 e 174) e
- alfinetes de cabeça pequena e corpo fino com menos de 3 cm de comprimento (n.ºs 170 a 172), existindo raros exemplares que poderão ser de liga de prata.

Os dois primeiros seriam utilizados como acessório de vestuário, segurando por exemplo toucados e véus, enquanto os outros seriam usados para os sudários.

São peças muito comuns em níveis dos séculos XV-XVI, no castelo de Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, pp. 72 e 182-183, fig. 72, n.ºs 1-6), no castelo de Portel (Nolen, 2004, p. 31, n.º 8) e na Rua de Nenhures, em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 293, fig. 15, n.º 82). Com esta mesma tipologia, mas já em contextos dos séculos XVI-XVII foram exumados alfinetes na antiga igreja paroquial da Foz do Douro (Osório, 1993, p. 33) e nos conventos de Santa-Clara-a-Velha (Mourão, 2004, pp. 2-107, n.ºs 2, 9, 54, 65, 71, 78, 81, 89, 92, 106, 108, 117, 121, 124, 138, 143, 145, 152, 158, 162, 169, 171, 180, 182, 185, 188 e 195) e de Santo António da Sertã (Batata, 1998, p. 91).

No caso da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval (Cardoso, 2007, p. 39, fig. 24, n.ºs 1-2, 11-12 e 28-30) surgem em níveis que vão do século XV ao XIX. Alfinetes como estes foram também recolhidos no castelo de Penamacor (Silvério, Barros e Teixeira, 2004, p. 534, fig. 28; Boavida, 2006, pp. 134-135, n.º 87).

Os ditos alfinetes de cabelo (tipo II), são mais longos, igualmente com ponta afilada, nos quais a cabeça esférica oca é constituída por duas meias esferas (n.ºs 177 e 178) (Cardoso, 2007, p. 13); são peças que surgem muitas vezes fora de contexto, mas mesmo assim datáveis dos séculos XVI-XVII no Cadaval (Cardoso, 2007, p. 39, fig. 24, n.º 31) e em Santa-Clara-a-Velha (Mourão, 2004, pp. 39-87, n.ºs 84 e 174) e dos séculos

XV-XVI em Palmela (Fernades e Carvalho, 1997, p. 293, fig. 15, n.^{os} 83-84) e em Penamacor (Boavida, 2006, pp. 134-135, n.^o 86).

Os pequenos objectos religiosos resumem-se a duas cruzes e sete medalhas de várias formas e tamanhos, parcialmente analisados à época das escavações pelo Cónego Anacleto Pires Martins⁶³.

Uma das cruzes (n.^o 199) encontra paralelo no Convento de São Francisco em Santarém, numa outra datada do século XVI-XVII (Lopes e Ramalho, 2002, p. 201, n.^o 241), mas ao contrário dessa, a de Castelo Branco é decorada por motivo vegetalista que define um medalhão central com a sigla IHS. A outra (n.^o 200), provavelmente de terço, é de formato muito simples, tendo sido atribuída pelo Cónego Anacleto Martins ao século XVIII.

Quanto às medalhas, de formato octogonal (n.^{os} 192 e 193), oval (n.^{os} 195 a 198) ou de cadena (n.^o 194), são decoradas em ambas as faces. Em três delas existem saliências nos eixos (n.^{os} 194, 197 e 198), talvez a evidenciar uma hipotética sobreposição a uma cruz. São maioritariamente em ligas de cobre; algumas apresentam vestígios de revestimento dourado. A temática decorativa em todas elas é obviamente de cariz religioso, reproduzindo pinturas contemporâneas espanholas e italianas, sendo as imagens mais recorrentes as de Nossa Senhora da Conceição (n.^{os} 192 e 195), de São Carlos Barromeu (n.^{os} 193 e 198) e de S. Francisco de Assis (n.^{os} 197 e 198). Foram exumadas peças deste tipo nos conventos de São Francisco de Santarém e Santa-Clara-a-Velha de Coimbra, na antiga igreja paroquial da Foz do Douro, no castelo de Alcobaça, no Mosteiro de São Vicente de Fora e na igreja do Convento do Carmo, ambos em Lisboa, onde Nossa Senhora da Conceição é também recorrente. Nos quatro primeiros casos as medalhas são atribuídas aos séculos XVI-XVII (Lopes e Ramalho, 2002, p. 201, n.^{os} 237, 238 e 240; Mourão, 2004, pp. 115-132; Osório, 1993, p. 33; António, 2006, pp. 30-31) e nos restantes locais até ao final da centúria seguinte (Ferreira, 1983, pp. 34-35, figs. 73-76; Ferreira e Neves, 2005, pp. 604-605, n.^{os} 1633-1641).

Este tipo de medalhas surgem igualmente em contextos do Novo Mundo onde se verificou colonização castelhana, como sejam Santa Catalina de Guale (Geórgia) e Saint

⁶³ O Cónego Anacleto Pires Martins participou activamente nas primeiras campanhas de escavação no castelo de Castelo Branco, estando o seu estudo de medalhística e crucifixos incluído no relatório da 2.^a Campanha de escavações, sob o título “*Objectos religiosos encontrados nas escavações no cemitério da antiga freguesia de Santa Maria do Castelo*”.

Augustine (Florida), assim como foram recuperados em diversos naufrágios no Golfo do México, onde são atribuídas aos séculos XVII. No século XVIII, surgem as que mostram sobreposição à cruz, que poderá ser uma evidência da sua produção em série (Deagan, 2002, pp. 48-51).

Quase todas as peças de uso doméstico são executadas em ferro, algumas muito recentes, tendo inclusivamente paralelo em contextos rurais da actualidade. Exemplos disso são a pega de caldeiro (n.º 160), que suportaria um tacho de cobre sobre o lume, ou um balde de zinco para retirar água de um poço. Nos restos do Real Hospital de Todos-os-Santos foi recuperada uma peça destas, completa, atribuída ao século XVII (Leite e Pereira, 1993, p. 96, n.º 158). Outro exemplo é a anilha de cabo de vassoura (n.º 159), que servia para fixar os feixes de juta bem ajustados contra o cabo (fig. 66); infelizmente não foi possível encontrar paralelo para esta peça.

A lâmina de faca em ferro (n.º 157), rectangular e arredondada na ponta, é parecida com outras recolhidas em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 188, fig. 76, n.º 2), Coimbra (Mourão, 2004, pp. 25 e 79, n.ºs 53 e 161) e Sintra (Amaro, 1992/93, p. 120, Est. XVI.2), onde são datadas do intervalo entre os séculos XIV-XVIII, conforme os casos. Na confecção de alimentos seria também usada a pintadeira (n.º 158) ou chavão alentejano, que segundo Abel Viana tem uma grande previvência desde a Alta Idade Média até à actualidade, com uma dispersão por todo o Baixo Alentejo e Algarve (Viana, 1961/62, pp. 162-163, figs. 170-172). São peças que foram recolhidas em níveis do século XV-XVI do castelo de Portel (Nolen, 2004, p. 31, n.º 7) e na sinagoga de Castelo de Vide⁶⁴.

Foram ainda recolhidas duas chaves (n.ºs 161 e 162), talvez de cadeado, dada a sua diminuta dimensão, frequentes em intervenções arqueológicas com materiais dos séculos XIV-XVI, como sucede em Sintra (Amaro, 1992/93, p. 121, Est. XVIII.2) e Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 184, fig. 173). Da mesma forma se recuperou fragmento de provável cadeado (n.º 163), para o qual não foi possível aferir cronologia. De referir ainda um cabo de sinete (n.º 165) e um fecho de livro (n.º 164), com um sistema parecido ao do existente no Livro Vermelho da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, datado do século XVI⁶⁵.

⁶⁴ Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide: espólio moderno (<http://www.cm-castelo-vide.pt>)

⁶⁵ Obras Raras da Biblioteca Joanina (<http://bibliotecajoanina.uc.pt>)

No que diz respeito aos elementos de mobiliário, foram recolhidos dois artefactos de ferro, correspondentes a um fecho de arqueta (n.º 208) e a uma dobradiça de porta (n.º 209), os quais não foi possível datar. Recuperou-se também um aplique floriforme (n.º 207), em liga de cobre, que poderá integrar as cronologias de outros do mesmo tipo recolhidos em Castelo Novo, em níveis dos séculos XV-XVI (Silvério e Barros, 2005, p. 192, fig. 78).

Uma peça, aparentemente sem qualquer interesse, constituída por folha de liga de cobre, recortada com forma quadrangular com os cantos truncados, revelou-se um elemento de cadeira setecentista (n.º 206), correspondente à base dos pináculos dos extremos do espaldar (fig. 67.1), como se pode observar em algumas dessas cadeiras presentes na colecção de mobiliário do Museu Nacional de Arte Antiga, provenientes de vários locais do país (Pinto e Sousa, 2000, pp. 50, 61, 63-64 e 105, figs. 18, 35, 37 e 40).

Considerou-se necessária a criação de uma tipologia de pregos visto que é a peça metálica mais comum depois dos alfinetes e que devido à sua diversidade não poderiam ser apenas de caixão. Definiram-se oito tipos de pregos, apenas três deles relacionados com a decoração de peças de mobiliário, a saber:

- pregos de pequena dimensão com cabeça em forma de prisma quadrangular (n.º 203), usados para fixar ferragens de grandes móveis setecentistas, como os existentes nas colecções do Museu Nacional de Arte Antiga;
- pregos de pequena dimensão com cabeça redonda (n.º 202), usados para fixar ferragens decorativas, fechaduras ou forros de cabedal de pequenas arquetas ou báus dos séculos XVII-XVIII do Convento dos Grilos, do Mosteiro do Lorvão e do Convento de Salésias (Pinto e Sousa, 2000, pp. 53-54 e 58, figs. 21-23 e 28), em exposição também no referido museu e
- pregos de cabeça concâva, gomada (n.º 205 – fig. 67.1) ou não (n.º 204), com espigão mais ou menos longo, usados para fixar estofos de cabedal em cadeiras da cronologia já referida e da mesma colecção, proveniente do Convento do Sacramento, em Lisboa (Pinto e Sousa, 2000, p. 50, fig. 18).

Este último tipo de prego pode também ter sido utilizado para ferragens de portas, como sucede com peças recolhidas em Silves, datadas de meados do século XIII (Gomes, 2003, p. 195, fig. 130, Q86/C2-6), ou como se pode observar na porta do Mausoléu de Moulay Ismail (fig. 67.2), na cidade Méknés, em Marrocos, do século

XVIII. No Palácio da Bahia, construído em meados do século XIX, em Marrakech, também nesse país norte-africano, podem-se ver pregos destes a decorar alguns tectos (fig. 67.3). Pregos desta tipologia, mas de pequena dimensão (n.º 201) podiam servir também para a fixação de couro nalgum sapato.

Os outros quatro tipos de pregos foram incluídos na área das actividades artesanais, visto que seriam usados por carpinteiros para a elaboração de pavimentos e coberturas sobradadas, como seriam as da igreja e do palácio dos alcaides, tendo-se o cuidado de terem as cabeças rebatidas para não ser possível verificar-se que tinham sido utilizados. As cabeças destes pregos têm formas ligeiramente diferentes, conforme o fim a que se destinavam (plana destacada - n.º 219, plana - n.º 218 e plana rectangular, em T - n.º 220). Os pregos de grande dimensão com cabeça redonda destacada (n.ºs 222 e 223), tal como as cavilhas, podiam ser de diversas peças de mobiliário como cadeiras, mesas, portas, janelas ou tabiques, como se vê numa imagem do livro de horas de D. Manuel, enquanto os mais longos de cabeça redonda (n.º 221) poderiam ser usados para caixões.

Apareceram peças destas na intervenção levada a cabo num pequeno declive a alguns metros deste local, em 2000, onde foram interpretados como possíveis escorrimentos da área da necrópole (Moreira e Salvado, 2007, p. 216, fig. 5). Foram recolhidos pregos similares no Palácio da Vila em Sintra (Amaro, 1992/1993, p. 120, Est. XIX) datados dos séculos XIV-XV e na Rua de Nenhures em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997, p. 293, fig. 15, n.ºs 77-80), para a centúria seguinte.

Nestes trabalhos arqueológicos de 2000 recuperou-se um grande número de bolas de ferro fundido (n.ºs 224 e 225), interpretadas à época como balas de canhão (Moreira e Salvado, 2007, p. 213); no entanto, tendo em conta a exposição de peças idênticas na colecção permanente do Museu do Canteiro, em Alcains, tal não será verdade, para as peças completas. As peças aí presentes eram utilizadas para facilitar a deslocação de blocos de pedra nas pedreiras, no caso nas de Montelavar, em Sintra (Almeida, 2005, pp. 17-18). Tendo em conta que após a sua inutilização por várias vicissitudes, o castelo de Castelo Branco foi utilizado como pedreira, não será estranho que tais peças surjam precisamente junto de restos da muralha e seus negativos.

Na alcáçova albicastrense foram exumados também alguns restos de armamento. É o caso de um virote de besta (n.º 211) idêntico aos recuperados nos castelos de Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 199, fig. 84, n.º 4), Penamacor (Silvério e

Santos, 2007, p. 19, fig. 32), Vilar Maior (Osório, 2008, p. 147, n.º 222), Guarda e Castelo de Vide (Barroca e Monteiro, 2000, p. 396 e 399, n.os 137 e 142), cujas cronologias estão entre os séculos XIII-XV. Há ainda uma bala de mosquete (n.º 212), de chumbo maciço, com estrias desorganizadas na superfície, que poderiam permitir a essa penetrar mais profundamente nos alvos. Trata-se de peça que poderá estar relacionada com os encontros militares decorridos na região de Castelo Branco, nomeadamente os associados às Invasões Francesas.

Existem ainda algumas argolas em ligas de bronze (n.ºs 215 a 217) que poderão ter feito parte de eventuais arreios, datadas dos séculos XIV-XV, como as recolhidas em Castelo Novo (Silvério e Barros, 2005, p. 193, fig. 79.1). Supõe-se que as peças n.ºs 213 e 214 sejam igualmente relacionadas com arreios. Relacionado com o equipamento usual para as montadas, subsiste também uma ferradura (n.º 210), que poderá ser contemporânea de outras descobertas no Sabugal Velho, datadas dos séculos XII-XIII (Osório, 2008, p. 147, n.ºs 180-185).

IV. 2. 7. Os Líticos

Foram recuperadas duas peças elaboradas em xisto (n.ºs 227 e 228) e uma outra em granito (n.º 226), todas afeiçãoadas, além de alguns percutores e raspadores pré-históricos (fig. 59). As de xisto são datadas dos séculos XIII pelas suas congéneres recuperadas no castelo do Sabugal e no sítio dos Gralheiros, Casteleiro (concelho do Sabugal). O interessante da análise destas peças nesse contexto é que as anteriores ao tratado de Alcanises são consideradas como tampas (Osório, 2008, p. 116, n.ºs 177-178), enquanto as ulteriores são já apontadas como malhas de jogo (Osório, 2008, p. 151, n.ºs 233-237). São peças comuns em contextos medievais e modernos como sucede em Penamacor (Boavida, 2006, p. 155, n.ºs 105-107).

Em granito, foi exumada uma bala de funda, que poderá ser do século XIII, de acordo com as analisadas em Castelo Novo, de granito (Silvério, Barros e Teixeira, 2004, p. 533, fig. 27) e em Silves, de calcário (Barroca e Monteiro, 2000, pp. 364-365, n.ºs 88-90).

IV. 2. 8. Os Numismas⁶⁶

Durante a escavação do adro da Igreja de Santa Maria do Castelo foram recolhidos vários numismas, maioritariamente de origem portuguesa, existindo ainda alguns provenientes do reino de Castela e Leão. Foram igualmente recuperados um numisma de cronologia romana e um *jetón* que apresenta caligrafia árabe.

Fora do contexto medieval subsiste um pequeno bronze (AE ¾ - Ø17mm), de Constantino II (317-337), cunhado em Constantinopla⁶⁷.

Soberano	Cronologia	Tipo	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
Constantino II	317-337		Constantinopla	86.193	1

Quanto aos exemplares portugueses, remontam todos às duas primeiras dinastias, correspondendo os da primeira a dinheiros e meios-dinheiro (mealhas) em bolhão.

Soberano	Cronologia	Tipo	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
Sancho I	1185-1211	Dinheiro		86.69, 86.71 (?), 86.74, 86.76, 86.146, 86.149/1, 86.149/2, 86.150, 86.152, 86.155, 86.156, 87.39, 87.40, 87.41, 87.42, 87.43, 87.44, 87.45, 87.46, 87.47, 87.49, 87.51, 87.53, 87.55, 87.56, 87.57	26
Sancho II	1223-1248	Dinheiro		86.36, 86.100, 86.153, 86.154, 86.159, 86.190, 87.50	7
Afonso III	1248-1279	Dinheiro		87.58, 87.59	2
Fernando I	1367-1383	Dinheiro		87.60	1

Na segunda dinastia a diversidade tipológica aumenta, surgindo exemplares também em cobre e prata.

No reinado de D. João I (1385-1433) surge, a primeira moeda totalmente em cobre, o real preto, resultado da desvalorização constante dos reais, cujo teor de prata vai sendo cada vez menor (Gomes, Trigueiros, 1992, p. 13).

⁶⁶ Ver Anexo 3. 8. (pp. 261-271)

⁶⁷ Cf. ANTUNES (no prelo) – “Castelo de Castelo Branco: Notas numismáticas e arqueozoológicas” in *O Arqueólogo Português*, Série IV; dir. Luís Raposo; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

Tipo	Cronologia	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
Real branco	1415-1433	Lisboa e Porto	86.34	1
½ Real de 10 soldos	1386-1397	Lisboa	86.91, 86.148, 86.158, 86.178	4
Real de 10 soldos	1386-1397	Lisboa, Porto e Évora	86.180, 87.62	2
Real 3 ½ libras	1398-1407	Lisboa e Porto	86.181, 86.182, 86.195	3
¼ Real cruzado		Lisboa	87.61	1
Real preto			86.104	1

Do curto reinado de D. Duarte (1433-1438), que lhe sucedeu, existem apenas ½ reais pretos.

Tipo	Cronologia	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
½ real preto		Lisboa e Porto	86.111, 86.122, 87.63, 87.64	4

D. Afonso V (1438-1481) cunhou moeda em grande quantidade, sendo um dos reinados de que se conserva maior número de numismas, com especial destaque para o ceitil de cobre que se manteve ao longo dos reinados ulteriores. O ½ real preto subsiste.

Tipo	Cronologia	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
Ceitil	1446-?	(?)	86.35, 86.37, 86.38, 86.39, 86.40, 86.42, 86.43, 86.44, 86.52, 86.53, 86.83, 86.101, 86.112, 86.113, 86.118, 86.125, 86.129, 86.132, 86.134, 86.135, 86.136, 86.137, 86.141, 86.144, 86.183, 86.185, 86.186, 86.188, 86.194, 86.196, 86.197, 86.198, 87.65, 87.68, CAS C.B. 1 ⁶⁸	35
Ceitil	1446-?	Lisboa	86.47, 86.82	2
½ real preto	?	Lisboa	86.75, 86.179, 87.66	3

De D. João II (1481-1495) estão presentes apenas três ceitis (embora com dúvidas), moeda que surge em maior quantidade para o seu sucessor, D. Manuel I (1495-1521). O único exemplar numismático em prata recuperado foi cunhado neste reinado, tratando-se de ½ vintém.

Tipo	Cronologia	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
Ceitil	1485-1495	Lisboa	86.109, 86.139 (?), 86.140 (?)	3

Tipo	Cronologia	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
Ceitil	(reinado)	(?)	86.51, 86.54, 86.61, 86.62, 86.73, 86.110, 86.115,	15

⁶⁸ Não vista

Tipo	Cronologia	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
			86.121, 86.128, 86.131, 86.133, 86.174, 86.175, 86.176, 87.67	
Ceítal	(reinado)	Lisboa	86.72	1
½ Vintém	(reinado)	Lisboa	86.173	1

Com os rendimentos criados com o comércio além-mar, houve uma certa valorização da moeda, daí que as subdivisões tenham começado a escassear, algo que se torna evidente ao analisar os numismas emitidos por D. João III aqui recolhidos. A par dos ceítis, subsistem vários exemplares de reais e de 3 reais de cobre. O mesmo sucede com D. Sebastião, do qual se conservam também numismas de 5 reais.

Tipo	Cronologia	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
Ceítal	(reinado)	(?)	86.45, 86.56, 86.57, 86.60, 86.63, 86.64, 86.65, 86.67, 86.68, 86.70, 86.80, 86.81, 86.85, 86.86, 86.88, 86.89, 86.90, 86.93, 86.96, 86.99, 86.102, 86.103, 86.105, 86.106, 86.107, 86.108, 86.116, 86.117, 86.119, 86.120, 86.123, 86.126, 86.127, 86.138, 86.143, 86.151, 86.171, 86.177, 86.187, 87.69	40
Real	1550-1557	Lisboa	86.169	1
3 Reais	1550-1557	Lisboa	86.170	1

Tipo	Cronologia	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
5 Reais	1560-1566	Lisboa	86.41, 86.161, 86.162	3
Ceítal	1557-1568	Lisboa	86.84	1
3 Reais	?-1568	Lisboa	86.160, 86.168, 86.172	3
Real	1568-1578	Lisboa	86.163, 86.164, 86.165, 86.166, 86.167	5

Dentro do conjunto de numismas provenientes do reino de Castela e Leão podemos encontrar um *dinero* (ou ½ *dinero*) de Afonso X (1252-1284) e duas *blanca del rombo* de Henrique IV (1454-1474).

Soberano	Cronologia	Tipo	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
Afonso X (1252-1284)	(reinado)	Dinheiro		86.189	1
Henrique IV (1445-1474)	1471-1474	Blanca del rombo		86.87, 86.192	2

Existe ainda um reduzido conjunto de exemplares para as quais, apesar de não se conseguir determinar a cronologia, tal foi possível para a tipologia. Não foi possível identificar sete exemplares.

Soberano	Cronologia	Tipo	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
Dinis/ Afonso IV	1279-1357	Dinheiro		86.145	1
Manuel I/ João III	1495-1557	Ceitel		86.46, 86.55, 86.66, 86.94, 86.95, 86.97, 86.98, 86.130, 86.142, 87.48, 87.52, 87.54	12
Ilegível				86.92, 86.114, 86.124, 86.157, 86.220, CAS C.B. 2 ⁶⁹	7 ⁷⁰

Por último existe ainda *jetón* cujo campo se apresenta preenchido a caligrafia árabe. Este tipo de peça metálica monetiforme, não muito rara, era normalmente utilizada como moeda não oficial (Antunes, 2003, p. 297), apontando a sua cronologia para os séculos XVII-XIX, não se tratando portanto de nenhuma cunhagem durante a ocupação islâmica do espaço peninsular⁷¹.

Soberano	Cronologia	Tipo	Centro Emissor	N.º Inventário	Quant.
		<i>Jetón</i>		86.191	1

Alguns destes numismas encontravam-se associados a deposições, envoltos em restos de pano de linho, provavelmente relacionados com a tradição da moeda para pagar a Caronte. Infelizmente não foi feito o registo exacto de quais se encontravam nessa situação e onde, o que poderia possibilitar uma datação mais precisa desses enterramentos.

IV. 2. 9. Estelas Funerárias⁷²

As estelas funerárias recolhidas no adro da Igreja de Santa Maria do Castelo são todas de granito porfiróide, maioritariamente cinzento, de grão médio a grosso, apresentando nalguns casos filões de feldspato de tom bege com cerca de 2 cm de espessura. A granulometria do material dificultou o talhe das peças, daí que muitas se

⁶⁹ Não vista

⁷⁰ Existe uma outra moeda que não possui número de inventário individual, uma vez que se encontra separada das restantes. Trata-se do único exemplar numismático preservado com os restos de linho que o envolviam. Possui apenas o número geral de inventário de comum às peças metálicas recolhidas no castelo em depósito no MFTPJ: 87.72 (12-IX).

⁷¹ Cf. ANTUNES (no prelo) – “Castelo de Castelo Branco: Notas numismáticas e arqueozoológicas” in *O Arqueólogo Português*, Série IV; dir. Luís Raposo; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

⁷² Ver Anexo 3.9 (pp. 273-302)

apresentem rudemente talhadas, com raras exceções. Estas exceções são elaboradas em granito de tom amarelado de grão médio a fino, apresentando mais pormenor nos detalhes decorativos.

Do ponto de vista da cinzelagem, estas peças seriam afeiçãoadas através do uso do picão, sendo depois trabalhadas com escopro e cinzel (Cardoso, 2005, p. 7). Apesar de apresentarem um talhe muito rude, podem eventualmente considerar-se como alguns dos elementos mais antigos do trabalho de cantaria que se vai desenvolver nesta região até aos inícios do século XX.

Existem dois tipos de estelas, ambos com variantes. As mais comuns são as discoidais, cujo disco superior decorado se liga a um espigão de fixação de forma variável. Num dos casos, na zona do ombro existem duas protuberâncias laterais, como se tratassem de pequenos braços. O outro tipo de estela é o rectangular, do qual existem apenas dois exemplares, de forma achatada e com a parte superior decorada. Existe uma variante em que os cantos superiores se encontram arredondados⁷³.

No que diz respeito à simbologia, a cruz de braços curvilíneos em baixo relevo é sem dúvida a mais recorrente, normalmente inserida em campo circular moldurado. Esta temática surge, salvo exceções, em ambas as faces. Outro motivo recorrente (nas duas faces de dois exemplares), pode interpretar-se como representações solares, com número de raios variável.

Existe ainda um hexafólio, uma grelha/grade de arado e dois motivos não identificados (presentes em dois fragmentos). Totalmente ausentes estão motivos como o pentalfa ou o hexálfa.

Três das peças apresentam decorações nas faces laterais, ao longo do perímetro do disco, constituídas por um ou dois sulcos. Na estela que não evidencia qualquer tipo de decoração existe uma pequena concavidade na parte superior do disco.

Apesar de alguns autores defenderem que o mais antigo templo existente na área da actual alcáçova seria de origem moçárabe, as evidências arqueológicas por ora não são muitas. No entanto, não podemos colocar essa hipótese de parte. De qualquer modo, a tradição da utilização de estelas terá vindo com os conquistadores cristãos, que, ao que tudo indica, aqui se instalaram logo após a reconquista. É portanto difícil atribuir cronologia precisa a estas peças, apesar de se poder considerar que as mais rudemente

⁷³ Este exemplar em particular poderá ser um marco de delimitação de propriedade.

talhadas e com motivos mais antigos e simples serão mais antigas do que as que apresentam motivos geométricamente mais elaborados. Tendo em conta a quantidade e qualidade das cantarias que surgem no período moderno, não será arriscado considerar que estas últimas possam ter sido produzidas já nesse período.

Apesar de não estarem incluídas no espólio em estudo, devem referir-se ainda algumas tampas de sepultura guardadas no interior da Igreja de Santa Maria, assim como as existentes na sua nave. Destaca-se um eventual sarcófago em granito, recolhido nos trabalhos de 1979/1984, do qual a face lateral se encontra totalmente epigrafada.

Recentemente, nas traseiras da capela-mor foi colocada à vista uma estela discóide, que poderá ser de sagração da igreja.

IV. 2. 10. Espólio Arqueozoológico⁷⁴

Durante a intervenção no Q.118 foram recolhidos diversos vestígios de fauna mamalógica. Trata-se de restos alimentares humanos de origem bovina, porcina, e ovina.

Verifica-se a coexistência de boi de tamanho normal a par com outro de menor porte. Este último será medieval e o primeiro mais moderno, obtido através da selecção dos melhores espécimes para a reprodução, maximizando assim a produção e a força de trabalho.

A maioria da amostragem são caninos inferiores de porcos, o que poderá indicar a sua utilização como amuletos ou troféus, não tendo sido possível averiguar se provêm de actividades pecuárias ou cinegéticas. De igual forma, a presença de uma haste de veado, não é prova cabal de caça a este herbívoro, uma vez que as mesmas são caducas, podendo por isso ser uma simples recolha.

Existe uma grande heterogeneidade da amostra, inclusive do ponto vista arqueológico, no entanto o universo material é muito limitado, não existindo quaisquer vestígios de algumas espécies de pequeno porte que seriam comuns, como é o caso do

⁷⁴ Cf. ANTUNES (no prelo) – “Castelo de Castelo Branco: Notas numismáticas e arqueozoológicas” in *O Arqueólogo Português*, Série IV; dir. Luís Raposo; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

Ver Anexo 4. 3. (pp. 330-332)

coelho. Este facto pode evidenciar uma selecção no momento da recolha dos exemplares mais vistosos e de maior dimensão.

V. Conclusões

No inverno de 1979, devido a um temporal, verificou-se um aluimento de terras na alcáçova de Castelo Branco. Esta, de origem templária, encontrava-se muito arruinada após as invasões francesas, tendo sido desmantelada progressivamente ao longo século XIX. Os seus materiais construtivos foram reutilizados noutras edificações da cidade, verificando-se o mesmo em relação às muralhas e portas da vila. Restava então no castelo, um pano de muralha com duas torres, em parte já reconstruído, a Igreja de Santa Maria e um edifício novecentista, construído para ser escola, sobre um enorme aterro na área nordeste da alcáçova, entre as duas estruturas referidas.

Numa época em que era embrionário o interesse em Portugal pela Arqueologia Medieval e Moderna, o acontecido em Castelo Branco chamou a atenção das entidades e populações locais para as ruínas da antiga fortificação.

Assim, no adro da Igreja de Santa Maria recolheu-se, ao longo de seis campanhas de escavação, numeroso e diverso espólio, além de algumas estruturas, considerados inicialmente de cronologia Medieval e Moderna. No entanto, após o fim dessas intervenções, os materiais recolhidos foram colocados em depósito, não sendo estudados e interpretados devidamente. O mesmo sucedeu com outros, recuperados durante uma sondagem em 2000, no perímetro do castelo, no âmbito da instalação de um depósito de água pela autarquia.

O espaço da alcáçova foi alvo de várias utilizações ao longo dos últimos 800 anos, o que marcou irremediavelmente a estratigrafia ali existente. Abandonado a partir de meados do século XIX, tornou-se uma espécie de reserva de matéria-prima para novas construções, o que levou a que a área fosse utilizada como zona de despejos, daí também a presença de tão variado espólio.

A zona onde se encontra a cidade actual é de difícil interpretação. Sobre a sua origem e evolução inicial pouco se conhece, existindo escassa informação e documentação sobre o assunto e não sendo aí os dados coincidentes. Os estudos sobre os poucos documentos que subsistem apresentam interpretações díspares, o que não contribui de forma alguma para a percepção histórica daquele espaço. A informação sobre o adro da igreja no interior do castelo é escassa ou até mesmo nula, dado que a

maioria dos estudos existentes são referentes à área urbana e que poucos abordam a evolução do castelo propriamente dito.

Durante os primeiros trabalhos arqueológicos referidos, identificaram-se algumas estruturas em torno da igreja que poderão ser vestígios de construções anteriores, visto que este templo foi reconstruído no mesmo local, pelo menos quatro vezes, não sendo a actual planta coincidente com a mais antiga conhecida, presente no *Livro das Fortalezas* de Duarte d'Armas. O espaço do adro é ocupado com diversas sepulturas escavadas na rocha, correspondentes à necrópole associada à Igreja de Santa Maria. Existiam alguns pavimentos de seixos rolados, similares aos presentes nas várias ruas do centro histórico, que foram considerados recentes.

Em 2000, foram colocados à vista vestígios de muro constituído por pedras de grande dimensão, preenchido com outras menores, acompanhadas de restos de argamassas. Considerou-se então que poderia tratar-se de eventual derrube da muralha do castelo ou da barbacã que o rodeava. Já nos anos 80, em valas de sondagem tinham sido encontrados restos de argamassas, em locais onde se tinha conhecimento de ter estado colocada silharia antes da construção da estrada. Tanto naquela como em 2000, os cortes mostravam uma sobreposição de cinco terraplanagens, que poderão estar relacionadas com a construção inicial e as quatro reconstruções já mencionadas. Desconhece-se se esses estratos apresentavam ou não níveis de incêndio. Por outro lado, o surgimento de muros desfeitos ou os negativos desses, como sucedeu igualmente na intervenção recente, poderão indicar a extracção de materiais de construção até às fundações da estrutura.

No que diz respeito ao espólio recolhido na alcáçova, aquele integra-se numa alargada baliza cronológica, do século XII a meados do XIX. Encontra-se muito fragmentado, não tendo sido registada a estratigrafia do seu contexto, o que dificulta a sua análise, independentemente do bom estado ou não do numeroso conjunto numismático recuperado. A datação relativa destes materiais só é possível através da sua comparação com os de outros locais já estudados e bem datados, maioritariamente cidades e vilas, onde a Arqueologia Urbana se desenvolve há vários anos.

O principal facto que se destaca quando se analisa o universo material cerâmico é a predominância da cerâmica dita comum sobre a esmaltada e/ou vidrada (Gráfico VIII). Verifica-se também que a maior parte do espólio corresponde a fundos de diversas formas, quase dois quintos do total em estudo (Gráfico II).

A cerâmica, que apresenta pastas cor de laranja e castanha (Gráfico XIV), foi exposta a cozeduras oxidantes em cerca de quatro quintos do conjunto e parcialmente oxidante num quinto, sendo os outros tipos muito residuais (Gráfico XIII). São pastas normalmente homogêneas, com elementos não plásticos de grão fino a médio, normalmente mica, feldspato, quartzo hialino e leitoso e de forma mais escassa hematite, calcite, calcário, nódulos de barro e outros tipos de quartzo (muito raros). A predominância dos três minerais básicos do granito pode querer indicar que muitas destas peças poderão ser de fábrica local ou regional. Apesar de existirem paralelos bem datados um pouco por todo o país, estes têm frequentemente uma maior diversidade de elementos não plásticos. Por outro lado, grande parte das peças encontram paralelo apenas na região do interior norte, o que vem novamente confirmar a tese de possíveis regionalismos. Tendo em conta que na época moderna se desenvolve, entre outros, o arrabalde dos oleiros, podemos colocar a hipótese de algumas das peças cerâmicas recolhidos no castelo serem resultado dessas produções.

No que diz respeito à cerâmica comum, a maioria das peças integram as loiças de cozinha, com especial incidência nas panelas, que apesar da diversidade de bordos apresentam quase sempre colos estrangulados e corpos globulares. As restantes formas desta categoria funcional são muito residuais.

Dentro das loiças de mesa, existem principalmente púcaros de paredes finas e fundos pouco marcados, apenas com ligeiro pé anelar. Nalguns casos são brunidos no exterior. Igualmente brunidos, mas no interior, são as taças e os pratos, que surgem em quantidade semelhante à dos jarros.

Nas loiças de armazenamento e/ou transporte, o número de cântaros corresponde a cerca de metade do de potes. Os colos são estrangulados em ambos, mas os primeiros normalmente tem uma forma mais ovoíde que os últimos, que são globulares e apresentam bordos um pouco mais extrovertidos. Neste tipo de peça pode haver alguma confusão com as panelas devido à sua similaridade nesta época, isto tendo em conta os bordos, a parte da peça sobre a qual se baseia essencialmente este estudo (Gráfico X). No período mais recuado, as talhas são tão numerosas como os potes, mas tal como se refere na sua análise, a partir do século XIV a situação alterou-se provavelmente devido à utilização mais frequente do celeiro construído nessa época pela Ordem de Cristo, detentora da comenda e alcaidaria da vila. A grande quantidade de bilhas e cântaros demonstra a necessidade constante de possuir água para consumo, visto que o espaço do

castelo, apesar da cisterna, e a própria vila sofriram de grande escassez deste bem essencial.

Grande parte das asas recolhidas apresentam uma depressão longitudinal, o que poderá significar que pertencem a peças de maior dimensão, por outro lado as panelas tem normalmente asa em fita. Os potes pequenos e os púcaros mostram asas de secção redonda ou oval (Gráfico XI).

As superfícies de algumas das peças da dita cerâmica comum foram decoradas principalmente com incisão (caneluras, bandas e ondulados) ou através da aplicação de cordões digitados, que ao mesmo tempo dão melhor resistência às paredes das peças de maior dimensão (Gráfico XII).

Dentro das cerâmicas esmaltadas e/ou vidradas a maioria das peças são pratos e taças em pastas claras. Apesar da reduzida dimensão dos fragmentos recolhidos, observa-se uma qualidade de fabrico de pastas muito superior às produções nacionais, o que poderá indicar tratar-se de peças importadas (Gráfico X). Os revestimentos aplicados, plumbíferos e estanhíferos, são decorados essencialmente com óxidos de cobalto, criando motivos fitomórficos, vegetalistas e zoomórficos. Algumas destas decorações são claramente de origem espanhola ou com precedentes islâmicos, como sucede com exemplares com bandas concêntricas tipicamente valencianas e sevillhanas ou com os azulejos de tipo hispano-arábe (Gráficos VI e VII). O facto de existirem poucas peças deste tipo poderá indicar também o seu elevado custo, daí que predomine a cerâmica comum.

Verifica-se uma clara selecção dos materiais cerâmicos recolhidos em ambos os conjuntos analisados. Normalmente, nos conjuntos cerâmicos recolhidos, as partes constituintes mais comuns são fragmentos de parede, algo que em Castelo Branco não sucede. São muito poucos os exemplares de paredes e os existentes são na maioria decorados. Esta situação, em parte, é responsável pelo facto de num conjunto cerâmico tão diminuto, não ter sido praticamente possível efectuar reconstruções, mesmo que parciais.

Os numismas recolhidos são, na maioria, da primeira e segunda dinastia, encontrando-se algo deteriorados, situação que não impediu a identificação de quase todo o conjunto (Gráfico XVII). No entanto; como já se referiu, não foi feito o registo

estratigráfico destes achados anulando-se a datação relativa que os mesmos poderiam fornecer.

A par dos numismas existe variado espólio não cerâmico que nos pode dar testemunhos da ocupação e da utilização de determinados espaços da alcáçova. Além de uma grande diversidade de peças metálicas, foram recuperados também artefactos em vidro, osso, azeviche, cabedal e material pétreo. Exumaram-se igualmente dois pequenos conjuntos constituídos por estelas funerárias e por espólio arqueozoológico (Gráfico I).

Enquanto algum desse espólio não cerâmico está associado às inumações no adro da igreja, outro evidência a existência de espaços domésticos (já demonstrado também pelas cerâmicas), mas também militares ou administrativos.

Além do Palácio dos Alcaides existente na parte sudeste da alcáçova e da Praça de Armas a noroeste, é verosímil que toda a área a sul não fosse ocupada na totalidade pela necrópole. Ao que tudo indica, exceptuando a faixa em redor da Igreja de Santa Maria (e o seu interior), o restante espaço seria utilizado para construções inicialmente de carácter civil e depois militar, quando as primeiras deixam o interior do espaço muralhado, para aquele que viria a ser o da vila murada, devido à reestruturação de parte da fortaleza. Com a degradação do castelo, estas estruturas militares passaram para a Devesa, na zona baixa da cidade, já fora de portas (Lopes, 2004, pp. 14-15).

Tendo em conta a cronologia da amostragem seleccionada, é possível observar uma concentração de materiais dos séculos XII-XIII e do século XVI. Este facto não deve ser alheio às datas de outorga de forais a Castelo Branco, que se inserem nessas balizas cronológicas, assim como sucede com a elevação de Castelo Branco a vila notável no reinado de D. João III. Materialmente, verifica-se que a tentativa de fixar populações perto da fronteira, aparentemente, aqui teve sucesso.

Tanto a abertura de sepulcros, como a eventual transferência dos mais superficiais para cemitérios mais recentes, aliados às constantes construções e destruições, contribuíram para o revolvimento constante da estratigrafia aqui existente ao longo de, pelo menos, 300 anos. Os ataques à alcáçova, ao longo dos séculos XVII-XVIII, foram muitas vezes feito com recurso ao fogo, daí que não seja estranho que muitos dos materiais mostrem vestígios de exposição a este.

O aterro criado em 1867 em toda a área norte da alcáçova, poderá ter soterrado diversos vestígios das eventuais estruturas aí existentes, incluindo toda a parte inferior do Palácio dos Alcaides e do Pátio de Armas. Este aterro obstruiu uma das portas laterais da igreja, uma vez que a fachada onde esta se encontra ficou enterrada praticamente até ao fecho do arco dessa mesma porta. No entanto, o facto do pavimento da porta de acesso ao pátio do Palácio dos Alcaides estar a quase um metro de profundidade em relação à cota actual, como se verificou recentemente, evidencia que todo o complexo da alcáçova, original ou reestruturada, estará escondido sobre várias camadas estratigráficas, como também demonstraram os cortes das sondagens dos anos 80 e de 2000.

Com as informações documentais e arqueológicas existentes pode criar-se uma evolução cronológica da ocupação deste espaço, meramente hipotética, já que alguns desses dados carecem de maior precisão.

Com eventual ocupação em tempos Pré-históricos, como poderão evidenciar alguns percutores e raspadores recolhidos, provavelmente em associação com o assentamento populacional existente no Monte de São Martinho, a sul da actual cidade, o Cerro da Cardoso terá mantido alguma importância na época romana. Além da via que passava sobranceira a este, existiria uma atalaia que controlaria toda a região a norte (Almeida, 1945, pp. 389-390).

A ocupação sueva e visigótica não alterou grandemente a organização desta região, existindo evidências da presença de populações com poder económico para adquirirem peças de prestígio, como os passadores ditos visigóticos, recolhidos por Tavares Proença Júnior na zona do castelo, hoje depositados no museu com o seu nome.

A situação alterou-se quando, durante a ocupação islâmica, a cidade da Egitânea se aliou a uma revolta principiada em Mérida contra o poder califal. Em consequência da falha desta e do silenciamento dos seus mentores, a região torna-se ainda mais periférica em relação aos grandes centros urbanos. Integrado na designada terra de ninguém, onde subsistem inúmeros topónimos de origem árabe e bérbere, o Cerro da Cardoso só terá ganho novamente importância como local de vigilância ao longo do período da Reconquista, em articulação com outros existentes em toda a região.

Sendo uma área marginal e uma vez que existia uma política de tolerância do ponto de vista religioso, não é estranho que se possam ter fixado aí algumas

comunidades, eventualmene moçárabes (Cardoso, 1953, pp. 24-25), que terão erguido um templo. Foram recolhidas inclusivamente algumas peças islâmicas tardias, ou nessa tradição, na zona alta da cidade no início dos anos 80 (Baptista, 1982, p. 14).

Com o avanço da reconquista até ao rio Tejo e doação das terras do curso superior deste à Ordem do Templo, começou a organizar-se uma nova forma de povoamento. As comunidades existentes na Cardosa justificaram a reconstrução da estrutura defensiva, começando a construir-se a fortaleza templária e o Paço dos Comendadores. Como era comum, em torno da igreja seria o mercado que se desenvolvia ao longo das ruas superiores do burgo, como a toponímia urbana ainda hoje demonstra na rua de acesso ao castelo – Rua do Mercado.

Com a reconstrução da torre de menagem, uma vez que a apresentada nos debuxos do *Livro das Fortalezas* não é condizente com as restantes (Nunes, 2005, pp. 29-30), ter-se-á verificado uma reestruturação de toda a área noroeste da alcáçova, com a criação da Praça de Armas que a precedia. De referir que a torre de menagem foi construída em cota inferior à restante fortaleza, a noroeste. Como o inimigo sarraceno estava a sul e o castelhano a leste, a construção neste local só se justifica pelo facto de as posições mais favoráveis já estarem ocupadas por outras construções que não se queriam destruir, ou que tal seria demasiado oneroso. Este facto poderá demonstrar que a torre como surge nos debuxos é posterior às restantes construções da alcáçova. As estruturas civis eventualmente aí existentes transferiram-se para o fora de portas, reservando-se a área dentro de muros para funções militares. Esta mudança, aliada ao aumento progressivo da população, acabou por criar toda uma área de arrabalde em volta da fortificação inicial, descendo a encosta, o que levou D. Afonso IV a ordenar a construção de uma nova linha de muralhas.

Não existem elementos que garantam se as portas nomeadas nessa muralha são novas ou antigas reformuladas. Por outro lado não se sabe ao certo onde era a Porta de Pelame, nem se a Porta de Santiago ficava originalmente onde a nova muralha a integrou. Da mesma forma, e uma vez que a vila de Castelo Branco foi erguida no local onde se encontravam duas importantes propriedades (Granja do Castelo e Granja de Mércos), estas portas poderiam estar integradas em muros de delimitação dessas, que podia estar associados à muralha da vila. Não devem ser esquecidos os dois marcos de limite de propriedade recolhidos na segunda década do século XX, na zona do castelo, em depósito no Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Se as duas granjas eram

pertença da Ordem, à partida não haveria necessidade de existirem marcos a definir a sua separação; no entanto eles estavam presentes.

O espaço manteve-se assim, ao longo de vários séculos, salvo ligeiras alterações estruturais no Palácio dos Alcaides, durante o século XV, quando foi construída a *loggia* renascentista que se pode ver no *Livro das Fortalezas*. No final da primeira dinastia ou no início da segunda, foi erguida a barbacã, tal como sucedeu em outras fortificações raianas.

Com a elevação a vila notável, em virtude do grande dinamismo que aí se verificou ao longo de toda a primeira metade do século XVI, o espaço urbano continuou a crescer e a desenvolver-se dentro e fora de portas. O facto de aqui se ter fixado uma comuna judaica, depois cristãos-novos, poderá ter influenciado esta situação.

No interior, o centro político desce a encosta, sendo construída a actual Praça Luís de Camões, onde se instalaram os Paços do Concelho e foi presumivelmente erguido o pelourinho. O mercado seguiu esta tendência, uma vez que o local inicialmente utilizado já não fazia sentido. No exterior começaram a organizar-se diversos arrabaldes em torno de capelas e ermidas existentes, normalmente, nas proximidades de poços ou minas de água. A necessidade deste recurso foi um problema constante durante praticamente toda a história da vila. Foram construídos conventos e alguns palácios até a elevação a cidade, sede de diocese no reinado de D. José.

Os sucessivos ataques a esta vila, depois cidade, ao longo dos séculos XVII-XIX danificaram grandemente a fortaleza, que entretanto já não funcionava como residência nem dos Comendadores da Ordem de Cristo, nem dos alcaides, visto que a alcaidaria foi extinta no final do século XVII. Os contingentes militares que até aí ficavam aquartelados na alcáçova, foram transferidos, definitivamente, em 1813, para a Devesa (Lopes, 2004, pp. 14-15). Arruinada e abandonada à sua sorte, na alcáçova, apenas a Igreja de Santa Maria e o Palácio dos Alcaides, totalmente adulterados e descaracterizados, permaneciam de pé à entrada no século XX.

Alguns temporais como aquele que colocou à vista a necrópole, destruíram o pouco que restava do castelo ou puseram em causa a sua estabilidade, obrigando à sua demolição. Subsistem diversos panos de muralha da vila sob outras edificações posteriores, que hoje, tal como nos anos 40, são libertos e reconstruídos perdendo-se irremediavelmente algumas informações sobre o que estaria associado a essas

estruturas. Da original alcáçova só resta o torreão virado a norte e o arco de entrada no pátio do Palácio dos Alcaides.

A intervenção arqueológica que decorre desde meados de 2008 tem colocado à vista estruturas há muito esquecidas e recuperado numeroso espólio que seria importante estudar, comparando-o com o de outros contextos medievais e modernos da Beira Interior que continuam inéditos, contribuindo assim para a compreensão da evolução histórica não só do termo albicastrense, mas de toda a vasta região onde este se integra.

Bibliografia

Bibliografia Passiva

Enquadramento Espacial

CARVALHO, Carlos Neto de (2007) – “Geopark Naturtejo da Mesta Meridional: 600 Milhões de anos em imagens”; 2.ª ed.; Naturtejo, E.I.M – Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, s.l.

PIMENTEL, Dulce (1999) – “Mobilidade geográfica e desenvolvimento regional: o caso da Beira Interior Sul”; Tese de Doutoramento em Geografia e Planeamento Regional, especialidade Geografia Humana apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa

RIBEIRO, Orlando (1987) – “Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico”, 5.ª ed.; Sá da Costa, Lisboa

RIBEIRO, Orlando (2001) – “Introduções geográficas à História de Portugal”, 2.ª ed.; Sá da Costa, Lisboa

TEIXEIRA, Carlos; **GONÇALVES**, Francisco (1980) – “Introdução à geologia de Portugal”; Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa

Enquadramento – História

ALMEIDA, João de (1943) – “Fortaleza de Castelo Branco” in *Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte Darnas*; Ed. Império, Lda, Lisboa (p. 187-193)

BARROS, Henrique da Gama (1936/37) – “Comunas de Judeus e comunas de Mouros” in *Revista Lusitana*, vol. XXXIV (pp. 168-265) e vol. XXXV (pp. 161-238)

BRANCO, Manuel Castelo (1962) – “Registos paroquiais quinhentistas da Igreja de Santa Maria do Castelo, da vila de Castelo Branco” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 3; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 31-48)

BRANCO, Manuel Castelo (1963) – “Notas e documentos para a História dos Judeus e Cristãos-Novos de Castelo Branco” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 10; dir. José Lopes Dias; s.l (pp. 5-37)

BRANCO, Manuel Castelo (1967) – “Familiares do Santo Ofício em Castelo Branco” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 21; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 15-27)

BRANCO, Manuel da Silva Castelo (1981) – “A gafaria medieval de Castelo Branco: subsídios para a sua história” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 7 – Nova Série; dir. Ant.º Salvado; s.l (pp. 5-14)

CARDOSO, Eloy (1963) – Apontamentos para a história de Castelo Branco” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 9; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 24-32)

CONDE, Frederico da Costa (1964) – “A alcáçova de Castelo Branco” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 14; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 129-130)

CONDE, Frederico da Costa (1971) – “Castelo Branco, cidade emérita” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 36; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 81-91)

CORREIA, João Diogo (1967) – “Reflexos sobre os nomes de duas granjas da Ordem de Cristo no termo de Castelo Branco” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 22; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 53-55)

LANDEIRO, José Manuel (1964) – “Transferência da sede da Diocese Egitanense de Idanha-a-Velha para a Guarda” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 11; dir. José Lopes Dias; s.l (pp. 89-92)

LOPES, Francisco de Pina (1962) – “Como Vila Franca da Gardosa à posse de Fernando Sanches” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 3; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 65-66)

MACHÁS, Joaquim (1965^A) – “Nos tempos que já lá vão... Origens de Castelo Branco” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 17; dir. José Lopes Dias; s.l (pp. 88-101)

MACHÁS, Joaquim (1965^B) – “Nos tempos que já lá vão... Senhora de Mércules – Fundação e Povoamento de Castelo Branco (2.ª parte)” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 18; dir. José Lopes Dias; s.l (pp. 58-61)

MARQUES, A. H. de Oliveira (1981) – “Introdução à História da Cidade Medieval Portuguesa”, in *Bracara Augusta*, vol. XXXV, fasc. 79-80 (92-93) (pp. 367-387)

MARQUES, A. H. de Oliveira (1982) – “Cidades Medievais Portuguesas (Algumas Bases Metológicas Gerais)” in *Revista de História Económica e Social*, n.º 9; Lisboa (pp. 1-16)

MATTOSO, José (1992) – “A Romanização do actual Território Português: A difusão do Cristianismo na Hispânia” in *Antes de Portugal*, coord. José Mattoso, col. *História de Portugal*, vol. I, dir. José Mattoso; Círculo de Leitores, s.l. (pp. 283-287)

PERES, Damião (1969) – “Castelo de Castelo Branco” in *A gloriosa História dos Mais Belos Castelos de Portugal*; Portucalense, Lisboa

SALEMA, Vasco da Costa (1967) – “Documentos da Guerra da Restauração” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 23; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 107-115)

TAVARES, M.^a J. Pimenta Ferro (1982^A) – “Judeus e mouros no Portugal dos séculos XIV e XV (tentativa de estudo comparativo)” in *Revista de História Económica e Social*, n.º 9; Lisboa (pp. 75-89)

VELHO, Martim (1979) – “O arrasamento da Idanha em 1133” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 5 – Nova Série; dir. Ant.º Salvado; s.l (pp. 45-47)

(1945) “Castelo Branco” in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. VI; Editorial Enciclopédia Lda., Lisboa – Rio de Janeiro (pp. 178-183)

KRUZ, Luís (1993) – “Ordens religiosas militares” in *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, vol. II; coord. José Costa Pereira; Publicações Alfa (pp. 58-60)

LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho (1990) – “Castello Branco” in *Portugal Antigo e Moderno – Dicionário Geográfico, Estatístico, Chronográfico, Heráldico, Bibliográfico e Etimológico de todas as Cidades, Vilas e Freguezias de Portugal e de grande número de aldeias*, vol. II; Cota d’Armas, Edição Comemorativa do 1.º Centenário, Braga (pp. 173-180)

“Castelo Branco e Idanha-a-Nova” in *Guia Expresso das Cidades e Vilas históricas de Portugal*, n.º 6; 1996

“Exposição bibliográfica, documental e histórica do distrito de Castelo Branco, das obras existentes na Biblioteca Municipal”; Câmara Municipal de Castelo Branco, 1971 (BN: B. 5209 V.)

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1972) – “Primeiras impressões sobre a arquitectura românica portuguesa”; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

AZEVEDO, Leonel (2003) – “Roteiro turístico da cidade de Castelo Branco”; Câmara Municipal de Castelo Branco

BANHA, Carlos Manuel dos Santos (2006) – “As ânforas romanas de Idanha-a-Velha (Civitas Igaeditanorum); Tese de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

BARBOSA, Pedro Gomes (2008) – “Reconquista Cristã: Nas origens de Portugal – séculos IX a XII”; 1.º edição, Ésquilo

BARROS, Henrique da Gama (1945/54) – “História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV”, vols. I a XI; 2.ª edição, dir. Torquato de Sousa Soares; Sá da Costa, Lisboa

BEÇA, Humberto (1922) – “Castelos de Portugal: Os castelos da Beira histórica”; tese apresentada ao Congresso Beirão de Viseu; Companhia Portuguesa Editora, Porto

CARVALHO, Pedro Jorge Cardoso de (2006) – “Cova da Beira: Ocupação e exploração do território na época romana”; Tese de Doutoramento em História, especialidade Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

DIAS, Jaime Lopes (1935) – “Pelourinhos e Forcas do distrito de Castelo Branco”; Minerva, Vila Nova de Famalicão

DIAS, José Lopes (1961) – “O Hospital dos Correiros de São Tiago da vila de Castelo Branco, segundo um pergaminho inédito do século XV”; separata da revista *Imprensa Médica*, Ano 25 – *Colóquio de História da Medicina do Porto* (1960); Lisboa

DIAS, José Lopes (s.d.) – “Beira Baixa”; Bertrand, Lisboa

DIAS, José Lopes; **VASCONCELOS**, José Leite (1944) – “Etnografia da Beira: lendas, costumes, crenças e superstições”

FRANKLIN, Francisco Nunes (1895) – “Memoria para servir de Indice dos Foraes das Terras do Reino de Portugal e seus Dominios”; 2.^a edição; Academia Real das Sciencias, Lisboa

LANDEIRO, José Manuel (1940) – “Diocese da Guarda com a sede em Idanha-a-Velha (Egitânia), Penamacor e Guarda: O arceprelado de Penamacor”; Minerva, Vila Nova de Famalicão

LOBO, Ernesto Pinto; **VENTURA**, Augusto; **SANTOS**, Alexandre dos (1979) – “Memorial histórico-artístico e monumental dos concelhos de Castelo Branco, Belmonte, Idanha-a-Nova e Penamacor”; inserido nas *1.^{as} Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa*; Casa da Juventude de Castelo Branco, Castelo Branco, Tipografia Semedo

MARTINS, Cón. Anacleto (2003) – “Breve história da freguesia e igreja de São Miguel Arcanjo e da diocese de Castelo Branco”; Semedo

MARTINS, Cón. Anacleto Pires da Silva (1980) – “Portados quinhentistas da cidade de Castelo Branco”, separata “Estudos de Castelo Branco”, n.º 5; Câmara Municipal de Castelo Branco

MARTINS, Manuel A. de Moraes (2004) – “Castelo Branco: um século na vida da cidade 1830-1930”, vol. I, 1.^a ed.; Câmara Municipal de Castelo Branco

MORENO, Humberto Baquero (1986) – “Os municípios portugueses nos séculos XIII a XVI: estudos de história”; Presença, Lisboa

MORENO, Humberto Baquero (1990) – “Exilados, marginais e contestatários na sociedade portuguesa medieval: estudos de história”; Presença, Lisboa

NUNES, Ant.º Pires; **RIBEIRO**, João Henriques (1980) – “Castelo Branco e a sua região: história, arte, etnografia”; Epartur, Coimbra

RAU, Vígínia (1983) – “Feiras Medievais Portuguesas – Subsídios para o seu estudo”, *col. Biblioteca de Textos Universitários*, n.º 51; 2.^a edição; Editorial Presença, Lisboa

RIBEIRO, João; **AZEVEDO**, Leonel (2001) – “Os jardins do Paço Episcopal de Castelo Branco”; Câmara Municipal de Castelo Branco

SAA, Mário (1956/67) – “As grandes vias da Lusitânia: o itinerário de António Pio”, 6 vols.; Tipografia Soc. Astória, Lisboa (*FCG: BB 5935*)

SILVA, João Belmiro Pinto da; **VEIGA**, Ant.º (coord.) (2004) – “Castelo Branco – A terra e as suas memórias culturais...”; Héstia Editores, Castelo Branco

TAVARES, M.^a J. Pimenta Ferro (1982^B) – “Os judeus em Portugal no século XV”, vol. I; UNL, Lisboa

TENTE, Catarina (2007) – “A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela”; colecção *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 47; coord. edit. Ant.º Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa

Enquadramento – Religião e Morte

BEIRANTE, M.^a Ângela (1982) – “Para a História da Morte em Portugal (séculos XII-XIV)” in *Estudos de História de Portugal – Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, vol. I; col. *Imprensa Universitária*, n.º 23; Editorial Estampa, Lisboa (pp. 357-383)

MARQUES, A. H. de Oliveira (1987^A) – “A Morte” in *A Sociedade Medieval Portuguesa: aspectos da vida quotidiana*, 5.^a ed; Livraria Sá da Costa, Lisboa (pp. 209-218)

MATTOSO, José (1997) – “Pressupostos mentais do culto dos mortos” in *Arqueologia Medieval*, n.º 5, dir. Cláudio Torres; Camo arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto (pp. 5-11)

ARIÈS, Philippe (1989) – “Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média”, 2.^a edição, trad. Pedro Jordão; Teorema, Lisboa

DIAS, Vítor Manuel Lopes (1963) – “Cemitérios, jazigos e sepulturas – monografia: Estudo histórico, artístico, sanitário e jurídico”; ed. do Autor – depositária Coimbra Editora, Lda.; Tip. Editorial Domingos Barreira, Porto

PINTO, M.^a Luís Rocha (1993) – “Crises de Mortalidade e Dinâmica Populacional nos séculos XVIII e XIX na região de Castelo Branco”, 2 vols.; Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

TAVARES, M.^a J. Pimenta Ferro (1989) – “Pobreza e Morte em Portugal na Idade Média”; Presença, Lisboa

VILLA-LOBOS, M.^a José Cabral Laboreiro de (1995) – “Atitudes perante a morte: permanência e mudança numa aldeia da Beira Baixa”; Tese de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas, especialidade em Culturas Regionais Portuguesas apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Espólio Cerâmico

CHAVARRIA, Joaquim (1997) – “A Cerâmica”, col. *Artes e Ofícios*, dir. obra Jordi Vigué; trad. Rui Pires Cabral, 1.^a ed.; Editorial Estampa, Lisboa

COSTA, Joaquim Botelho da (2001) – “Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico”, 10.^a ed.; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Espólio Metálico

CORREIA, Virgílio (1916) – “*Pintadeiras* ou *chavões alentejanos*” in *Terra Portuguesa – Revista Ilustrada de Arqueologia Artística e Etnografia*, vol. 1; dir. Virgílio Correia, Lisboa (pp. 23-29)

EGAN, Geoff; **PRITCHARD**, Frances (1991) – “Dress Accessories”, *col. Medieval finds from Excavations in London*, n.º 3; The Museum of London, London

PINTO; M.^a Helena Mendes (1985/87) – “Os móveis e o seu tempo – mobiliário português no Museu Nacional de Arte Antiga: séculos XV-XIX”; Instituto Português do Património Cultural, Lisboa

Espólio Numismático

CASTRO, Armando de (1983) – “O Sistema Monetário” in *História de Portugal*, vol. III, dir. José Hermano Saraiva; Publicações Alfa, Lisboa (pp. 233-242)

MARQUES, A. H. de Oliveira (1987^B) – “O surto urbano, a moeda e os preços: a moeda” in *Portugal da crise dos séculos XIV e XV*, coord. António. H. de Oliveira Marques; *col. Nova História de Portugal*, vol. IV, dir. Joel Serrão e Ant.º H. de Oliveira Marques; 1.^a edição, Presença, Lisboa (pp. 204-216)

TAVARES, M.^a J. Pimenta Ferro (1983^A) – “A Moeda Portuguesa de 1245 a 1383” in *História de Portugal*, vol. III, dir. José Hermano Saraiva; Publicações Alfa, Lisboa (pp. 271-282)

TAVARES, M.^a J. Pimenta Ferro (1983^B) – “A Moeda Portuguesa de 1383 a 1481” in *História de Portugal*, vol. III, dir. José Hermano Saraiva; Publicações Alfa, Lisboa, (pp. 283-292)

TAVARES, M.^a J. Pimenta Ferro (1983^C) – “A Moeda Portuguesa durante a Primeira Dinastia” in *História de Portugal*, vol. II, dir. José Hermano Saraiva; Publicações Alfa, Lisboa (pp. 295-304)

ALMEIDA, Carlos M. Amaral de (1984) – “Catálogo descritivo das moedas portuguesas – Museu Numismático Português”; Imp. Nac. Casa da Moeda, Lisboa

ARAGÃO, Augusto C. Teixeira (1874/77) – “Descrição geral e história das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal”, vol. I; Imp. Nacional, Lisboa

ESCRIBANO, Valentín López (coord.) – “Moedas e Notas na História de Portugal”; Diário de Notícias, Lisboa

MARQUES, Mário Gomes (1996) – “História da Moeda Medieval Portuguesa”; Instituto de Sintra, Sintra

TAVARES, M.^a J. Pimenta Ferro (1978) – “Catálogo das Moedas Portuguesas do Gabinete de Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa” vol. I (1185-1383); Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa

VIEIRA, Rejane M.^a Lobo (coord.) (2000) – “Moedas portuguesas da época dos Descobrimentos na colecção do Museu Histórico Nacional: 1383-1583”; Departamento de Numismática do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro

MAGRO, Francisco A. Costa (1986) – “Ceitis”; Instituto de Sintra, Sintra

PORTO, E. J. (1949) – “Dinheiros e Mealhas Portuguesas”; Soc. Ind. de Tipografia, Lisboa

VAZ, J. Ferraro (1960) – “Numária Medieval Portuguesa”; Edição de Autor, Lisboa

Espólio Pétreo

CORREIA, Virgílio (1918) – “Cabeceiras de sepultura medievais” in *Terra Portuguesa – Revista Ilustrada de Arqueologia Artística e Etnografia*, n.^{os} 25/26; dir. Virgílio Correia, Lisboa (pp. 20-24)

FRANKOWSKI, Eugeniusz (1918) – “As cabeceiras de sepultura e as suas transformações” in *Terra Portuguesa – Revista Ilustrada de Arqueologia Artística e Etnografia*, n.^{os} 25/26; dir. Virgílio Correia, Lisboa (pp. 9-19)

MOREIRA, José Beleza (1979) – “Cabeceiras de sepulturas medievais”; sep. *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*; Coimbra (pp. 163-169)

PONTE, M.^a Salete da (1983) – “Tomar na Arte Antiga” in *Boletim Cultural Informativo da Câmara Municipal de Tomar*, n.^o 5; Gabinete de Educação e Cultura da Câmara Municipal de Tomar, s.l. (pp. 105-170)

RIBEIRO, José Cardim (2006) – “A estela funerária medieval: questões de origem e de terminologia, rotas de difusão, enquadramento histórico e função social” in *Arqueólogo Português: Suplemento n.^o 3* – Actas do VIII Congresso Internacional das Estelas Funerárias; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (pp. 597-611)

VIANA, Abel (1949) – “Estelas discóides do Museu de Beja” in *Arquivo de Beja: Boletim – Estudos – Arquivo*, vols. VI, direcção Ant.^o Belard da Fonseca; Beja (pp. 37-85)

VIANA, Abel (1950) – “Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo” in *Arquivo de Beja: Boletim – Estudos – Arquivo*, vols. VII, direcção Ant.^o Belard da Fonseca; Beja (pp. 3-40)

CASA MARTINEZ, Carlos de la; **DOMÉNECH ESTEBAN**, Manuela (1983) – “Estelas medievales de la provincia de Soria”; *col. Temas Sorianos*, n.º 6; Diputación Provincial de Soria / Departamento de Cultura, s.l.

FRANKOWSKI, Eugeniusz (1920) – “Estelas discoideas de la Península Ibérica” (...)

MARTINGEIL, Hazel; **SAVILLE**, Alan (1988) – “The illustration of the lithic artefacts: A guide to drawing stone tools for specialist reports”; Association of Archaeological Illustrators & Surveyors, The Lithic Studies Society, Northampton

Bibliografia On-line

História

FIGUEIREDO, Paula (2002^A) – “Escola Conde de Ferreira de Castelo Branco / Estação de Romeiros de Castelo Branco” in *Inventário do Património Arquitectónico* (<http://www.monumentos.pt>) – 29 Nov. 2007

FIGUEIREDO, Paula (2006^B) – “Torre do Relógio” in *Inventário do Património Arquitectónico* (<http://www.monumentos.pt>) – 12 Mai. 2008

Espólio Numismático

Ceitis (<http://www.ceitis.25u.com/>) – 26 Maio 2009

Moedas – Estados de conservação (<http://www.moedas.org>) – 26 Maio 2009

Reyes de Castilla e Leon (<http://www.maravedis.net/castillaleon.html>) – 26 Maio 2009

Bibliografia Activa

Enquadramento Espacial

ALMEIDA, Fernando de; **FERREIRA**, O. da Veiga (1967) – “Um poço lusitano-romano encontrado em Idanha-a-Velha” in *O Arqueólogo Português*, n.º 1 – Série III, dir. Fernando de Almeida; Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa (pp. 57-63)

EDMONDSON, J. C. (1994) – “Creating a provincial landscape: Roman imperialism and rural change in Lusitania” in *Les Campagnes de Lusitanie romaine: Occupation du sol et habitats*; edit. J.-G. Georges e M. Salinas de Frias, Madrid (pp. 13-30)

PENA, Ant.º (2000^A) - “Património Natural” in *Roteiro de Castelo Novo – concelhos de Fundão e Castelo Branco*; col. *Carta do Lazer das Aldeias Históricas*, vol. 6, dir. Eduardo Graça e Manuela Espírito Santo; INATEL numa edição especial para o jornal *Diário de Notícias* (pp. 158-172)

PENA, Ant.º (2000^B) - “Património Natural” in *Roteiro de Idanha-a-Velha e Monsanto – concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor*; col. *Carta do Lazer das Aldeias Históricas*, vol. 7, dir. Eduardo Graça e Manuela Espírito Santo; INATEL numa edição especial para o jornal *Diário de Notícias* (pp. 116-127)

CABRAL, M.^a João (coord.) (2005) – “Livro vermelho dos vertebrados de Portugal”; Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa

MATHIAS, M.^a da Luz (coord.) (1999) – “Guia dos Mamíferos Terrestres de Portugal Continental, Açores e Madeira”; Instituto da Conservação da Natureza, Centro de Biologia Ambiental da Universidade de Lisboa, Lisboa

RIBEIRO, Orlando; **TEIXEIRA**, Carlos; **FERREIRA**, Carlos Ribeiro; **ALVES**, C. M. de Matos (1967) – “Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000 – nota explicativa da folha 24-D: Castelo Branco”; Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa

Enquadramento – História

“Foral da cidade de Castelo Branco – 1510”; ed. fac-similada; Câmara Municipal de Castelo Branco, 1996

ALARCÃO, Jorge de (2002) – “O Domínio Romano em Portugal”; 4.^a ed.; col. *Fórum de História*, n.º 1; Publicações Europa-América, s.l.

ALMEIDA, João de (1945) – “Monumentos do concelho de Castelo Branco” in *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, vol. I – Parte II; col. *Ao serviço do Império*, n.º X; Lisboa (pp. 388-402)

BARROCA, Mário Jorge (1996/97) – “A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do século XII” in *Portugália*, vols. 17/18 – Nova Série; coord. Rui M. S. Centeno; Instituto de Arqueologia (Faculdade de Letras/Universidade do Porto), s.l (pp. 171-209)

BARROCA, Mário Jorge (2000^A) – “Aspectos da evolução da arquitectura militar na Beira Interior” in *Actas das Primeiras Jornadas do Património da Beira*; coord. M^a do Céu Ferreira, Manuel Sabino Perestrelo, Marcos Osório e Ant^o Augusto Marques; Câmara Municipal da Guarda, Guarda (pp. 215-238)

BARROCA, Mário Jorge (2000^B) – “Contributo para uma bibliografia dos estudos de castelologia medieval portuguesa” in *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 7: “Arqueologia da Idade Média na Península Ibérica”, coord. Vítor Oliveira Jorge; Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Porto (pp. 79-88)

BARROCA, Mário Jorge (2002) – “Os Castelos das Ordens Militares em Portugal (séculos XII a XIV)” in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos – Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, coord. Isabel Cristina Fernandes; Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela (pp. 535-548)

BARROCA, Mário Jorge (2003) – “Arquitectura Militar: Baixa Idade Média - O Castelo Gótico” in *Nova História Militar de Portugal*, vol. I, dir. Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, coord. José Mattoso; 1^a ed., Círculo de Leitores (pp. 117-121)

BARROS, M.^a Filomena Lopes de (2008) – “Os Muçulmanos na zona de Castelo Branco: do domínio árabe ao período medieval cristão” in *Colchas de Castelo Branco – Percursos por Terra e Mar*; Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul, Instituto dos Museus e da Conservação/Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco (pp. 32-71)

BEIRANTE, M.^a Ângela (1993) – “A propriedade e a economia: Comunicações e transportes” in *Portugal das Invasões Germânicas à “Reconquista”* – Parte III: A “Reconquista” Cristã; coord. A. H. de Oliveira Marques; col. *Nova História de Portugal*, vol. II; dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques; 1.^a ed., Presença, Lisboa (pp. 310-313)

BRANCO, Manuel Castelo (1961) – “Alcaides-mores de Castelo Branco” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 1; dir. Jaime Lopes Dias; Castelo Branco (pp. 1-8)

CAPÊLO, José Manuel (2003) – “D. Fr. Pedro Alvites, Mestre Templário em Portugal e nos três reinos”, in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 1 – Nova Série; dir. Ant.^o Salvado; Castelo Branco (pp. 56-78)

CAPÊLO, José Manuel (2007) – “Castelo Branco, a Cidade-Capital Templária em Portugal: de 1215 a 1314 – As Sedes Templárias em Portugal” in *Codex Templi*, dir. e coord. Teresa Pinto Furtado; Zéfiro (pp. 159-220)

CARDOSO, J. Ribeiro (1940) – “Castelo Branco” in *Subsídios para a história regional da Beira Baixa*, 1.^a ed.; Junta Provincial da Beira Baixa (pp. 7-29)

CORREIA, Fernando Branco (2005) – “Egitânia/*Antanyia* e o domínio islâmico: algumas hipóteses para o estudo de um território de fronteira” in *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, coord. Mário Jorge Barroca e Isabel Cristina F. Fernandes; Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (pp. 77-83)

DIAS, João José Alves (1988^A) – “A Beira Interior em 1496 (Sociedade, Administração e Demografia)” in *Ensaio de História Moderna*, n.º 9; Lisboa (pp. 145-152)

DIAS, João José Alves (1988^B) – “A comarca de Castelo Branco em 1527-1540: Aspectos administrativos e demográficos” in *Ensaio de História Moderna*, n.º 9; Lisboa (pp. 145-152)

GOMES, José Pinharanda (1981) – “O Bispado de Egitânea” in *História da Diocese da Guarda*; Editora Pax, Braga (pp. 17-29)

GONÇALVES, João Gouveia Telo (1965) – “Construção das muralhas de Castelo Branco e Nisa”, separata da *Estudos de Castelo Branco – Revista de história e Cultura*; Império,

GONÇALVES, Luís Jorge (2000) – “Implantação e conservação dos castelos da Raia da Beira (séculos XII-XVI)” in *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 7: “Arqueologia da Idade Média na Península Ibérica”, coord. Mário Barroca, Ant.º Malpica Cuello e Manuel Real; Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Porto (pp. 131-140)

LOPES, Marcelo (coord.) (2004) – “Castelo Branco – Mosaico de História: Do século XVIII ao final do século XIX” in *Castelo Branco: Dois séculos de História – 1.º Centenário do Clube de Castelo Branco*; s.l (pp. 13-66)

MARQUES, A. H. de Oliveira (1986) – “A circulação e a troca de produtos: A circulação e a Distribuição Internas” in *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*; coord. A. H. de Oliveira Marques; *col. Nova História de Portugal*, vol. IV; dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques; 1.^a ed., Presença, Lisboa (pp. 123-150)

MARQUES, A. H. de Oliveira (1993) – “O «Portugal» Islâmico” in *Portugal em Definição de Fronteiras – Do Condado Portugalense à crise do século XIV*, coord. M.^a Helena da Cruz Coelho e Armando Luís de Carvalho Homem; *col. Nova História de Portugal*, vol. III; dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques; 1.^a ed., Presença, Lisboa (pp. 116-249)

MARQUES, A. H. de Oliveira (1996) – “A circulação e a troca de produtos: Vias de comunicação” in *Portugal em Definição de Fronteiras – Do Condado Portugalense à Crise do Século XIV*; coord. M.^a Helena da Cruz Coelho e Armando Luís de Carvalho Homem; *col. Nova História de Portugal*, vol. III; dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques; 1.^a ed., Presença, Lisboa (pp. 487-493)

MOREIRA, M.^a de Fátima (2005) – “Pelourinhos do distrito de Castelo Branco” in *Beira Baixa, da sua Terra, da sua História e das suas Gentes*, coord. Ant.º Lopes Pires Nunes; Centro de Formação da Associação de Escolas de Castelo Branco e Vila Velha de Rodão (pp. 117-131)

MORENO, Humberto Baquero (1974) – “Elementos para o Estudo dos Coutos de Homiziados instituídos pela coroa” in *Portugaliae Historica: revista de História e de Cultura Portuguesas*, vol. II; dir. Joaquim Veríssimo Serrão e Jorge Borges de Macedo; Instituto Histórico Infante D. Henrique (Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa), Lisboa (pp. 13-63)

NUNES, Ant.º Lopes Pires (1986) – “A problemática dos vestígios medievais de Castelo Branco” in *Arqueologia da Beira Baixa – Livro das 1.^{as} Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa (1979)*; ARGINPE – Associação Regional Arqueológica e Defesa do Património dos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor, Castelo Branco (pp. 51-69)

NUNES, Ant.º Lopes Pires (2004) – “Os Templários e a Beira Baixa” in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, n.º 2 - Nova Série; dir. Ant.º Salvado; Castelo Branco (pp. 5 – 24)

OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2000^A) – “Algumas considerações sobre os castelos da Ordem do Templo em Portugal: o exemplo paradigmático de Castelo Branco” in *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 7: “Arqueologia da Idade Média na Península Ibérica”, coord. Mário Barroca, Ant.º Malpica Cuello e Manuel Real; Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Universidade de Tras-os-Montes e Alto Douro, Porto (pp. 153-168)

OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2002) – “A influência do Oriente em Portugal através da arquitectura militar templária: o paralelo entre Chastel Blanc e Castelo Branco” in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos – Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, coord. Isabel Cristina Fernandes; Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela (pp. 909-913)

OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2007) – “Oriente e Ocidente na arquitectura Militar Templária em Portugal – a Ascendência de Bernardo de Claraval” in *Codex Templi*, dir. e coord. Teresa Pinto Furtado; Zéfiro (pp. 233-242)

OLIVEIRA, Pedro A. Quintela d’ (2003) – “O Castelo” in *O Programa Polis em Castelo Branco – Albúm Histórico*; coord. Leonel Azevedo; Sociedade Polis Castelo Branco, Castelo Branco (pp. 15-67)

SILVA, Pedro Rego da (1998^A) – “Memórias Paroquiais” in *Raia – Revista Popular de Divulgação Cultural*, n.º 5; dir. Pedro Rego da Silva; Edi-Raia Publicações Periódicas, s.l. (pp. 20-25)

SILVA, Pedro Rego da (1998^B) – “Elementos para o estudo dos Recreios dos Bispos em Castelo Branco” in *Raia – Revista Popular de Divulgação Cultural*, n.º 8; dir. Pedro Rego da Silva; Edi-Raia Publicações Periódicas, s.l. (pp. 6- 18)

SILVEIRA, Ant.º (2003) – “O Largo da Sé” in *O Programa Polis em Castelo Branco – Albúm Histórico*; coord. Leonel Azevedo; Sociedade Polis Castelo Branco, Castelo Branco (pp. 275-321)

LOPES, Francisco de Pina (1941) – “A Beira Baixa na Reconquista Cristã, no Povoamento e na Formação da sua Unidade Moral”; conferência proferida na Casa das Beiras (3 Abr. 1941); Editora Gráfica Portuguesa, Lda., Lisboa

ARMAS, Duarte de (2006) – “Livro das Fortalezas”; 3.^a ed.; *col. História da Cultura Portuguesa*; int. Manuel da Silva Castelo Branco; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Edições Inapa; Lisboa

COSTA, Frei Bernardo da (1771) – “História da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo”; Coimbra

COSTA, Pde. Ant.º Carvalho da (1708) – “Tratado IX: Da Comarca de Castelo Branco” in *Corografia Portuguesa e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal (...)*, vol. II (pp. 383-386)

AZEVEDO, Leonel (coord.) (2003) – “*O Programa Polis em Castelo Branco – Albúm Histórico*”; Sociedade Polis Castelo Branco, Castelo Branco

CANOSO, António (1996) – “A História e a Água no concelho de Castelo Branco”; 1.^a ed.; Serviços Municipalizados de Castelo Branco

CARDOSO, J. Ribeiro (1953) – “Castelo Branco e o seu alfoz: achegas para uma monografia regional”; 1.^a ed.; Ed. Autor, Livrarias Semedo e Feijão - Depositárias, Castelo Branco

DIAS, Jaime Lopes (1932) – “Castelo Branco: o problema do abastecimento de água”; V Congresso Beirão; depositária Torres e C.^a - Livraia Férin; Tip. Minerva, Vila Nova de Famalicão

DIAS, João José Alves (1996) – “Gentes e Espaços (em torno da população portuguesa na primeira metade do século XVI)”, vol. I; *col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas*; Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, s.l.; Tese de Doutoramento em História, especialidade História Económica e Social Moderna apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

DUARTE, Rui Manuel dos Santos (1996) – “As marcas do passado no actual espaço urbano – A cidade de Castelo Branco sob uma perspectiva geográfica”; Tese de Mestrado em Geografia apresentada ao Instituto de Estudos Geográficos - Universidade de Coimbra

GOMES, Rita Costa (2001) – “Castelos da Raia – Beira”, vol. I, *col. Arte e Património*; 2.^a ed.; Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa

GONÇALVES, Luís J. Rodrigues (1995) – “Os castelos da Beira-Interior na defesa de Portugal (séculos XII-XVI)”, Tese de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Lisboa

HORMIGO, José Joaquim M. (1983) – “A Beira Baixa vista por artistas estrangeiros (séculos XVIII-XIX)”; Ministério da Cultura e Coordenação Científica, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português do Património Cultural, Museu Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo

LEITE, Ana Cristina (1991) – “Castelo Branco”, col. Cidades e Vilas de Portugal, n.º 13; 1.ª edição; Presença, Lisboa

LOBO, Ernesto Pinto (1995) – “Castelo Branco Antiga”; JLP Edições e Produções, Lda., s.l.

MARTINS, Cón. Anacleto (1979) – “Esboço Histórico da cidade de Castelo Branco”; Câmara Municipal de Castelo Branco

MATOS, José Vasco Mendes (1972) – “Esboço para uma biografia da cidade de Castelo Branco”; edição de autor, Castelo Branco

MILHEIRO, Fernando (revisão) (2000) – “Viver Castelo Branco – Programa Polis: Plano Estratégico / Programa Polis – Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades: Plano Estratégico de Castelo Branco”; Programa Polis, Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território, s.l.

MONTEIRO, João Gouveia (1999) – “Os castelos portugueses dos finais da Idade Média – Presença, perfil, conservação, vigilância e comando”; col. *Estudos*, n.º 29; Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lisboa

NUNES, Ant.º Lopes Pires (2002) – “Castelo Branco, uma cidade histórica – Estrutura da urbe e as linhas do seu desenvolvimento”; col. *Cadernos de Património Cultural da Beira Baixa*, n.º 3; Câmara Municipal de Castelo Branco, Castelo Branco

NUNES, Ant.º Lopes Pires (2003) – “O castelo de Monsanto da Beira – Cesto de gávea em nave de pedra”; col. *Cadernos de Património Cultural da Beira Baixa*, n.º 9; 2.ª ed; Associação de Defesa do Património Cultural e Natural de Penha Garcia, Idanha-a-Nova

NUNES, Ant.º Lopes Pires (2005) – “Os Castelos Templários da Beira Baixa”; col. *Cadernos de Património Cultural da Beira Baixa*, n.º 6; Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, s.l.

OLIVEIRA, Nuno Villamariz (2000^B) – “Castelos da Ordem do Templo em Portugal (1120-1314)”; Tese de Mestrado em História de Arte Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa

PESSOA, Manuel de Paiva; **DIAS**, Jaime Lopes (1929) – “Castelo Branco: cidade”; ed. da subcomissão de propaganda do IV Congresso Beirão

RAU, Virginia (1983) – “Feiras Medievais Portuguesas – Subsídios para o seu estudo”, col. *Biblioteca de Textos Universitários*, n.º 51; 2.ª edição; Editorial Presença, Lisboa

SANTOS, Manuel Tavares dos (1958) – “Castelo Branco na História e na Arte”; Porto

SILVA, Joaquim Augusto Porfírio (1853) – “Memorial cronológico e descritivo da cidade de Castelo Branco”; Typo. Universal, Lisboa

VILAÇA, Raquel (1994) – Aspectos do povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos finais da Idade do Bronze”; Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Enquadramento – Religião e Morte

TORRES, Rui d’Abreu (1989) – “Enterramentos” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. II; dir. Joel Serrão; Livraria Figueirinhas, Porto (pp. 402-403)

Intervenções Arqueológicas

BAPTISTA, Joaquim (1982) – “Elementos para um inventário de estações arqueológicas/Prospecções e reconhecimento: distrito de Castelo Branco” in *Informação Arqueológica – Boletim de Informação Arqueológica Portuguesa*, n.º 2; coord. Susana H. Correia; Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural, Lisboa (p. 14)

MOREIRA, Sílvia (2008) – “Jardim do Paço” in *Castelo Branco: Boletim Informativo da Câmara Municipal*, n.º 13; dir. Joaquim Morão (p. 16)

MOREIRA, Sílvia; **SALVADO**, Pedro Miguel (2007) – “Resultados das escavações arqueológicas de emergência no castelo de Castelo Branco (2000)”, in *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*, N.º 6 – Nova Série; Câmara Municipal de Castelo Branco, Castelo Branco (pp. 211-217)

RIBEIRO, João Henriques (1984^A) – “Trabalhos de Campo (1981): Castelo Branco” in *Informação Arqueológica – Boletim de Informação Arqueológica Portuguesa*, n.º 4; coord. Susana H. Correia; Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural, Lisboa (pp. 57-59)

RIBEIRO, João Henriques (1985) – “Trabalhos de Campo (1982/83): Castelo Branco” in *Informação Arqueológica – Boletim de Informação Arqueológica Portuguesa*, n.º 5; coord. Susana H. Correia; Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural, Lisboa (pp. 63-64)

RIBEIRO, João Henriques (1987) – “Cerâmica medieval nas escavações da zona do castelo de Castelo Branco (Portugal)” in *Actas do II Colóquio Internacional de Cerâmica Medieval en el Mediterraneo Occidental* (pp. 277-281)

MARQUES, Ant.º Augusto da Cunha (1998) – “Escavações Arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Esperança: relatório das escavações – 1997”; Belmonte (não publicado) – *CNS: 11628*

MARQUES, Ant.º Augusto da Cunha (s.d) – “Relatório de escavações no Castelo de Belmonte - 1994” (não publicado) – *CNS: 8032*

MATOS, Vítor M. Jacinto de (2005) – “Logradouro da Igreja de São Miguel, Castelo Branco, 2004 – Relatório da intervenção antropológica”; Coimbra (não publicado)

MOREIRA, Sílvia (s.d) – “Relatório das escavações de emergência do castelo de Castelo Branco – 2000” (não publicado)

OSÓRIO, Marcos (2004^B) – “Estudo e Valorização do Povoado do Sabugal Velho – Último relatório de progresso técnico-científico”; Estudo e Valorização do Povoado do Sabugal Velho – PNTA 1999-2001; Sabugal (não publicado) – *CNS: 5573*

REIS, M.^a Pilar (coord.) (2006) – “Trabalhos arqueológicos no âmbito da obra de conservação e valorização da Sé Catedral de Castelo Branco e respectivo logradouro (2004) – Relatório dos Trabalhos”; Pavone e Reis, Lda. (não publicado)

RIBEIRO, João Henriques (s.d) – “Relatório das Escavações da zona do Castelo/Castelo Branco” (não publicado)

RIBEIRO, João Henriques (s.d) – “Relatório preliminar das escavações da zona do castelo/Castelo Branco” (não publicado)

RIBEIRO, João Henriques (1981) – “Relatório da 2.^a campanha de escavações da zona do castelo/Castelo Branco”, Arcinpe (não publicado)

RIBEIRO, João Henriques (s.d) – “Relatório da Terceira Campanha de Escavações – zona do castelo/Castelo Branco, 1981” (não publicado)

RIBEIRO, João Henriques (s.d) – “Relatório das Escavações da zona do castelo/Castelo Branco: IV.^a campanha, 1982” (não publicado)

RIBEIRO, João Henriques (s.d) – “Relatório das Escavações da zona do castelo/Castelo Branco: V.^a campanha, 1983” (não publicado)

RIBEIRO, João Henriques (s.d) – “Relatório das Escavações da zona do castelo/Castelo Branco: VI.^a campanha, 1984” (não publicado)

SANTOS, Sandra Célia; **LOURENÇO**, Rui Pedro (2007) – “Sondagens Arqueológicas na Igreja do Convento de São Francisco – Portalegre (2.^a fase) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos – 2007”; Ocrimira, Fundação Robinson; Portalegre – *CNS: 20013*

Espólio Cerâmico

“Munsell[®] Soil Color Charts”; Gretag Macbeth, New Windsor, 2000

ALVES, Francisco; **RODRIGUES**, Paulo; **GARCIA**, Catarina; **ALELUIA**, Miguel (1998) – “A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV, *Ria de Aveiro A* e da zona *Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar” in *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*

– *Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 185-210)

AMARO, Clementino (1992) – “Silos medievais no Palácio Nacional de Sintra” in *Arqueologia Medieval*, n.º 1; dir. Cláudio Torres; Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto (pp. 111-123)

ANTÓNIO, Jorge (2006) – “Intervenção arqueológica no castelo de Alcobaça” in *Al-Madan*, n.º 14 – Série II; dir. Jorge Raposo; Centro Arqueológico de Almada, Almada (pp. 23-32)

BARREIRA, Paula; **DORDIO**, Paulo; **TEIXEIRA**, Ricardo (1998) – “200 anos de cerâmica da Casa do Infante: século XVI a meados do século XVIII” in *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 145-184)

BARROS, Luís; **CARDOSO**, Guilherme; **GONZALEZ**, Ant.º (2003) - “Primeira notícia do forno da Quinta de S. António da Charneca – Barreiro” in *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 295-307)

CABRAL, João; **CARDOSO**, Guilherme; **ENCARNAÇÃO**, José d’ (2009) – “Sondagem arqueológica no Palácio dos Condes da Guarda: testemunhos do subsolo no final do século XX” in *A Casa dos Azulejos de Cascais – De Palácio dos Condes da Guarda a Paços do Concelho*; coord. Ant.º Carvalho, Coneceição Santos; Câmara Municipal de Cascais, Cascais (pp. 203-241)

CARDOSO, Guilherme (2009) – “Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra do Montejunto, Cadaval)” in *Actas do 1.º Encontro de Cultura e Património do Cadaval – Conhecimento e Valorização Cultural no concelho do Cadaval*; Câmara Municipal do Cadaval, Cadaval (pp. 43-82)

CARDOSO, Guilherme; **ENCARNAÇÃO**, José d’ (1990) – “Uma sondagem de emergência no Casal do Geraldo (Estoril-Cascais)” in *Arquivo de Cascais*, n.º 9; Câmara Municipal de Cascais (pp. 45-79)

CARDOSO, Guilherme; **RODRIGUES**, A. Severino (1991) – “Alguns tipos de cerâmica dos séculos XI a XVI encontrados em Cascais” in *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental - Actas do IV Congresso Internacional*, coord. Luís Alves da Silva, Rui Mateus; Campo Arqueológico de Mértola, Mértola (pp. 575-585)

CARDOSO, Guilherme; **RODRIGUES**, A. Severino (1999) – “Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais” in *Arqueologia Medieval*, n.º 6, dir. Cláudio Torres; Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto (pp. 193-212)

CARDOSO, Guilherme; **RODRIGUES**, A. Severino (2002) – “Conjunto de peças de cerâmica do século XVII do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais” in *Actas do 3º Encontro Nacional*

de Arqueologia Urbana, coord. Luís Barros, Fernando J. R. Henriques; Câmara Municipal de Almada, Almada (pp. 269-288)

CARVALHO, Rogério (1991) – “Cerâmicas medievais do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior” in *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental - Actas do IV Congresso Internacional*, coord. Luís Alves da Silva, Rui Mateus; Campo Arqueológico de Mértola, Mértola (pp. 557-560)

CATARINO, Helena (1995) – “Cerâmicas Tardo-Medievais/Modernas do Alto Alentejo: a escavação de um silo na vila do Crato” in *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 129-136)

DIOGO, Ant.º Dias; **TRINDADE**, Laura (2000^A) – “Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correiros, Lisboa” in *Revista Portuguesa de Arqueologia* vol. 3 - n.º 2, coord. edit. António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa (pp. 201-235)

DUARTE, Susana (2000) – “Cerâmicas de Idanha-a-Velha: contributo para o estudo dos motivos decorativos” in *O Arqueólogo Português*, n.º 18 – Série IV; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (pp. 99-140)

FERNANDES, Isabel Cristina; **CARVALHO**, Ant.º Rafael (1995) – “Cerâmicas Baixo-Medievais na Casa n.º 4 da Rua do Castelo (Palmela)” in *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 77-96)

FERNANDES, Isabel Cristina; **CARVALHO**, Ant.º Rafael (1997^A) – “Abordagem Arqueológica da Palmela Medieval Cristã” in *Arqueologia Medieval*, n.º 5, dir. Cláudio Torres; Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto (pp. 221-242)

FERNANDES, Isabel Cristina; **CARVALHO**, Ant.º Rafael (1997^B) – “Intervenção arqueológica na Rua de Nenhures (área urbana de Palmela)” in *Actas I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste - Setúbal Arqueológica*, vols. 11/12, dir. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares; Museu de Arqueologia e Etnografia, Assembleia Distrital de Setúbal, Setúbal (pp. 279-295)

FERNANDES, Isabel Cristina; **CARVALHO**, Ant.º Rafael (1998) – “Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela” in *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 211-256)

FERNANDES, Isabel Cristina; **CARVALHO**, Ant.º Rafael (2003) – “A loiça seiscentista do Convento de S. Francisco Alferrara (Palmela)” in *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 231-252)

FERREIRA, F. E. Rodrigues (1983) – “Escavação do ossário de São Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa” in *Revista Municipal*, n.º 4 – Série II; dir. Orlando Martins Capitão; Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa (pp. 5-36) (FCG: PCI.44)

FERREIRA, F. E. Rodrigues; **NEVES**, M. C. Machado (2005) – “Intervenção Arqueológica na Igreja do Convento do Carmo” in *Construindo a Memória – As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*, coord. José Morais Arnaud e Carla Varela Fernandes; Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa (pp. 580-609)

FERREIRA, Manuela Almeida (1995) – “O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa” in *Actas das 1.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 151-162)

FOLGADO, Deolinda; **RAMALHO**, M.ª (2000) – “A cerâmica comum fina de finais do século XVI-XVII. Inovação ou Tradição?” in *Casa do Brasil/Casa Pedro Álvares Cabral*; coord. Jorge Custódio; Câmara Municipal de Santarém, Santarém (pp. 39-60) (IPA)

FRANCO, Lyster; **SERRÃO**, Eduardo da Cunha; **GUERREIRO**, Marília; **AFONSO**, Aniceto (1984) – “Escavações no antigo Hospital da Confraria do Espírito Santo dos pescadores e mareantes de Sesimbra” in *Arqueologia e História* (Série X), vol. 1, n.º 0 (pp. 157-186)

GASPAR, M.ª Alexandra (1985) – “Escavações arqueológicas na Rua de Nossa Senhora do Leite – Braga” in *Cadernos de Arqueologia*, vol. 2, Série 2; dir. M.ª Manuela Martins, Manuela Delgado; Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Museu D. Diogo de Sousa, Braga (pp. 51-125)

GASPAR, M.ª Alexandra (1991) – “Contribuição para o estudo das cerâmicas medievais de Braga” in *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental - Actas do IV Congresso Internacional*, coord. Luís Alves da Silva, Rui Mateus; Campo Arqueológico de Mértola, Mértola (pp. 365-374)

GASPAR, M.ª Alexandra; **AMARO**, Clementino (1997) – “Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa” in *Actes du VI^e Congrès de L’AIECM 2 – La céramique médiévale en Méditerranée*, dir. Gabrielle Démians d’Archimbaud; Narration Éditions, Aix-en-Provence (pp. 337-345)

GOMES, Ana, **GASPAR**, Alexandra, **PIMENTA**, João, **VALONGO**, Ant.º, **PINTO**, Paula, **MENDES**, Henrique, **RIBEIRO**, Susana, **GUERRA**, Sandra (2001) – “A Cerâmica Pintada da Época Medieval da Alcáçova do Castelo de São Jorge” in *Garb – Sitios Islâmicos do Sul Peninsular*; Ministério da Cultura – Instituto Português da Património Arquitectónico e Junta de Extremadura - Consejería de Cultura; Lisboa (pp. 119-163)

GOMES, Mário Varela; **GOMES**, Rosa Varela (1996^A) – “Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves” in *Xelb*, vol. 3, dir. Mário Varela Gomes; Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves (pp. 143-206)

GOMES, Mário Varela; **GOMES**, Rosa Varela (1998) – “Cerâmicas dos séculos XV a XVII, da Praça Cristovão Colombo no Funchal” in *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*

– *Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 315-348)

GOMES, Mário Varela; **GOMES**, Rosa Varela; **CARDOSO**, João Luís (1996) – “Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV” in *Xelb*, vol. 3, dir. Mário Varela Gomes; Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves (pp. 33-78)

GOMES, Mário Varela; **GOMES**, Rosa Varela; **CORREIA**, João Rosado, **SERPA**, Francisco (1991) – “Escavações na primitiva Igreja de Nossa Senhora da Orada – Reguengos de Monsaraz (notícia preliminar)” in *Investigação e Defesa do Património - Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, coord. José Morais Arnaud; Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa (pp. 415-423)

GONÇALVES, Cristina; **AMARO**, Clementino (2002) – “A atalaia de Belmonte na fronteira dos territórios da Ordem de Santiago” in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos – Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, coord. Isabel Cristina Fernandes; Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela (pp. 477-484)

GONÇALVES, João Ludgero M.; **GONÇALVES**, Joaquim (1990) – “Escavação arqueológica no Salvador (Sobral de Monte Agraço) – Campanha de 1987” in *Revista de Arqueologia*, n.º 1, dir. João Ludgero Gonçalves; Assembleia Distrital de Lisboa, Lisboa (pp. 77-88)

GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José Avelino; **BENÉITEZ GONZÁLEZ**, Carmen (1997) – “Aportaciones al repertorio cerámico bajomedieval castellano-leones: Las producciones de Valencia de Don Juan” in *Actes du VI^E Congrès de L’AIECM 2 – La céramique médiévale en Méditerranée*, dir. Gabrielle Démians d’Archimbaud; Narration Éditions, Aix-en-Provence (pp. 539-548)

LÁRREN IZQUIERDO, Hortensia; **TURINA GÓMEZ**, Araceli (1998) – “Caracterización y Tipología de la Cerámica Medieval de la Provincia de Zamora, siglos XI-XIV” in *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 81-89)

LEAL, Vanessa Oliveira (2000) – “Rua da Judiaria (Almada) – o espólio cerâmico do silo 7” in *Al-Madan*, n.º 9 – Série II, dir. Jorge Raposo; Centro Arqueológico de Almada, Almada (pp. 202-205)

LOPES, Gonçalo Adriano Simões Gonçalves (1998) – “Cerâmicas dos séculos XVII-XVIII de Vialonga” in *Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, vol. 8, dir. Ant.º Moura Andrade; Câmara Municipal de Marvão, Marvão (pp. 325-346) (BN: P.P. 20490 V.)

LUNA, Isabel; **CARDOSO**, Guilherme (2006) – “Nota preliminar sobre as cerâmicas provenientes do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras” in *Actas do III Seminário do Património da Região Oeste*; Câmara Municipal do Cadaval, Associação Património Histórico, Cadaval (pp. 99-112)

MARQUES, Ant.º Augusto da Cunha (2000) – “Escavações arqueológicas no castelo de Belmonte (1992-1995)” in *Beira Interior: História e Património – Actas da 1.ª Jornadas do Património da Beira Interior*; edit. M.ª do Céu Ferreira, Manuel Sabino Perestrelo, Marcos Osório, Ant.º Augusto Marques; Câmara Municipal da Guarda, Guarda (pp. 253-286)

MARTINS, Artur; **RAMOS**, Carlos (1992) – “Elementos para análise e descrição de produções cerâmicas” in *Vipasca – Arqueologia e História*, n.º 1 ; Câmara Municipal de Aljustrel, Aljustrel (pp. 91-101)

MARTINS, Carla M.^a Braz (2004) – “Um conjunto cerâmico dos séculos XV-XVI (Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo)” in *Olaria – Estudos de Arqueologia, História e Etnografia*, n.º 3; dir. Mário Constatino Lopes; Câmara Municipal de Barcelos, s.l. (97-101)

MATOS, José Luís de (1971) – “Notícia de uma colecção de cerâmica medieval do Museu Hipólito Cabaço de Alenquer” in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. II; Junta de Educação Nacional, Coimbra (pp. 571-576)

MENDES, Henrique; **PIMENTA**, João; **VALONGO**, Ant.º (2002) – “Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira n.º 21 - Centro Histórico de Santarém” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5 – n.º 1, coord. edit. António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa (pp. 259-276)

MESQUITA GARCIA, Mercedes (1998) – “La cerámica gris de los alfares de Paterna: Tipología” in *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 127-136)

PONTE, Salete da; **FERREIRA**, Rui; **MIRANDA**, Judite (2002) – “Intervenção arqueológica no Castelo de Tomar” in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos – Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, coord. Isabel Cristina Fernandes; Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela (pp. 423-438)

RAMALHO, M.^a M. B. de Magalhães (2002) – “Religião e Morte: A morte no quotidiano do Convento de São Francisco de Santarém” in *De Scallabis a Santarém; Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia*; coord. Ana Margarida Arruda, Catarina Viegas e M.^a José de Almeida; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (pp. 185-196)

REAL, Manuel Luís; **GOMES**, Paulo Dordio; **TEIXEIRA**, Ricardo Jorge; **MELO**, Rosário Figueiredo (1995) – “Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – séculos IV-XIX” in *Actas das 1.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 171-186)

RODRIGUES, Miguel Areosa; **LEBRE**, Anabela Gomes (2003) – “Cerâmicas medievais da Vila Velha (Vila Real)” in *Actas das 3.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 151-159)

RODRIGUES, Miguel Areosa; **REBANDA**, Nelson (1998) – “Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Sta. Cruz da Vilarça” in *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*

– *Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 101-126)

RODRIGUES, Miguel; **REBANDA**, Nelson (1995) – “Cerâmicas medievais do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo)” in *Actas das 1.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 51-66)

SABROSA, Armando (1994) – “Cerâmicas quinhentistas do Palácio Pragana” in *Al-Madan*, n.º 3 - Série II, dir. Jorge Raposo; Centro Arqueológico de Almada, Almada (pp. 38-44)

SABROSA, Armando; **SANTO**, Paulo Espírito (1992) – “Almada medieval e moderna: um projecto de investigação” in *Al-Madan*, n.º 1 - Série II, dir. de Jorge Raposo; Centro Arqueológico de Almada, Almada (pp. 5-12)

SABROSA, Armando; **SANTOS**, Vitor Manuel (1993) – “Cerâmica comum de silos medievais: Rua Henriques Nogueira – Almada” in *Al-Madan*, n.º 2 – Série II, dir. Jorge Raposo; Centro Arqueológico de Almada (pp. 116-122)

SILVA, Ana Raquel; **DEUS**, Manuela de (1999) – “Cerâmicas modernas da Quinta do Conventinho” in *O Medieval e o Moderno em Loures – Viagens pelo Património*, catálogo da exposição no Museu Municipal de Loures; Câmara Municipal de Loures (pp. 41-46)

SILVÉRIO, Silvina; **BARROS**, Luís; **TEIXEIRA**, André (2004)– “Escavações arqueológicas no Castelo de Penamacor / Cimo da Vila: resultados da primeira campanha (2003)” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7 - n.º 2, coord. edit. António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa (pp. 473-540)

SOARES, Joaquina (2002) – “MAEDS – Trabalhos Arqueológicos: novas estratigrafias para a história de Setúbal” in *Al-Madan*, n.º 11 – Série II, dir. Jorge Raposo; Centro Arqueológico de Almada (pp. 250-251)

SOMÉ MUÑOZ, Pilar; **HUARTE CAMBRA**, Rosario (1999) – “La ceramica moderna en el Convento del Carmen” in *Arqueologia Medieval*, n.º 6, dir. Cláudio Torres; Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afontamento, Porto (pp. 160-171)

TEICHNER, Félix (1997) – “Céramique de l'époque de l'ordre des Templiers, mobilier du Moyen Age d'Idanha-a-Velha (Beira Intérieur, Portugal)” in *Actes du VI^e Congrès de L'AIECM 2 – La céramique médiévale en Méditerranée*, dir. Gabrielle Démians d'Archimbaud; Narration Éditions, Aix-en-Provence (pp. 347-352)

TEICHNER, Felix (1998) – “A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa)” in *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 17-31)

TEICHNER, Felix (2000) – “Dois conjuntos de cerâmicas quinhentistas, provenientes do Convento de São Domingos e do claustro da Igreja de São Francisco, em Évora (Alentejo)” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6 – n.º 2, coord. edit. António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa (pp. 501-520)

TRINDADE, Laura; **DIOGO**, Ant.º Dias (2001^A) – “Intervenção arqueológica de emergência na Rua dos Correeiros em Lisboa. As Sondagens n.ºs 2, 6, 7, 9 e 10” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4 – n.º 1, coord. edit. António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa (pp. 187-204)

TRINDADE, Laura; **DIOGO**, Ant.º Dias (2003) – “Cerâmicas de um silo da Alcáçova de Santarém” in *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*, coord. Hélder Childra Abraços e João Manuel Diogo; Câmara Municipal de Tondela (pp. 145-150)

VIEGAS, Catarina; **ARRUDA**, Ana Margarida (1999) – “Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2 – n.º 2, coord. António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa (pp. 105-186)

“Museu do Prado (Madrid)”, *col. Museus do Mundo*, vol. IV, coord. João Quina; Planeta de Agostini, 2005

“Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa)”, *col. Museus do Mundo*, vol. I, coord. João Quina; Museu Nacional de arte Antiga, Instituto Português dos Museus, Planeta de Agostini, 2005

AMARAL, Joana (coord.) (2008) – “Castelo de São Jorge – Núcleo Museológico”, *Guia do Núcleo Museológico do Castelo*; Câmara Municipal de Lisboa/EGEAC, Lisboa

FERNANDES, Isabel Cristina; **SANTOS**, Michelle Teixeira (coord.) (2008) – “Palmela Arqueológica: Espaços, Vivências, Poderes – Roteiro da Exposição”; *Catálogo da Exposição na Igreja de Santiago – Castelo de Palmela*; Câmara Municipal de Palmela, Museu Municipal, Palmela

GOMES, Rosa Varela; **GOMES**, Mário Varela (2001) – “Palácio Almóada da Alcáçova de Silves”; *Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia*; Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, Museu Municipal de Arqueologia de Silves, Lisboa

SILVÉRIO, Silvina; **SANTOS**, Cláudia (2007) – “Evidências Históricas do Castelo de Penamacor: Da Pré-História ao Século XX”; *Catálogo da Exposição no Museu Municipal de Penamacor*; Câmara Municipal de Penamacor, s.l.

BATATA, Carlos (1998) – “Carta Arqueológica do concelho da Sertã”; Câmara Municipal da Sertã, Sertã

CARDOSO, Guilherme (2007) – “A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval”; *col. Arqueologia do Cadaval*, n.º 3; Câmara Municipal do Cadaval, Cadaval

FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Jorge Juan (1981) – “Excavaciones Medievales en Valeria (Cuenca)”; *col. Arqueologia Conquense*, n.º 5; Diputación Provincial de Cuenca, s.l.

GOMES, Rosa Varela (1999) – “Silves (Xelb), uma cidade do *Gharb Al-Andalus*: Arqueologia e História (séculos VIII-XIII)”; Tese de Doutoramento em História – especialidade Arqueologia apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa (policopiado)

GOMES, Rosa Varela (2002) – “Silves (Xelb), uma cidade do *Gharb Al-Andalus*: Território e Cultura”, coleção *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 23; coord. editorial António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa

GOMES, Rosa Varela (2006) – “Silves (Xelb), uma cidade do *Gharb Al-Andalus*: O núcleo urbano”, coleção *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 44; coord. editorial António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa

LEITE, Ana Cristina; **PEREIRA**, Paulo (1993) – “Hospital Real de Todos-os-Santos: séculos XV-XVIII – catálogo”; Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Câmara Municipal de Lisboa (*FCG: AAL 1187*)

MAN, Adriaan de (2006) – “Conímbriga: Do Baixo Império à Idade Média”; 1.ª ed., Edições Sílabo, Lisboa

MOURÃO, Teresa da Paz Sanches de Miranda (2004) – “Entre murmúrios e orações: Aspectos da vida quotidiana do Convento de Santa-Clara-a-Velha captados através do espólio funerário (séc. XVI e XVII)”, 2 vols.; Tese de Mestrado em Museologia e Património Cultural apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra (policopiado)

NOLEN, Jeannette U. Smit (2004) – “Roteiro – Museu de Arqueologia do Castelo de Vila Viçosa”; 1.ª ed.; Fundação da Casa de Bragança

OSÓRIO, Marcos (coord.) (2008) – “Museu do Sabugal – Coleção Arqueológica”; Câmara Municipal do Sabugal, Pro-Raia – Associação de Desenvolvimento Integrado da Raia Centro Norte, Sabugal

RAMALHO, M.ª M. B. Magalhães (1998) – “O Convento de S. Francisco de Santarém – História e Arqueologia de um Monumento”; Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto (policopiado)

SANTOS, Reynaldo dos (1960) – “Faiança Portuguesa – séculos XVI-XVII”, vol. I; Livraria Galaica (*FCG*)

SILVA, Rodrigo Banha da; **GUINOTE**, Paulo (1998) – “O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos: roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos”; Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa

SILVÉRIO, Silvina; **BARROS**, Luís (2005) – “Arqueologia no castelo da Aldeia Histórica de Castelo Novo (2002-2004): resultados preliminares”; Câmara Municipal do Fundão, Castelo Novo

SIMÕES, J. M. Dos Santos (1971) – Azulejaria em Portugal no século XVII – Tomo I: tipologia”; *col. Corpus da Azulejaria Portuguesa*; ilustração Emílio Guerra de Oliveira; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

BOAVIDA, Carlos (2006) – “Castelo de Penamacor – Estudo de Espólio Medieval e Moderno: Sector Pelourinho/Cemitério (2005)”; trabalho realizado no âmbito da cadeira de Relatório Final, FCSH-UNL (policopiado)

Espólio Metálico

VIANA, Abel (1961/62) – “Notas várias – Circunstâncias habituais de exploração arqueológica em Portugal” in *Arquivo de Beja: Boletim – Estudos – Arquivo*, vols. XVIII/XIX, direcção José António da Silva; Beja (pp.89-211)

DEAGAN, Kathleen (2002) – “Artifacts of the spanish colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800: portable personal possessions”, vol. 2; Smithsonian Institution Press, Washigton & London

ALMEIDA, Solange (2005) – “Museu do Canteiro”; *Catálogo da Exposição Permanente*; Câmara Municipal de Castelo Branco, Castelo Branco

BARROCA, Mário Jorge; **MONTEIRO**, João Gouveia (coord.) (2000) – “Pera Guerrejar – Armamento Medieval no Espaço Português”; *Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia*; Câmara Municipal de Palmela, Palmela

OREY, Leonor d’ (coord.) (1995) – “Cinco séculos de joalharia – Museu Nacional de arte Antiga”, 1.ª ed.; Instituto Português dos Museus, Philip Wilson Publishers Limited

PINTO, M.ª Helena Mendes; **SOUSA**, M.ª da Conceição Borges de (2000) – “Mobiliário Português”; *Roteiro da Exposição do Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga*; 1.ª ed.; Instituto Português dos Museus, s.l.

TORRES, Andreia Martins (2006) – “Os complementos de vestuário exumados na escavação da Praça Luís de Camões - Do Palácio Marialva aos Casebres do Loreto”; trabalho realizado no âmbito da cadeira de Relatório Final, FCSH-UNL (policopiado)

Espólio Numismático

ANTUNES, Miguel Telles (2003) – “Estudo numismático e datação do sítio da Praça do Giraldo 56, Évora” in *O Arqueólogo Português*, vol. 21 – Série IV; dir. Luís Raposo; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (pp. 287-300)

ANTUNES, Miguel Telles (no prelo) – “Castelo de Castelo Branco: Notas numismáticas e arqueozoológicas” in *O Arqueólogo Português*, Série IV; dir. Luís Raposo; Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

GOMES, Alberto (1996) – “Moedas portuguesas e do território português antes da fundação da nacionalidade: catálogo das moedas cunhadas para o continente e ilhas adjacentes, para os territórios do Ultramar e Grão-Mestres portugueses da Ordem de Malta”; 2.^a edição, Edição de Autor, Lisboa

GOMES, Alberto Jorge; **TRIGUEIROS**, Ant.º Miguel (1996) – “Moedas Portuguesas na Época dos Descobrimentos, 1385-1580”; Edição de Autor, Lisboa, 1992

Espólio Vítreo

FERREIRA, Manuela Almeida (1990) – “A vidraria europeia dos séculos XI a XV” in *Introdução ao Estudo do Vidro Medieval*; Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (pp. 39-50)

FERREIRA, Manuela Almeida (2004) – “Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7 - n.º 2, coord. edit. António Marques de Faria; Instituto Português de Arqueologia, Lisboa (pp. 541-583)

CUSTÓDIO, Jorge (1992) – “A Real Fábrica de Vidros de Coima [1719-1747] e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII – Aspectos históricos, tecnológicos, artísticos e arqueológicos” in *Cadernos*, n.º 5 - Série II, Departamento de Estudos do Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa

Espólio em Cabedal/Couro

GREW, Francis; **NEERGAARD**, Margrethe de (1988) – “Shoes and Pattens”, *col. Medieval finds from excavations in London*, n.º 2; The Museum of London, London

Espólio Pétreo

MOREIRA, José Beleza (1995) – “Tipologia das estelas retangulares portuguesas”, separata *Cuadernos de Etnologia y Etnografía de Navarra*, n.º 66 – Actas do VI Congresso Internacional das Estelas Funerárias; Institución Príncipe de Viana, Pamplona (pp. 265-303)

CARDOSO, Guilherme (2005) – “Estelas medievais e modernas do Cadaval”, *col. Arqueologia do Cadaval*, n.º 2; Câmara Municipal do Cadaval, Lisboa

Bibliografia On-line

“Um Programa de Ações Mobilizadoras - Valorizar a memória: intervir no centro histórico”; Câmara Municipal de Castelo Branco (<http://www.cm-castelobranco.pt>) - 26 Jan. 2008

História

CASTRO, Luís; **COSTA**, Marisa (1998/2001^A) – “Castelo de Castelo Branco” in *Inventário do Património Arquitectónico* (<http://www.monumentos.pt>) – 29 Nov. 2007

CASTRO, Luís; **COSTA**, Marisa (1998/2001^B) – “Igreja de Santa Maria do Castelo” in *Inventário do Património Arquitectónico* (<http://www.monumentos.pt>) – 29 Nov. 2007

CONCEIÇÃO, Margarida (1994) – “Igreja de São Miguel / Sé Catedral” in *Inventário do Património Arquitectónico* (<http://www.monumentos.pt>) - 22 Mai. 2008

SANTOS, Manuel Tavares dos (1950/51^B) – “Monumentos de Castelo Branco” in *Jornal da Beira* (<http://castelobrancocidade.blogspot.com> - *O Albicastrense*) – 10 Set. 07 a 16 Mai. 2008

Intervenções Arqueológicas

EIA – Programa POLIS – Castelo Branco” in *Bases de Dados Endovélico*; Instituto Português de Arqueologia (<http://ipa.min-cultura.pt>) - 22 Março 2009

BAPTISTA, Joaquim (2008^A) – “Largo de São João (Castelo Branco)” in *Por Terras do Rei Wamba* (<http://porterrasdoreiwamba.blogspot.com>) – 16 Abr.

BAPTISTA, Joaquim (2008^B) – “Património albicastro” in *Por Terras do Rei Wamba* (<http://porterrasdoreiwamba.blogspot.com>) – 19 Jun.

BAPTISTA, Joaquim (2008^C) – “À atenção de quem?” in *Por Terras do Rei Wamba* (<http://porterrasdoreiwamba.blogspot.com>) – 16 Jul.

CARREGA, João (2008^A) – “Muralha à vista: novo troço descoberto perto do Miradouro de São Gens” in *Jornal Reconquista*; dir. Agostinho Gonçalves Dias (<http://www.reconquista.pt>) – 10 Jul.

CARREGA, João (2008^B) – “Cinco milhões para a zona histórica: Câmara reabilita zona antiga” in *Jornal Reconquista*; dir. Agostinho Gonçalves Dias (<http://www.reconquista.pt>) – 4 Dez.

LOURENÇO, Luís Norberto (2008^A) – “Castelo de Castelo Branco ou a Arqueologia que teima em afirmar-se” in *República, Democracia e Laicismo* (<http://republicalaica.blogspot.com>) – 1 Nov.

LOURENÇO, Luís Norberto (2009^A) – “A muralha albicastrense I” in *República, Democracia e Laicismo* (<http://republicalaica.blogspot.com>) – 9 Abr.

LOURENÇO, Luís Norberto (2009^B) – “Largo de São João em Castelo Branco e os restos Arqueológicos” in *República, Democracia e Laicismo* (<http://republicalaica.blogspot.com>) – 22 Mar.

VERÍSSIMO, Ant.º (2008^A) – “Vestígios Arqueológicos” in *O Albicastrense* (<http://castelobrancocidade.blogspot.com>) - 27 Mai.

VERÍSSIMO, Ant.º (2008^B) – “A velha muralha albicastrense” in *O Albicastrense* (<http://castelobrancocidade.blogspot.com>) - 18 Nov.

VERÍSSIMO, Ant.º (2008^C) – “Obras na nossa cidade” in *O Albicastrense* (<http://castelobrancocidade.blogspot.com>) - 1 Jun.

VERÍSSIMO, Ant.º (2008^D) – “Curiosidades Albicastrenses” in *O Albicastrense* (<http://castelobrancocidade.blogspot.com>) - 26 Dez.

VERÍSSIMO, Ant.º (2009^A) – “A minha cidade” in *O Albicastrense* (<http://castelobrancocidade.blogspot.com>) - 29 Mar.

Os Metais

Espólio Moderno in *Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide* (<http://www.cm-castelo-vid.pt>)

Early American Paintings in the Worcester Art Museum (http://worcester.org/collection/early_american) - 8 Agosto 2009

My Studios.com, gallery sponsored by 1.st art-gallery.com (<http://www.mystudios.com/artgallery>) - 8 Agosto 2009

Anexos

1. Cartas, Mapas e Plantas

Castelo de Castelo Branco

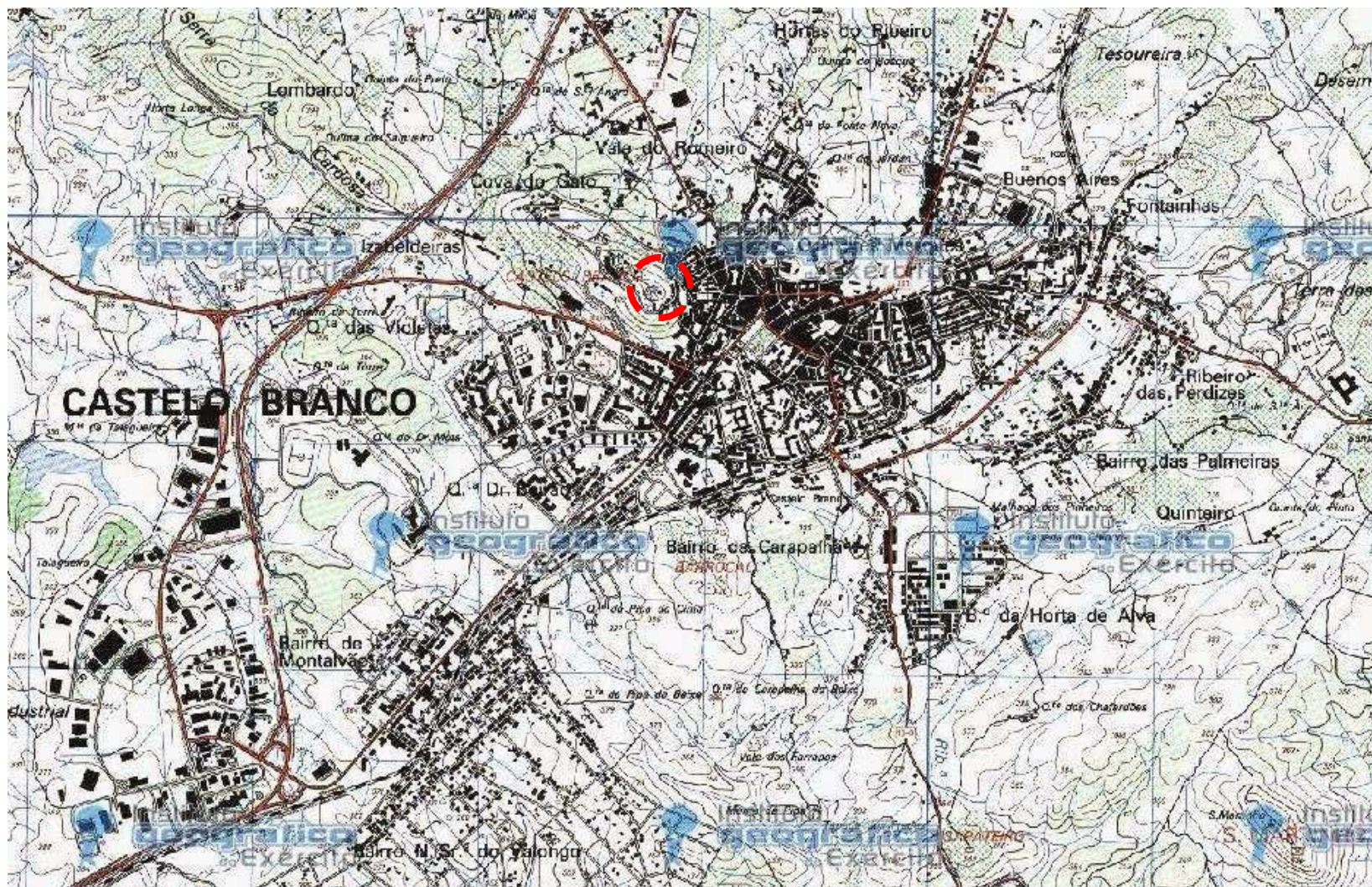


Fig. 1 – Castelo Branco – Excerto C. M. P. n.º 292 (Esc. 1/14000)
Instituto Geográfico do Exército (IGE – online)

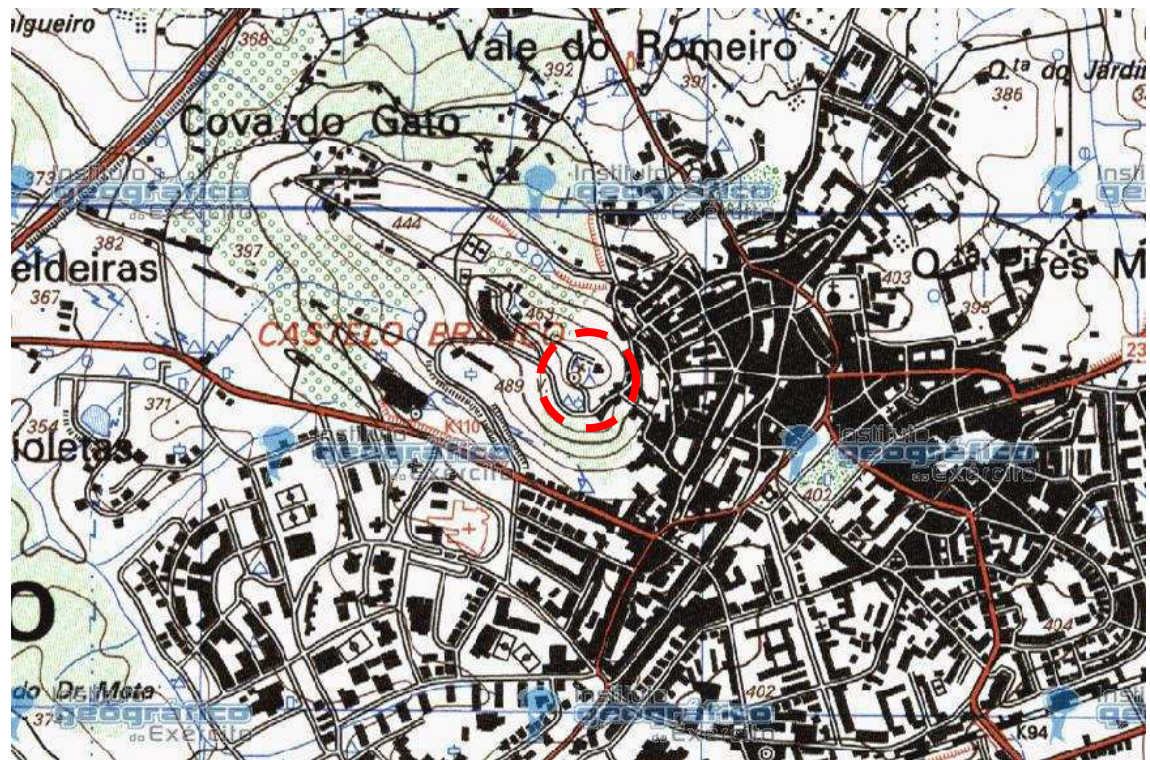


Fig. 2 – Castelo Branco – Excerto C. M. P. n.º 292 (Esc. 1/10000)
 Instituto Geográfico do Exército (IGE – online)

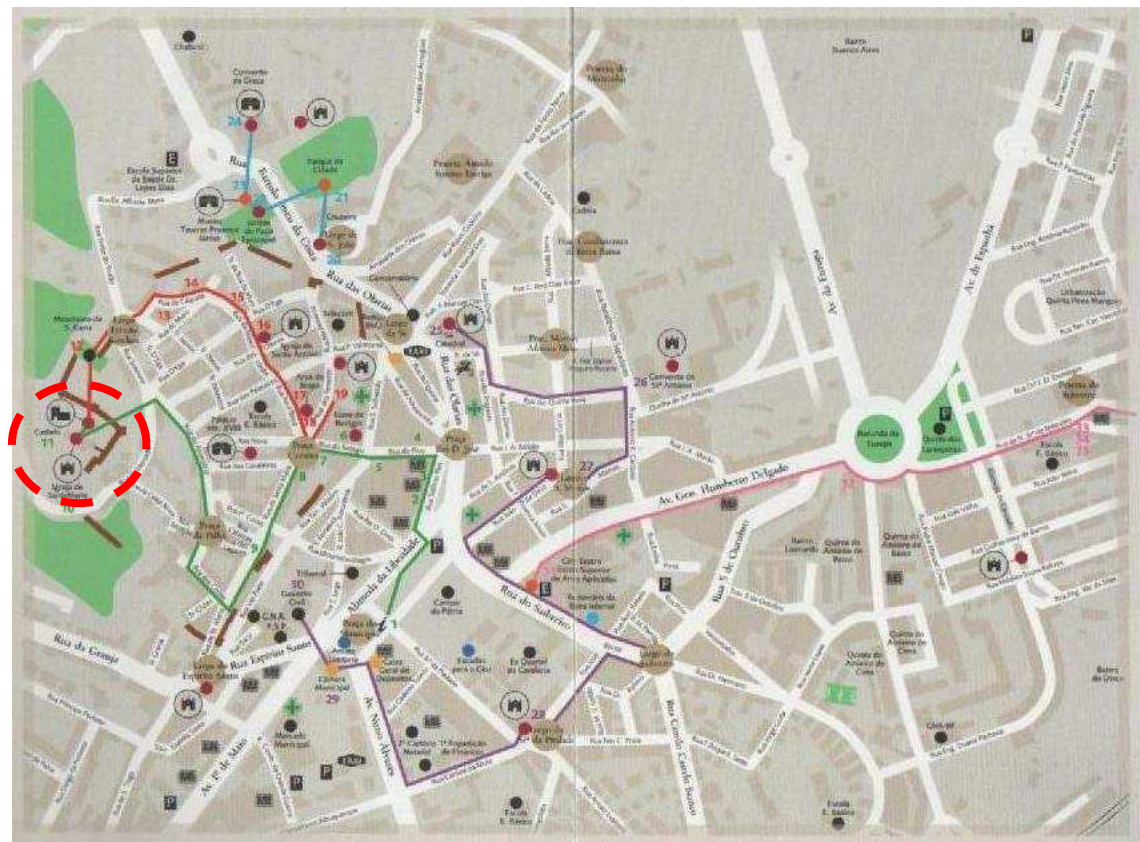


Fig. 3 – “Mapa da Cidade de Castelo Branco”
 Câmara Municipal de Castelo Branco, 2006



Fig. 4 – Limites da Idanha (Ydania), no condado portugalense, segundo Mário Saa
NUNES, 2003, p. 9



Fig. 5 – A Reconquista para sul do Mondego, no vale do Tejo, para leste de Tomar, segundo o Coronel Franco Nogueira
NUNES, 2003, p. 11

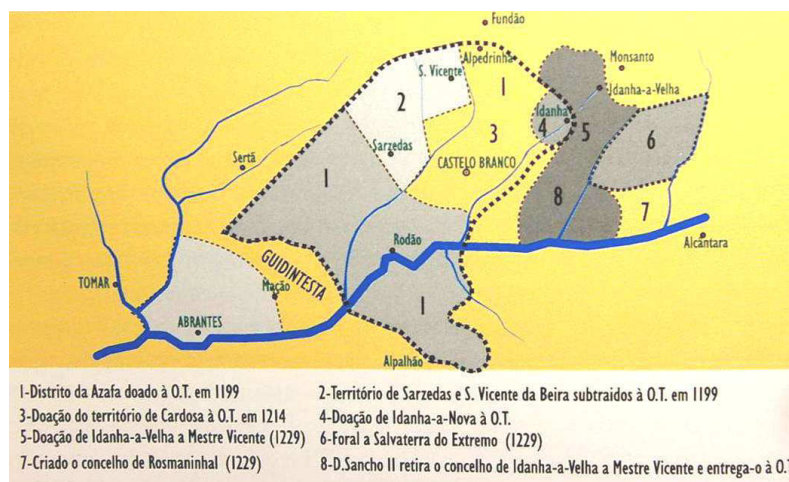


Fig. 6 – Doações atribuídas entre 1199 e 1244, segundo o Coronel Franco Nogueira
NUNES, 2003, p. 12

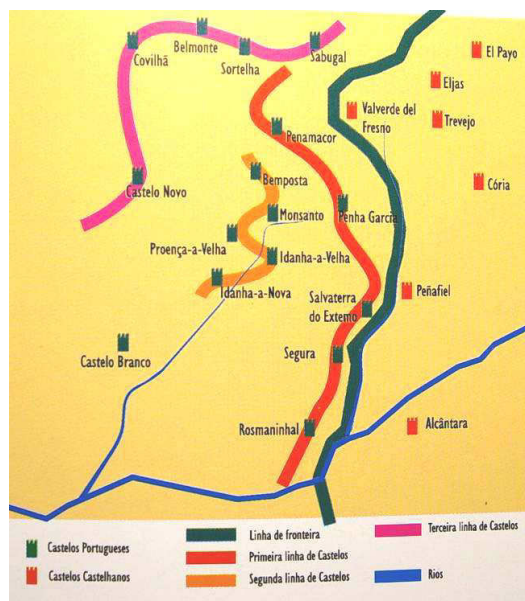


Fig. 7 – Índiculo topográfico dos antigos castelos da Beira, no séc. XIII
 NUNES, 2003, p. 13

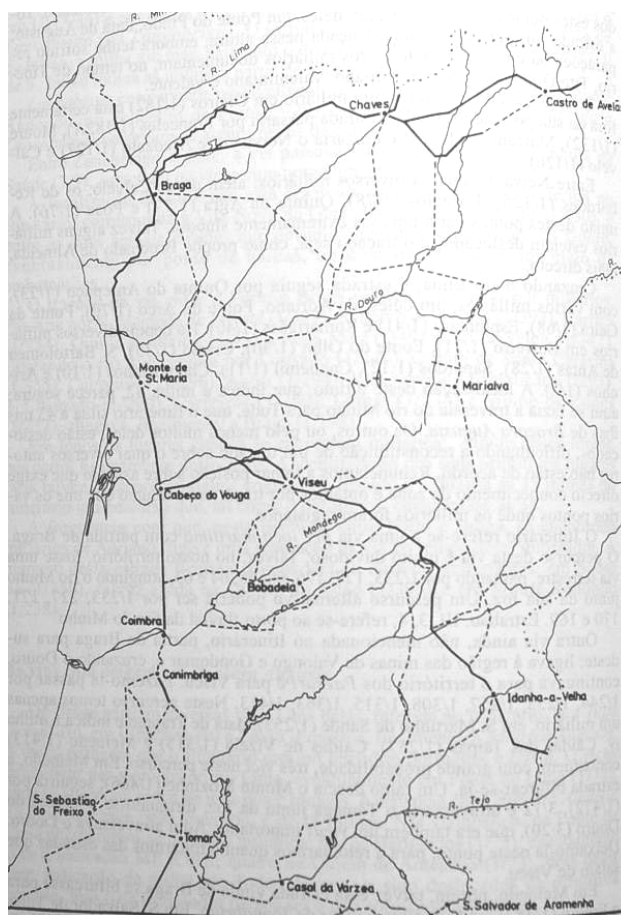


Fig. 8 – Estradas romanas do Norte de Portugal
 ALARCÃO, 2002, p. 92

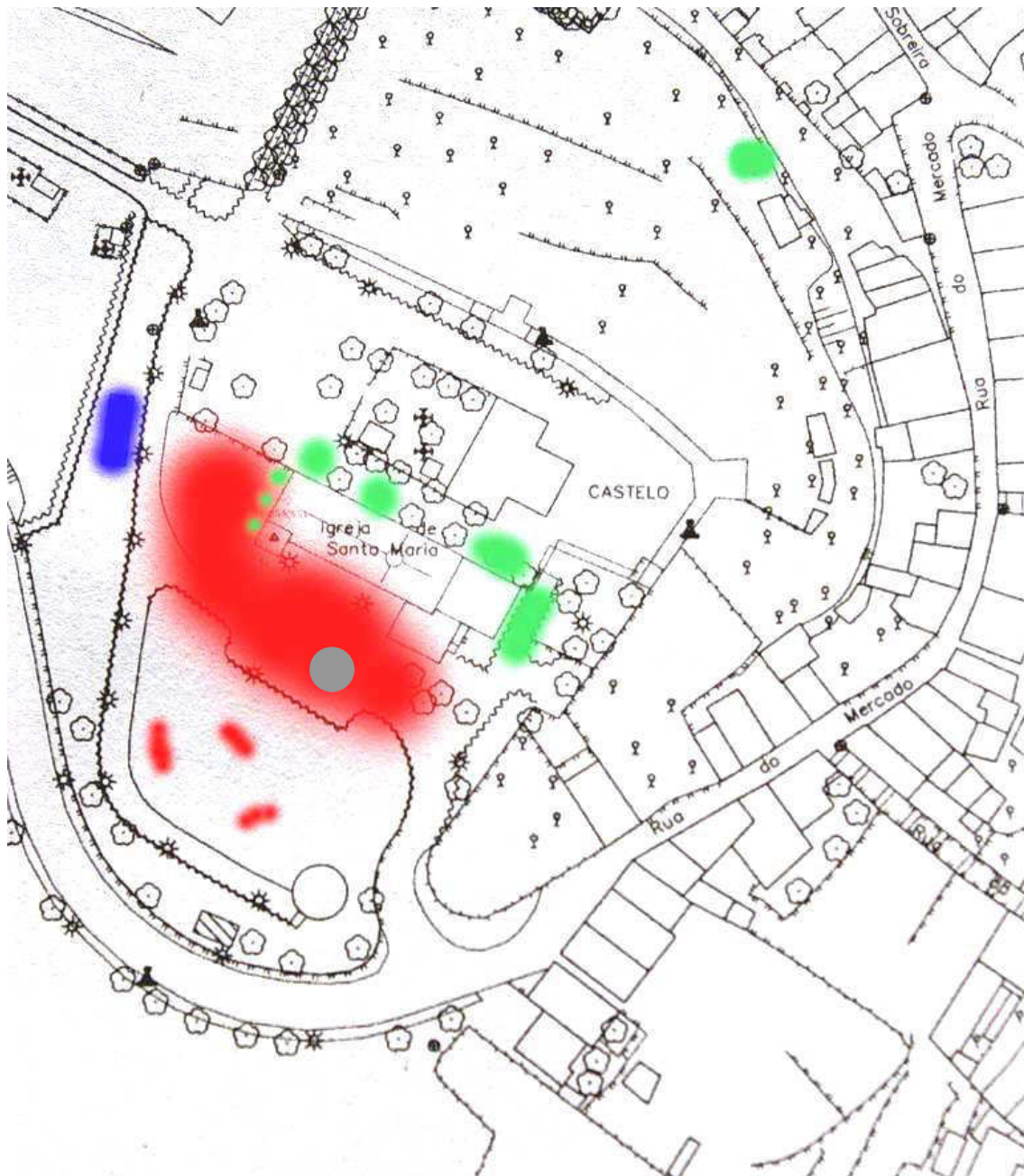


Fig. 13 – Planta do sítio do Castelo, Castelo Branco – áreas de escavação
MOREIRA e SALVADO, 2007, p.215 - adaptada

1979/84; 2000; 2008; Q.118

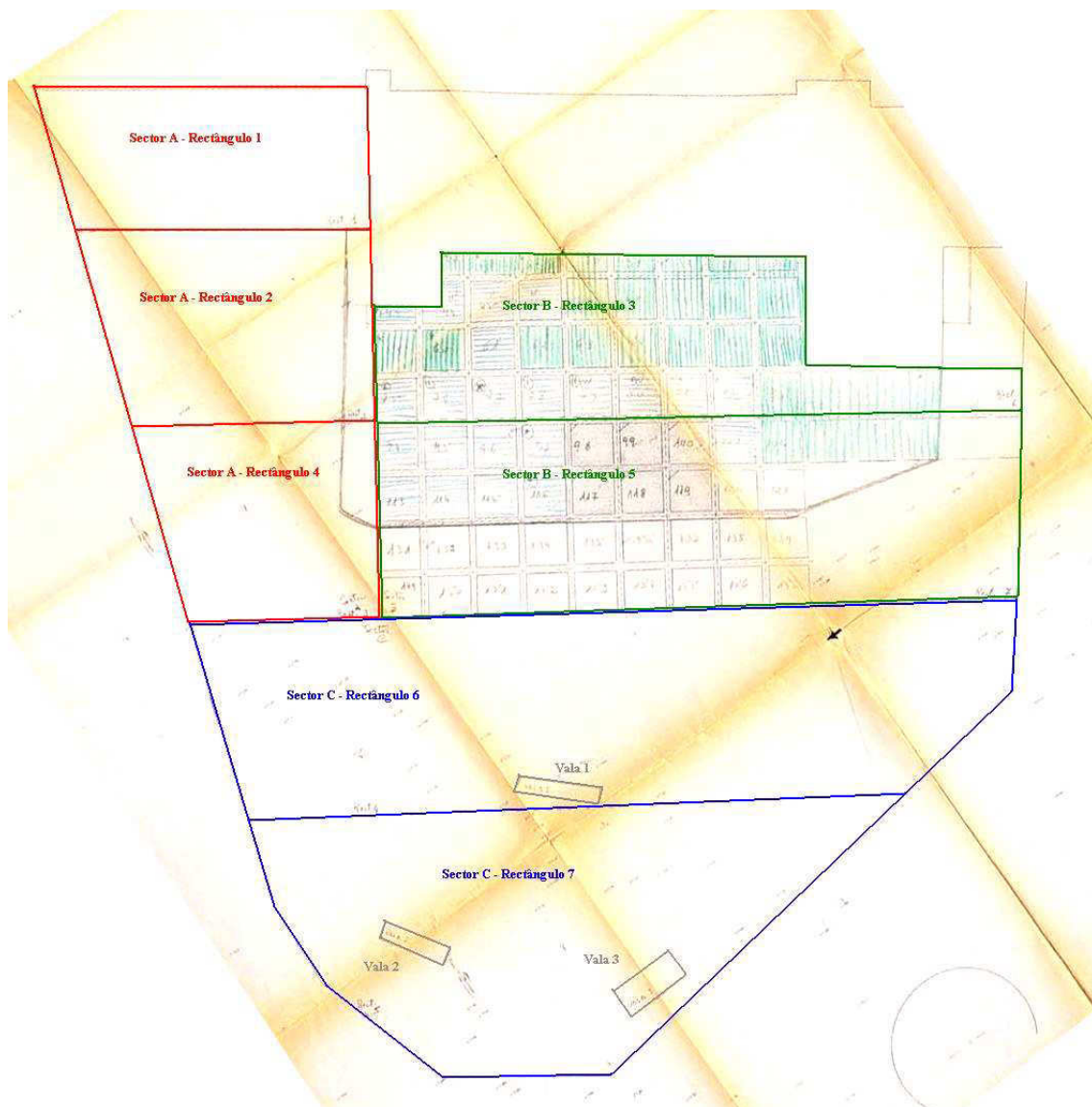


Fig. 14 – Quadrícula da intervenção arqueológica 1979/1984
(adaptação sobre original cedido por João Henriques Ribeiro)

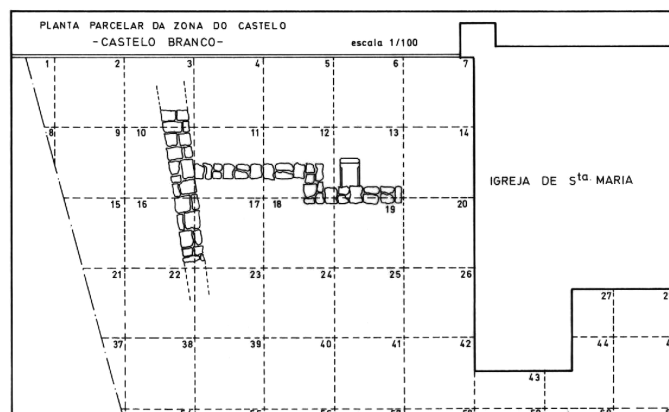


Fig. 15 – Planta da estrutura identificada na zona da porta axial da Igreja de Santa Maria
(original cedido por João Henriques Ribeiro)

2. Documentos

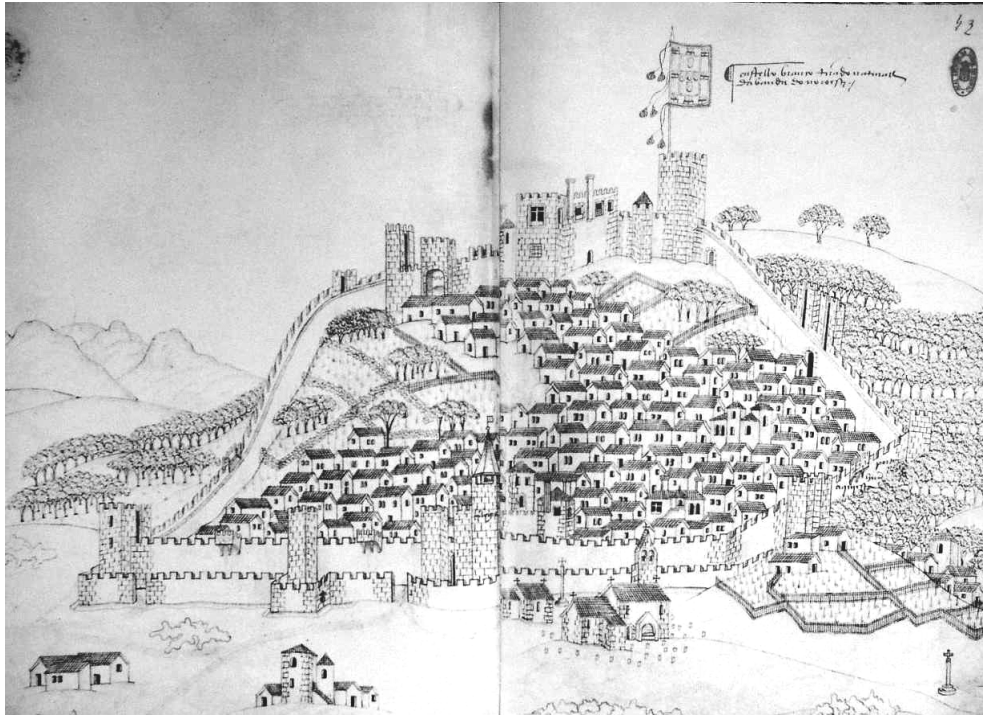


Fig. 16 – Castelo Branco - Vista tirada da banda do Norte (Duarte d'Armas)
ARMAS, 2006 – “Livro das Fortalezas”; 3.^a ed

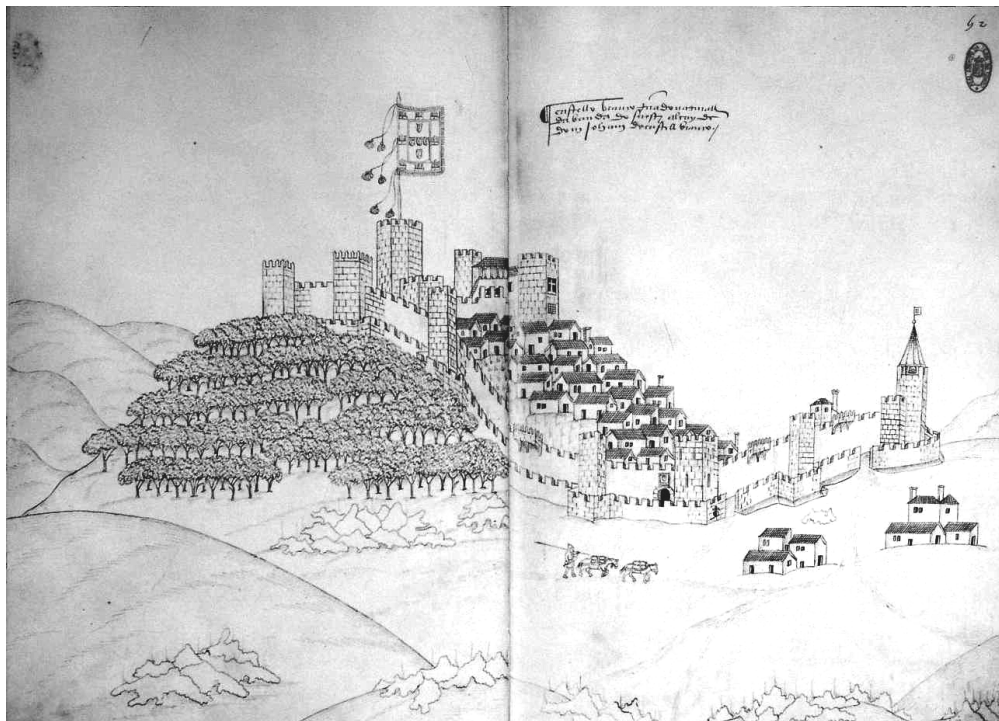


Fig. 17 – Castelo Branco - Vista tirada da banda do Sul (Duarte d'Armas)
ARMAS, 2006 – “Livro das Fortalezas”; 3.^a ed

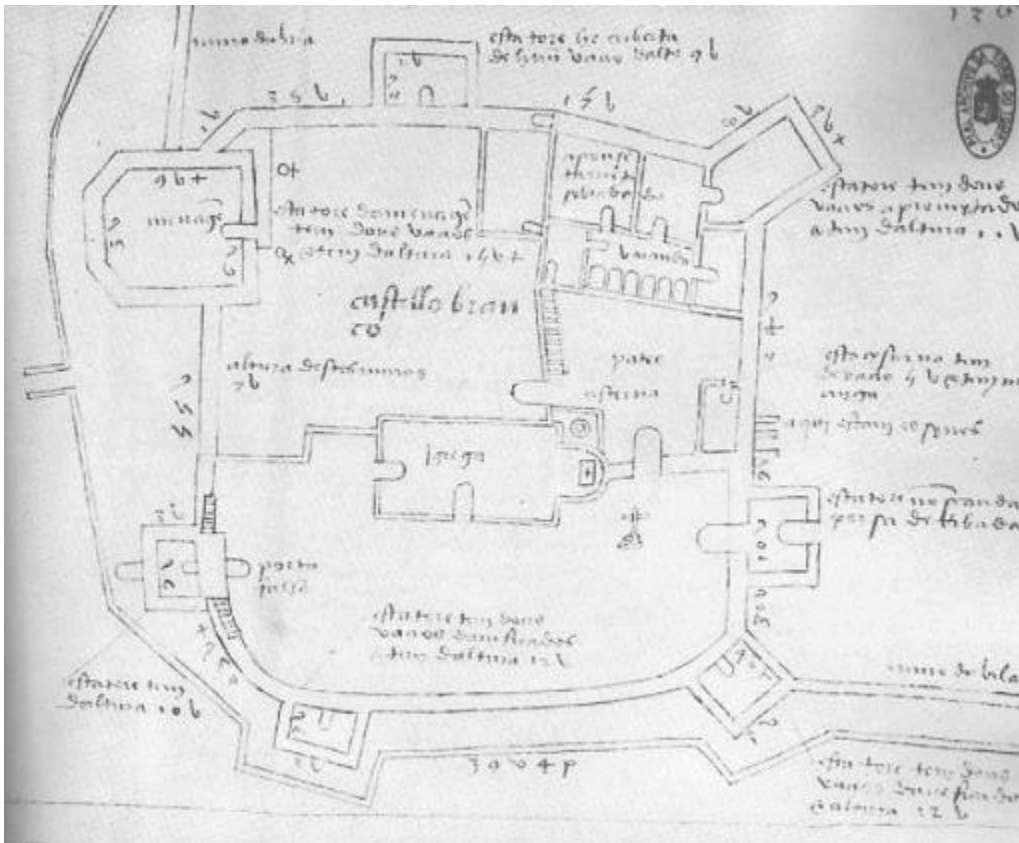


Fig. 18 – Planta da alcáçova albicastrense
 ARMAS, 2006 – “Livro das Fortalezas”; 3.ª ed.

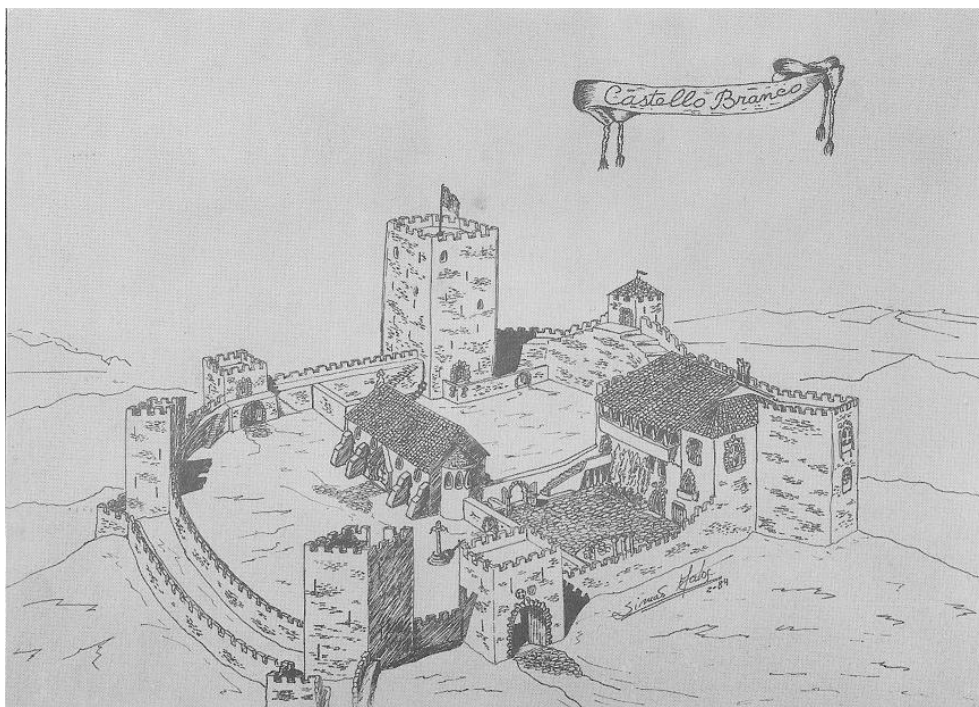


Fig. 19 – Reconstituição da alcáçova albicastrense de acordo com o Livro das Fortalezas, segundo Simão Matos
<http://albicastelhano.blogspot.com> (10/3/2009)

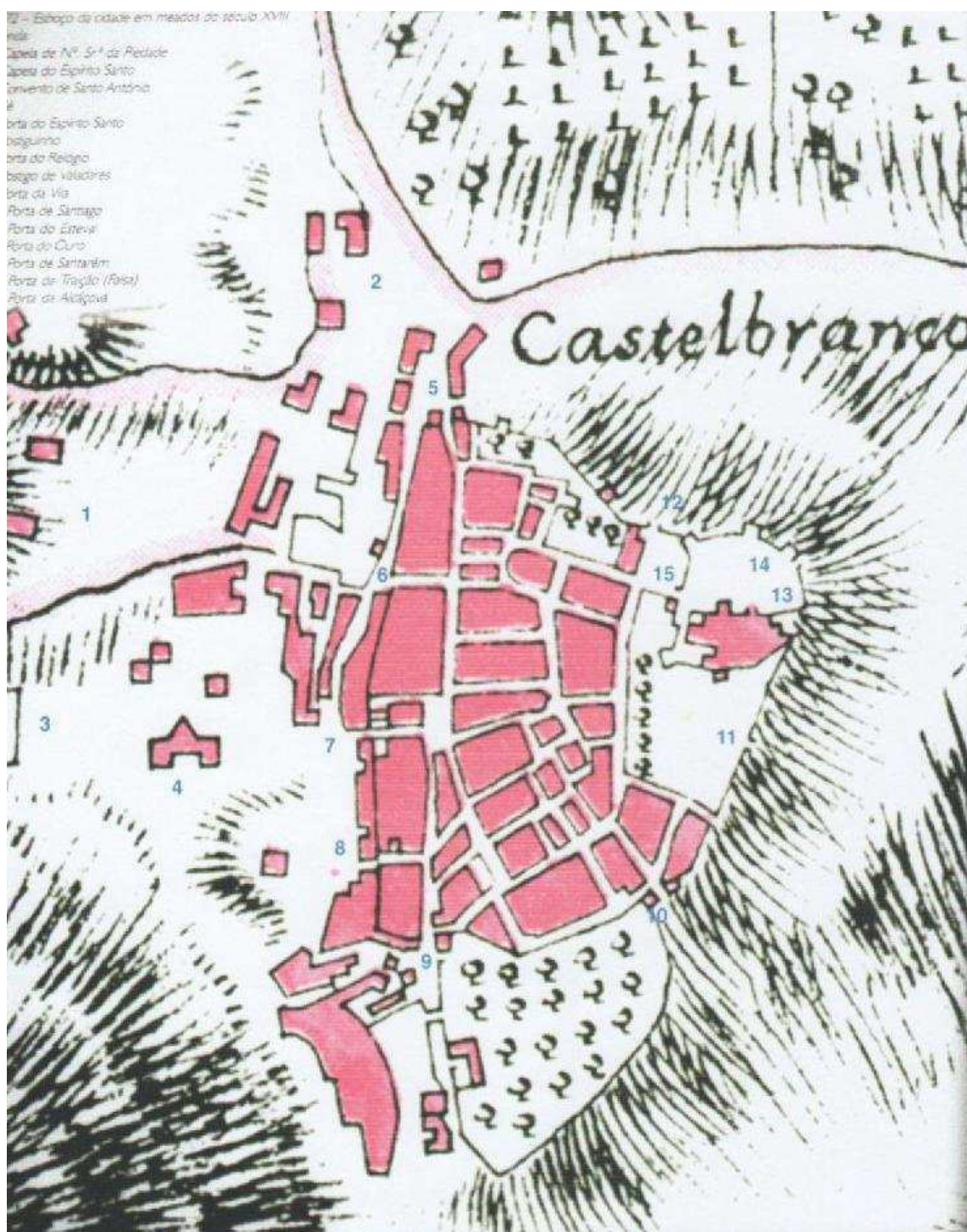


Fig. 20 – Esboço da cidade em meados do século XVIII
 NUNES, 2002, p. 64

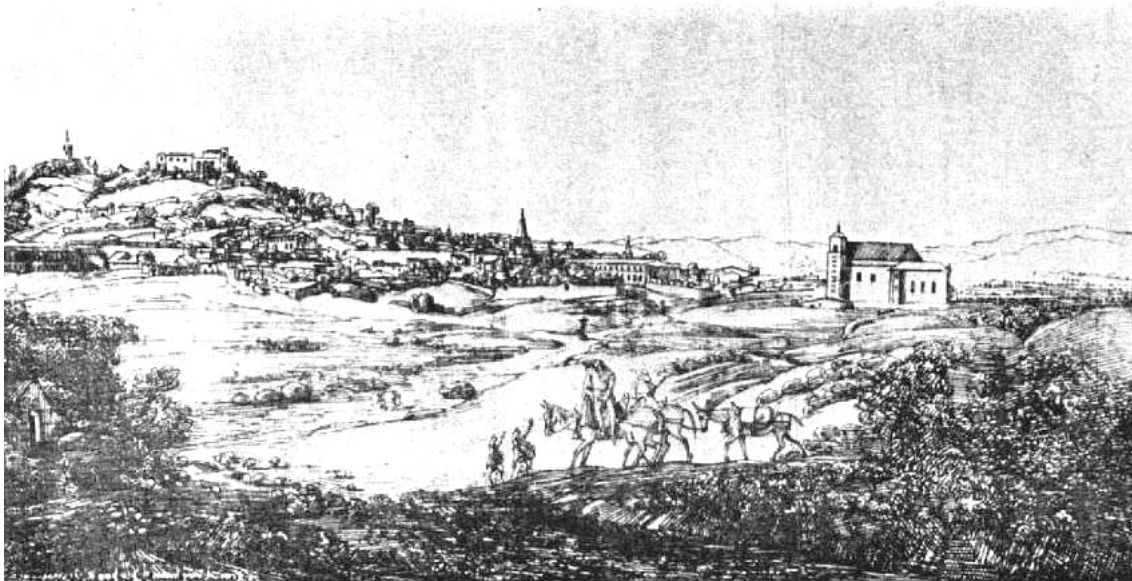


Fig. 21 – Castelo Branco em inícios do século XIX
HORMIGO, 1983, p. 33



Fig. 22 – Castelo de Castelo Branco visto a partir da Rua do Pina – inícios século XX (?)
Arquivo da Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais



Fig. 23 – “Nascimento da Virgem” (1530/40)

Autor desconhecido
Museu Nacional de Arte Antiga



Fig. 24 – “Anunciação” (1539/41)

Gregório Lopes
Museu Nacional de Arte Antiga



Fig. 25 – “*Natureza-Morta com Ostras, Ovos e um Tacho*” (1771)

Luis Eugénio Meléndez
Museu do Prado

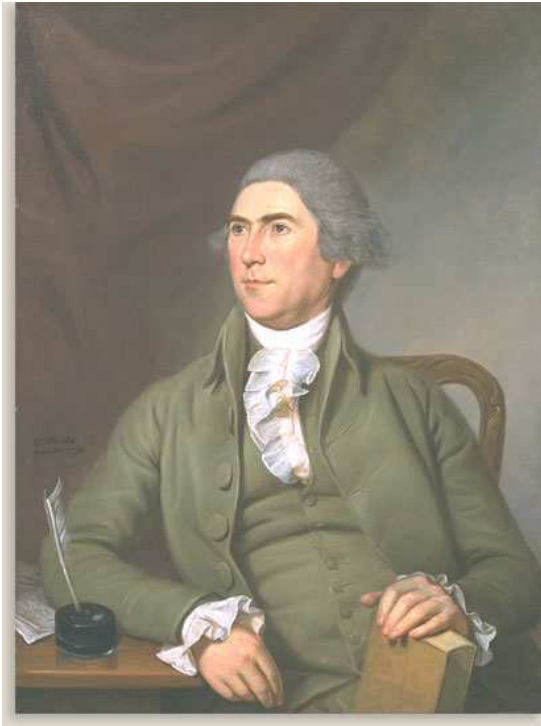


Fig. 26 – “Charles Pettit” (1792)

Charles Wilson Peale

http://worcester.org/collection/early_american



Fig. 27 – “Colonel William Taylor” (1790)

Ralph Earl

<http://mystudios.com/artgallery>



Fig. 28 – “Colonel Benjamin Tallmage and son William Tallmage” (1790)

Ralph Earl

<http://mystudios.com/artgallery>

3. Catálogo

Os índices cromáticos das pastas das cerâmicas encontram-se de acordo com “Munsell Soil Color Charts” (2000), sendo portanto cores aproximadas. A observação dos elementos não plásticos foi feita macroscopicamente.

Abreviaturas

A. – altura	E.ml – espessura da mola
A.b – altura bordo	E.p – espessura do pé
A.cb – altura da cabeça	E.pn – espessura do pino
A.p – altura do pé	E.sp – espessura do espigão
C. – comprimento	E.tv – espessura de travessa
C.c – comprimento das cadeias	Ex.M – eixo maior
C.d – comprimento do disco	Ex.m – eixo menor
C.fz – comprimento do fuzilhão	L. – largura
C.M – comprimento máximo	L.a – largura da asa
C.ml – comprimento da mola	L.b – largura da aba
C.tv – comprimento da travessa	L.bç – largura do braço
Ø.a – diâmetro da argola	L.bd – largura da bordadura
Ø.b – diâmetro do bordo	L.c – largura do colo
Ø.cb – diâmetro da cabeça	L.cb – largura da cabeça
Ø.cc – diâmetro das concavidades	L.cd – largura da cercadura
Ø.d – diâmetro do disco	L.d – largura do disco
Ø.f – diâmetro do fundo	L.fz – largura do fuzilhão
Ø.M – diâmetro máximo	L.M – largura máxima
Ø.M.p – diâmetro máximo pitorra	L.m – largura mínima
Ø.md.p – diâmetro médio do pé	L.M.p – largura máxima do pé
Ø.pf – diâmetro da perfuração	L.m.p – largura mínima do pé
E. – espessura	L.ml – comprimento de mola
E.a – espessura da asa	L.o – largura do ombro
E.b – espessura do bordo	L.p – largura do pé
E.cb – espessura da cabeça	P. – peso
E.f – espessura do fundo	Pf.cc – profundidade das concavidades
E.fz – espessura do fuzilhão	
E.M – espessura máxima	
E.m – espessura mínima	ENP’s – elementos não plásticos
E.md – espessura média	Sup – superfície
E.md.a – espessura média da asa	Crn – cerne

3. Catálogo

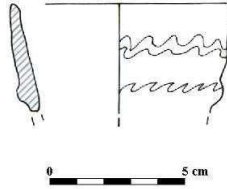
3. 1. As Cerâmicas

Cerâmica Comum

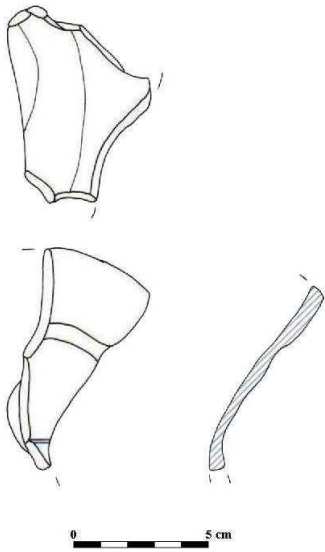
Séculos XII-XIV

Loiça de Mesa

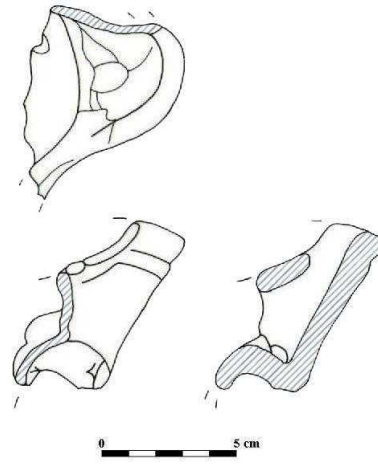
Garrafa N.º 1 C-16-8-CAS83-165 (8B)	<p>Fragmento de bordo com arranque gargalo.</p> <p>O bordo com lábio de perfil semi-circular é ligeiramente aplanado no interior. Abaixo deste, o exterior do gargalo, um pouco estrangulado, é decorado por duas linhas incisivas onduladas, sendo a superior mais larga e a inferior fina e aplicada sobre espessamento da parede do gargalo.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino</p> <p>ENP's Moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 6/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,4 cm; Ø.b 7 cm; E. 0,35-0,6 cm</p>
Jarro N.º 2 C-118-194-CAS82-_ (9B)	<p>Fragmento de bordo correspondente a parte do bico vertedor.</p> <p>O bordo com lábio de perfil semi-circular, seria de formato triolubado, ligeiramente extrovertido na zona do bico. A baixo do bordo encontra-se uma canelura horizontal que acompanharia todo o perímetro da peça. O colo é um pouco estrangulado.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's médios a finos</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Laranja (7.5YR 7/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 7 cm; E. 0,4 cm</p>
Jarro N.º 3 C-36/CAS79 (7B)	<p>Fragmento de bordo correspondente a bico vertedor.</p> <p>O bordo com lábio de perfil semi-circular é um pouco espessado no exterior. O bico era aplicado sobre o corpo da peça, junto ao bordo, num encaixe criado para o efeito.</p> <p>A parte inferior do mesmo é afilada criando uma pequena protuberância.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão médio a fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro</p> <p>Cor Laranja (5YR 6/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 5,3 cm; E. 0,7-0,9 cm</p>



N.º 1 C-16-8-CAS83-165 (8B)

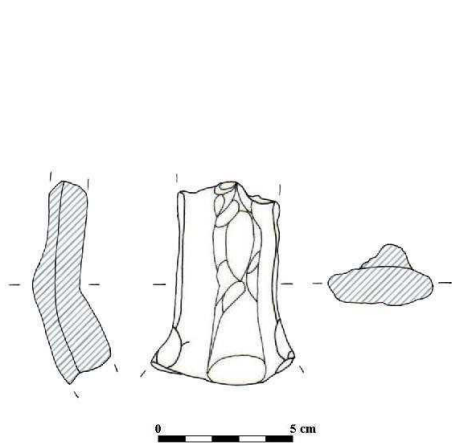


N.º 2 C-118-194-CAS82- (9B)

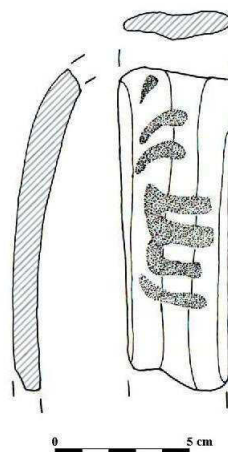


N.º 3 C-36/CAS79 (7B)

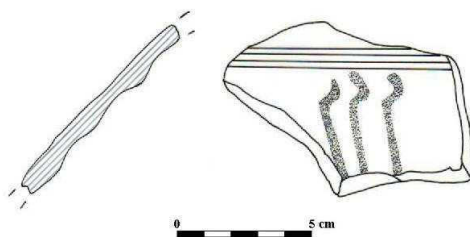
<p>Jarro (?) N.º 4 C-118-4-CAS80-4 (9B)</p>	<p>Fragmento de asa. Asa de secção oval, sobre a qual, foi aplicado cordão plástico vertical digitado. Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Cinzenta (10YR 5/1) Cozedura Oxidante A. 6,8; E.a 0,8-1,9 cm; L.a 3,3 cm</p>
<p>Jarro (?) N.º 5 C-118-7-CAS84-1 (17D)</p>	<p>Fragmento de asa. Corresponde à zona mesial de uma asa de secção em fita com uma depressão longitudinal muito suave. Na face externa apresenta decoração de traços horizontais, paralelos, obtidos através de pintura com engobe de tom esbranquiçado (2.5Y 7/3). Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio com algumas bolhas de ar ENP's Calcário, moscovite, quartzo hialino e leitoso, máficos Cor Sup: Vermelha (2.5YR 4/6) Crn: Cinzenta avermelhada (2.5YR 4/1) Cozedura Parcial oxidante A. 10,3 cm; E.a 0,8 cm; L.a 3,6 cm</p>
<p>Jarro (?) N.º 6 C-118-3-CAS83-150 (13D)</p>	<p>Fragmento de parede. Corresponde ao bojo de peça de perfil globular um pouco achatada. A face exterior é decorada por banda de quatro finas incisões horizontais paralelas e por conjunto de três pinceladas finas, a branco (2.5Y 7/3), verticais e paralelas entre si. Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio e com algumas bolhas de ar ENP's Calcário, feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Castanha (7.5YR 5/4) Cozedura Oxidante A. 5,5 cm; E. 0,5-0,7 cm</p>
<p>Taça N.º 7 C-118-7-CAS83-15 (14D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo horizontal, extrovertido, apresenta secção sub-triangular e lábio de perfil semi-circular, decorado por pequenos digitados. A parede tem perfil tendencialmente troncocónico. Pasta Foleácea com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Laranja (7.5YR 7/6) Cozedura Oxidante A. 3,5 cm; Ø.b 19,8 cm; E. 0,5 cm; E.b 1,5 cm</p>



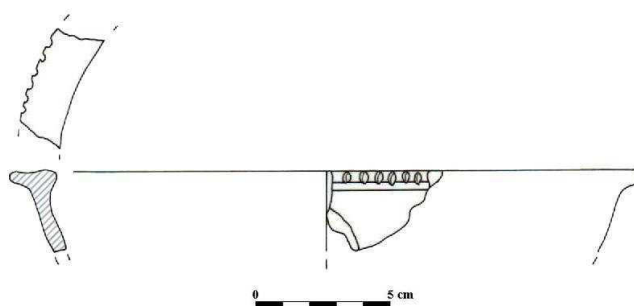
N.º 4 C-118-4-CAS80-4 (9B)



N.º 5 C-118-7-CAS84-1 (17D)



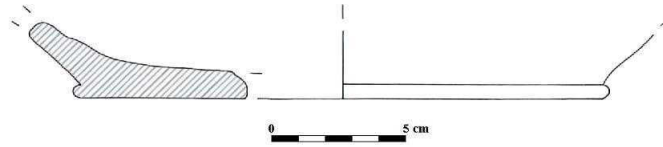
N.º 6 C-118-3-CAS83-150 (13D)



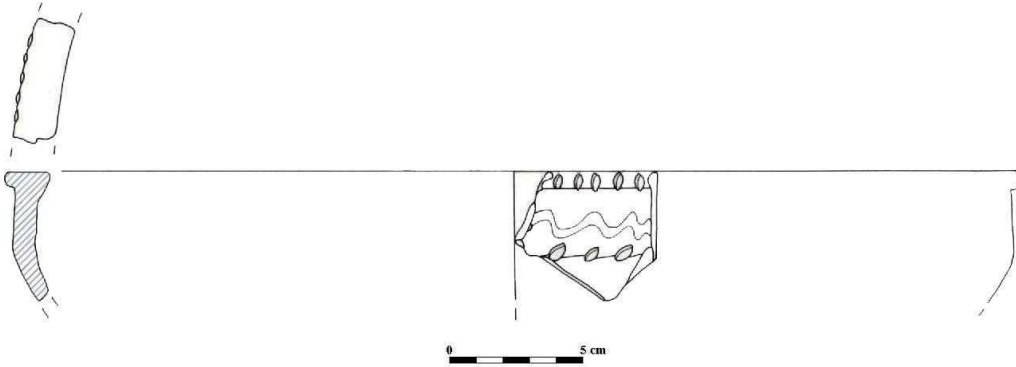
N.º 7 C-118-7-CAS83-15 (14D)

Loiça de Cozinha

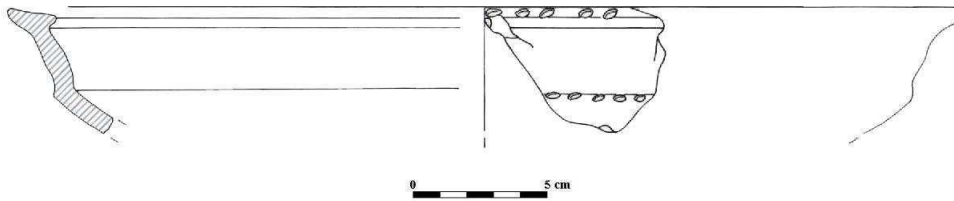
<p>Alguidar N.º 8 C-118-15-CAS80-12 (14A)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo plano em bolacha, espessado no exterior, desenvolve-se parede de perfil troncocónico. Obs. Mostra queimaduras na face interna.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Vermelha (10YR 5/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 21 cm; Ø.f 16,8 cm; E.f 1 cm; E.md 0,7 cm</p>
<p>Frigideira N.º 9 C-118-5-CAS80-125 (8B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo é superiormente aplanado e ligeiramente espessado, apresentando decoração digitada sobre o lábio. A parede é decorada por linha incisa ondulada e por digitados que demarcam uma suave carena. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo na face externa e sobre o bordo.</p> <p>Pasta Homógena e bem depurada com ENP's de grão fino ENP's Calcite, hematite, moscovite, quartzo hialino Cor Laranja (5YR 6/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,1 cm; A.b 0,5 cm; Ø.b 34,6 cm; E. 0,55-0,85; E.b 1,3 cm</p>
<p>Frigideira N.º 10 C-118-5-CAS83-15 (9B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo aplanado e extrovertido, tem lábio de perfil tipo cabeça de prego. A baixo do bordo apresenta carena acusada e demarcada por ligeira canelura. Sobre esta última e sobre o lábio mostra decoração digitada.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, hematite, moscovite, quartzo hialino Cor Laranja (5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4 cm; Ø.b 30 cm; E. 0,7 cm; E.b 1,6 cm</p>
<p>Panela N.º 11 C-118-28_-CAS83-154 (12D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de gargalo. O bordo é direito e espessado, com lábio de perfil semi-circular, ligeiramente aplanado no interior. O colo um pouco estrangulado está demarcado imediatamente abaixo do bordo. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo em ambas as faces e sobre o bordo.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Vermelha (10YR 5/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,8 cm; A.b 2,1 cm; Ø.b 21 cm; E. 0,5 cm; E.b 1 cm</p>



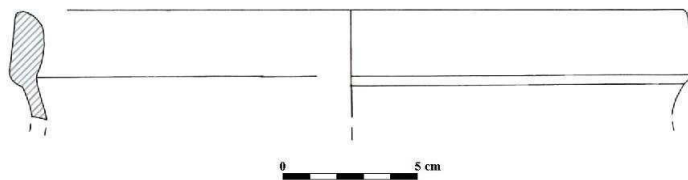
N.º 8 C-118-15-CAS80-12 (14A)



N.º 9 C-118-5-CAS80-125 (8B)

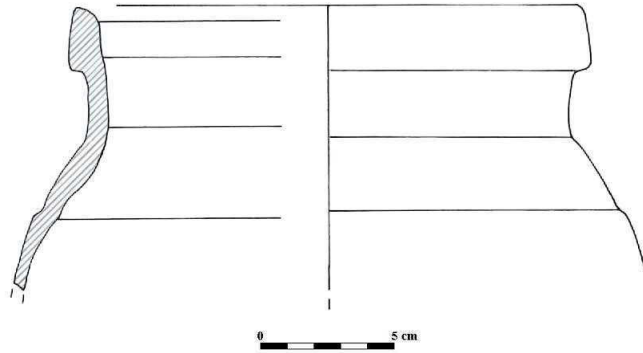


N.º 10 C-118-5-CAS83-15 (9B)

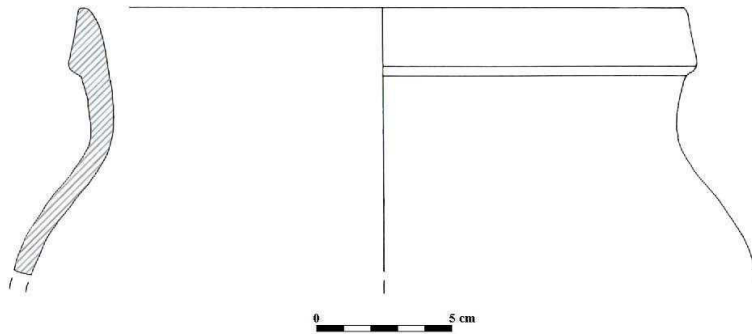


N.º 11 C-118-28_-CAS83-154 (12D)

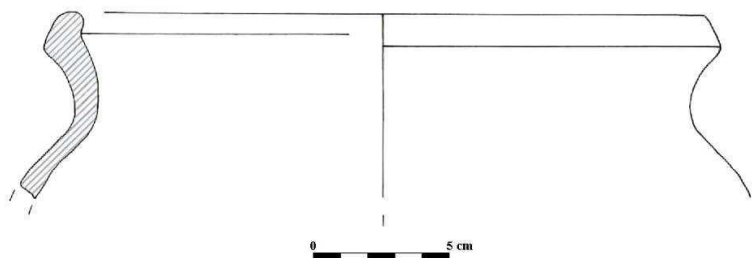
<p>Panela N.º 12 C-118-6-CAS84-153 (6D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo é direito e espessado, com lábio de perfil semi-circular, ligeiramente aplanado no interior. O colo um pouco estrangulado está demarcado imediatamente abaixo do bordo e no início do corpo da peça. Esse corpo, de formato globular, encontra-se decorado por canelura horizontal.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Calcário, feldspato, moscovite e quartzo hialino Cor Castanha (7.5YR 4/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 9 cm; A.b 1,9 cm; Ø.b 16 cm; E. 0,4-0,8 cm; E.b 1-1,2 cm</p>
<p>Panela N.º 13 C-118-16-CAS84-167 (8F)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo tem secção sub-triangular, é espessado exteriormente e possui lábio de perfil semi-circular, ligeiramente aplanado no interior. Do gargalo, um pouco estrangulado, arranca o corpo da peça, de formato globular.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo na face externa e sobre o bordo</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão médio a fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 8,2 cm; A.b 1,8 cm; Ø.b 18,6 cm; E. 0,7 cm; E.b 0,65-1,2 cm</p>
<p>Panela N.º 14 C-118-21-CAS84-164 (16D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo com lábio de perfil semi-circular é espessado e introvertido. A zona do gargalo, um pouco estrangulado, vai-se tornando menos espessa após o colo de uma peça de corpo globular.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de queimadura na face interna.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Moscovite, quartzo hialino Cor Sup: Laranja (5YR 6/6) Crn: Castanha (7.5YR 5/4) Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 5,8 cm; A.b 1,3 cm; Ø.b 19,8 cm; E. 0,6-0,9 cm; E.b 0,8-1,3 cm</p>



N.º 12 C-118--CAS-- (6D)

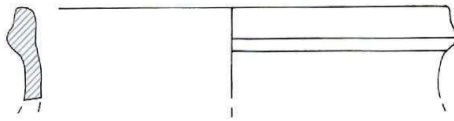


N.º 13 C-118-16-CAS84-167 (8F)

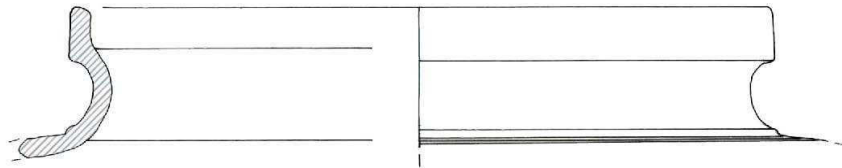


N.º 14 C-118-21-CAS84-164 (16D)

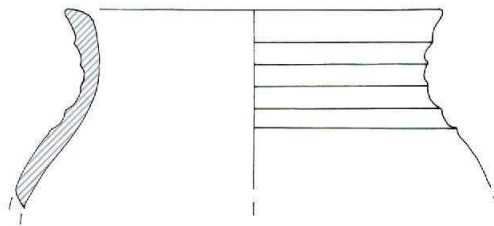
<p>Panela N.º 15 C-118-156-CAS81-95 (20B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo direito apresenta lábio de perfil semi-circular e é espessado no exterior. O gargalo é um pouco estrangulado. Obs. Mostra vestígios de exposição a fogo em toda a superfície externa.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino a médio e algumas bolhas de ar ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Castanha (7.5YR 5/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,9 cm; Ø.b 13,8 cm; E. 0,5-0,9 cm</p>
<p>Panela (?) N.º 16 C-118-6-CAS_-_(6D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo é vertical e possui lábio ligeiramente aplanado no interior. Do gargalo estrangulado parte um corpo de formato possivelmente globular. Sobre o ombro existem diversas caneluras horizontais paralelas. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós-fractura, em praticamente toda a superfície.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino ENP's Biotite, calcário, calcite e nódulos de barro Cor Castanha escura (7.5YR 6/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,8 cm; A.b 1,7 cm; Ø.b 22 cm; E.md 0,55; E.b 0,7 cm</p>
<p>Panela N.º 17 C-118-51-CAS83-143 (9F)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de gargalo. O bordo ligeiramente extrovertido é aplanado superiormente. Do gargalo um pouco estrangulado parte um corpo globular.</p> <p>Pasta Homogénea com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Castanho (7.5YR 4/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 5,65 cm; Ø.b 11,8 cm; E. 0,5-0,8 cm</p>
<p>Panela N.º 18 C-118-CAS80-20-1 (8C)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de asa e de parede. O bordo de lábio semi-circular é espessado exteriormente e demarcado do colo por uma incisão. Sobre o bordo arranca uma asa de secção plana, espessada na zona proximal. O colo da peça está igualmente definido por uma outra incisão em relação ao corpo da mesma.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Sup: Vermelha (2.5YR 6/6) Crn: Cinzenta avermelhada (2.5YR 6/1) Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 3,4 cm; A.b 1,2 cm; Ø.b 18,9 cm; E. 0,65; E.a 1,2 cm; E.b 1,1 cm; L.a 4,2 cm</p>



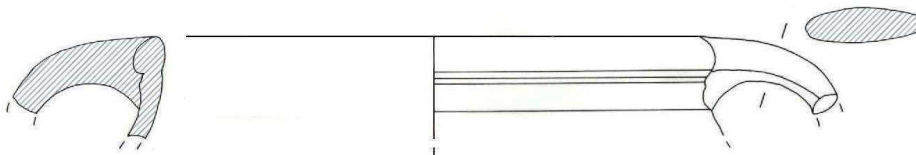
N.º 15 C-118-156-CAS81-95 (20B)



N.º 16 C-118-6-CAS_-(6D)

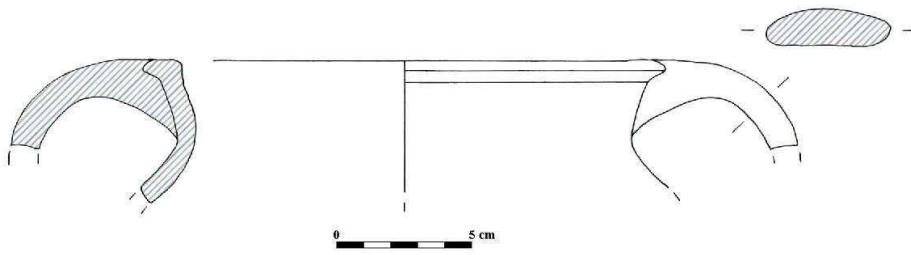


N.º 17 C-118-51-CAS83-143 (9F)

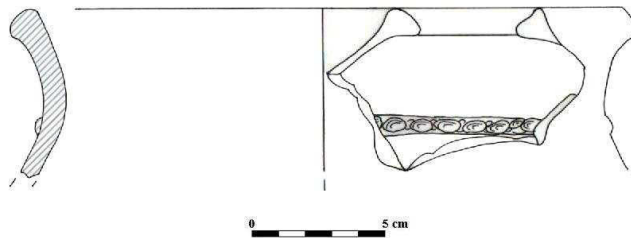


N.º 18 C-118-CAS80-20-1 (8C)

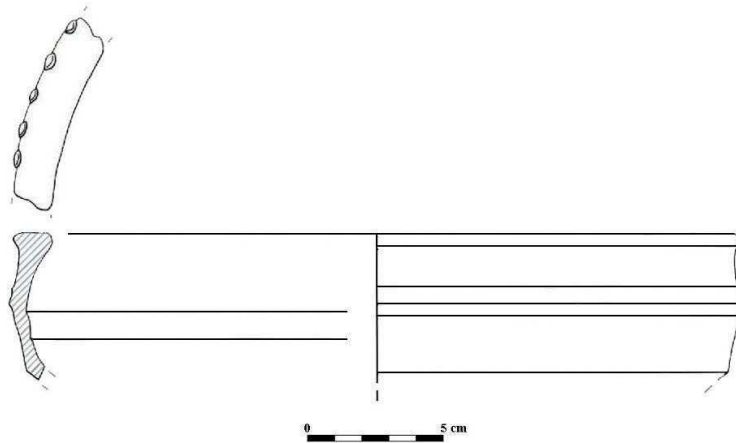
<p>Panela N.º 19 C-84-9-CAS83-144 (14B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de asa e parede. O bordo ligeiramente extrovertido é aplanado superiormente e espessado no exterior. Sobre este arranca uma asa em fita que assentaria na zona mesial de um corpo globular, após um gargalo algo estrangulado.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,4 cm; Ø.b 14 cm; E. 0,5 cm; E.a 0,7-1,1 cm; E.b 1,2 cm; L.a 4 cm</p>
<p>Panela N.º 20 C-__-CAS-__ (14C)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo com lábio de perfil semi-circular é ligeiramente espessado e extrovertido. O gargalo é um pouco estrangulado, sendo o colo marcado no exterior por cordão plástico horizontal digitado.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Moscovite, quartzo hialino Cor Vermelha (2.5YR 5/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 5,2 cm; Ø.b 19 cm; E. 0,5-0,7 cm; E.b 1,3 cm</p>
<p>Tacho N.º 21 C-118-8-CAS83-153 (17B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo é superiormente aplanado e um pouco espessado. A parede é marcada por duas suaves caneluras equidistantes entre si e em relação ao bordo, demarcado por canelura. Sobre o lábio apresenta decoração digitada.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo em ambas as superfícies.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Moscovite, quartzo hialino Cor Sup: Castanha avermelhada (5YR 5/4) Crn: Cinzeta escura (5YR 4/1) Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 4,6 cm; Ø.b 22,6 cm; E.md 0,5 cm ; E.b 1,3 cm</p>



N.º 19 C-84-9-CAS83-144 (14B)



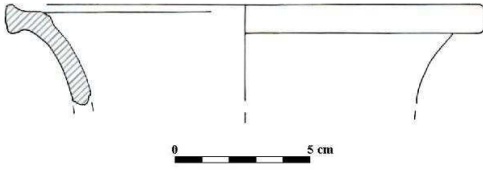
N.º 20 C-_-_-CAS_-_- (14C)



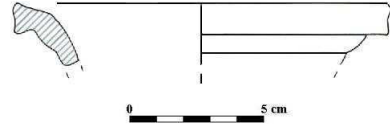
N.º 21 C-118-8-CAS83-153 (17B)

Cerâmica de Armazenamento e/ou Transporte

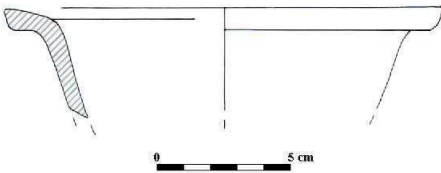
<p>Bilha</p> <p>N.º 22</p> <p>C-47-13-CAS81-91</p> <p>(8B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de colo.</p> <p>O bordo extrovertido tem perfil sub-rectangular e é espessado em ambas as faces. Do bordo, demarcado por ligeira incisão interna, arranca um colo estrangulado.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão médio a fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Sup: Vermelha (2.5YR 5/8)</p> <p>Crn: cinzenta avermelhada (2.5YR 4/1)</p> <p>Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 3 cm ; Ø.b 15 cm; E. 0,55-0,7 cm; E.b 0,9 cm</p>
<p>Bilha</p> <p>N.º 23</p> <p>C-118-2-CAS80-117</p> <p>(14D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de colo.</p> <p>O bordo extrovertido tem perfil sub-triangular e é espessado no interior. Abaixo do bordo, na face externa, uma suave incisão demarca esse de um colo estrangulado. O interior é brunido.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialno e leitoso</p> <p>Cor Sup: vermelha (2.5YR 6/6)</p> <p>Crn: cinzenta escura (GLE Y1 4/N)</p> <p>Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 1,9 cm; Ø.b 12 cm; E. 0,5-0,8 cm; E.b 0,8 cm</p>
<p>Bilha</p> <p>N.º 24</p> <p>C-118-28-CAS84-170</p> <p>(8G)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de colo.</p> <p>O bordo extrovertido tem perfil sub-rectangular, aplanado superiormente. Do bordo, demarcado por ligeira incisão interna, arranca um colo estrangulado.</p> <p>Pasta Grosseira com ENP's de diversa dimensão e algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, máficos</p> <p>Cor Laranja (5YR 7/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,5 cm; Ø.b 13,9 cm; E. 0,5 cm; E.b 0,65 cm</p>
<p>Bilha</p> <p>N.º 25</p> <p>C-118-89-CAS81-95</p> <p>(8F)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de gargalo.</p> <p>O bordo de lábio de perfil semi-circular é um pouco espessado no exterior. O gargalo tendencialmente estrangulado é decorado por caneluras largas criadas durante o levantamento da peça na roda.</p> <p>Pasta Homógenea com Enp's de grão fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, máficos, nódulos de barro</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 6/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 5.8 cm; Ø.b 10,9 cm; E. 0,45-0,6 cm</p>



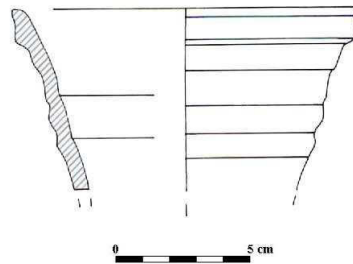
N.º 22 C-47-13-CAS81-91 (8B)



N.º 23 C-118-2-CAS80-117 (14D)

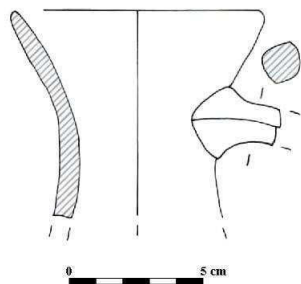


N.º 24 C-118-28-CAS84-170 (8G)

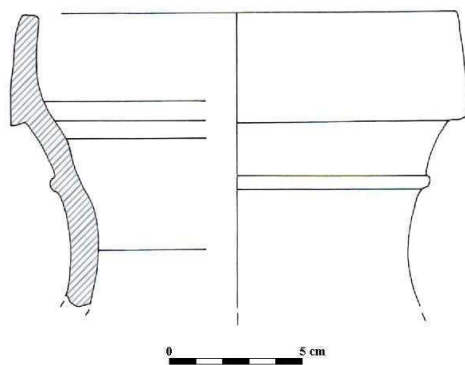


N.º 25 C-118-89-CAS81-95 (8F)

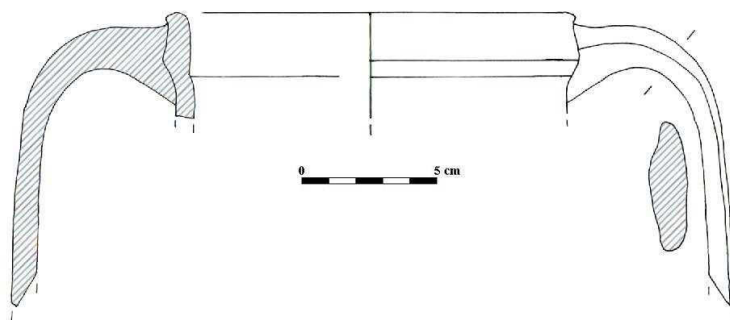
<p>Bilha N.º 26 C-118-12-CAS84-162 (16B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede e asa. O bordo de lábio de perfil semi-circular é extrovertido. Da zona mesial do gargalo, ligeiramente estrangulado, arranca uma asa de secção sub-quadrangular.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo gumado, hialino e leitoso Cor Sup: Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Crn: Cinzenta avermelhada (2.5YR 4/1) Parcial oxidante</p> <p>A. 6,4 cm; Ø.b 8 cm; E. 0,5-0,7 cm; E.a 1,2 cm; L.a 1,2 cm</p>
<p>Cântaro N.º 27 C-118-148-CAS82-C-3 (6F)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de gargalo. O bordo alto apresenta secção sub-rectangular, ligeiramente espessada na zona distal. O gargalo ligeiramente estrangulado apresenta uma canelura relevada um pouco abaixo do bordo.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's finos a médios e algumas bolhas de ar ENP's Calcário, feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Vermelha (2.5YR 6/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 9,3 cm; A.b 3,5 cm; Ø.b 13,6; ; E. 1,7-1,9 cm; E.b 0,7-1,2 cm</p>
<p>Cântaro N.º 28 C-118-34-CAS83-149 (7B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede e asa. O bordo vertical apresenta lábio de perfil semi-circular. Abaixo do bordo e na parte superior de um gargalo um pouco estrangulado arranca uma asa em fita que assentaria sobre a zona mesial do corpo da peça.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Laranja (5YR 7/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 9,5 cm; Ø.b 12 cm; E.a 0,6-1,2; E.md 0,6-0,8 cm; L.a 4,1</p>



N.º 26 C-118-12-CAS84-162 (16B)

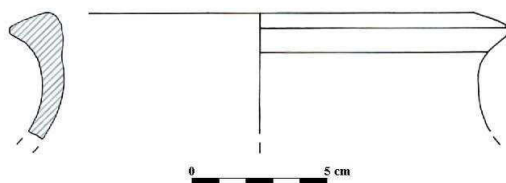


N.º 27 C-118-148-CAS82-C-3 (6F)

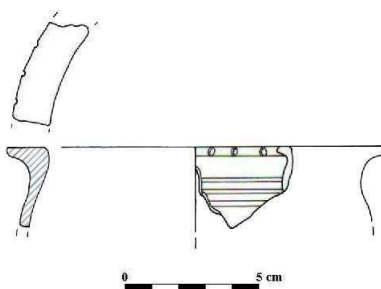


N.º 28 C-118-34-CAS83-149 (7B)

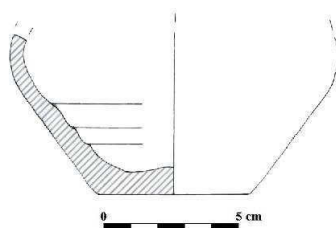
<p>Pote N.º 29 C-118-23-CAS84-171? (2C)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo com secção sub-triangular é aplanado superiormente e um pouco extrovertido. O gargalo é ligeiramente estrangulado.</p> <p>Obs. Mostra queimaduras pós-fractura</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's finos a médios e algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Moscovite, quartzo hialino e leitoso e nódulos de barro</p> <p>Cor Sup: Laranja acastanhada (5YR 5/6) Crn: Cinzenta scura (5YR 4/1)</p> <p>Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 3,8 cm; Ø.b 15,7 cm; E. 0,6-0,9 cm; E.b 1,4 cm</p>
<p>Pote N.º 30 C-182/CAS79 (14A)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo introvertido é aplanado superiormente o que lhe confere uma secção sub-triangular. O lábio apresenta suave decoração digitada. A face externa da peça, de formato ovalado, mostra três caneluras paralelas horizontais.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino</p> <p>ENP's Moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Castanha avermelhada (2.5YR 5/4)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2.5 cm; Ø.b 11,9 cm; E. 0,4 cm; E.b 1,3 cm</p>
<p>Pote (?) N.º 31 C-118-5-CAS84_ (15B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede.</p> <p>Do fundo plano, espessado na área central, desenvolve-se parede de perfil globular ligeiramente achatada.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio</p> <p>ENP's Calcário, feldspato, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Laranja (7.5YR 6/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 5 cm; Ø.f 4,8 cm; E. 0,4-0,8 cm; E.md.f 0,75 cm</p>
<p>Pote N.º 32 C-5/CAS79 (8B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede.</p> <p>Do fundo plano, espessado no exterior, parte corpo de perfil troncocónico, demarcado no interior da peça por um fundo muito concavo.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de grão fino a médio e com algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Feldspato, hematite, moscovite, quartzo fumado, hialino e leitoso</p> <p>Cor Bege (10YR 6/3)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,1 cm; Ø.f 5,1 cm; E. 0,8-1,2 cm; E.f 1-1,2 cm</p>



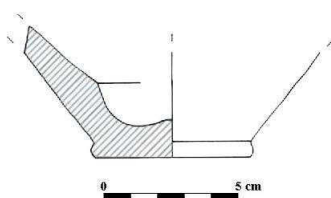
N.º 29 C-118-23-CAS84-171(?) (2C)



N.º 30 C-182/CAS79 (14A)

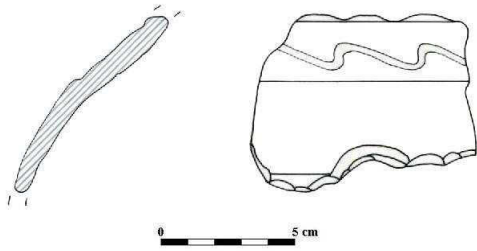


N.º 31 C-118-5-CAS84- (15B)

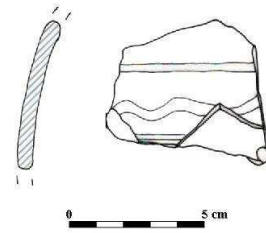


N.º 32 C-5/CAS79 (8B)

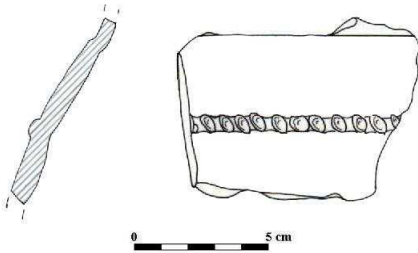
<p>Pote N.º 33 C-118-6-CAS80-16(76) (4C)</p>	<p>Fragmento de parede. Corresponde ao bojo de peça de perfil globular ou oval. A face exterior apresenta banda horizontal um pouco rebaixada, decorada no interior por linha incisa ondulada. Pasta Foleácea com ENP's de grão fino com algumas bolhas de ar ENP's Moscovite, quartzo hialino e leitoso, máficos Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante A. 5,6 cm; E.md 0,6 cm</p>
<p>Pote N.º 34 C-118-4-CAS81-34 (10D)</p>	<p>Fragmento de parede. Corresponde ao bojo de peça de perfil globular ou oval. A face exterior é decorada por duas linhas incisadas, paralelas e horizontas entre si, entre as quais existe uma outra linha incisa ondulada. Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, máficos Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante A. 4,6 cm; E.md 0,45 cm</p>
<p>Pote N.º 35 C-118-3-CAS80-138 (10D)</p>	<p>Fragmento de parede. Corresponde ao bojo de peça de perfil globular ou oval. A face exterior é decorada por cordão plástico horizontal digitado. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo na face externa. Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialno, máficos Cor Laranja (5YR 6/8) Cozedura Oxidante A. 5,6 cm; E.md 0,7 cm</p>
<p>Pote N.º 36 C-118-31-CAS83-141 (10D)</p>	<p>Fragmento de parede. Corresponde ao bojo de peça de perfil globular ou oval. A face exterior é decorada por um conjunto três caneluras, horizontais e paralelas entre si. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo na face externa. Pasta Homógena com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Laranja (7.5YR 6/6) Cozedura Oxidante A. 4,7 cm; E.md 0,5 cm</p>



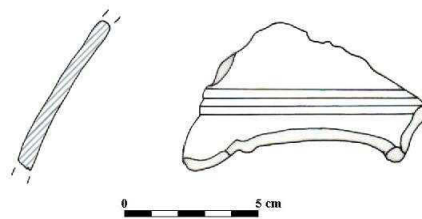
N.º 33 C-118-6-CAS80-16(76) (4C)



N.º 34 C-118-4-CAS81-34 (10D)

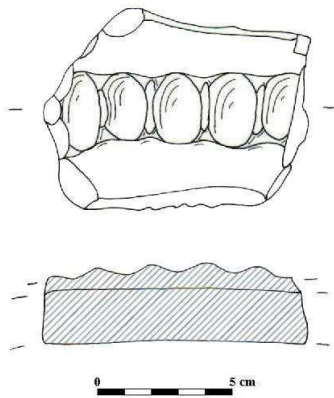


N.º 35 C-118-3-CAS80-138 (10D)

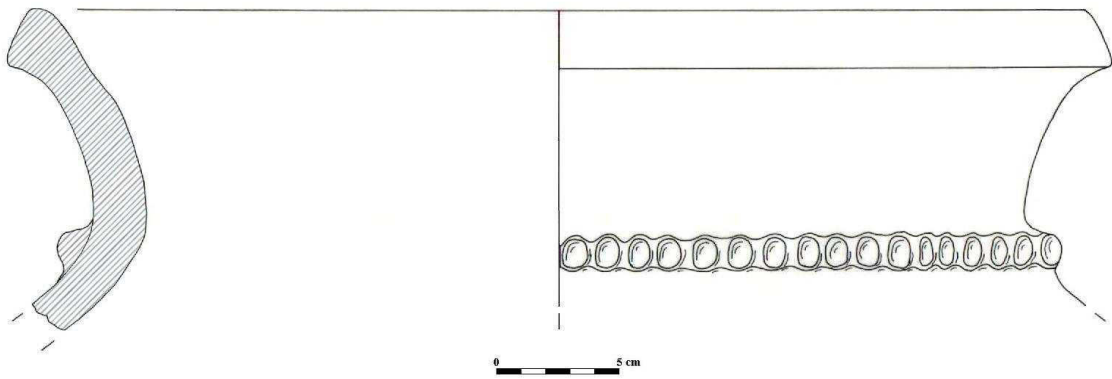


N.º 36 C-118-31-CAS83-141 (10D)

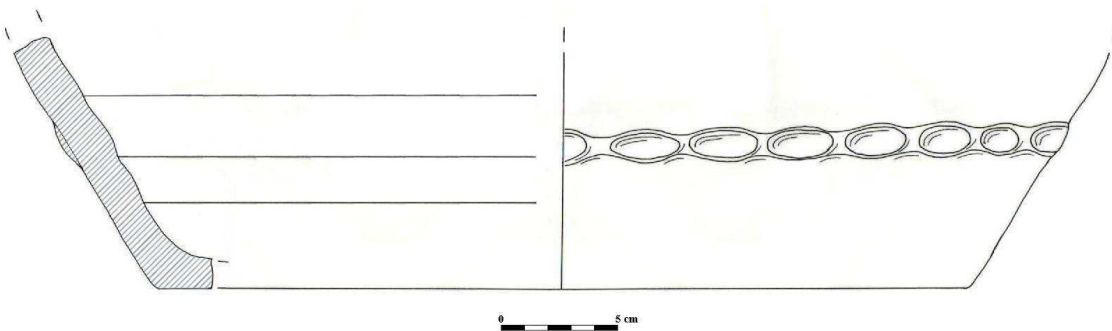
<p>Pote ?</p> <p>N.º 37</p> <p>C-85-15-CAS81-20</p> <p>(22B)</p>	<p>Fragmento de parede.</p> <p>A face externa apresenta decoração criada por cordão plástico horizontal digitado.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de média dimensão</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Laranja (5YR 6/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 6,5 cm; E. 2-2,3 cm</p>
<p>Talha</p> <p>N.º 38</p> <p>C-_-_-CAS_-_-</p> <p>(1F e 4D)</p>	<p>Conjunto de fragmentos correspondente a bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo é extrovertido e aplanado superiormente. O gargalo é um pouco estrangulado, estando o colo marcado por cordão plástico horizontal digitado.</p> <p>Obs. A face interna da peça encontra-se totalmente oxidada devido à utilização da mesma para o armazenamento de azeite, aroma que ainda possui. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Grosseira com ENP's de grão médio a grosso</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso</p> <p>Cor Sup: Bege (7.5YR 7/3)</p> <p>Crn: Cinzenta (7.5YR 7/1)</p> <p>Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 10,2 cm ; Ø.b 36,3 cm; E. 1,5-1,7 cm; E.b 2,2 cm</p>
<p>Talha</p> <p>N.º 39</p> <p>C-_-_-CAS_-_-</p> <p>(1F)</p>	<p>Conjunto de fragmentos correspondente a fundo com arranque de parede.</p> <p>Do fundo plano desenvolve-se parede com perfil oval, decorada no exterior por cordão plástico horizontal digitado.</p> <p>Obs. A face interna da peça encontra-se totalmente oxidada devido à utilização da mesma para o armazenamento de azeite, aroma que ainda possui. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Grosseira com ENP's de grão médio a grosso</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso</p> <p>Cor Sup: Bege (7.5YR 7/3)</p> <p>Crn: Cinzenta (7.5YR 7/1)</p> <p>Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 8,6 cm; Ø.f 29,2 cm; E. 1,5 cm; E.f 1,1 cm</p>



N.º 37 C-85-15-CAS81-20 (22B)

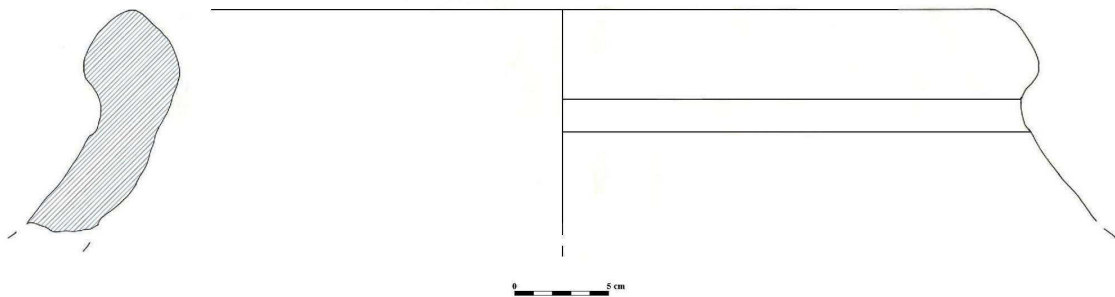


N.º 38 C-_-_-CAS_-_- (1F e 4D)

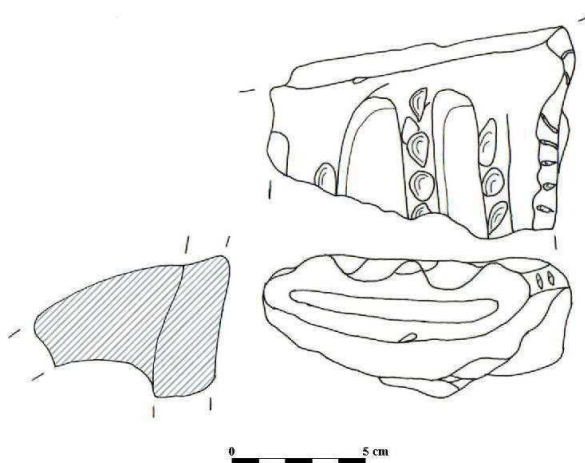


N.º 39 C-_-_-CAS_-_- (1F)

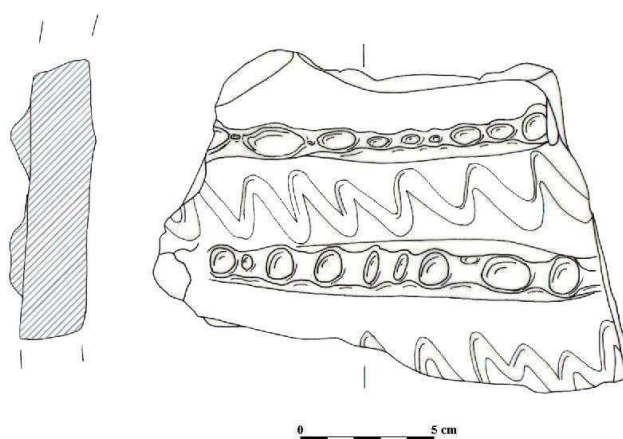
<p>Talha N.º 40 CAS. C.B. 16/6/00 F4-05</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo com lábio de perfil semi-circular é espessado e introvertido. Deste arranca parede de perfil sub-oval ou globular, demarcada por suave depressão.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino a médio ENP's Calcário, feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso, nódulos de barro Cor Sup: Laranja (2.5YR 7/8) Crm: Cinzenta (7.5YR 7/2) Cozedura Parcial oxidante A. 9.8 cm; Ø.b 39 cm; E. 2,9 cm; E.b 4,3 cm</p>
<p>Talha N.º 41 C-118-24-CAS81-46 (3C)</p>	<p>Fragmento de arranque superior de asa. Asa de secção oval com duas depressões longitudinais, estando a face superior digitada nas áreas sobrelevadas. Uma das faces laterais apresenta ligeiras depressões paralelas entre si e perpendiculares ao comprimento da asa.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão médio a fino ENP's Calcário, feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Sup: Vermelha (2.5YR 6/8) Crm: Cinzenta avermelhada (10YR 5/1) Cozedura Parcial oxidante A. 4,6 cm; E.a 1.8-3,3 cm; L.a 9,7 cm</p>
<p>Talha N.º 42 C-118-1-CAS83-153 (10G)</p>	<p>Fragmento de parede. A face externa apresenta decoração criada por cordões plásticos horizontais digitados, intercalados por incisões onduladas.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de grão médio a grosso e algumas bolhas de ar ENP's Calcite, feldspato, hematite, moscovite Cor Castanha (7.5YR 5/8) Cozedura Oxidante A. 10,9 cm; E. 2-2,4 cm</p>



N.º 40 16/6/00 F4-05



N.º 41 C-118-24-CAS81-46 (3C)



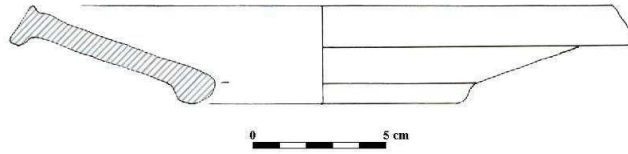
N.º 42 C-118-1-CAS83-153 (10G)

Outros

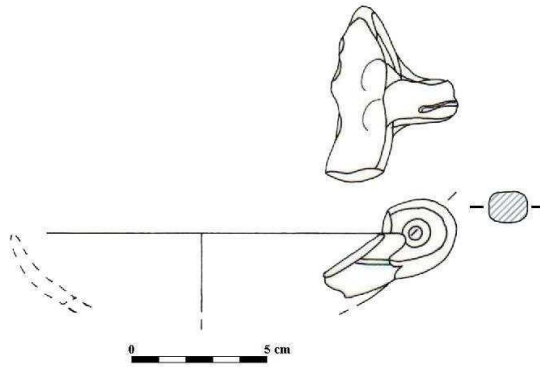
Testo	Fragmento de bordo com arranque de parede e fundo.								
N.º 43	O bordo de secção sub-triangular, espessado, é muito extrovertido e apresenta lábio								
C-118-13-CAS84-	algo biselado. A parede é oblíqua em aba.								
168	Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo na face inferior e sobre o bordo.								
(6D)	<table><tr><td>Pasta</td><td>Homógenea com ENP's de grão fino a médio</td></tr><tr><td>ENP's</td><td>Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso, xisto (lascas)</td></tr><tr><td>Cor</td><td>Laranja acastanhado (5YR 5/6)</td></tr><tr><td>Cozedura</td><td>Oxidante</td></tr></table>	Pasta	Homógenea com ENP's de grão fino a médio	ENP's	Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso, xisto (lascas)	Cor	Laranja acastanhado (5YR 5/6)	Cozedura	Oxidante
Pasta	Homógenea com ENP's de grão fino a médio								
ENP's	Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso, xisto (lascas)								
Cor	Laranja acastanhado (5YR 5/6)								
Cozedura	Oxidante								
	A. 3,1 cm; Ø.b 18,3; Ø.f 9,1 cm; E. 0,7 cm; E.b 1,4 cm; E.f 0,7 cm								

Contentores de Fogo

Candeia	Fragmento de bordo com asa e arranque de parede.								
N.º 44	Sobre o bordo de lábio de perfil semi-circular assenta pequena asa de secção sub-								
C-118-9-CAS84-165	quadrangular. O corpo da peça apresenta formato concâvo.								
(12D)	<table><tr><td>Pasta</td><td>Homógenea com ENP's de grão fino com algumas bolhas dear</td></tr><tr><td>ENP's</td><td>Feldspato, moscovite, quartzo hialino</td></tr><tr><td>Cor</td><td>Laranja (5YR 7/6)</td></tr><tr><td>Cozedura</td><td>Oxidante</td></tr></table>	Pasta	Homógenea com ENP's de grão fino com algumas bolhas dear	ENP's	Feldspato, moscovite, quartzo hialino	Cor	Laranja (5YR 7/6)	Cozedura	Oxidante
Pasta	Homógenea com ENP's de grão fino com algumas bolhas dear								
ENP's	Feldspato, moscovite, quartzo hialino								
Cor	Laranja (5YR 7/6)								
Cozedura	Oxidante								
	A. 3,5 cm; Ø.b 12,5 cm; E.md 0,4 cm; E.md.a 1 cm; L.a 1,2 cm								



N.º 43 C-118-13-CAS84-168 (6D)



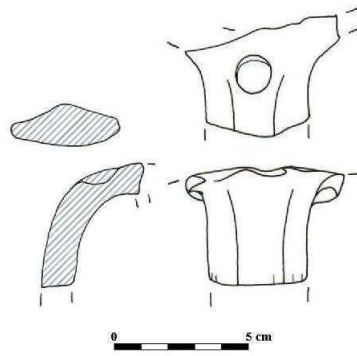
N.º 44 C-118-9-CAS84-165 (12D)

Cerâmica Comum

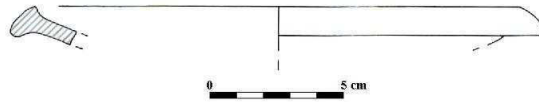
Séculos XIV-XVI

Loiça de Mesa

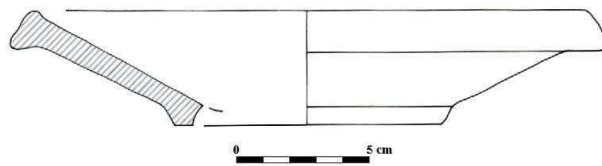
Jarro	Fragmento de arranque superior de asa.
N.º 45	Asa de secção oval, espessada e ligeiramente facetada. Na parte superior existe uma pequena concavidade, criada pela aplicação da asa sobre o bordo da peça.
C-118-6-CAS81-36 (13D)	<p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino e algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Sup: Vermelha (10YR 5/8)</p> <p>Crn: Bege (10YR 6/4)</p> <p>Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 3,8 cm; E.a 0,5-1,25 cm; L.a 3,3 cm</p>
Prato (?)	Fragmento de bordo com arranque de parede.
N.º 46	O bordo é espessado e extrovertido, com lábio algo biselado. A parede que constitui a aba do prato é oblíqua.
C-118-14-CAS80-12 (2C)	<p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo abaixo do bordo.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's e grão fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso</p> <p>Cor Vermelho (2.5YR 6/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,3 cm; Ø.b 15,4 cm; E. 0,4 cm; E.b 1,1 cm</p>
Prato	Fragmento de bordo com arranque de parede e fundo.
N.º 47	O bordo de secção sub-triangular, espessado e ligeiramente introvertido, apresenta lábio aplanado exteriormente. A parede oblíqua, que constitui a aba, termina num fundo plano.
C-118-18-CAS84-166 (7D)	<p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino a médio</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro</p> <p>Cor Laranja (5YR 6/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,5 cm; Ø.b 17,8 cm; Ø.f 8,4 cm; E.b 1,3 cm; E.md 0,65 cm</p>



N.º 45 C-118-6-CAS81-36 (13D)

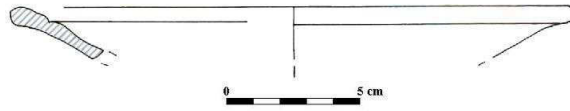


N.º 46 C-118-14-CAS80-12 (2C)

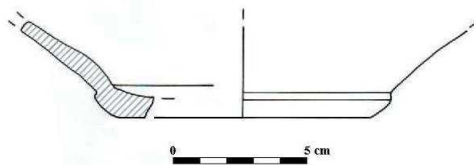


N.º 47 C-118-18-CAS84-166 (7D)

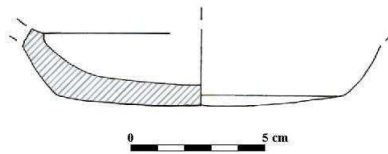
<p>Prato (?) N.º 48 C-118-8-CAS80-97 (14D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo com lábio de perfil semi-circular é ligeiramente extrovertido e um pouco espessado no interior. A aba oblíqua apresenta fina incisão no interior abaixo do bordo.</p> <p>Pasta Homógenea com Enp's de grão fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Vermelha (2.5YR 4/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,6 cm; Ø.b 18 cm; E. 0,4 cm; E.b 0,5 cm</p>
<p>Prato N.º 49 CX-4-CAS80-6 (15D)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. O fundo plano, demarcado por espessamento no exterior, tem paredes oblíquas que arrancam após a concavidade interna. O interior é brunido.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino e algumas bolhas de ar ENP's Feldspato, hematite, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro e máficos Cor Vermelho (2.5YR 5/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,7 cm; Ø.f 8 cm; E.f 0,8 cm; E.md 0,5 cm</p>
<p>Prato N.º 50 C-118-2-CAS80-7 (11G)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. O fundo ligeiramente concavo encontra-se demarcado da aba por inflexão interna. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Calcite, feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Laranja (5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,3 cm; Ø.f 9 cm; E. 0,7-1 cm; E.f 0,7 cm</p>
<p>Prato N.º 51 C-179/CAS79 (14A)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. O fundo plano, côncavo no interior, encontra-se demarcado da aba por inflexão interna. O interior é brunido. Obs. A peça encontra-se queimada na face externa, o que poderá evidenciar asua utilização como teste.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's médios a finos. ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino. Cor Laranja (5YR 6/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,7 cm; Ø.f 11,8 cm; E. 0,8-1 cm; E.f 0,7 cm</p>



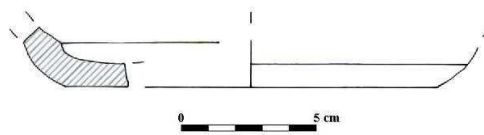
N.º 48 C-118-8-CAS80-97 (14D)



N.º 49 CX-4-CAS80-6 (15D)

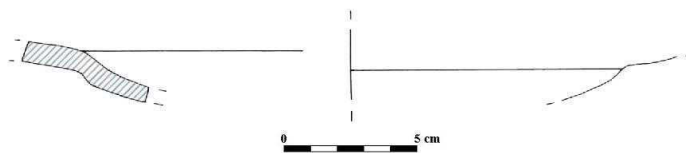


N.º 50 C-118-2-CAS80-7 (11G)

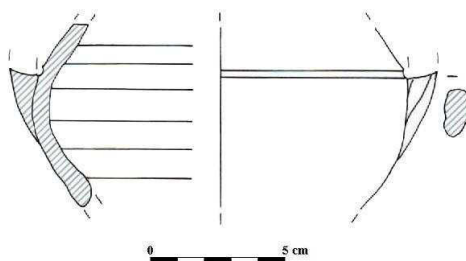


N.º 51 C-179/CAS79 (14A)

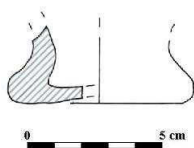
<p>Prato N.º 52 CAS. C.B. 30/5/00 SUP</p>	<p>Fragmento de parede. Corresponde à zona de separação entre o fundo concâvo e a aba oblíqua da peça, que se encontra totalmente brunida no interior. Obs. Mostra vestígios de exposição a fogo na fase externa, não se excluindo a hipótese de ter sido utilizado como testó.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Laranja (5YR 6/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,6 cm; Ø.M 20,5 cm; E.md 0,65 cm</p>
<p>Púcaro N.º 53 CX-48-CAS80-1 (15D)</p>	<p>Fragmento de bojo com arranque de asa. A peça de forma ovóide é decorada no exterior por uma incisão, abaixo da qual arranca uma asa de secção oval.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão médio a fino ENP's Calcário, hematite, moscovite, quartzo hialino. Cor Laranja (5YR 7/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 5,6 cm; Ø.M 11,9 cm; E.md 0,5 cm; E.a 0,7 cm; L.a 1,5 cm</p>
<p>Púcaro N.º 54 C-118-85-CAS82-(5)3 (10B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. O fundo muito espessado exteriormente, apresenta ligeiro ônfalo na área central, onde é menos espesso. O corpo da peça desenvolvia-se após um acentuado estrangulamento.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio e algumas pequenas bolhas de ar ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro (médios) Cor Vermelha (2.5YR 7/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,4 cm; Ø.f 5,8 cm; E. 0,6-1,3 cm; E.f 0,5 cm</p>
<p>Púcaro N.º 55 CAS C.B. 12/6/00 C2-05</p>	<p>Fragmento de arranque superior de asa. A asa de secção oval é ligeiramente facetada e apresenta pequena aplicação plástica na parte superior. Pasta laranja oxidante parcial cinzenta.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso. Cor Sup: Vermelho (10R 5/8) Crn: Cinzento esverdeado (GLE Y1 5/1) Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 2,3 cm; E.a 0,7-1,4 cm; L.a 1,1 cm</p>



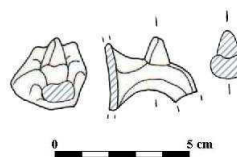
N.º 52 30/5/00 SUP



N.º 53 CX-48-CAS80-1 (15D)

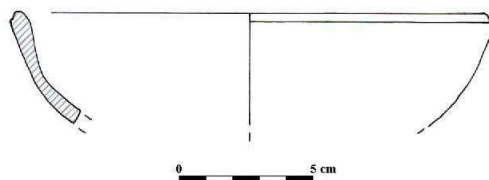


N.º 54 C-118-85-CAS82-3 (10B)

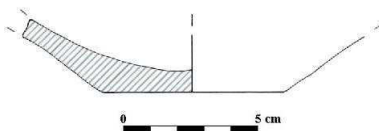


N.º 55 12/6/00 C2-05

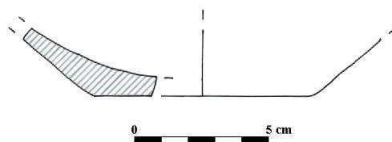
<p>Taça N.º 56 C-146/CAS79 (8B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo tem lábio de perfil semi-circular, apresentando abaixo desse ligeira incisão na face externa. O perfil da peça é sub-hemisférico, acentuado no exterior por suave carena.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Calcário, feldspato, moscovite, quartzo hialino, máficos Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,5 cm; Ø.b 15,3 cm; E.md 0,55 cm</p>
<p>Taça N.º 57 C-118-8-CAS80-120 (8G)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo plano desenvolve-se o corpo da peça com perfil tendencialmente sub-hemisférico. O interior encontra-se brunido.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio e algumas bolhas de ar ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso, nódulos de barro Cor Vermelha (2.5YR 5/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,2 cm; Ø.f 5,8 cm; E. 0,7 cm; E.f 0,7 cm</p>
<p>Taça N.º 58 C-203/CAS79 (14A)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo plano desenvolve-se o corpo da peça com perfil tendencialmente sub-hemisférico. O interior encontra-se brunido.</p> <p>A pasta bem depurada e homogénea, apresenta elementos não plásticos angulosos de grão fino, como nódulos de barro, moscovite, quartzo hialino e calcário. A peça adquiriu um tom alaranjado depois de exposta a uma cozedura oxidante.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Calcário, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,1 cm; Ø.f 7 cm; E. 0,5 cm; E.f 0,6 cm</p>



N.º 56 C-146/CAS79 (8B)



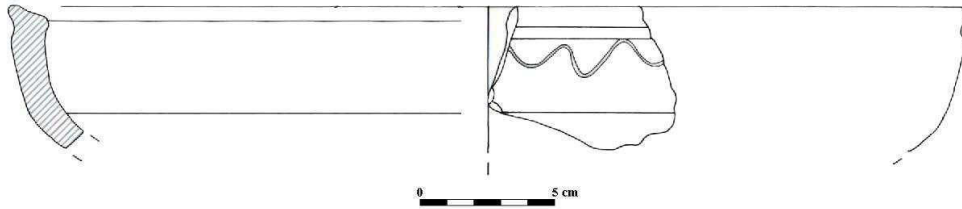
N.º 57 C-118-8-CAS80-120 (8G)



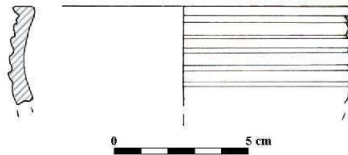
N.º 58 C-203/CAS79 (14A)

Loiça de Cozinha

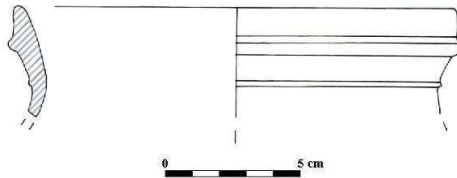
<p>Frigideira N.º 59 C-118-24-CAS83-143(?) (9B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo é aplanado, ligeiramente extrovertido e marcado por ligeira canelura externa. A parede mostra decoração incisa ondulada entre o bordo e ligeira carena.</p> <p>Obs. Mostra alguns vestígios de exposição ao fogo na face externa e sobre o bordo.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e fumado, máficos</p> <p>Cor Bege (10YR 5/4)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,5 cm; Ø.b 30 cm; E.b 1,3 cm; E.md 0,95 cm</p>
<p>Panela N.º 60 C-67-44-CAS81-7 (22B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo é ligeiramente introvertido e superiormente aplanado. Abaixo do bordo, na face externa, mostra decoração por caneluras horizontais, paralelas e equidistantes ente si.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, máficos</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 6/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,6 cm; Ø.b 1,6 cm; E.md 0,45 cm</p>
<p>Panela N.º 61 C-118-5-CAS84-172 (12D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo é um pouco extrovertido, apresentando lábio de perfil semi-circular espessado. Abaixo deste e sobre o gargalo existem duas caneluras.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Sup: Laranja (7.5YR 7/6) Crn: Cinzenta (GLEY 1 4/N)</p> <p>Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 3,8 cm; Ø.b 14 cm; E. 0,4-1 cm; E.b 0,5 cm</p>
<p>Panela N.º 62 C-118-9-CAS84-168 (3G)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo com lábio de perfil semi-circular é aplanado superiormente e muito extrovertido, o que cria um certo estrangulamento na boca da peça. O perfil da peça evidencia um gargalo troncocónico bem demarcado em relação ao corpo.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo na face externa e sobre o bordo.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão médio a fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso, máficos</p> <p>Cor Laranja (5YR 5/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,2 cm; A.b 0,7 cm; Ø.b 22,2 cm; E. 0,75 cm; E.b 1,8 cm</p>



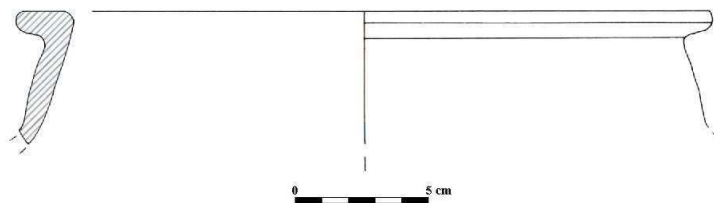
N.º 59 C-118-24-CAS83-143(?) (9B)



N.º 60 C-67-44-CAS81-7 (22B)

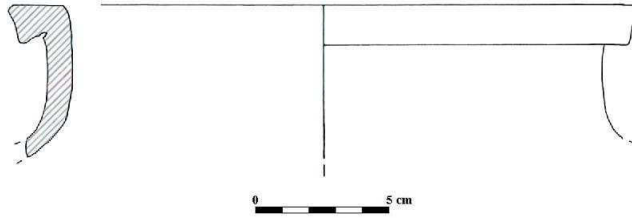


N.º 61 C-118-5-CAS84-172 (12D)

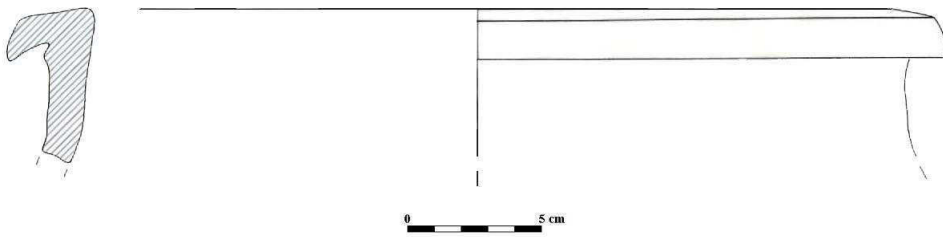


N.º 62 C-118-9-CAS84-168 (3G)

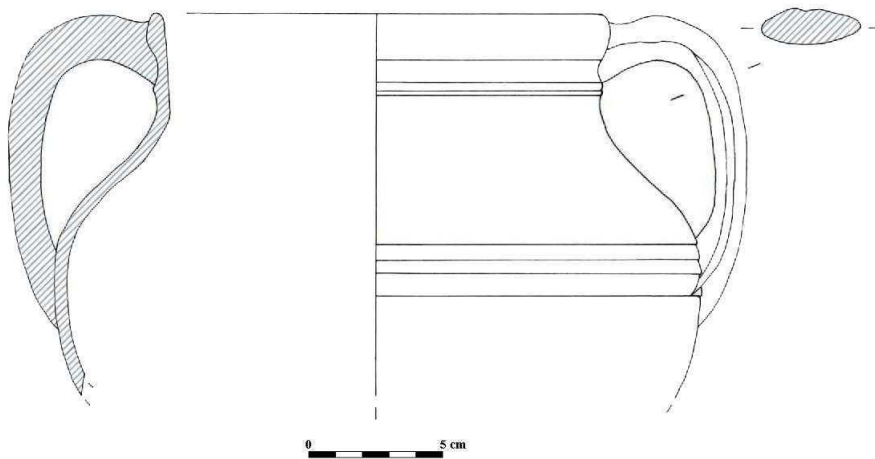
<p>Panela N.º 63 C-12-6-CAS83-167 (9B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arraque de parede.</p> <p>O bordo de secção sub-rectangular e em barbela encontra-se aplanado superiormente.</p> <p>O colo, praticamente direito, é ligeiramente espessado abaixo do bordo e estrangulado em relação ao corpo da peça.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de média dimensão</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro</p> <p>Cor Sup: Laranja (5YR 7/8) Crn: Bege (10YR 6/4)</p> <p>Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 4,9 cm; A.b 1,2 cm; Ø.b 19,8 cm; E. 0,6-0,8; E.b 1-1,2 cm</p>
<p>Panela N.º 64 C-_-_-CAS_-_ (8D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo de secção sub-rectangular e em barbela, encontra-se aplanado superiormente. O colo, praticamente direito, é ligeiramente espessado abaixo do bordo, estrangulando na direcção desse.</p> <p>Obs. Mostra queimaduras pós-fractura.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de grão médio a fino</p> <p>ENP's Calcário, moscovite, quartzo hialino, máficos</p> <p>Cor Laranja (5YR 6/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,8 cm; A.b 1,7 cm; Ø.b 29,5 cm; E. 1-1,4 cm; E.b 1 cm</p>
<p>Panela N.º 65 C-118-11-CAS_-_ (6D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede e asa completa.</p> <p>O bordo com lábio de perfil semi-circular é ligeiramente espessado no exterior e apresenta uma canelura na zona distal. Do bordo e sobre essa canelura arranca uma asa de secção oval, que termina na zona mesial do corbo globular da peça. A panela é decorada na zona mesial por um conjunto de três caneluras paralelas horizontais.</p> <p>Pasta Homógenea e depurada com ENP's de grão fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Laranja (5YR 5/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 12,2 cm; A.b 1,4 cm; Ø.b 14,5 cm; E.a 1,1 cm; E.b 0,7 cm; E.md 0,5 cm; L.a 3,2 cm</p>



N.º 63 C-12-6-CAS83-167 (9B)

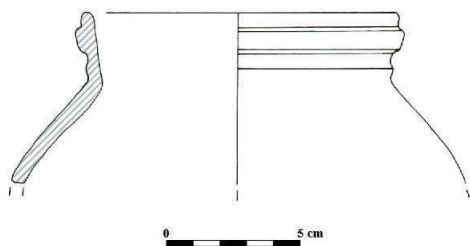


N.º 64 C-_-_-CAS_-_- (8D)

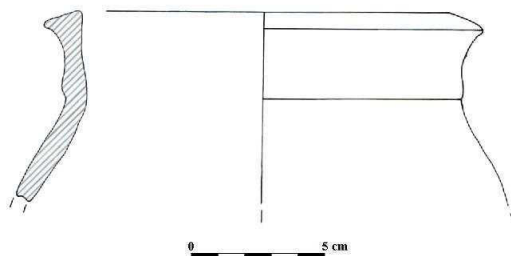


N.º 65 C-118-11-CAS_-_- (6D)

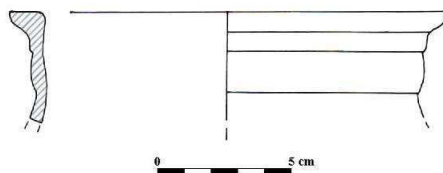
<p>Panela N.º 66 C-46-6-CAS84-_ (9C)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo com lábio de perfil semi-circular, é extrovertido e espessado exteriormente, através de uma larga canelura. Do colo ligeiramente estrangulado parte uma parede de formato globular.</p> <p>Obs. Vestígios de exposição ao fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão médio a fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Laranja (5YR 5/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 5,4 cm; Ø.b 10 cm; E. 0,5 cm; E.b 0,5-0,7 cm</p>
<p>Panela N.º 67 C-118-2-CAS84-170 (6C)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo de secção sub-triangular é superiormente aplanado e extrovertido. O colo um pouco estrangulado encontra-se definido por espessamento em relação ao corpo da peça de forma globular.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão médio a fino</p> <p>ENP's Hematite, quartzo hialino e leitoso, nódulos de barro</p> <p>Cor Sup: Vermelha (2.5YR 5/8) Crm: Cinzento avermelhado (2.5YR 4/1)</p> <p>Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 6 cm; Ø.b 13,8 cm; E.b 1,15 cm; E.md 0,75 cm</p>
<p>Panela N.º 68 C-118-7-CAS83-149 (10C)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo de secção sub-triangular é superiormente aplanado. Abaixo deste existe canelura horizontal, que define, juntamente com uma incisão no colo, um gargalo direito.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo na face externa e sobre o bordo.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's finos</p> <p>ENP's Calcário, ferro, moscovite, quartzo hialino e critino, máficos</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 4/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,8 cm; Ø.b 13,9 cm; E.b 1,1 cm; E.md 0,45 cm</p>
<p>Panela N.º 69 C-__-CAS-_ (16D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo de perfil cabeça de prego é ligeiramente espessado na face interna. Do gargalo direito desenvolve-se o corpo da peça tendencialmente globular.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão médio a fino</p> <p>ENP's Biotite, feldspato, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 5/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4 cm; A.b 0,4 cm; Ø.b 15 cm; E.b 1,5; E.md 0,45 cm</p>



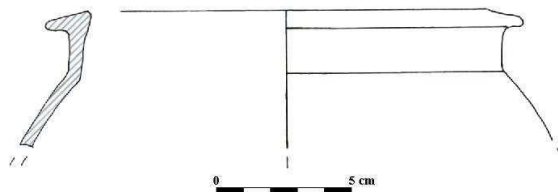
N.º 66 C-46-6-CAS84-_ (9C)



N.º 67 C-118-2-CAS84-170 (6C)

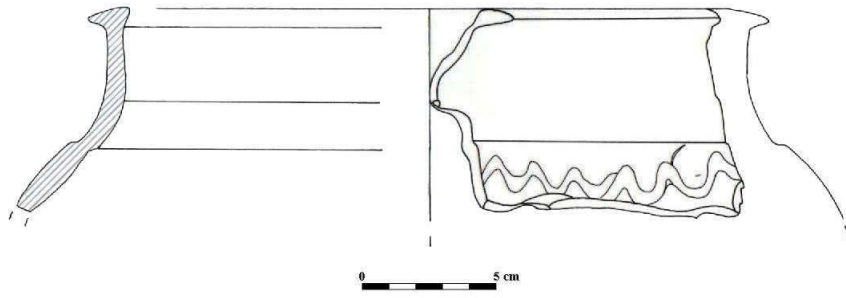


N.º 68 C-118-7-CAS83-149 (10C)

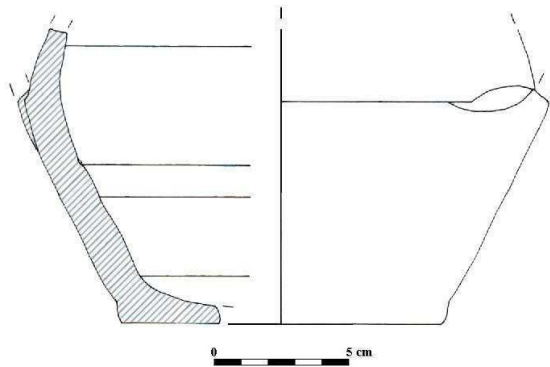


N.º 69 C-_-_-CAS_-_- (16D)

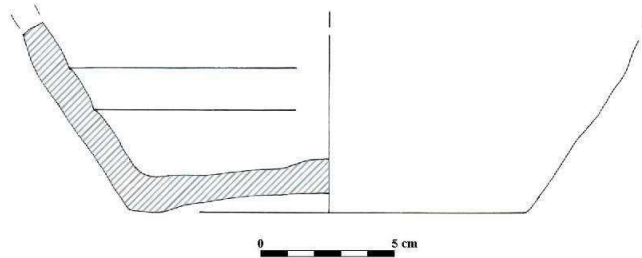
<p>Panela N.º 70 C-X-1-CAS80-2 (15D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo ligeiramente espessado e extrovertido, tem lábio de perfil tipo cabeça de prego. O colo direito é demarcado do corpo da peça por uma incisão pronunciada. Esse mesmo corpo é decorado por banda horizontal com linha incisa ondulada.</p> <p>Obs. Mostra acentuados vestígios de exposição a fogo na face externa.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 6,3 cm; A.b 0,6 cm; Ø.b 21,3 cm; E. 0,5-0,7; E.b 1,2</p>
<p>Panela N.º 71 C-118-1-CAS83-158 (4G)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede.</p> <p>O fundo plano é ligeiramente espessado no exterior. A parede constitui um corpo de formato globular, sendo demarcado por incisão na zona mediana, de onde arranca uma asa.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo na face externa.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Hematite, moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Laranja (5YR 7/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 9,2 cm; Ø.f 10 cm; E 0,7-1,1 cm; E.f 0,6-1,2 cm</p>
<p>Panela N.º 72 C-118-2-CAS83-140 (7G)</p>	<p>Conjunto de fragmentos correspondente a fundo com arranque de parede.</p> <p>Do fundo espesso, com ligeiro ônfalo, desenvolve-se um corpo globular.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de média dimensão e algumas bolhas de ar ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso, máficos Cor Laranja (5YR 6/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 5,3 cm; Ø.f 12,5 cm; E.f 1,5 cm; E.md 1 cm</p>
<p>Tacho N.º 73 CAS. C.B.13/6/00 E1-05</p>	<p>Fragmento de bordo com pega completa e com arranque de parede e de fundo.</p> <p>O bordo com lábio de perfil semi-circular é ligeiramente espessado na face externa, apresentando sobre esse pequena pega de formato sub-triangular. O perfil do corpo da peça é troncocónico, apresentando suave carena a definir o fundo.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo em ambas as superfícies.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Moscovite, quartzo hialino Cor Bege (10YR 6/3) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 6 cm; Ø.b 26,8 cm; E. 0,65 cm; E.a 1 cm; E.b 0,95 cm; L.a 2,7 cm</p>



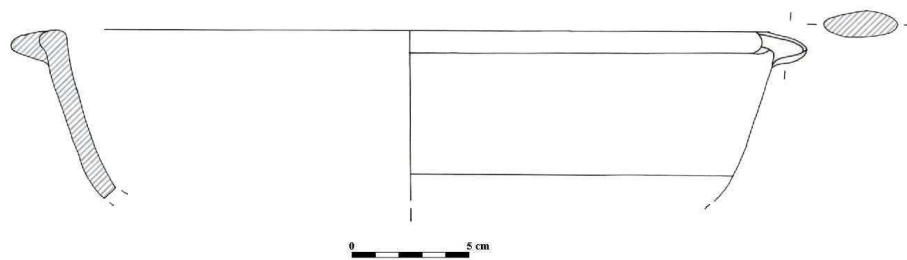
N.º 70 C-X-1-CAS80-2 (15D)



N.º 71 C-118-1-CAS83-158 (4G)



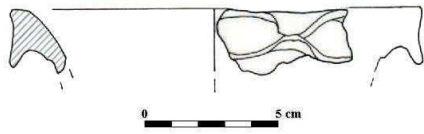
N.º 72 C-118-2-CAS83-140 (7G)



N.º 73 13/6/00 E1-05

Loiça de Armazenamento e/ou Transporte

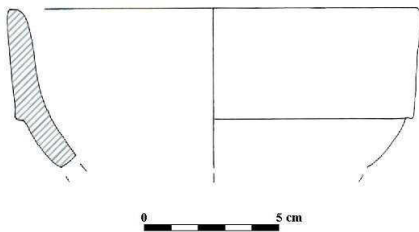
<p>Bilha N.º 74 C-118-39-CAS80-17 (13G)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo de secção sub-triangular é extrovertido e apresenta decoração digitada. O gargalo é tendencialmente estrangulado.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino</p> <p>ENP's Biotite, moscovite, quartzo citrino e hialino, nódulos de barro</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 6/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2 cm; A.b 1,8 cm; Ø.b 13 cm; E. 0,5-1,1 cm</p>
<p>Bilha (?) N.º 75 C-51-42-CAS81-93 (8B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo de lábio de perfil semi-circular é ligeiramente espessado no exterior. O gargalo tem perfil troncocónico.</p> <p>Obs. A peça encontra-se totalmente queimada, excepto na fractura.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino</p> <p>ENP's Moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Castanha (2.5Y 6.3)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,7 cm; A.b 1 cm; Ø.b 12,2 cm; E. 0,3 cm; E.b 0,6 cm</p>
<p>Bilha/Cântaro N.º 76 C-118-1_-CAS84-160 (15G)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede.</p> <p>O bordo é direito e espessado exteriormente. O lábio é ligeiramente afilado na face externa. O gargalo é tendencialmente estrangulado.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino e algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Feldspato, hematite, moscovite, quartzo hialino</p> <p>Cor Laranja (7.5YR 7/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 5 cm; A.b 3,5 cm; Ø.b 13 cm; E. 0,8 cm; E.b 0,7 - cm</p>
<p>Bilha N.º 77 C-59-35-CAS82-1 (15D)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede.</p> <p>Fundo destacado e espessado, de formato troncocónico, apresentando exteriormente um ligeiro ônfalo. A superfície exterior encontra-se coberta por engobe de tom avermelhado (5YR 5/6).</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio.</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso</p> <p>Cor Vermelha (5YR 5/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,9 cm; Ø.f 4 cm; E. 0,5 cm; E.f 0,6 cm</p>



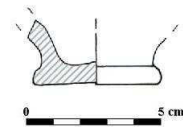
N.º 74 C-118-39-CAS80-17 (13G)



N.º 75 C-51-42-CAS81-93 (8B)

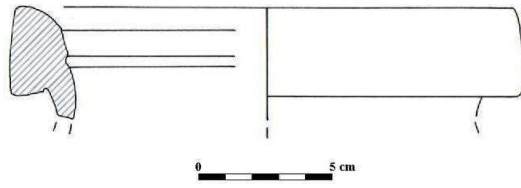


N.º 76 C-118-1_-CAS84-160 (15G)

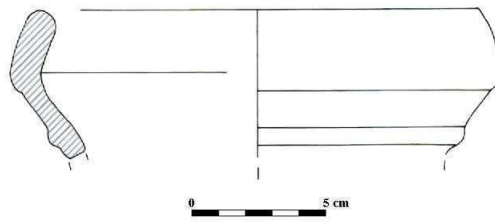


N.º 77 C-59-35-CAS82-1 (15D)

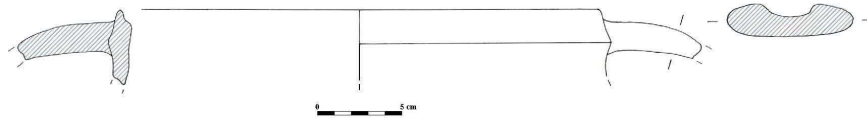
<p>Cântaro N.º 78 C-142/CAS79 (14A)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo com perfil sub-triangular é vertical e espessado. Arranca deste um colo, de formato cilíndrico, ligeiramente estrangulado. Abaixo do bordo, na face interna, mostra incisão horizontal.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de fino a médio com algumas bolhas de ar ENP's Calcário, moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,5 cm; A.b 2,8 cm; Ø.b 15,7 cm; E. 0,7 cm; E.b 1,6-2 cm</p>
<p>Cântaro N.º 79 C-118-2-CAS83-149 (7D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de gargalo (?). O bordo de lábio de perfil semi-circular é espessado e introvertido. O gargalo estrangulado está demarcado por ligeira carena. Este gargalo é decorado por canelura relevada.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Biotite, calcário, calcite, hematite Cor Vermelha (2.5YR 5/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,55; Ø.b 14 cm; E. 0,6-0,9 cm; E.b 1 cm</p>
<p>Cântaro (?) N.º 80 C-84-15-CAS83-144 (14A)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede e de asa. O bordo um pouco espessado no exterior e com lábio de perfil semi-circular é marcado no interior por incisão que permitiria o encaixe de testo. Abaixo do bordo, na zona espessada, arranca uma asa de secção em fita com depressão longitudinal. Obs. Mostra vestígios de exposição a fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de grão fino ENP's Calcite, hematite, moscovite, quartzo hialino e leitoso, nódulos de barro Cor Sup: Laranja (5YR 6/6) Crn: Castanha (10YR 5/3) Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 3,8 cm; Ø.b 24 cm; E. 0,7-1 cm; E.a 0,9-1,5 cm; E.b 0,4 cm; L.a 6,2 cm</p>
<p>Cântaro N.º 81 C-118-18-CAS84-167 (3C)</p>	<p>Fragmento de asa com arranque de parede. De um gargalo tendencialmente estrangulado arranca uma asa de secção em fita com acentuada depressão longitudinal.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio e algumas bolhas de ar ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Sup: Laranja (5YR 6/8) Crn: Cinzenta avermelhada (2.5YR 5/1) Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 6,5 cm; Ø.M 4,3 cm; E. 1,2 cm; E.a 1,1-1,7 cm; L.a 7,3 cm</p>



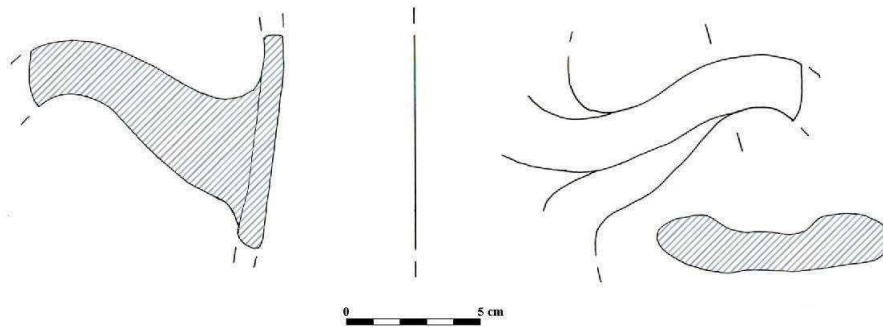
N.º 78 C-142-CAS79 (14A)



N.º 79 C-118-2-CAS83-149 (7D)

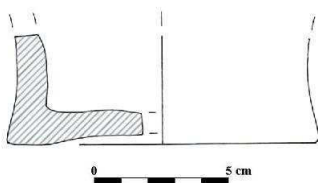


N.º 80 C-84-15-CAS83-144 (14A)

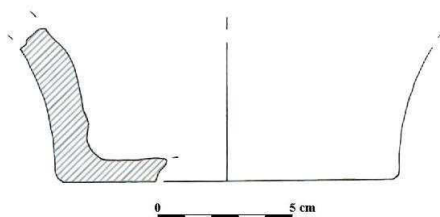


N.º 81 C-118-18-CAS84-167 (3C)

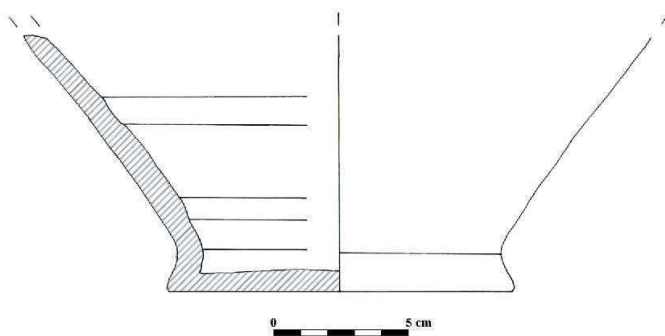
<p>Cântaro N.º 82 C-59-25-CAS82-1 (10B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. O fundo é plano, ligeiramente espessado na área central e destacado exteriormente em bolacha. A partir desse fundo arranca parede de perfil troncocónico de uma peça globular achatada.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,45 cm; Ø.f 9,9 cm; E. 0,95 cm; E.f 0,7 cm</p>
<p>Cântaro N.º 83 CAS. C.B. 12/6/00 C2-05</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo plano, com ligeiro ônfalo, arranca um corpo de perfil sub-oval.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão muito fino ENP's Moscovite, quartzo hialino Cor Vermelha (2.5YR 4/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,3 cm; Ø.f 10,8 cm; E. 1-1,3 cm; E.f 0,7 cm</p>
<p>Cântaro N.º 84 C-118-1-CAS83-162 (20G)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo plano arranca um corpo de perfil globular ou sub-oval.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo leitoso, nódulos de barro Cor Sup: Vermelha (2.5YR 6/8) Crn: Cinzenta avermelhada (2.5YR 6/1) Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 8,1 cm; Ø.f 10,85 cm; E. 0,65-0,8 cm; E. 0,6 cm</p>
<p>Pote N.º 85 C-118-40-CAS80-76 (4C)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo possui lábio de perfil semi-circular e é ligeiramente espessado no exterior. O gargalo é marcado, na face externa, por caneluras. Deste arranca um corpo tendencialmente ovalado.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino a médio ENP's Hematite, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,4 cm; A.b 1,5 cm; Ø.b 12 cm; E.b 0,4-0,7 cm; E.md 0,45</p>



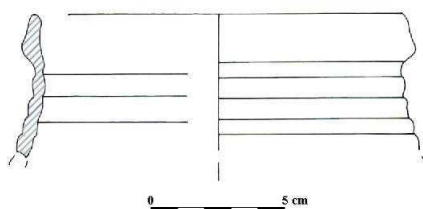
N.º 82 C-59-25-CAS82-1 (10B)



N.º 83 12/6/00 C2-05

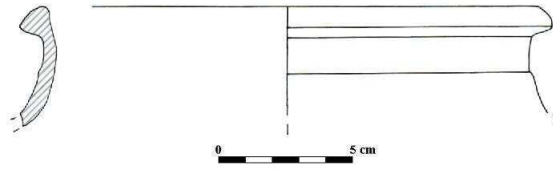


N.º 84 C-118-1-CAS83-162 (20G)

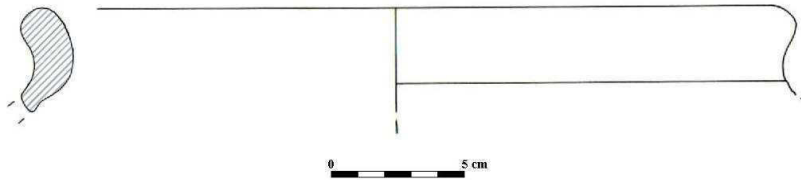


N.º 85 C-118-40-CAS80-76 (4C)

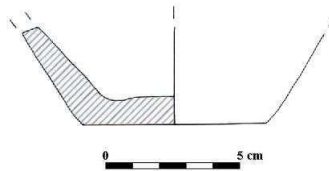
<p>Pote N.º 86 CAS. C.B. 9/6/00 D1-05</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo extrovertido tem perfil sub-triangular. O colo é marcado por incisão após um gargalo curto e estrangulado.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro Cor Laranja (5YR 6/8) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,5 cm; Ø.b 15,8 cm; E.b 1 cm; E.md 0,45</p>
<p>Pote N.º 87 CAS. C.B. 30/5/00 SUP</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo extrovertido é muito espessado, apresenta lábio de perfil semi-circular. O colo é marcado por uma incisão que precede um corpo tendencialmente globular.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Biotite, feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Sup: Laranja (5YR 6/8) Crn: Castanha (7.5YR 5/3) Cozedura Parcial oxidante</p> <p>A. 3,8 cm; Ø.b 24 cm; E. 0,7 cm; E.b 1,3 cm</p>
<p>Pote N.º 88 C-118-80-CAS83-18 (20B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo plano, espessado na área central, arranca uma parede de perfil tendencialmente sub-oval.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Castanha (7.5YR 5/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,95 cm; Ø.f 6 cm; E. 0,6-1 cm; E.f 1-1,2 cm</p>
<p>Pote N.º 89 CAS. C.B. 29/5/00 SUP</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo plano, espessado e destacado em bolacha, desenvolve-se o corpo da peça com perfil tendencialmente globular ou sub-oval.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de grão fino ENP's Moscovite, quartzo hialino e leitoso Cor Vermelha (2.5YR 6/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3 cm; Ø.f 3,2 cm; E. 0,4-0,6 cm; E.f 1-1,2 cm</p>



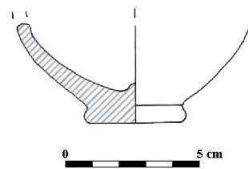
N.º 86 9/6/00 D1-05



N.º 87 30/5/00 SUP



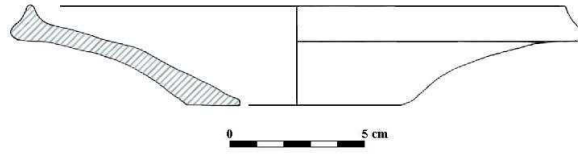
N.º 88 C-118-80-CAS83-18 (20B)



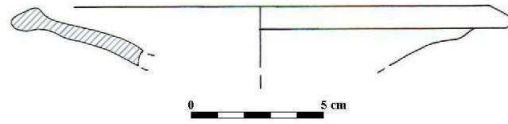
N.º 89 CAS. C.B. 29/5/00 SUP

Outros

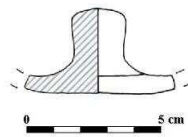
<p>Testo N.º 90 C-48-7-CAS83-136 (7B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede e fundo. O bordo de secção sub-triangular, apresenta um lábio ligeiramente introvertido e concâvo exteriormente, o que lhe permitiria encaixar no bordo da peça a tapar. A parede oblíqua, um pouco convexa, termina num fundo plano. Pasta Homógena com ENP's de grão fino e algumas bolhas de ar ENP's Calcite, hematite, moscovite, quartzo hialino Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante A. 3,1 cm; Ø.b 17 cm; Ø.f 6,8 cm; E. 0,5-0,8 cm; E.b 1,15 cm</p>
<p>Testo N.º 91 CAS. C.B.3/6/00 D1-05</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo espessado e ligeiramente extrovertido, possui lábio biselado. A parede em aba é oblíqua. Obs. Mostra acentuados vestígios de exposição ao fogo na face externa. Pasta Homógena com ENP's de grão fino a muito fino ENP's Moscovite, nódulos de barro Cor Laranja (5YR 7/8) Cozedura Oxidante A. 1,9 cm; Ø.b 14,7 cm; E.b 1 cm; E.md 0,4 cm</p>
<p>Testo N.º 92 C-118-28-CAS84-165 (14D)</p>	<p>Fragmento de fundo com pitorra completa. No centro da face interna do fundo plano apresenta pitorra de secção troncocilíndrica. Pasta Homógena com ENP's de grão fino ENP's Moscovite, quartzo hialino Cor Bege (10YR 6/4) Cozedura Oxidante A. 2,6 cm; Ø.p 1,65 cm; E.f 0,5 cm</p>
<p>Testo N.º 93 C-118-102-CAS82-3 (17B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede e pitorra. Do fundo plano, ligeiramente convexo no exterior, arranca parede oblíqua em aba que terminaria num bordo tendencialmente extrovertido. No centro da face interna apresenta arranque de pitorra de secção troncocilíndrica. Pasta Homógena com ENP's de grão fino ENP's Moscovite (lascas), quartzo hialino e leitoso Cor Laranja (5YR 6/8) Cozedura Oxidante A. 2,4 cm; Ø.f 6,8 cm; Ø.p 2,4 cm; E.f 1,2 cm; E.md 0,9 cm</p>



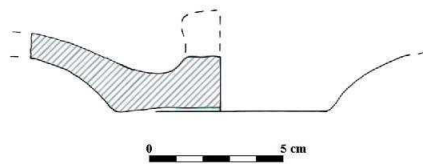
N.º 90 C-48-7-CAS83-136 (7B)



N.º 91 CAS. C.B.3/6/00 D1-05

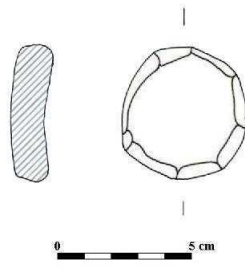


N.º 92 C-118-28-CAS84-165 (14D)

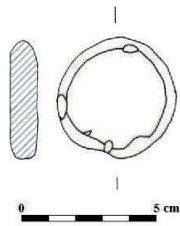


N.º 93 C-118-102-CAS82-3 (17B)

<p>Marca N.º 94 C-118-8-CAS80-97 (11D)</p>	<p>Obtida através do afeiçoamento de fragmento de parede de peça em cerâmica comum, provavelmente da parte correspondente ao fundo.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino com algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Moscovite, quartzo hialino e leitoso, nódulos de barro</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 5/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>Ø.4,2 cm; E. 1,1 cm</p>
<p>Marca N.º 95 C-86-1-CAS81-71 (22B)</p>	<p>Obtida através do afeiçoamento de fragmento de parede de peça em cerâmica comum, provavelmente da parte correspondente ao fundo.</p> <p>Pasta Homógena com ENP's de grão fino e algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino e leitoso, máficos</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 6/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>Ø.3,8 cm; E. 0,8 cm</p>



N.º 94 C-118-8-CAS80-97 (11D)



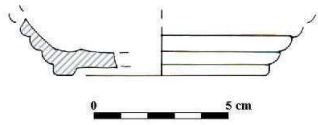
N.º 95 C-86-1-CAS81-71 (22B)

Cerâmica Comum

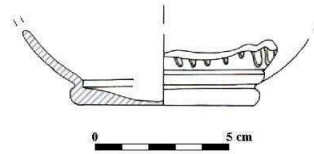
Séculos XVII-XVIII

Loiça de Mesa

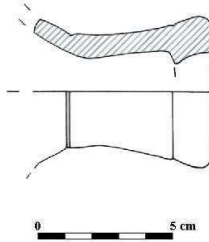
Púcaro N.º 96 C-59-34-CAS82-1 (10B)	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede.</p> <p>Do fundo que apresenta ligeiro pé em anel, arranca uma parede decorada no exterior por caneluras horizontais.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo leitoso</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 7/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,6 cm; Ø.f 6,7 cm; E.f 0,65 cm; E.md 0,35 cm; E.p 0,6 cm</p>
Púcaro N.º 97 CAS. C.B. 29/5/00 SUP	<p>Fragmento de fundo de púcaro com arranque de parede.</p> <p>O fundo é plano e espessado no exterior e côncavo no interior. A superfície exterior, coberta com engobe avermelhado (10R 5/8), mostra decoração modelada.</p> <p>Pasta Muito depurada com ENP's muito finos</p> <p>ENP's Não visíveis</p> <p>Cor Vermelha (2.5YR 6/6)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,2 cm; Ø.f 5,8 cm; E.f 0,15-0,5 cm; E.md 0,35 cm</p>
Cafeteira (?) N.º 98 CAS. C.B. 13/6/00 A1-05	<p>Fragmento de pega.</p> <p>Pega de secção troncocónica, oca, que seria aplicada de lado na peça, fazendo um ângulo de 90° com o bico vertedor.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio com algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo leitoso, máficos</p> <p>Cor Vermelho (2.5YR 6/8)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 4,8 cm; Ø.M 4,8 cm; E. 0,5-1,2 cm</p>



N.º 96 C-59-34-CAS82-1 (10B)

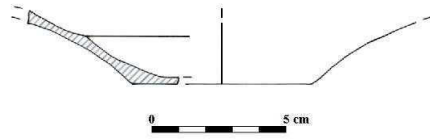


N.º 97 CAS. C.B. 29/5/00 SUP

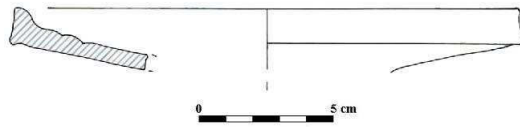


N.º 98 CAS. C.B. 13/6/00 A1-05

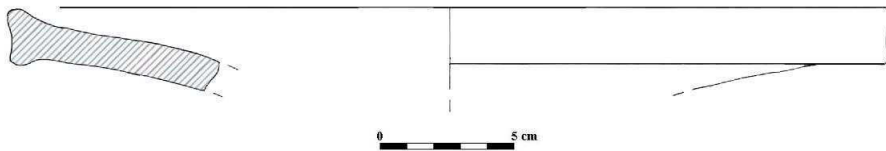
<p>Testo N.º 99 C-118-21-CAS83-150 (21B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. O fundo é plano exteriormente e ligeiramente côncavo no interior. A parede é oblíqua em aba. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós-fractura.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Calcário, feldspato, moscovite, quartzo hialino Cor Castanha (7.5YR 5/3) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,3 cm; Ø.f 5,8 cm; E. 0,3 cm; E.f 0,25 cm</p>
<p>Testo N.º 100 C-118-7-CAS84-167 (17D)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo com perfil sub-triangular é espessado na face externa e muito introvertido, possibilitando o seu encaixe. A parede oblíqua em aba mostra, na face superior, as marcas do levantamento da peça na roda. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo na face inferior.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de grão fino a médio ENP's Moscovite, quartzo hialino e leitoso, nódulos de barro Cor Laranja (7.5YR 6/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,9 cm; A.b 1,1 cm; Ø.b 16 cm; E. 0,5-0,7 cm; E.b 0,7 cm</p>
<p>Testo N.º 101 C-118-15-CAS81-35 (20B)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo com perfil sub-triangular é ligeiramente espessado. A parede é oblíqua em aba. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo sobre o bordo e pós-fractura.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, moscovite, qurtzo hialino, leitoso e rosa, nódulos de barro Cor Laranja (5YR 6/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,5 cm; Ø.b 27,6 cm; E. 1,1 cm; E.b 1,8 cm</p>
<p>Tampa N.º 102 C-118-1-CAS81-153 (9F)</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. De formato sub-hemisférico, a tampa apresenta um bordo fino de lábio de perfil semi-circular na base do qual arranca o encaixe desta tampa, um pouco introvertido com lábio também de perfil semi-circular. Obs. Mostra vestígios de exposição ao fogo pós -fractura.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino a médio ENP's Feldspato, hematite, moscovite, quartzo hialino Cor Laranja (5YR 7/6) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,5 cm; A.b 0,3 cm; Ø.b 12,5 cm; Ø.f 8,2 cm; E. 0,4-0,6 cm</p>



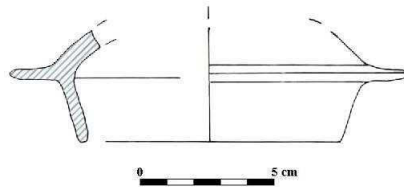
N.º 99 C-118-21-CAS83-150 (21B)



N.º 100 C-118-7-CAS84-167 (17D)



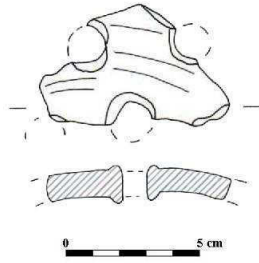
N.º 101 C-118-15-CAS81-35 (20B)



N.º 102 C-118-1-CAS81-153 (9F)

Contentores de Fogo

Defumador	Fragmento de grelha.
N.º 103	A peça cerâmica ligeiramente concâva apresenta quatro perfurações pré-cozedura, que criaram pequenos depósitos de argila em redor dos mesmas.
C-120/CAS79	
(14A)	Obs. Uma vez que não mostra nenhum vestígio de exposição ao fogo, poderá tratar-se de uma peça que não chegou a ser utilizada ou só ter estado exposta a fumo.
	Pasta Homógenea com ENP's de grão fino
	ENP's Feldspato, hematite, moscovite, quartzo hialino
	Cor Vermelha (2.5YR 6/6)
	Cozedura Oxidante
	Ø.pf 0,9-1,1 cm; E. 0,7-1,1 cm



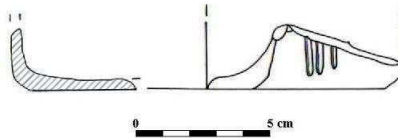
N.º 103 C-120/CAS79 (14A)

Cerâmica Esmaltada e Vidrada

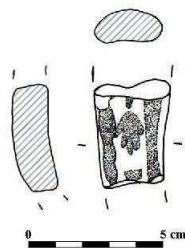
Séculos XV-XVIII

Loiça de Mesa

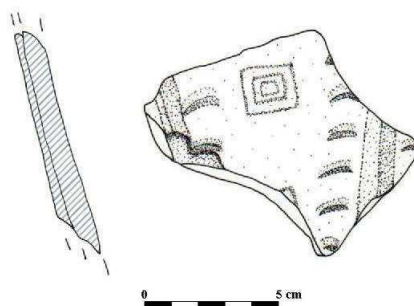
Garrafa (?) N.º 104 (?)-CAS83-138(?) -5 (15C)	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede.</p> <p>O fundo é plano e encontra-se demarcado da parede por dupla carena (?). No exterior da parede existe um conjunto três incisões verticais paralelas. A superfície interna encontra-se coberta por vidrado amarelo de antimónio e a superfície externa coberta por vidrado verde de chumbo.</p> <p>Pasta Homógenea e muito bem depurada com ENP's muito finos</p> <p>ENP's Não visíveis</p> <p>Cor Bege (5Y 8/4)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2 cm; Ø.f 11,2 cm; E. 0,45cm; E.f 0,3</p>
Jarro N.º 105 C-118-55-CAS8_-21 (24B)	<p>Fragmento de asa.</p> <p>A asa de secção oval é ligeiramente côncava na face superior. A superfície é esmaltada a branco e decorada a azul cobalto na face superior por banda definida por duas linhas paralelas ao comprimento da peça e preenchida por motivo palmiforme.</p> <p>Pasta Homógenea e depurada com ENP's muito finos</p> <p>ENP's Não visíveis</p> <p>Cor Bege (2.5YR 8/4)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,5 cm; E.md 0,8 cm; L.a 2,3 cm</p>
Jarro N.º 106 C-1-4-CAS83-162 (15C)	<p>Fragmento de parede.</p> <p>A parede vidrada a verde em ambas as faces. Na face exterior estão aplicados cordões plásticos verticais facetados associados a conjunto de unculados e quadrados concêntricos estampilhados.</p> <p>Pasta Muito depurada com ENP's muito finos</p> <p>ENP's Não visíveis</p> <p>Cor Castanho (10YR 6/4)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A. 7,2 cm; E. 0,7-1 cm</p>



N.º 104 _-CAS83-138(?) -5 (15C)

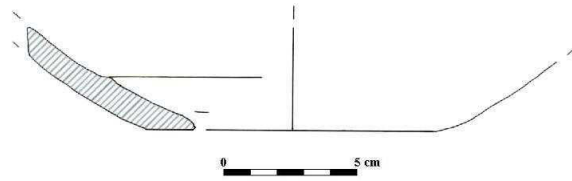


N.º 105 C-118-55-CAS8_-21 (24B)

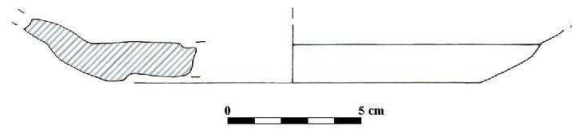


N.º 106 C-1-4-CAS83-162 (15C)

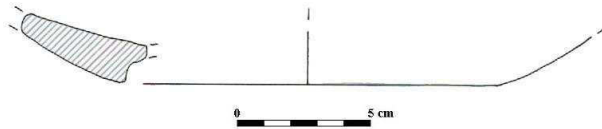
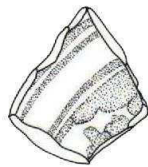
<p>Prato N.º 107 CX-58-CAS80-4 (16C)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Assenta em fundo plano com perfil tendencialmente côncavo, assentado pelo perfil da aba. No interior, o fundo é demarcado da aba por ligeira canelura. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco.</p> <p>Pasta Um pouco foleácea, mas depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Rosa (7.5YR 7/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,2 cm; Ø.f 9 cm; E.md 0,8 cm</p>
<p>Prato N.º 108 C-51-3-CAS81-93 (16C)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. O fundo plano assenta em ligeiro frete. A parede oblíqua, em aba, é demarcada do fundo na face interna. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco que se encontra a destacar.</p> <p>Pasta Homógena e depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (5Y 8/2) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,7 cm; Ø.f 12 cm; E. 0,6 cm; E.f 1,1 cm</p>
<p>Prato N.º 109 C-_-_-CAS_-_ (23G)</p>	<p>Fragmento de parede com arranque de pé. Do fundo plano, assente em ligeiro frete, desenvolve-se parede oblíqua, em aba, sem qualquer demarcação. As superfícies são esmaltadas a branco. A face interna é decorada a azul cobalto por motivo central contornado por duas linhas finas concêntricas.</p> <p>Pasta Homógena e depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (2.5YR 8/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,6 cm; Ø.f 1,8 cm; E. 0,8-1,3 cm; E.f 0,5 cm</p>
<p>Prato N.º 110 CAS. C.B. 31/5/00 SUP</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede e fundo. O bordo com lábio de perfil semi-circular é ligeiramente afilado. A parede oblíqua, em aba, termina com suave inflexão que a demarca do fundo. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco. A face interna mostra um pêssego, comum na decoração de aranhões, executado a azul de cobalto e negro de manganês.</p> <p>Pasta Homógena e bem depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (10YR 8/3) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,4 cm; Ø.b 24,7 cm; E. 0,4-1 cm</p>



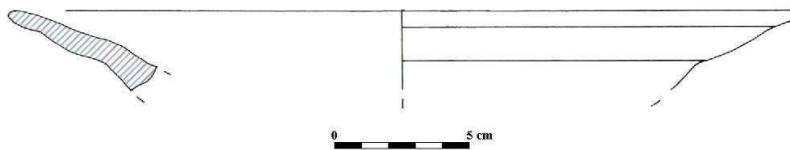
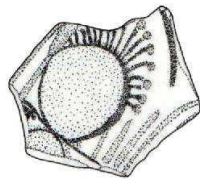
N.º 107 CX-58-CAS80-4 (16C)



N.º 108 C-51-3-CAS81-93 (16C)

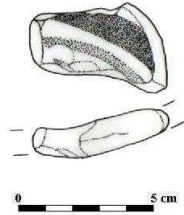


N.º 109 C-_-_-CAS_-_- (23G)

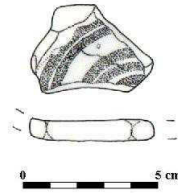


N.º 110 CAS. C.B. 31/5/00 SUP

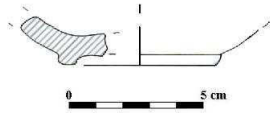
<p>Prato N.º 111 CX-64-CAS80-11 (10B)</p>	<p>Fragmento de fundo. Corresponde à área de ligação entre o fundo e a aba, sem qualquer demarcação. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco, sendo a interna decorada por bandas concêntricas a azul cobalto e roxo de manganês.</p> <p>Pasta Homógenea e depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (2.5Y 8/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,7 cm; E. 1 cm</p>
<p>Prato N.º 112 C-65-18-CAS82-4 (10B)</p>	<p>Fragmento de fundo. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco, sendo a interna decorada por bandas concêntricas em azul cobalto.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's de grão fino a muito fino ENP's Nódulos de barro Cor Bege (10YR 8/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 0,8 cm; E.f 0,7 cm</p>
<p>Taça N.º 113 CX-55-CAS80-19 (16C)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo com ligeiro pé em anel, arranca uma parede de perfil sub-hemisférico. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco.</p> <p>Pasta Foleácea com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (2.5Y 8/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,4 cm; Ø.f 5 cm; E. 0,7 cm; E.f 0,6 cm; E.p 0,4 cm</p>
<p>Taça N.º 114 C-47-7-CAS81-91 (13B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. O fundo é destacado no exterior, sendo demarcado por incisão. O corpo da peça é troncocónico. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão muito fino a médio ENP's Nódulos de barro Cor Bege (5Y 8/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,9 cm; Ø.f 4,9 cm; E. 0,7 cm; E.f 0,5 cm</p>



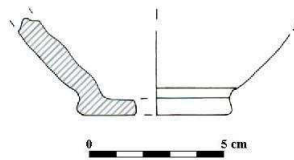
N.º 111 CX-64-CAS80-11
(10B)



N.º 112 C-65-18-CAS82-4
(10B)

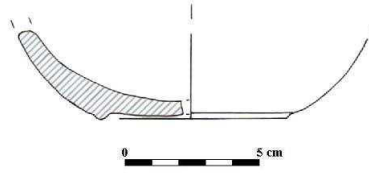


N.º 113 CX-55-CAS80-19
(16C)

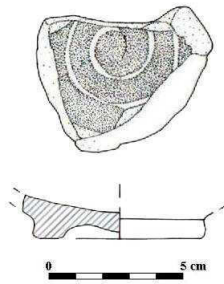


N.º 114 C-47-7-CAS81-91
(13B)

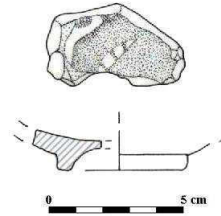
<p>Taça N.º 115 CAS. C.B.30/5/00 SUP</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Esmaltada a branco de chumbo em ambas as superfícies. Ligeiro frete. Pasta Foleácea com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (2.5YR 8/4) Cozedura Oxidante A. 2,7 cm; Ø.f 6 cm; E. 0,6-0,9 cm; E.f 0,6 cm; E.p 0,3 cm</p>
<p>Taça N.º 116 C-_-CAS_- (24B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo assente em pé anelar arranca corpo de perfil sub-hemisférico. Ambas as superfícies são asmaltadas a branco. Na face interna, mostra decoração espiralada, executada a azul cobalto. Pasta Foleácea, mas bem depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (10YR 8/3) Cozedura Oxidante A. 1,4 cm; Ø.f 5,4 cm; E. 0,4 cm; E.f 0,5 cm; E.p 1,1 cm</p>
<p>Taça N.º 117 C-51-1-CAS81-93 (24B)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo assente em pé anelar arranca corpo de perfil sub-hemisférico. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco. Na face interna, mostra decoração indeterminada, executada a azul cobalto. Pasta Foleácea, mas bem depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (5Y 8/3) Cozedura Oxidante A. 1,1 cm; Ø.f 4 cm; E. 0,5 cm; E.f 0,3 cm; E.p 1 cm</p>
<p>Taça N.º 118 C-_-CAS_-_08 (23G)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo assente em pé anelar arranca peça de perfil sub-hemisférico. Ambas as superfícies são asmaltadas a branco. Na face interna, mostra decoração de bandas concêntricas associadas a motivo fitomórfico, executado a azul cobalto. Pasta Homógena, ligeiramente foleácea com ENP's de grão muito fino ENP's Não visíveis Cor Bege (10YR 8/3) Cozedura Oxidante A. 1 cm; Ø.f 5 cm; E. 0,7 cm; E.f 0,4 cm; E.p 1,7 cm</p>



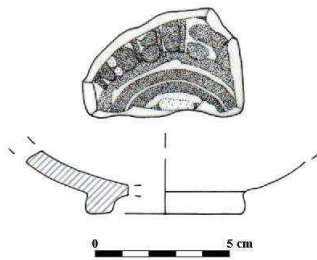
N.º 115 CAS. C.B.30/5/00 SUP



N.º 116 C-_-_-CAS_-_-
(24B)

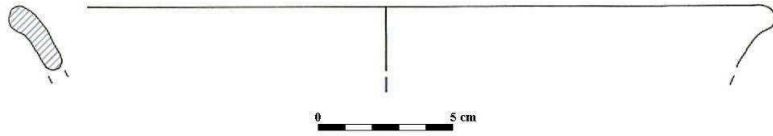


N.º 117 C-51-1-CAS81-93
(24B)

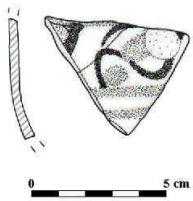


N.º 118 C-_-_-CAS_-_-08 (23G)

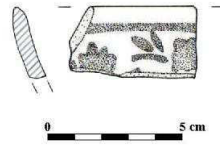
<p>Taça N.º 119 CAS. C.B. 2/6/00 SUP</p>	<p>Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo um pouco espessado é extrovertido e tem lábio de perfil semi-circular. O corpo da peça seria sub-hemisférico. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco ligeiramente manchado de verde.</p> <p>Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Moscovite, quartzo hialino Cor Castanha (5YR 6/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2 cm; Ø.b 23 cm; E. 0,5 cm; E.b 0,8 cm</p>
<p>Taça N.º 120 CAS. C.B. 29/5/00 SUP CAS. C.B. 30/5/00 SUP</p>	<p>Conjunto de fragmentos correspondente a parede. A parede é esmaltada a branco em ambas as superfícies. A face exterior é decorada com o motivo das contas executado a azul de cobalto e negro de manganês.</p> <p>Pasta Homógenea e muito bem depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (10YR 8/3) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 3,8 cm; E. 0,3 cm</p>
<p>Taça N.º 121 C-65-4-CAS82- (24B)</p>	<p>Fragmento de bordo. O bordo tem lábio de perfil semi-circular, ligeiramente afilado. Ambas as superfícies são esmaltadas a branco, sendo a exterior decorada por motivo vegetalista executado a azul cobalto ligeiramente relevado.</p> <p>Pasta Homógenea e muito bem depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (10YR 8/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 2,4 cm; E. 0,5 cm</p>
<p>Taça N.º 122 C-118-9-CAS80-106 (15C)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede. Do fundo com pé em anel, muito espessado, parte corpo de perfil sub-hemisférico. Ambas as superfícies são vidradas a verde de chumbo.</p> <p>Pasta Homógenea e bem depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (2.5Y 8/4) Cozedura Oxidante</p> <p>A. 1,7 cm; Ø.f 6,4 cm; E. 0,45-1,4 cm; E.f 0,4 cm; E.p 0,6 cm</p>



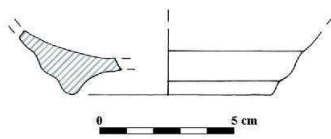
N.° 119 CAS. C.B. 2/6/00 SUP



N.° 120 30/5/00 SUP e 29/5/00 SUP



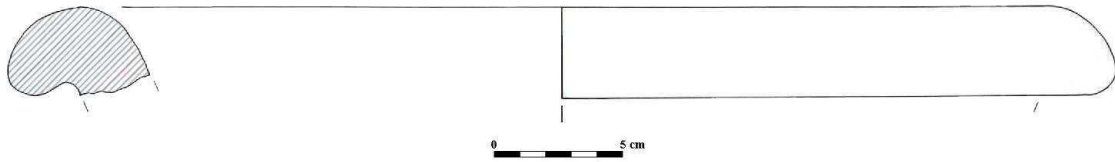
N.° 121 C-65-4-CAS82-_ (24B)



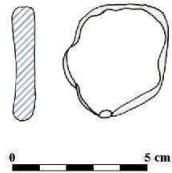
N.° 122 C-118-9-CAS80-106 (15C)

Loiça de Cozinha

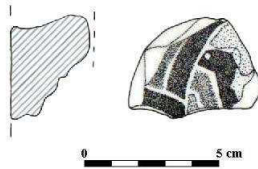
Alguidar N.º 123 CX-142-CAS80-3 (15C)	Fragmento de bordo com arranque de parede. O bordo muito extrovertido apresenta lábio de perfil semi-circular espessado. O arranque de perfil troncocónico mantém a mesma espessura do bordo. Ambas as superfícies são vidradas a verde de chumbo. Pasta Foleácea com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro, lascas de xisto Cor Sup: Laranja (5YR 6/6) Crn: Cinzenta clara (2.5Y 7/2) Cozedura Parcial oxidante A. 3 cm; A.b 2,4 cm; Ø.b 54 cm; E.b 2,4 cm; E.md 2,4 cm
Outros	
Marca N.º 124 C-118-2-CAS80-165 (15C)	Obtida através do afeiçoamento de fragmento de parede de peça em cerâmica vidrada a verde de chumbo na face externa, provavelmente da parte correspondente ao fundo. Pasta Homógenea com ENP's de grão fino ENP's Feldspato, hematite, moscovite, quartzo hialino Cor Vermelha (2.5YR 6/8) Cozedura Oxidante Ø.3,5 cm; E. 0,6 cm
Azulejo N.º 125 C-65-2-CAS81-90 (23G)	A superfície externa é mostra motivo geométrico relevado, tipo corda seca, decorado a azul de cobalto, castanho de antimónio e verde de chumbo. Pasta Homógenea e bem depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (10YR 8/4) Cozedura Oxidante A./E. 2,5 cm; C.M 4,1 cm; L.M 3,8 cm
Azulejo (ou loseta) N.º 126 CX-143-CAS80-3 (23G)	A superfície externa é esmaltada a branco e apresenta decoração geométrica obtida em tons de azul de cobalto, verde de chumbo, castanho e negro de manganês. Pasta Homógenea e depurada com ENP's muito finos ENP's Não visíveis Cor Bege (10YR 7/4) Cozedura Oxidante A./E. 2,3 cm; C.M 4,8 cm; L.M. 4,8 cm



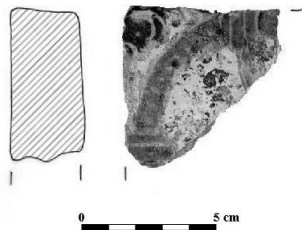
N.º 123 CX-142-CAS80-3 (15C)



N.º 124 C-118-2-CAS80-165 (15C)

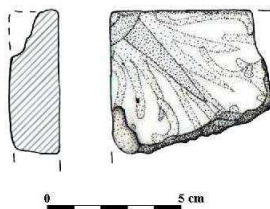


N.º 125 C-65-2-CAS81-90 (23G)

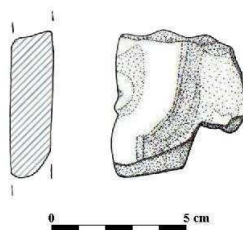


N.º 126 CX-143-CAS80-3 (23G)

<p>Azulejo N.º 127 C-59-15-CAS83-1 (23G)</p>	<p>A superfície apresenta-se esmaltada a branco e é decorada com motivo de padrão executado a azul de cobalto e amarelo de antimónio sob vidrado de chumbo. O reverso encontra-se rudemente alisado.</p> <p>Pasta Homógena e muito bem depurada com ENP's muito finos a médios com algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Nódulos de barro</p> <p>Cor Bege (10YR 8/4)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A./E. 1,6 cm; C.M 4,5 cm; L.M 4,5 cm</p>
<p>Azulejo N.º 128 C-47-7-CAS82-9 (23G)</p>	<p>A superfície apresenta-se esmaltada a branco e é decorada com motivo de padrão executado a azul de cobalto e amarelo de antimónio sob vidrado de chumbo. O reverso encontra-se rudemente alisado.</p> <p>Pasta Foleácea, mas bem depurada com ENP's muito finos a médios com algumas bolhas de ar</p> <p>ENP's Feldspato, moscovite, quartzo hialino, nódulos de barro</p> <p>Cor Bege (10YR 8/4)</p> <p>Cozedura Oxidante</p> <p>A./E. 1,35 cm; C.M 4,1 cm; L.M 4,6 cm</p>



N.º 127 C-59-15-CAS83-1 (23G)



N.º 128 C-47-7-CAS82-9 (23G)

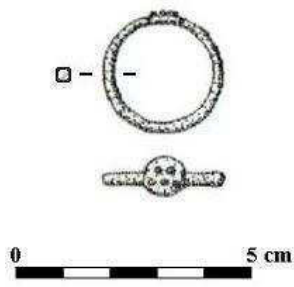
3. Catálogo

3. 2. Artefactos em Vidro

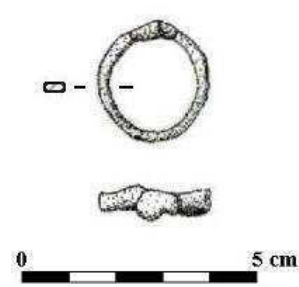
Anel N.º 129 (13-A/11)	Anel em vidro negro, produzido a partir de tira de vidro espalmada, que no local do fecho deixou pequeno disco central, com impressão da peça de junção. Ø. 1,6 cm; E.md 0,4 cm
Anel N.º 130 (11-IX)	Anel em vidro negro, produzido a partir de tira de vidro espalmada, que no local do fecho deixou pequeno disco central, com impressão da peça de junção. Ø. 2 cm; E.md 0,4 cm
Anel N.º 131 (4-A/11)	Anel em vidro negro, produzido a partir de tira de vidro espalmada, que no local do fecho deixou pequeno disco central. Ø. 1,9 cm; E.md 0,4 cm
Pulseira (?) N.º 132 (20-A/11)	Fragmento de pulseira em vidro transparente irisado, produzida a partir de tira de vidro espalmada com algumas partes facetadas. E.md 0,3 cm; L. 2,25 cm
Conta de colar N.º 133 (14-A/11)	Conta de colar facetada de formato sub-hexágonal. A. 1 cm; Ø.pf 0,2 cm; L. 0,8 cm
Conta de colar N.º 134 (7-A/11)	Conta de colar lisa de formato ovalado. A. 1 cm; Ø. 0,8 cm; Ø.pf 0,2 cm



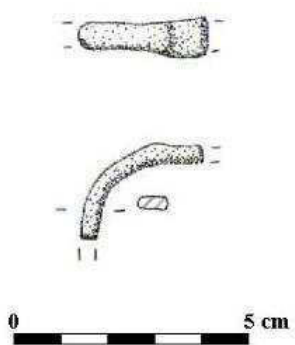
N.º 129



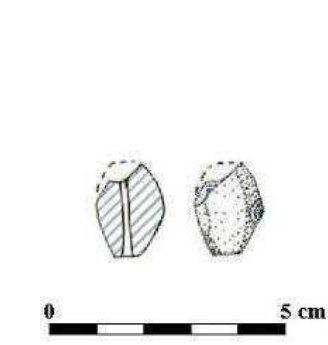
N.º 130



N.º 131



N.º 132

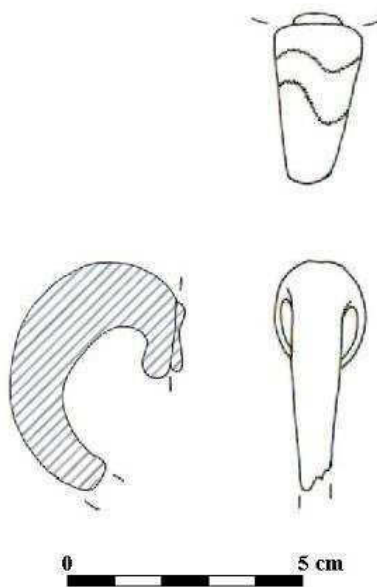


N.º 133

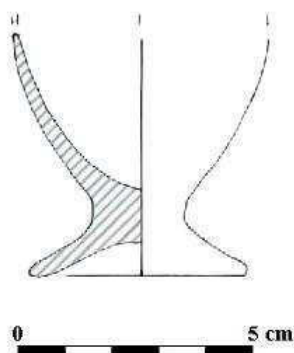


N.º 134

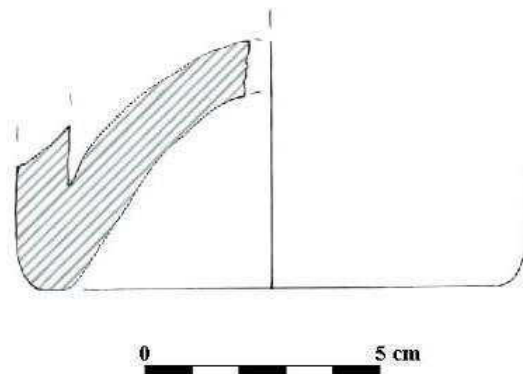
<p>Chávena N.º 135 (20-A/11)</p>	<p>Asa executada a partir de toro de vidro azul-água. A superfície é lisa e na parte superior mostra decoração incisa ondulada. Na extremidade proximal pode ver-se arranque da parede da peça. A. 4,1 cm; E.a 0,8-1,3 cm; L.a 0,55-1,65 cm</p>
<p>Cálice N.º 136 (18-A/11)</p>	<p>Fragmento de pé com arranque de parede em vidro transparente. O pé é destacado do corpo por estrangulamento e mostra um ônfalo algo prenunciado. O corpo tem perfil sub-hemisférico. A. 4,3 cm; Ø.f 4 cm; E. 0,2-0,5 cm; E.f 1 cm</p>
<p>Garrafa N.º 137 Vala1-3-80 (19-A/11)</p>	<p>Fragmento de fundo com arranque de parede em vidro negro. Do fundo em ônfalo muito prenunciado arranca corpo de perfil cilíndrico. A. 4,5 cm; Ø.f 8,4 cm; E. 0,9 cm; E.f 1,05 cm</p>



N.º 135



N.º 136

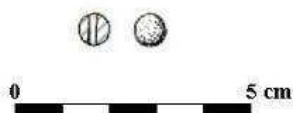


N.º 137

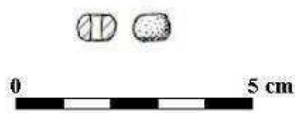
3. Catálogo

3. 3. Artefactos em Osso

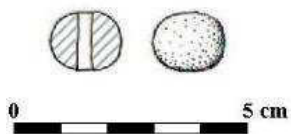
Conta de terço	Conta de formato esférico, totalmente lisa.
N.º 138 (7-A/11)	Corresponde a um Padre Nosso de um terço. A. 0,6 cm; Ø. 0,6 cm; Ø.pf 0,15 cm
Conta de terço	Conta de formato esférico, totalmente lisa, ligeiramente achatada.
N.º 139 (7-A/11)	Corresponde a uma Avé-Maria de um terço. A. 0,5 cm; Ø. 0,7 cm; Ø.pf 0,15 cm
Conta de rosário	Conta de formato esférico, totalmente lisa.
N.º 140 (11-A/11)	Corresponde a uma Avé-Maria de um rosário. A. 1 cm; Ø. 1,3 cm; Ø.pf 0,3 cm
Cruz de terço	Conjunto de fragmentos, correspondente a braço de cruz de terço.
N.º 141 (12-A/11)	De forma cilíndrica, produzido a torno rápido, é decorado por caneluras na zona distal. A zona proximal apresenta ligeiro espessamento no extremo. A. 2,6 cm; Ø. 0,2 cm; E.md 0,5 cm



N.º 138



N.º 139



N.º 140

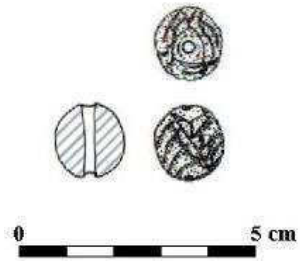


N.º 141

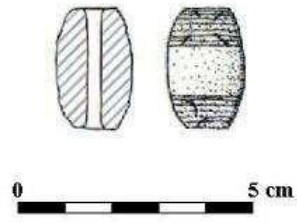
3. Catálogo

3. 4. Artefactos em Azeviche

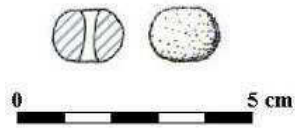
<p>Conta de rosário N.º 142 (2-A/11)</p>	<p>Conta de formato esférico, decorada por incisões. Estas incisões criam na parte central uma secção sub-triangular, a partir da qual saem bandas diagonais decoradas também por incisão. Corresponde a uma Avé-Maria de um rosário. Três exmplaes completos e fragmentos de pelo menos um outro. A. 1,3 cm; Ø. 1,3 cm; Ø.pf 0,25 cm</p>
<p>Conta de rosário N.º 143 (2-A/11)</p>	<p>Conta de formato oval, decorada por caneluras finas paralelas, bem definidas junto às extremidades, perpendiculares à perfuração central. Corresponde a um Padre-Nosso de um rosário. A. 2,1 cm; Ø. 1,35 cm; Ø.pf 0,3 cm</p>
<p>Conta de terço N.º 144 (10-A/11)</p>	<p>Fragmento de uma conta de formato esférico, totalmente lisa e ligeiramente achatada. Corresponde a um Padre-Nosso de um terço. A. 0,95 cm; Ø. 1,15 cm; Ø.pf 0,25 cm</p>
<p>Conta de terço N.º 145 (10-A/11)</p>	<p>Fragmento de uma conta de formato oval, decorada por incisões paralelas perpendiculares à perfuração central. Corresponde a uma Avé-Maria de um terço. A. 1,2 cm; Ø. 1 cm; Ø.pf 0,2 cm</p>
<p>Conta de terço ou colar N.º 146 (8-A/11)</p>	<p>Conta de formato cilíndrico, totalmentelisa e ligeiramente achatada. Mostra perfuração total ao longo da largura. C. 1 cm; Ø. 0,5 cm; Ø.pf 0,2 cm</p>
<p>Contas de terço ou colar N.º 147 e 148 (8-A/11)</p>	<p>Contas de formato esférico, totalmente lisas e um pouco achatadas. Mostram perfuração total. A. 0,45 cm; Ø. 0,65 cm; Ø.pf 0,1 cm A. 0,3 cm; Ø. 0,5 cm; Ø.pf 0,1 cm</p>
<p>Cruz de terço (?) N.º 149 (15-A/11)</p>	<p>Fragmento de braço de cruz (?) de forma troncónica estrangulada na zona distal e com rebordo extrovertido. A. 1,2 cm; Ø.pf 0,2 cm; L.M 0,9 cm; L.m 0,55 cm</p>
<p>Figa N.º 150 (6-A/11)</p>	<p>Representação de uma mão fechada com dedo polegar saliente. Apresenta ainda resto da argola de suspensão. A. 0,7 cm; C. 2,2 cm; L. 0,4-0,95 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,3 cm</p>



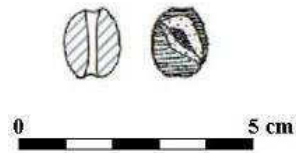
N.º 142



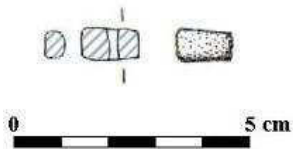
N.º 143



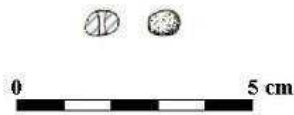
N.º 144



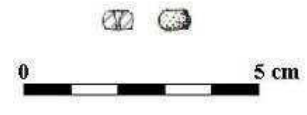
N.º 145



N.º 146



N.º 147



N.º 148



N.º 149

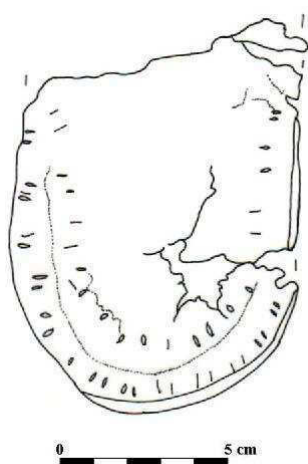


N.º 150

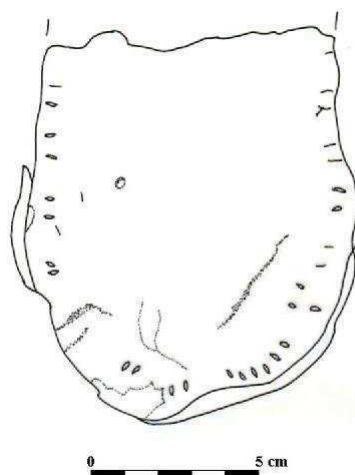
3. Catálogo

3. 5. Artefactos em Cabedal

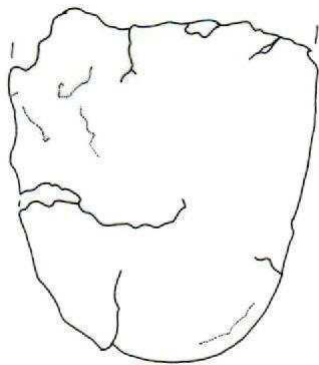
Sola de Sapato N.º 151 (11)	Fragmento de sola de sapato correspondente à área do calcanhar. Ao longo da bordadura deste era cozida a parte correspondente ao cano do sapato. Mostra vestígios de pontos da parte interna à bordadura. C.M 9,8 cm; L.M 7,3 cm; E.md 0,3 cm
Sola de Sapato N.º 152 (11)	Fragmento de sola de sapato correspondente à área do calcanhar. Ao longo da bordadura deste era cozida a parte correspondente ao cano do sapato. C.M 9,7 cm; L.M 8,2 cm; E.md 0,3 cm
Sola de Sapato N.º 153 (11)	Fragmento de sola de sapato correspondente à área do calcanhar. Não mostra quaisquer vestígios de ter estado cozida a outra parte, podendo ser integrante de um forro. C.M 8,6 cm; L.M 7,75 cm; E.md 0,4 cm
Sola de Sapato N.º 154 (11)	Fragmento de sola de sapato correspondente à área do calcanhar. Não mostra quaisquer vestígios de ter estado cozida a outra parte, podendo ser integrante de um forro. C.M 12,5 cm; L.M 5,2 cm; E.md 0,4 cm
Sola de Sapato N.º 155 (9)	Fragmento de sola de sapato correspondente à parte frontal. A esta era cozida ao longo da bordadura a parte que cubria o peito do pé. Mostra ainda vestígios do fio usado para tal. C.M 20 cm; L.M 10,6 cm; E.md 0,35 cm
Sola de Sapato N.º 156 (10)	Fragmento de sola de sapato correspondente à parte frontal. A esta era cozida ao longo da bordadura a parte que cubria o peito do pé. C.M 19,3 cm; L.M 11,9 cm; E.md 0,4 cm



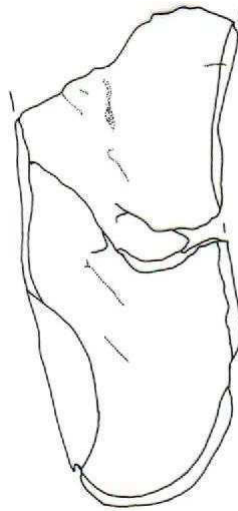
N.º 151



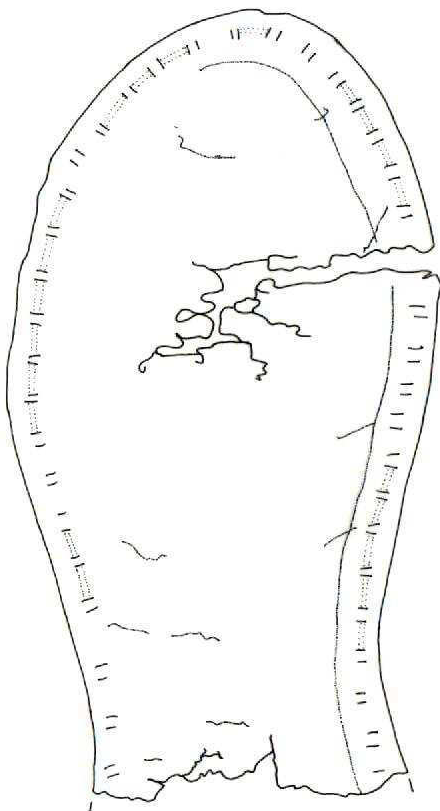
N.º 152



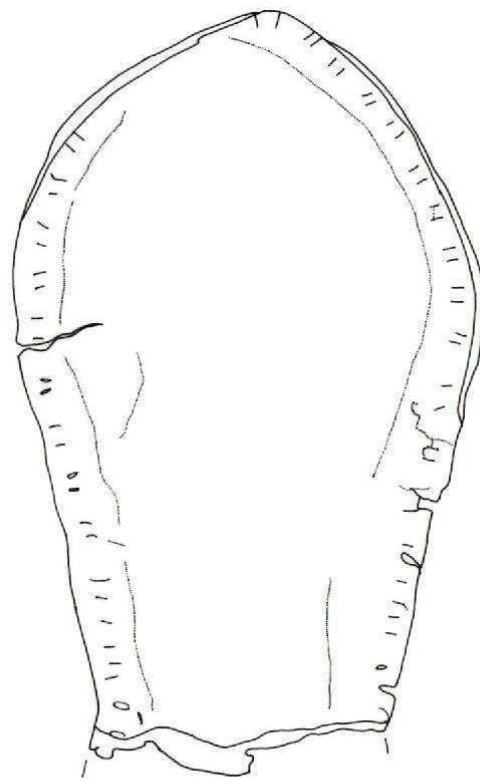
N.º 153



N.º 154



N.º 155



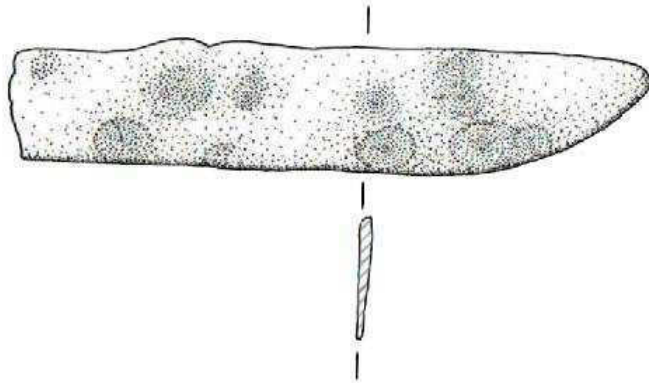
N.º 156

3. Catálogo

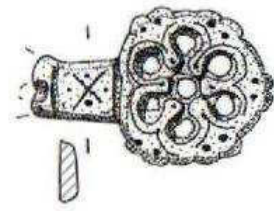
3. 6. Os Metais

Uso Doméstico

Faca N.º 157 35 (CAS. C.B. 14/6/00 E1-05)	<p>Fragmento de faca em ferro, correspondente à lâmina.</p> <p>É constituída por folha metálica de formato sub-rectangular. Apresenta um gume e a extremidade distal arredondada.</p> <p>Obs. Ambas as superfícies mostram vestígios de oxidação.</p> <p>C.M 11,6 cm; L.M 2,2 cm; E.md 0,2 cm</p>
Pintadeira N.º 158 (VIII)	<p>Fragmento de pintadeira em liga de bronze.</p> <p>A peça de perfil plano executada a molde é constituída por dois corpos. O maior tem forma sub-circular, em disco, com sete perfurações totais, a central e as ourtas em seu redor. O menor tem forma sub-quadrangular com arranque do palhetão. Ambos os corpos mostram decoração geométrica incisa.</p> <p>Obs. A peça encontra-se restaurada.</p> <p>Ø.d 2,8 cm; C.M. 4,3 cm; L. 1-2,8 cm; E.md 0,3 cm; Ø.pf 0,4 cm</p>
Anilha de cabo de vassoura N.º 159 (VIII)	<p>Folha em ferro de formato sub-rectangular enrolada sobre si própria e fixada por rebite com cabeça destacada. Apresenta uma outra perfuração para apertar melhor a anilha em torno do objecto.</p> <p>Obs. A peça encontra-se restaurada.</p> <p>Ø. 5,5 cm; Ø.cb 0,9 cm; Ø.pf 0,5 cm; E. 0,15 cm; L. 2,95 cm</p>
Caldeiro N.º 160 34 (CAS. C.B. 8/6/00 F1-05)	<p>Fragmento de asa de caldeiro em ferro.</p> <p>O corpo tubular com secção sub-quadrangular tem perfil semi-circular, com argola na parte proximal e gancho na distal (terminal). A argola servia para suspender associada a uma corrente, fixa em trave sobre o lume e o gancho suportava o caldeiro.</p> <p>Obs. Mostra vestígios de oxidação.</p> <p>A. 19,8 cm; A.g 6,5 cm, Ø.a 3,5 cm; E.md 0,9 cm</p>



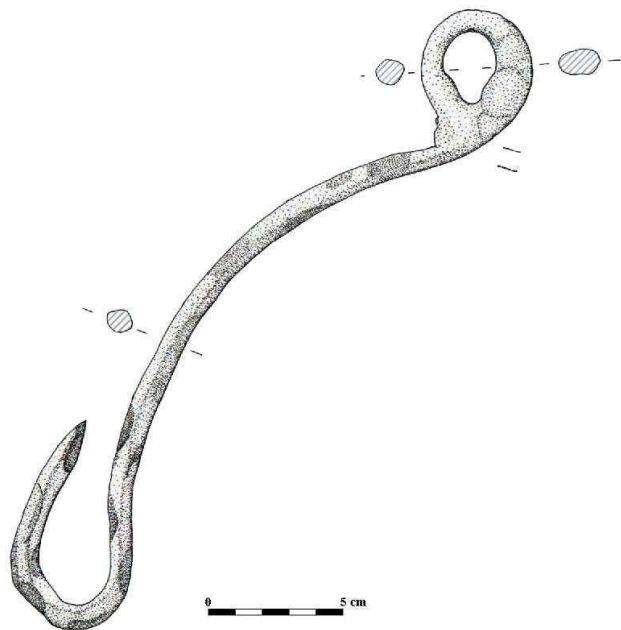
N.º 157



N.º 158



N.º 159

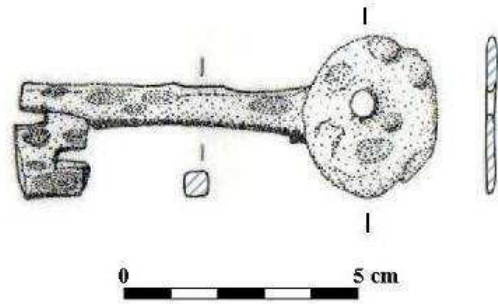


N.º 160

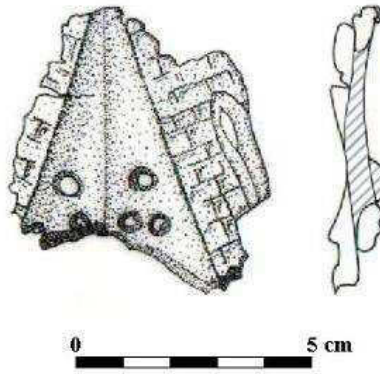
<p>Chaves</p> <p>N.º 161 e 162 VIII (2-IX)</p>	<p>Chaves completas em ferro.</p> <p>Apresenta pega destacada, em disco, com perfuração central. O corpo tubular, de secção sub-quadrangular termina com um palhetão de formato em Z.</p> <p>Obs. O n.º 133 encontra-se restaurado, enquanto o n.º 134 mostra algumas congrecções devido a oxidação.</p> <p>Ø.d 2,7 cm; C.M 6,3 cm; E.d 0,2 cm; E.md 0,6 cm; E.ph 0,3 cm; Ø.pf 0,8 cm Ø.d 2,9 cm; C.M 7,5 cm; E.d 0,2 cm; E.md 0,75 cm; E.ph 0,4 cm; Ø.pf 0,5 cm</p>
<p>Fechadura (?)</p> <p>N.º 163 (8-IX)</p>	<p>Fragmento sub-triangular em liga de cobre.</p> <p>Peça executada a molde a partir de folha metálica. A área central é dividida ao meio por depressão, tendo cada uma das partes três perfurações na zona inferior. As laterais são preenchidas por motivo reticulado, imitando silhares, tendo uma delas 1 perfuração alongada que sugere uma janela e/ou postigo em ogiva.</p> <p>C.M 4,6 cm; L.M 6,2 cm; E. 0,3 cm; Ø.pf 0,35 cm</p>
<p>Fecho de livro</p> <p>N.º 164 (13-IX)</p>	<p>Exemplar completo em liga de bronze.</p> <p>Tem formato sub-triangular. A meio da parte mais larga e no reverso da parte central, mostra rebites para fixação, enquanto a extremidade oposta é afilada e com uma cabeça de formato rectangular estacado. A superfície é decorada com linhas incisas.</p> <p>C. 3,75 cm; L.M 1,4 cm; L.m 0,4 cm; E. 0,15-0,5 cm</p>
<p>Sinete</p> <p>N.º 165 (VIII)</p>	<p>Fragmento de sinete correspondente ao cabo.</p> <p>Tem perfil troncocónico e secção circular. A extremidade proximal é convexa e a distal marcada por duas caneluras.</p> <p>A. 6,1 cm; Ø. 0,6-1,1 cm</p>



N.º 161



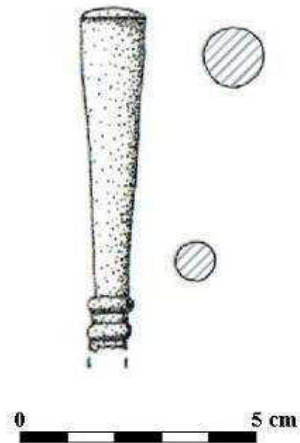
N.º 162



N.º 163



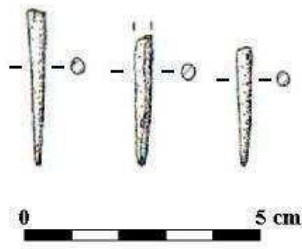
N.º 164



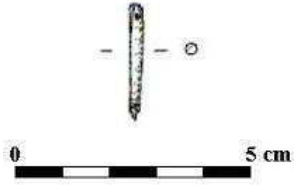
N.º 165

Uso Pessoal

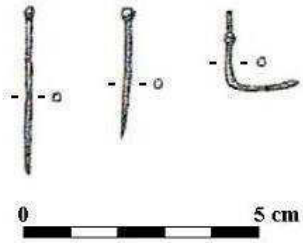
<p>Atilhos N.ºs 166, 167 e 168 (18-IX)</p>	<p>Pontas de atilhos em liga de cobre.</p> <p>Apresentam forma afunilada, tratando-se de artefactos produzidos com folha enrolada sobre si mesma. Os exemplares completos (166 e 168) mostram, no segmento superior, pequeno furo de fixação.</p> <p>C. 2,9 cm; Ø.M 0,3 cm C. 2,3 cm; Ø.M 0,3 cm C. 2,15 cm; Ø.M 0,25 cm</p>
<p>Atilho N.º 169 (8-IX)</p>	<p>Ponta de atilho em liga de cobre.</p> <p>Apresenta forma afunilada, tratando-se de um artefacto produzido com folha enrolada sobre si mesma. Mostram, no segmento superior, pequeno furo de fixação.</p> <p>C. 2,1 cm; Ø.M 0,25 cm</p>
<p>Alfinetes N.ºs 170, 171 e 172 (5-IX)</p>	<p>Alfinetes de cabeça em liga de cobre.</p> <p>O corpo é longo e fino, de secção circular. A extremidade proximal é remada por fio de cobre enrolado, enquanto a distal é afilada. No caso do n.º 172, ainda é possível observar junto da cabeça, a parte que viria a ser cortada após a aplicação do enrolamento de fio que constitui a cabeça.</p> <p>Ø.cb 0,15 cm; C. 3 cm; E. 0,1 cm Ø.cb 0,2 cm; C. 2,4 cm; E. 0,1 cm Ø.cb 0,15 cm; C. 2,7 cm; E. 0,1 cm</p>
<p>Alfinetes N.ºs 173 e 174 (5-IX)</p>	<p>Alfinetes de cabeça em liga de cobre.</p> <p>O corpo é longo e fino, de secção circular. A extremidade proximal é remada por fio de cobre enrolado, enquanto a distal é afilada.</p> <p>Ø.cb 0,25 cm; C. 4,4 cm; E. 0,2 cm Ø.cb 0,2 cm; C. 3,7 cm; E. 0,1 cm</p>
<p>Alfinetes N.ºs 175 e 176 (5-IX)</p>	<p>Alfinetes de cabeça em liga de cobre.</p> <p>O corpo é longo e fino, de secção circular. A extremidade proximal é remada por fio de cobre enrolado, enquanto a distal é afilada.</p> <p>Ø.cb 0,4 cm; C. 6,1 cm; E. 0,2 cm Ø.cb 0,3 cm; C. 5,3 cm; E. 0,15 cm</p>
<p>Alfinete de cabelo N.º 177 (8-IX)</p>	<p>Exemplar completo em liga de cobre.</p> <p>O corpo é longo e fino, de secção circular. A cabeça oca, é constituída por duas meias esferas. A extremidade é afilada.</p> <p>Ø.cb 0,6 cm; C. 12 cm; E. 0,2 cm</p>
<p>Alfinete de cabelo N.º 178 (8-IX)</p>	<p>Exemplar completo em liga de cobre.</p> <p>O corpo é longo e fino, de secção circular. Da cabeça oca, subsiste apenas uma das meias esferas. A extremidade é afilada.</p> <p>Ø.cb 0,55 cm; C. 11,7 cm; E. 0,15 cm</p>



N.º 166, 167 e 168



N.º 169



N.ºs 170, 171 e 172



N.ºs 173 e 174



N.ºs 175 e 176

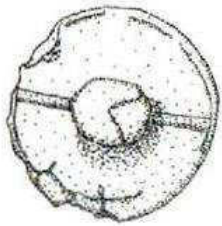
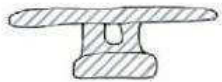


N.º 177

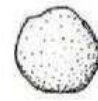


N.º 178

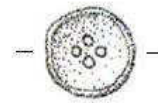
Botão de casaca	Botão completo, de pé, em liga de cobre.
N.º 179 (VIII)	De formato circular com pé de secção cilíndrica, perfurado e espessado na parte terminal. A. 1,25 cm; A.p 1 cm; Ø.d 4,35 cm; Ø.pf 0,4 cm; E.d 0,25 cm; E.p 0,6 cm
Botão	Botão completo em ferro.
N.º 180 (VIII)	De forma ligeiramente concâva, apresenta argola de fixação na face interna. A. 0,95 cm; A.p 0,6 cm; Ø.1,5 cm
Botão	Botão completo em ferro.
N.º 181 (7-IX)	De forma concâva, apresenta quatro perfurações totais e equidistantes entre si na área cental. A. 0,3 cm; Ø. 1,6 cm; Ø.pf 0,15 cm
Fecho de cinturão	Fragmento de fivela de cinturão em liga de cobre.
N.º 182 (VIII)	Peça executada a molde a partir de folha de formato sub-quadrangular. Mostra área central sobrelevada por escudete de formato clássico português com leão rompante virado à dextra em relevo. As laterais, correspondentes às zonas de fixação são decoradas com conjuntos de três limhas horizontais incisas e mostram seis perfurações organizadas três a três. Obs. A peça encontra-se restaurada. C.M 3,65 cm; L.M 3,9 cm; E.md 0,3 cm; Ø.pf 0,3 cm
Fecho de cinturão	Fragmento de fivela de cinturão em liga de cobre.
N.º 183 (6-IX)	Peça executada a molde a partir de folha de formato sub-quadrangular. Mostra área central decorada por motivo geométrico e nas laterais, correspondentes às zonas de fixação seis perfurações e vestígios de outras duas, organizadas quatro a quatro, intercaladas por motivo geométrico. Obs. Mostra alguns vestígios de revestimento dourado. C.M 3,3 cm; L.M 3,5 cm; E.md 0,15 cm; Ø.pf 0,15 cm
Fuzilhão	Fuzilhão completo em liga de cobre.
N.º 184 (6-IX)	Peça tubular de secção sub-rectangular, enrolada num extremo, para fixação e afilada no outro. Apresenta algumas incisões verticais. C.M 2,7 cm; E. 0,1 cm
Fuzilhão	Fuzilhão completo em liga de cobre.
N.º 185 (6-IX)	Peça tubular de secção sub-rectangular, enrolada num extremo, para fixação e afilada no outro. Apresenta algumas incisões horizontais. C.M 3,05 cm; E. 0,25 cm



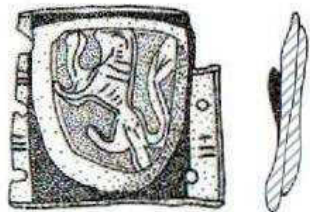
N.º 179



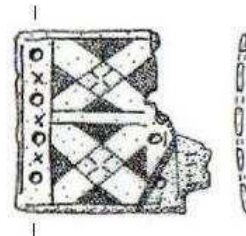
N.º 180



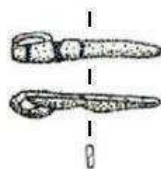
N.º 181



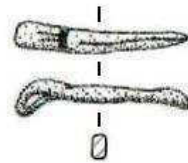
N.º 182



N.º 183



N.º 184

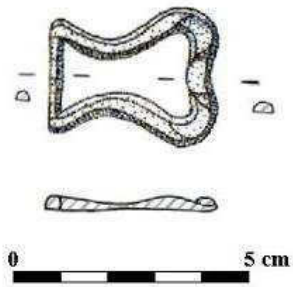


N.º 185

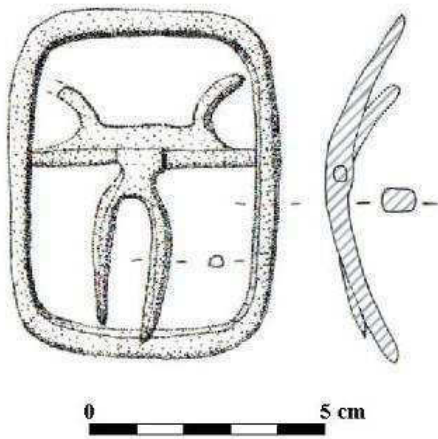
Fivela N.º 186 (7-IX)	Exemplar completo em liga de cobre. Tem formato rectangular e travessa central. Devido ao facto de ser facetada, possui secção sub-quadrangular. C. 2,6 cm; L. 1,25 cm; E. 0,3 cm; E.tv 0,3 cm
Fivela N.º 187 M-118-7-81 (7-IX)	Exemplar completo em liga de cobre. Tem formato liriforme. Devido ao facto de ser facetada, possui secção trapezoidal. A parte correspondente ao batente é concâva. C.M 3 cm; L.M 2,5 cm; E. 0,15-0,3 cm
Fivela de sapato N.º 188 (VIII)	Exemplar completo (?) em liga de bronze. Tem formato sub-rectangular e perfil concâvo. Sobre o travessão central estão os arranques de mola e formato trapezoidal vazado e para o lado oposto um fuzilhão duplo. A secção do arco é ectangular e as das extremidades da mola e do fuzilhão circulares. Obs. A peça encontra-se restaurada. A. 1,45 cm; C.M 6,3 cm; L.M 4,8 cm; E. 0,4 cm; C.tv 4 cm; E.tv 0,25 cm; C.fz 3,5 cm; L.fz 1,4 cm; E.fz 0,2 cm; C.ml 1,45 cm; L.ml 3,5 cm; E.ml 0,2 cm
Firmal (?) N.º 189 (VIII)	Firmal (?) em liga de cobre decorado com peças de pasta vítrea vermelha. A bordadura é executada a molde a partir de folha de formato quadrangular, decorada com motivos vegetalistas. A parte central é preenchida por peça quadrangular plana em pasta vítrea, suportada por encaixe polilobulado e engastes no reverso da bordadura. Esta última está carregada de contas da mesma pasta vítrea, colocadas de forma simétrica entre si, fixas por quatro engastes. No reverso, em cantos diagonalmente opostos estão os suportes do alfinete de fixação. A. 0,6 cm; C./L. 4,5 cm; E. 0,3 cm; L.bd 1 cm; Ø. 0,2-0,5 cm
Anel N.º 190 (11-IX)	Anel completo, possivelmente, em liga de prata. Tem forma circular aplanado, onde sobressai um disco central de formato sub-rectangular. Ø. 2,1 cm; L. 0,5 cm; E.md 0,15; C.d 0,85 cm; L.d 0,7 cm
Brinco N.º 191 (7-IX)	Exemplar incompleto em liga de cobre. A sua forma é ovalada, com secção circular. Mostra enrolamento decorativo numa das extremidades. E. 0,15 cm; Ex.M 2 cm



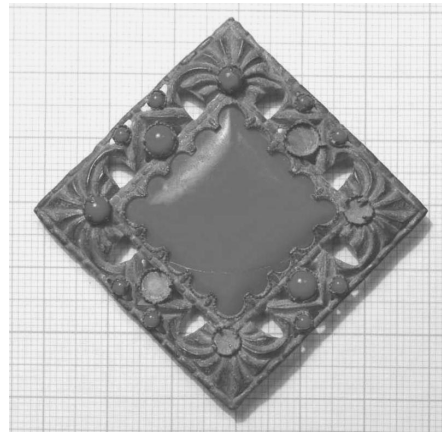
N.º 186



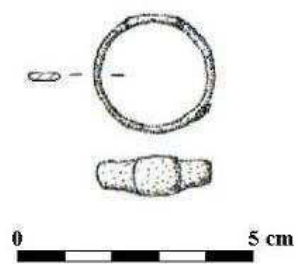
N.º 187



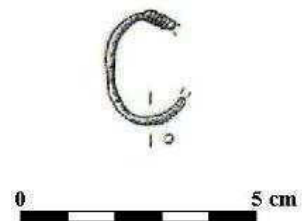
N.º 188



N.º 189



N.º 190



N.º 191

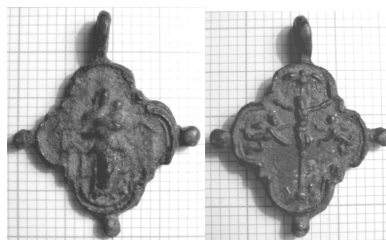
Medalha N.º 192 (10-IX)	Medalha octogonal em liga de cobre. As faces são decoradas por uma custódia e com a Nossa Senhora da Conceição. Possui argola de suspensão. A. 3 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,2 cm; E. 0,2 cm; L. 2,6 cm
Medalha N.º 193 (10-IX)	Medalha octogonal em liga de cobre. As faces são decoradas pelas efígies de São Felipe Néri e de São Carlos Borromeu. Possui argola de suspensão. A. 2,2 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,15 cm; E. 0,15 cm; L. 2 cm
Medalha N.º 194 (10-IX)	Medalha em forma de caderna em liga de cobre. As faces são decoradas com a Nossa Senhora da Conceição e com a cena do Calvário. Dos eixos arrancam braços de cruz. Possui argola de suspensão. Mostra vestígios de revestimento dourado. A. 1,6 cm; Ø.a 0,4 cm; Ø.pf 0,2 cm; E. 0,2 cm; L. 1,9 cm
Medalha N.º 195 (10-IX)	Medalha oval em liga e cobre. As faces são decoradas por um cálice rodeado de anjos e com uma Nossa Senhora. Possui argola de suspensão. A. 2,3 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,2 cm; E. 0,1 cm; L. 1,4 cm
Medalha N.º 196 (10-IX)	Medalha oval em liga de cobre. As faces são decoradas com a cena da Anunciação e com São Sebastião. Possui argola de suspensão. A. 2 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,2 cm; E. 0,2 cm; L. 1,6 cm
Medalha N.º 197 (10-IX)	Medalha oval em liga de cobre. As faces são decoradas com a cena de São Francisco a receber os estigmas e com uma Nossa Senhora. Dos eixos arrancam braços de cruz. Possui argola de suspensão. A. 1,5 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,15 cm; E. 0,2 cm; L. 1,3 cm
Medalha N.º 198 (10-IX)	Medalha oval em liga de cobre. As faces são decoradas com a cena de São Francisco a receber os estigmas e pela efígie de São Carlos Borromeu. Dos eixos arrancam braços de cruz. A. 1,4 cm; E. 0,2 cm; L. 1 cm
Cruz N.º 199 (14-IX)	Cruz peitoral, latina, em liga de cobre, decorada por motivo vegetalista que define medalhão central oval com inscrição IHS. A decoração é moldurada por incisão. Possui orifício de suspensão. A. 4,5 cm; Ø.pf 0,3 cm; E. 0,15 cm; L. 4,3 cm; L.bç 0,9 cm
Cruz N.º 200 (14-IX)	Cruz de Calvário em liga de cobre, com Cristo em vulto perfeito, placa sobre a cabeça e pequeno monte na base. Possui argola de suspensão. A. 3,7 cm; Ø.a 0,5 cm; Ø.pf 0,2 cm; E.md 0,3 cm; L. 2,1 cm



N.° 192



N.° 193



N.° 194



N.° 195



N.° 196



N.° 197



N.° 198



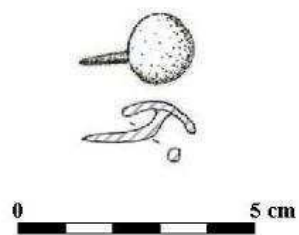
N.° 199



N.° 200

Elementos de Mobiliário

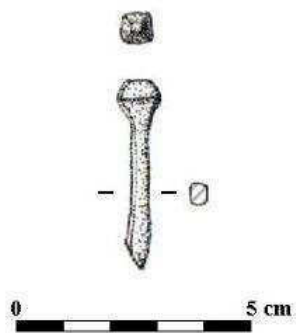
<p>Cravo N.º 201 (7-IX)</p>	<p>Exemplar completo em liga de cobre.</p> <p>A cabeça é concâva e no reverso tem espigão de secção quadrangular, para fixação, que termina em ponta afilada.</p> <p>A. 0,7 cm; Ø.cb 1,2 cm; E.cb 0,15 cm; E.sp 0,2 cm</p>
<p>Preguinho N.º 202 (1-IX)</p>	<p>Exemplar completo em ferro.</p> <p>Trata-se de um pequeno espigão de secção circular, ao qual a ponta proximal foi batida de modo a obter uma cabeça redonda, que por esse motivo ficou ligeiramente facetada. A ponta distal é afilada.</p> <p>A. 2,45 cm; Ø.cb 0,6 cm; E.cb 0,3 cm; E.sp 0,2 cm</p>
<p>Prego N.º 203 (1-IX)</p>	<p>Exemplar completo em liga de cobre.</p> <p>Trata-se um espigão de secção quadrangular, ao qual a ponta proximal foi facetada de modo a obter uma cabeça em forma de prisma quadrangular. A ponta distal é afilada.</p> <p>A. 3,4 cm; E.cb 0,6 cm; E.sp 0,3 cm; L.cb 0,65 cm</p>
<p>Tacha N.º 204 (1-IX)</p>	<p>Exemplar completo em liga de cobre.</p> <p>A cabeça é concâva e no reverso tem espigão de secção sub-rectangular, para fixação, que termina em ponta romba.</p> <p>A. 3,4 cm; Ø.cb 1,75; E.cb 0,3 cm; E.sp 0,5 cm</p>
<p>Elemento de cadeira N.º 205 (VIII)</p>	<p>Prego decorativo completo em liga de cobre.</p> <p>A cabeça tem formato concâvo, ligeiramente gomada por marcas incisadas na face anterior. No reverso mostra espigão de fixação de secção quadrangular e ponta romba.</p> <p>Obs. Mostra alguns vestígios de revestimento dourado.</p> <p>A. 1,5 cm; C. 2,6 cm; L. 1,9 cm; E. 0,2 cm; E.sp 0,35 cm</p>
<p>Elemento de cadeira N.º 206 (7-IX)</p>	<p>Disco de pináculo de cadeira em liga de cobre.</p> <p>Executado a partir de folha metálica, apresenta formato quadrangular com os cantos truncados e uma perfuração central. Mostra suaves marcas circulares em torno dessa devido à sua fixação entre outras peças mais resistentes.</p> <p>C. 2,7 cm; L. 2,45 cm; E. 0,1 cm; Ø.pf 0,45 cm</p>
<p>Aplique N.º 207 (13-IX)</p>	<p>Exemplar completo em liga de bronze.</p> <p>Aplique floriforme, plano, com perfuração central. Mostra incisões na face anterior e dois espigões para fixação no reverso.</p> <p>A. 0,45 cm; C. 1,45 cm; L. 1,5 cm; E. 0,15; E.sp 0,2 cm; Ø.pf 0,45 cm</p>



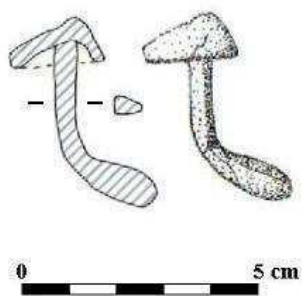
N.º 201



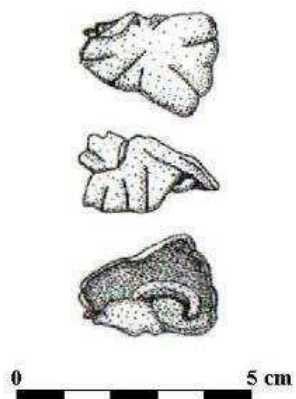
N.º 202



N.º 203



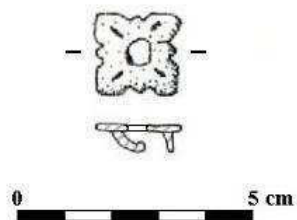
N.º 204



N.º 205



N.º 206



N.º 207

**Fecho de
arqueta**

N.º 208
(8-IX)

Exemplar completo em ferro.

Executado a partir de folha metálica. Com exceção da parte proximal, junto à argola de fixação, onde tem formato circular com cantos destacados, a sua forma é rectangular. A parte distal tem os cantos truncados e mostra uma perfuração onde entraria o encaixe do fecho.

C.M 5,55; L.M 3 cm; E. 0,1 cm; Ø.a 0,35; Ø.pf 0,4 cm

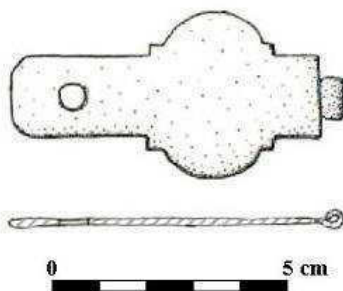
Dobradiça

N.º 209
(VIII)

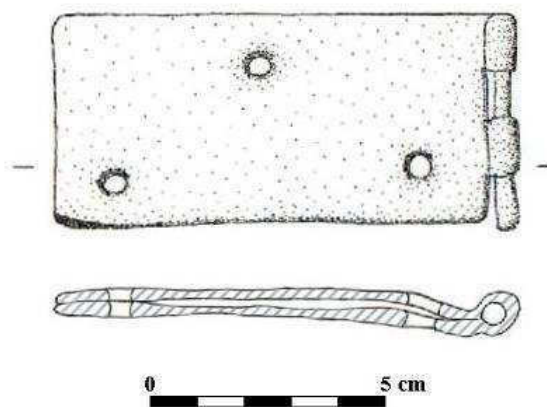
Metade de dobradiça em pino em ferro.

Trata-se de folha metálica de formato rectangular, dobrada ao meio, o que permitiu assim a criação das argolas de suporte no eixo da dobra, no qual subsiste ainda o pino. Mostra três perfurações onde estariam os pregos de fixação.

C. 8,4 cm; L. 3,9 cm; E. 0,5 cm; E.pn 0,3 cm; Ø.a 0,8 cm; Ø.pf 0,3 cm



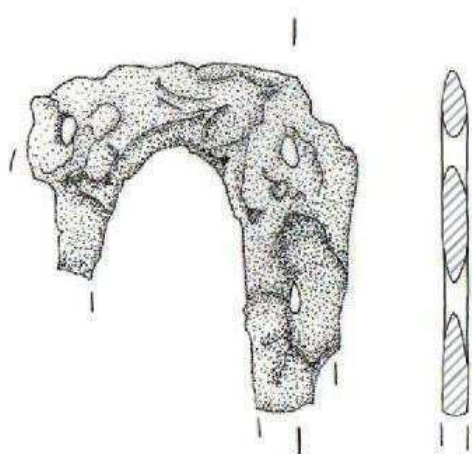
N.º 208



N.º 209

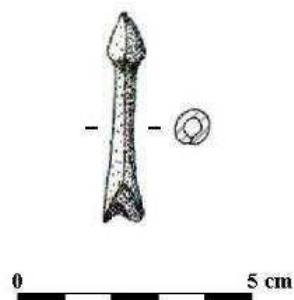
Armamento e Equipamento de Montaria

<p>Ferradura</p> <p>N.º 210 (VIII)</p>	<p>Fragmento de ferradura em ferro.</p> <p>Tira metálica afeiçãoada em forma de U invertido. Mostra três perfurações, duas delas do lado mais completo.</p> <p>C.M 5,9 cm; L.M 6,2 cm; E. 0,4 cm; Ø.pf 0,3 cm</p>
<p>Virote de besta</p> <p>N.º 211 (1-IX)</p>	<p>Exemplar completo em ferro.</p> <p>A cabeça bem destacada do alvado e tem perfil romboidal. A parte inferior do alvado é oca para fixação do cabo.</p> <p>A. 3,8 cm; A.cb 0,95 cm; Ø.0,4-0,8 cm; E.cb 0,7 cm</p>
<p>Bala de mosquete</p> <p>N.º 212 (VIII)</p>	<p>Exemplar completo em chumbo.</p> <p>De formato totalmente esférico, mostra diversas estrias ao longo da superfície.</p> <p>Ø.1,5 cm</p>
<p>Corrente</p> <p>N.º 213 (17-IX)</p>	<p>Conjunto de cadeias em liga de cobre, rectas ou curvas encadeadas pelas pontas enrolada como argolas.</p> <p>C.c 1,6-2,1 cm; E.md 0,1 cm; Ø.a 0,3 cm</p>



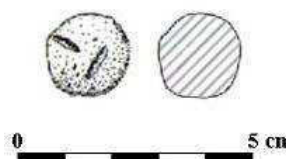
0 5 cm

N.º 210



0 5 cm

N.º 211



0 5 cm

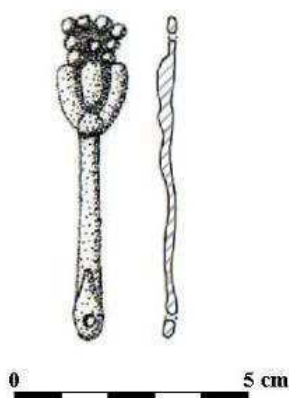
N.º 212



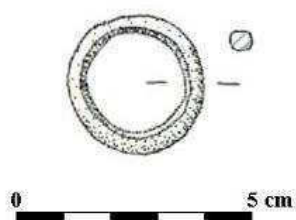
0 5 cm

N.º 213

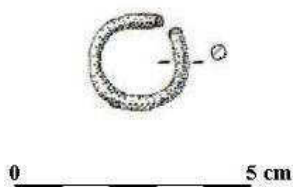
<p>Pingente (?) N.º 214 (VIII)</p>	<p>Peça espalmada, executada a partir de folha de liga de cobre. Um dos extremos é aplanado e tem perfuração central, o outro, mais largo, mostra medalhão central oval rodeado por bordadura lisa e conjunto de bolas em torno de uma outra perfuração. O facto e ter perfurações nos dois extremos pode evidenciar que se trata de uma peça que estaria articulada com outras. A. 5,8 cm; E. 01-0,3 cm; L.M 1,2 cm; Ø.pf 0,15 cm</p>
<p>Argola N.º 215 (7-IX)</p>	<p>Exemplar completo em liga de cobre. O facto de ter secção sub-quadrangular torna-a ligeiramente facetada. Ø.2,45 cm; E. 0,4 cm</p>
<p>Argola N.º 216 (7-IX)</p>	<p>Exemplar completo em liga de cobre. Tem secção circular. Ø.1,8 cm; E. 0,2 cm</p>
<p>Argola N.º 217 (7-IX)</p>	<p>Conjunto de argolas duplas, não articuladas e com secção circular. Apenas uma está completa. Ø.1,1 cm; E. 0,15 cm</p>



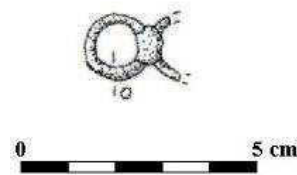
N.º 214



N.º 215



N.º 216



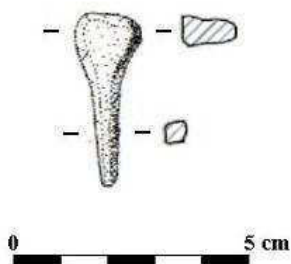
N.º 217

Actividades artesanais

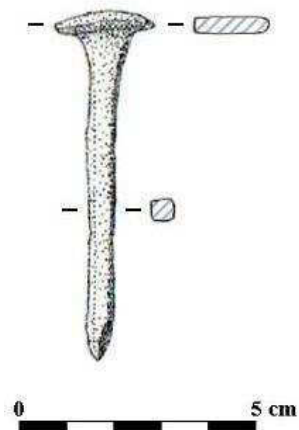
<p>Prego N.º 218 (3-IX)</p>	<p>Exemplar completo em ferro. Trata-se de um espigão de secção quadrangular, ao qual a cabeça plana foi rebatida de modo a que não se veja após a sua utilização, ficando assim destacada. A ponta distal é afilada. A. 3,2 cm; E.sp 0,3-0,5 cm; L.cb 1,35 cm</p>
<p>Prego N.º 219 (3-IX)</p>	<p>Exemplar completo em ferro. Trata-se de um espigão de secção quadrangular, em que a extremidade proximal foi obtida até obter um formato plano. A ponta distal é afilada. A. 3,2 cm; E.sp 0,35-0,6 cm; L.cb 0,9 cm</p>
<p>Prego N.º 220 (3-IX)</p>	<p>Exemplar completo em ferro. Trata-se de um espigão de secção quadrangular, ao qual a ponta proximal foi batida de modo a ficar plana rectangular, em T. Este efeito permitia que não se visse após a sua utilização. A ponta distal é afilada. A. 6,2 cm; E.sp 0,4-0,9 cm; L.cb 1,3 cm</p>
<p>Prego de caixão (?) N.º 221 (3-IX)</p>	<p>Exemplar completo em ferro. Trata-se de um espigão longo de secção quadrangular, com cabeça redonda. A ponta distal é afilada. A. 10,25; Ø.cb 0,6 cm; E.cb 0,3 cm; E.sp 0,4 cm</p>



N.º 218



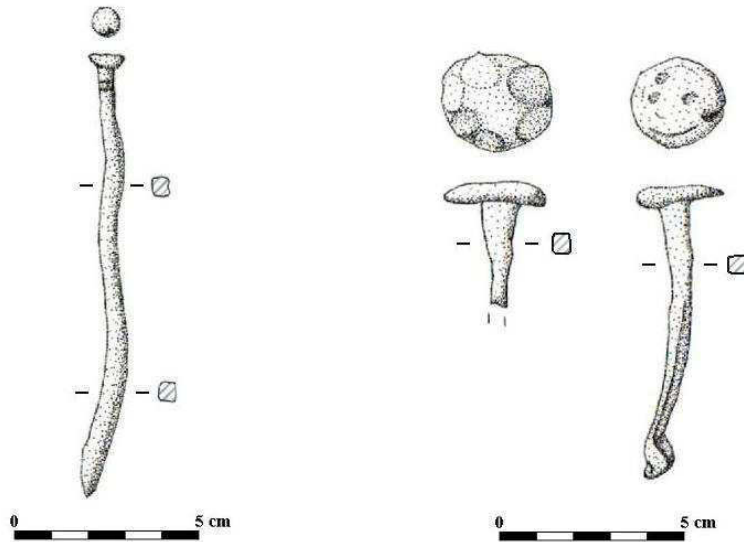
N.º 219



N.º 220

Pregos	Peças de cabeça plana, circular, destacada e ligeiramente facetada. No reverso mostram espigão de secção quadrangular que termina em ponta romba (223).
N.º 222	
N.º 223	
(3-IX)	A. 2,8 cm; Ø.cb 2,45 cm; E.cb 0,5 cm; E.sp 0,45-0,9 cm
	A. 6,7 cm; Ø.cb ; 2,1 cm; E.cb 0,5 cm; E.sp 0,4-0,7 cm

Bolas de pedra	Exemplares completos em ferro.
N.º 224	Trata-se de peças de formato esférico, maciças e lisa, utilizadas como auxiliar para o deslizar dos blocos de material lítico nas pedreiras.
37	
(CAS. C.B. 13/6/00 D1-05)	Ø. 8,6 cm; P. 2 kg
N.º 225	Ø. 12,2 cm; P. 7,2 kg
52	
(CAS. C.B. 14/6/00 E1-05)	



N.º 221

N.ºs 222 e 223

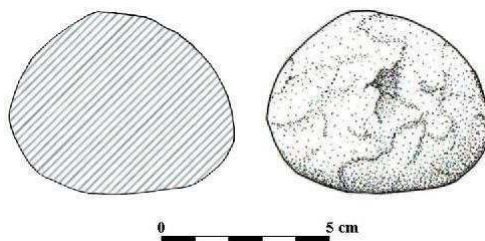


N.ºs 224 e 225

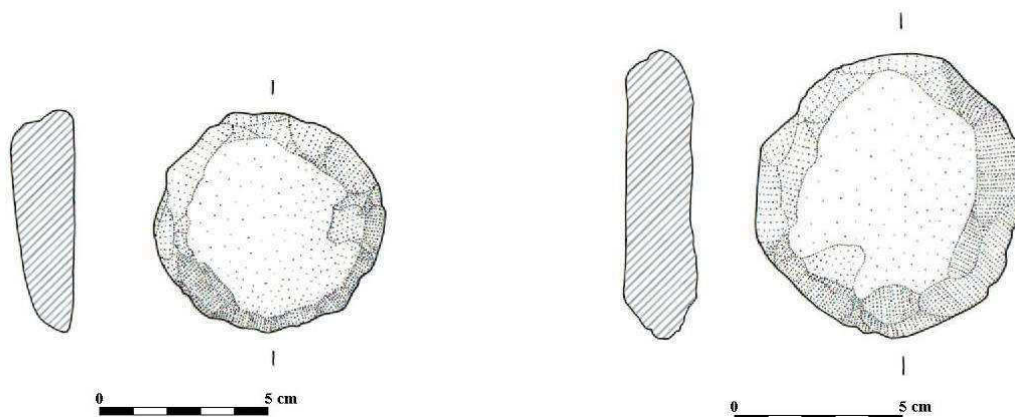
3. Catálogo

3. 7. Os Líticos

Bala de Funda N.º 226 L-118-10-CAS84-171 (4B)	Bala de funda em granito. Tem formato sub-esférico, mostrando diversas marcas de afeiçãoamento em toda a superfície. Ø.M 5,6 cm
Malha N.º 227 L-_-_-CAS_-_ (5B)	Malha de jogo de formato sub-circular obtida a partir de lage de xisto. Os bordos foram talhados de modo a obter tal formato. Ø.M 5,7 cm; E.md 1 cm
Malha N.º 228 L-118-12-CAS83-137 (9B)	Malha de jogo de formato sub-circular obtida a partir de lage de xisto. Os bordos foram talhados de modo a obter tal formato. Ø.M 6,65 cm; E.md 1,7 cm



N.º 226



N.º 227

N.º 228

3. Catálogo

3. 8. Os Numismas

Constatins II
(337-340)

86.193



D. Sancho I
(1185-1211)

Dinheiro

86.71; 87.42



87.41; 87.55



86.149/1; 86.69



D. Sancho II
(1223-1248)

Dinheiro

87.50; 86.100



D. Afonso III
(1248-1279)

Dinheiro

87.59; 87.58



**D. Dinis/
D. Afonso IV**
(1279-1357)

Dinheiro

86.145



D. Fernando I
(1367-1383)

Dinheiro

86.60



D. João I
(1385-1433)

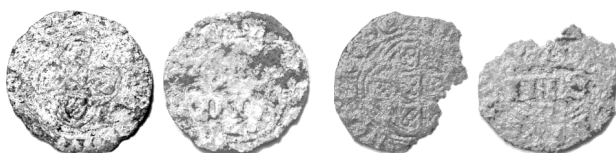
Real Branco

86.34



½ Real de 10 Soldos

86.91; 86.148



86.178



Real de 10 Soldos

87.62; 86.180



¼ Real Cruzado

87.61



Real de 3 ½ Libras

86.181

D. João I



86.195



½ Real Preto

D. Duarte
(1433-1438)

87.63; 86.122



½ Real Preto

D. Afonso V
(1438-1481)

87.66; 86.179



Ceutil

87.65; 86.42



D. Afonso V
(1438-1481)

Cetil

86.43; 86.44



86.47; 86.101



86.186; 86.82



86.135; 86.113



86.196; 86.197



86.97



D. João II
(1481-1495)

Ceítal

86.139?; 86.140?



86.109



D. Manuel I
(1495-1521)

Ceítal

87.67; 86.51



86.72; 86.174



86.175



½ Vintém

86.173



**D. Manuel I/
D. João III**
(1495-1557)

Ceutil

86.98



D. João III
(1521-1557)

Ceutil

86.90; 86.171



86.116



Real

86.169



3 Reais

86.170



D. Sebastião
(1557-1578)

Ceutil

86.84



Real

86.166; 86.164



3 Reais

86.160



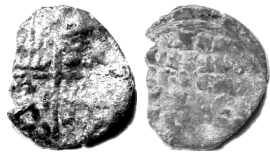
5 Reais

86.161



Afonso X
(1252-1284)

Dinero
86.169



Henrique IV
(1445-1474)

Blanca del Rombo
86.192; 86.87



Jéton

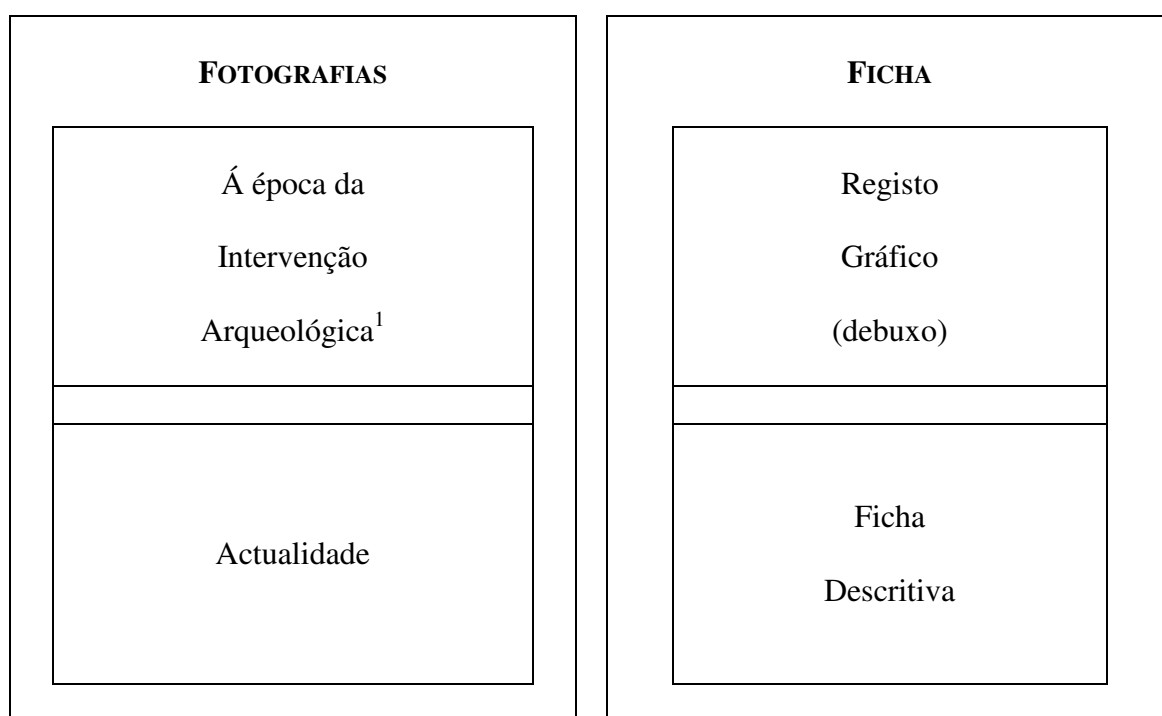
86.191



3. Catálogo

3. 9. Estelas Funerárias

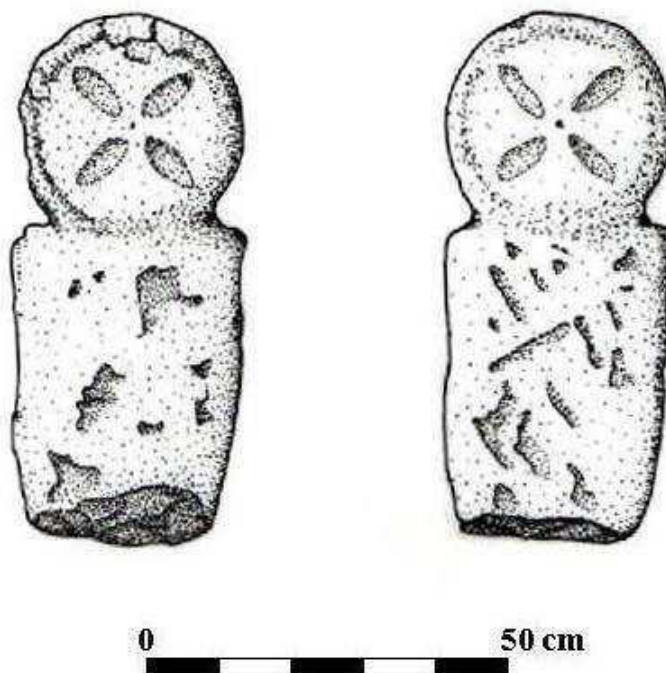
(ESQUEMA DO CATÁLOGO DAS ESTELAS FUNERÁRIAS)



¹ Imagens cedidas por João Henriques Ribeiro nos casos em que foi feito esse registo.



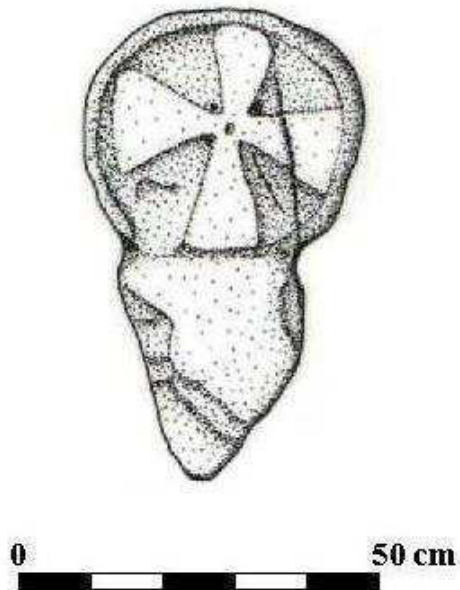
Estela 1



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito
Face 1	Cruz pátea com moldura circular. Possui ponto central
Face 2	Cruz pátea com moldura circular. Possui ponto central
Dimensões	A. 76; A.p 45; Ø.d 32; L.cd 4; L.c 22; L.o 32; E. 10,5
Bibliografia	Inédita



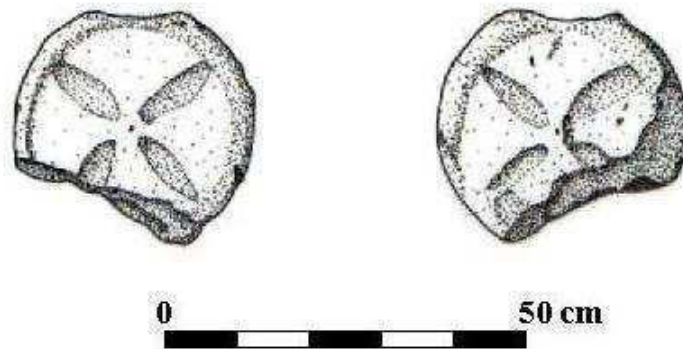
Estela 2



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito
Face 1	Cruz de braços curvilíneos em relevo, com fólios irregulares. Apresenta ponto central
Face 2	Ilegível (?)
Dimensões	A. 68; A.p 31; Ø.d 35/40; L.cd 2,5; L.c 32,5; L.o 26; E. 18
Bibliografia	Inédita



Estela 3



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito amarelo com feldspatos de grande dimensão (em camadas)
Face 1	Cruz pátea
Face 2	Cruz pátea
Observações	Apenas subsiste parte do disco
Dimensões	A. 29; Ø.d 36; L.cd 3,5/4; E. 7,5/8
Bibliografia	Inédita



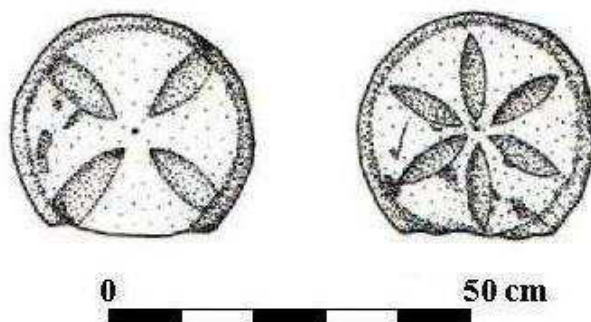
Estela 4



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito
Face 1	2 rectângulos concêntricos (grade de arado ?)
Face 2	Cruz de braços curvilíneos com fólhos irregulares; tudo em relevo.
Dimensões	A. 72,5; A.p 41; Ø.d 32,5; L.cd(2) 4/5,5; L.c 22; L.o 28,5; E. 13
Bibliografia	Inédita



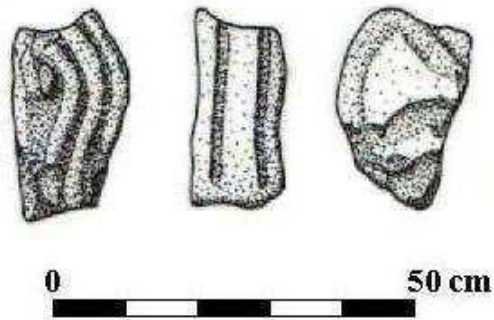
Estela 5



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito
Face 1	Cruz pátea com moldura circular
Face 2	Hexafólio em moldura circular
Observações	Apenas subsiste o disco
Dimensões	A. 35; Ø.d 32; L.cd 3; L.c 23; E. 10,5
Bibliografia	Inédita



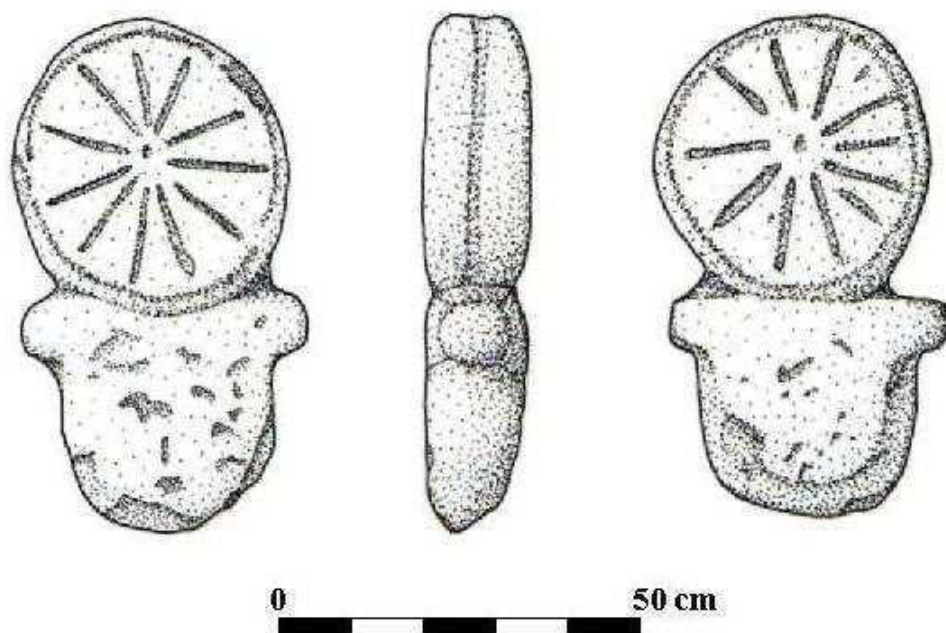
Estela 6



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior (n.º inv. 79.140)
Material	Granito
Face 1	(?)
Face 2	Cruz pátea
Lateral	Dois sulcos equidistantes entre si e o bordo escavados em torno do disco
Observações	Fragmento de estela da qual subsiste apenas parte do disco
Dimensões	A. 28,5; L.cd 4; L.M 18,5; E. 15
Bibliografia	Inédita



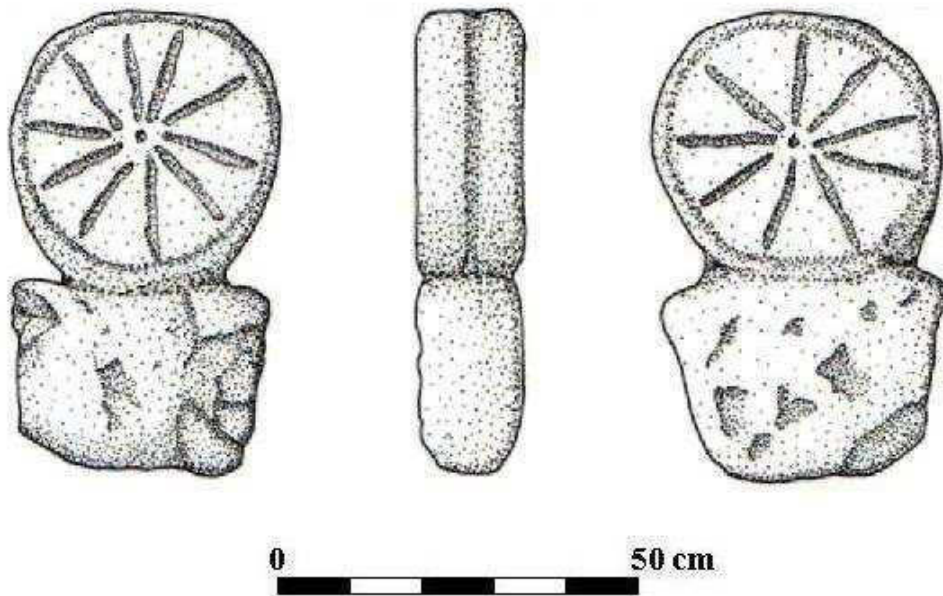
Estela 7



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito
Face 1	Sulcos radiantes a partir de um ponto central até um círculo externo, tudo em relevo.
Face 2	Sulcos radiantes a partir de um ponto central até um círculo externo, tudo em relevo.
Lateral	Sulco em torno de todo o disco
Observações	Na parte superior do pé, lateralmente, existem dois braços (?)
Dimensões	A. 73; A.b 10; A.p 31; Ø.d 41,5; L.cd 3; L.c 27; L.o 41,5; E. 16
Bibliografia	Inédita



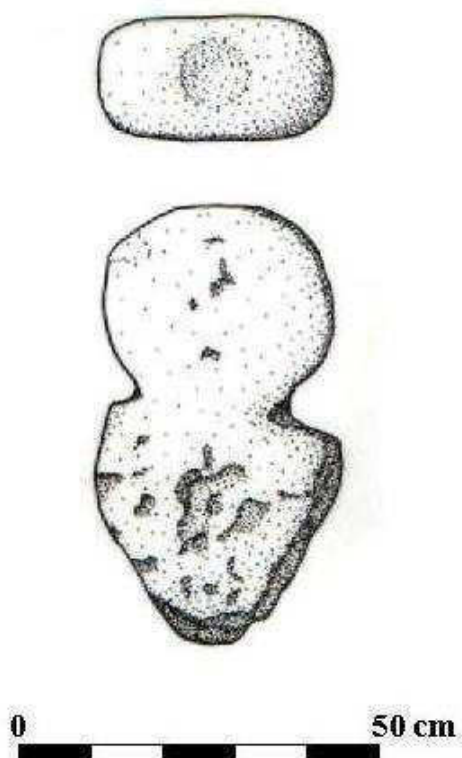
Estela 8



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito
Face 1	Sulcos radiantes a partir de um ponto central até um círculo externo, tudo em relevo.
Face 2	Sulcos radiantes a partir de um ponto central até um círculo externo, tudo em relevo.
Lateral	Sulco em torno de todo o disco
Dimensões	A. 65,5; A.p 27,5; Ø.d 33; L.cd 3; L.c 40; L.o 38,5; E. 15
Bibliografia	Inédita

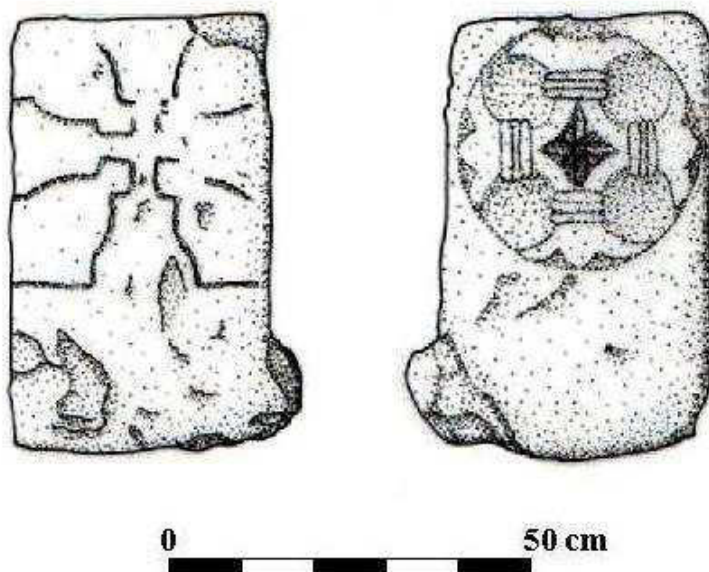


Estela 9



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito
Face 1	Ilegível (?)
Face 2	Ilegível (?)
Observações	Na parte superior do disco apresenta ligeira concavidade
Dimensões	A.63; A.p 33; Ø.d 33; L.c 20; L.o 34; E. 17
Bibliografia	Inédita





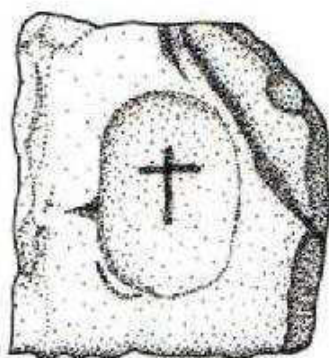
Designação	Estela rectangular
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito
Face 1	Cruz flordelisada, em relevo, definida por quatro arcos de círculo periféricos. Centro marcado por quadrifólio de pétalas rebaixado inscrito num losango. Três travessas paralelas dois a dois cortam os braços. O motivo insere-se num círculo. ²
Face 2	Cruz grega, gravada (a traço fundo) em fita estreita com extremidades em forma de taça. ³
Dimensões	A. 62,5; Ø.c(1) 34; Ø.c(1) 38; L.38,5; E. 11
Bibliografia	Inédita

² Cf. MOREIRA, José Beleza (1995) – “Tipologia das estelas rectangulares portuguesas” (p. 286, n.º 88)

³ Cf. MOREIRA, José Beleza (1995) – “Tipologia das estelas rectangulares portuguesas” (p. 275, n.º 34)



Estela 11



Designação	Estela rectangular
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito
Face 1	Cruz latina incisa em campo de formato ovalado
Observações	Possível marco de propriedade
Dimensões	A. 49,5; Ø.d ; L.cd ; L. 42; E. 17,5/20
Bibliografia	Inédita

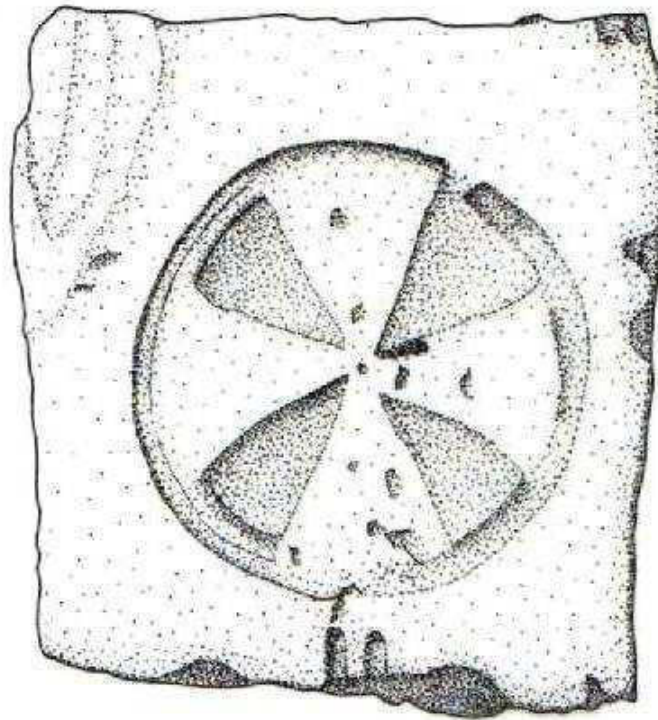


Estela 12



Designação	Estela discóide
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior (n.º inv. 79.141)
Material	Granito
Face 1	(?)
Face 2	(?)
Observações	Fragmento de estela da qual subsiste apenas o pé de formato trapezoidal e a parte inferior do disco.
Dimensões	A. 38; A.d 7,5; A.p 28,5; L.cd 3,5; L.c 23; L.M 24; L.o 29; E. 11,5/12
Bibliografia	Inédita





Designação	Tampa de sepultura
Proveniência	Castelo de Castelo Branco
Depósito	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Material	Granito cinzenta com feldspatos de grandes dimensão (em camadas)
Face 1	Cruz de braços curvílineos em relevo, inserida num círculo, arvorada em estandarte com haste gravada. ⁴
Dimensões	A. 93; Ø.c 64; L. 84; L.cd 5; E. 20/22,5
Bibliografia	Inédita

⁴ Cf. MOREIRA, José Beleza (1995) – “Tipologia das estelas rectangulares portuguesas” (p. 274, n.º 29)

4. Apêndice Fotográfico

4. Apêndice Fotográfico

4. 1. Castelo de Castelo Branco



Fig. 29 – Vista geral do centro histórico da cidade de Castelo Branco, vendo-se à direita a alcáçova



Fig. 30 – Vista geral da cidade com o castelo em fundo
(DGEMN)



Fig. 31.1 e 31.2 – Pano de muralha do lado norte da alcáçova, com o único torreão original ainda existente
Fotos: Carlos Boavida





Fig. 32 – Restos do Palácio dos Alcaides de Castelo Branco, antes da sua demolição (DGEMN)



Fig. 33 – Vista do mesmo local na actualidade, onde subsiste, reconstruído, o torreão que integrava o palácio
Foto: Carlos Boavida



Fig. 34 – Pormenor do aparelho construtivo do torreão que integrava o Palácio dos Alcaides

Foto: Carlos Boavida



Fig. 35 – Porta de entrada no pátio do Palácio dos Alcaides (Dez. 2007), nas traseiras da capela-mor da Igreja de Santa Maria do Castelo

Foto: Carlos Boavida

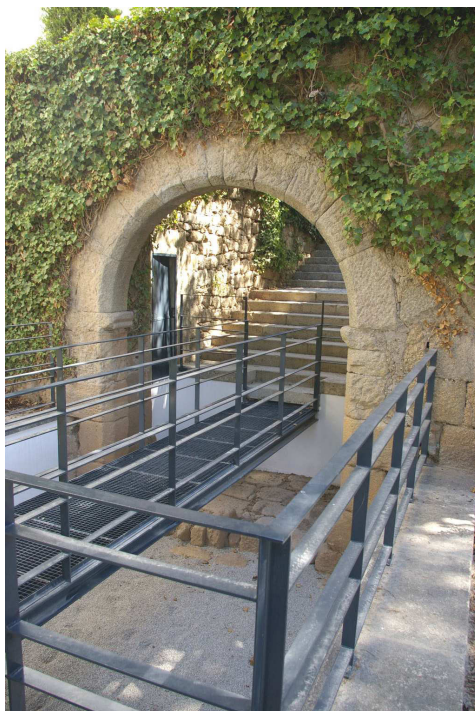


Fig. 36 – A mesma porta depois do seu desentulhamento no âmbito de intervenção arqueológica (Jul. 2009)
Foto: Carlos Boavida



Fig. 37.1 e 37.2 – Pormenor onde se pode observar o pavimento original desta passagem e também, junto à ombreira, aquela que poderá ser uma estela de sagração da Igreja de Santa Maria
Fotos: Carlos Boavida



Fig. 38 – Vista geral da fachada principal da Igreja de Santa Maria do Castelo
Foto: Carlos Boavida



Fig. 39 – Fachada lateral aterrada, virada a norte
Foto: Carlos Boavida



Fig. 40 – Pormenor de janela entaipada nessa fachada
Foto: Carlos Boavida



Fig. 41 – Troneira reutilizada nessa fachada
Foto: Carlos Boavida



Fig. 42 – Pormenor dessa fachada, vendo-se o arranque da porta lateral e a troneira
Foto: Carlos Boavida



Fig. 43 – Pormenor do aparelho construtivo dos contrafortes junto à capela-mor
Foto: Carlos Boavida



Fig. 44 – Restos de possível sarcófago medieval, epigrafado na face lateral, depositado no interior da Igreja
Foto: Carlos Boavida



Fig. 45 – Tamba de sepultura com cruz orbicular arvorada depositada no interior da Igreja
Foto: Carlos Boavida



Fig. 46 – Elementos arquitectónicos depositados no interior da Igreja
Foto: Carlos Boavida



Fig. 47.1 e 47.2 – Duas lápides sepulcrais na capela-mor da Igreja de Santa Maria do Castelo
Fotos: Carlos Boavida

4. Apêndice Fotográfico

4. 2. Intervenções Arqueológicas



Fig. 48 – Vista geral dos trabalhos, no sector B, durante as campanhas de 1979/1984
(original cedido por João Henriques Ribeiro)



Fig. 49 – Perspectiva do Sector B, observando-se a estrutura construída para proteger o
Quadrado 118
(original cedido por João Henriques Ribeiro)



Fig. 50.1, 50.2 e 50.3 – Vista geral dos trabalhos, no sector A, durante as campanhas de 1979/1984
(originais cedidos por João Henriques Ribeiro)





Fig. 51.1 e 51.2 – Aspectos de algumas das sepulturas identificadas
(originais cedidos por João Henriques Ribeiro)



Fig. 52 – Tampa de sepultura encontrada *in situ* no interior do Quadrado 118
(original cedido por João Henriques Ribeiro)



Fig. 53 – Pavimento identificado no sector B, junto à actual sacristia
(original cedido por João Henriques Ribeiro)



Fig. 54 – Pavimento identificado no sector A, em frente da fachada principal junto ao
campanário
(original cedido por João Henriques Ribeiro)



Fig. 55 – Estrutura ou eventual derrube dessa, fente à fachada principal da Igreja
(original cedido por João Henriques Ribeiro)



Fig. 56 – Recolha de materiais no crivo
(original cedido por João Henriques Ribeiro)



Fig. 57 – Aspectos da intervenção arqueológica de emergência em 2000
MOREIRA e SALVADO, 2007, p. 217



in <http://castelobrancocidade.blogspot.com> (23/6/2008)

Fig. 58.1 e 58.2 – Dois aspectos dos trabalhos arqueológicos a decorrer na alcáçova desde meados de 2008

in <http://republicalaica.blogspot.com> (19/10/2008)



4. Apêndice Fotográfico

4. 3. Espólio

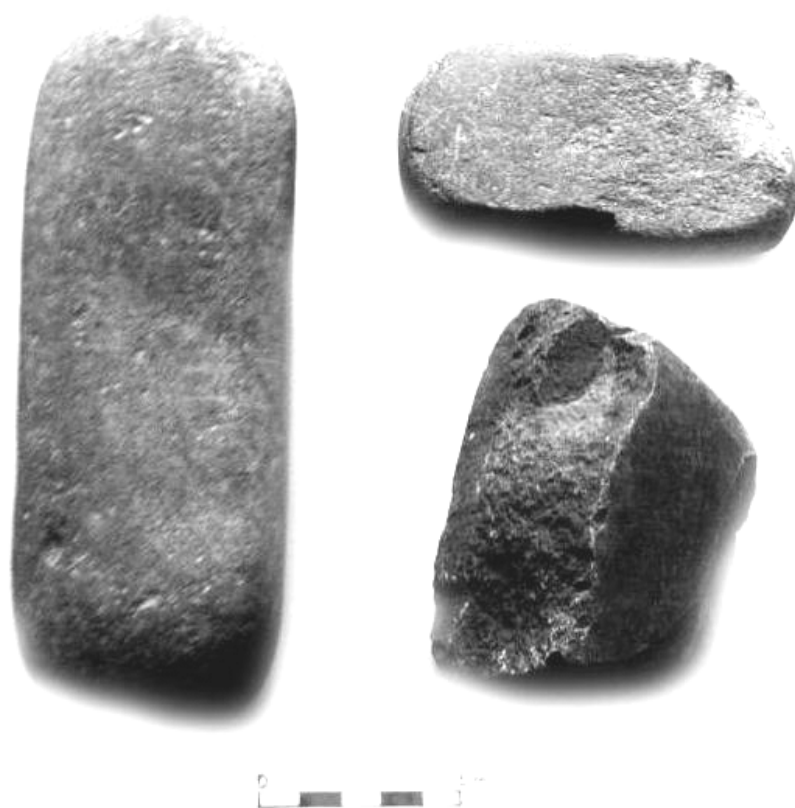


Fig. 59 – Instrumentos líticos com cronologia Paleolítica e/ou Neolítica em granito e/ou anfibolito

Percutores e raspador

Foto: Carlos Boavida

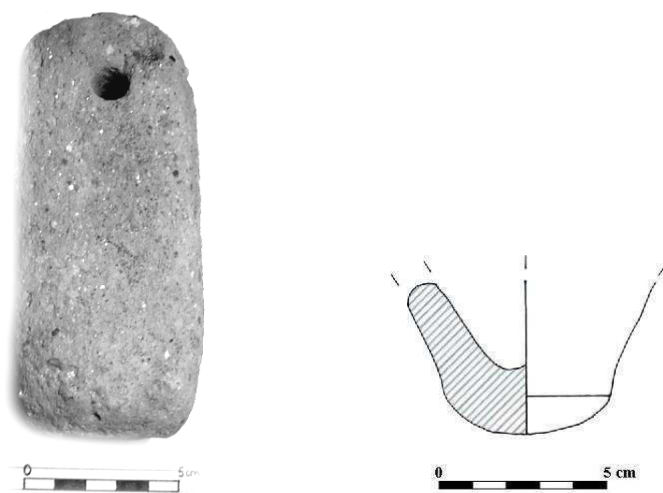


Fig. 60.1 e 60.2 – Materiais de cronologia romana – peso de tear e bico fundeiro de Almagro 51c

Foto: Carlos Boavida



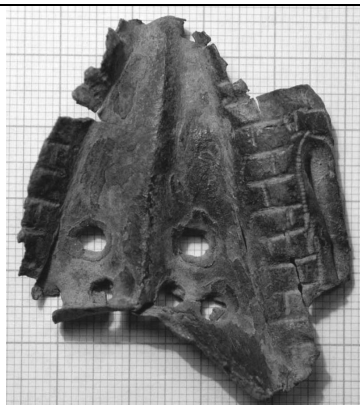
Fig. 61 – Pormenor do fio ainda presente nas costuras de uma das solas de cabedal (n.º 155)

Foto: Carlos Boavida



▲
Fig. 62 – Fragmento de fecho de cinturão (n.º 182)

Foto: Carlos Boavida



▲
Fig. 64 – Fragmento de fecho de cinturão (n.º 183)

Foto: Carlos Boavida



Fig. 65 – Bolas de pedra na exposição permanente do Museu do Canteiro – Alcains, idênticas às peças n.ºs 224 e 225

Foto: Carlos Boavida

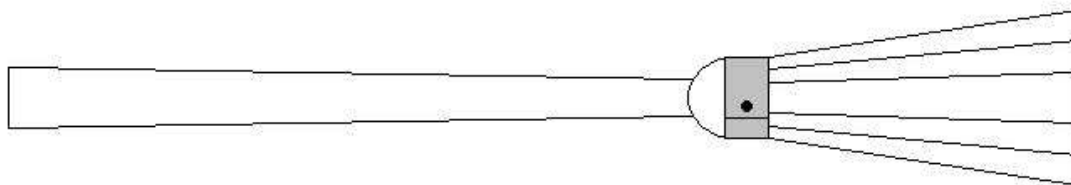


Fig. 66 – Anilha de vassoura (n.º 159)

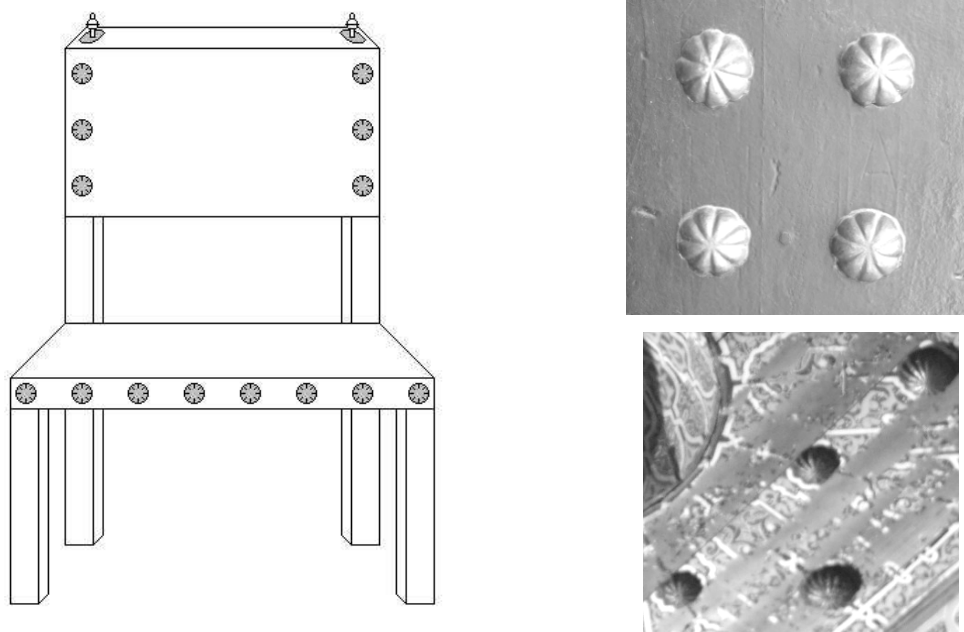


Fig. 67.1, 67.2 e 67.3 – Utilização das peças n.ºs 205 e 206 em cadeira setecentista. A utilização de peças similares à última na porta principal do Mausoléu Moulay Ismail (Méknés, Marrocos – séc. XVIII) e num tecto do Palácio da Bahia (Marrakech, Marrocos – meados do século XIX).

Fotos: Carlos Boavida

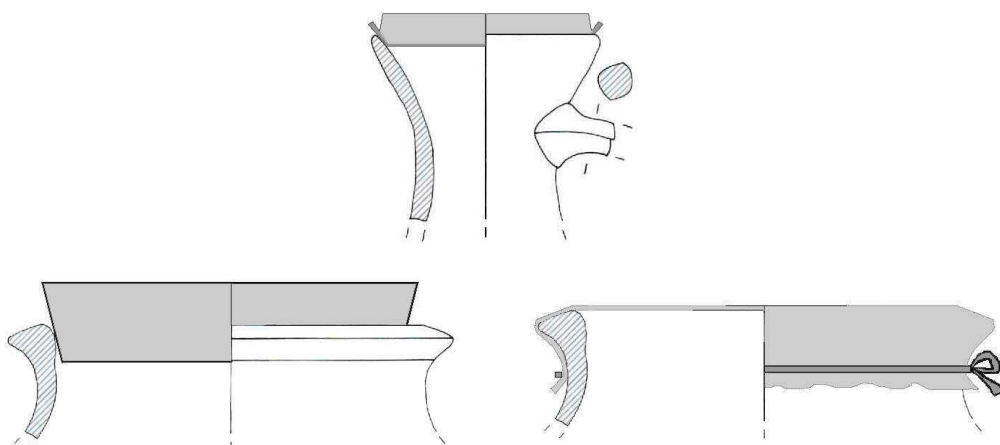


Fig. 68.1, 68.2 e 68.3 – Formas não cerâmicas de tampar contentores de armazenamento e/ou transporte
Lítico (n.ºs 227 e 228); rolha de cortiça e pano com atilho



Fig. 69 – *Bos taurus* – restos de articulações (astrágalo e calcâneo) e
dentição
Fotos: Carlos Boavida



Fig. 70 – *Bos taurus* (menor dimensão) – mandíbula
Foto: Carlos Boavida



Fig. 71 – *Sus* – restos de dentição (caninos)
Foto: Carlos Boavida



Fig. 72 – *Sus scropha*
(canino superior)
Foto: Carlos Boavida



Fig. 73 – *Sus domesticus*
(molar)
Foto: Carlos Boavida



Fig. 74 – *Ovis aries* ou *Capra hircus* – restos de dentição, articulação e ossicone
Fotos: Carlos Boavida



Fig. 75 – *Cervus elaphus* – haste
Foto: Carlos Boavida

5. Gráficos

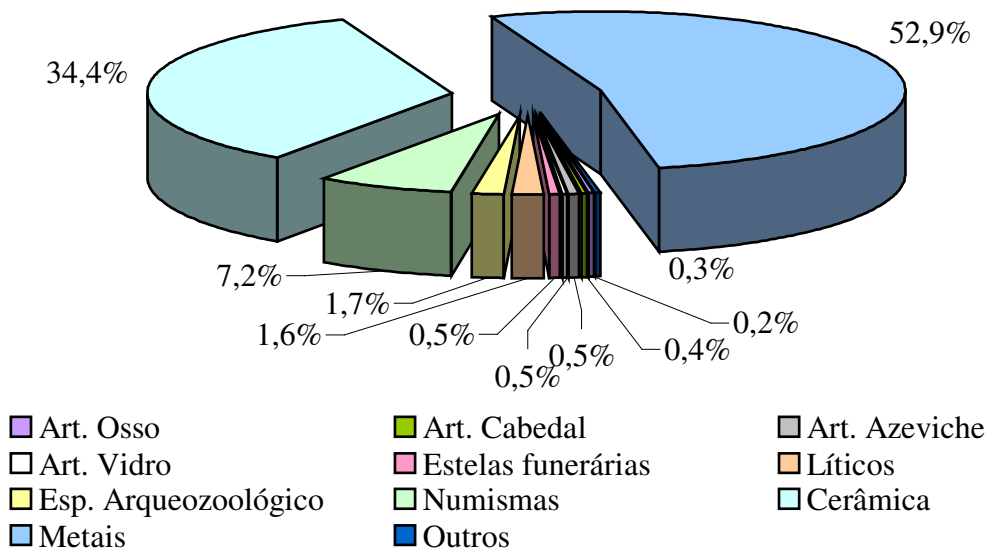


Gráfico I – Totalidade do Espólio

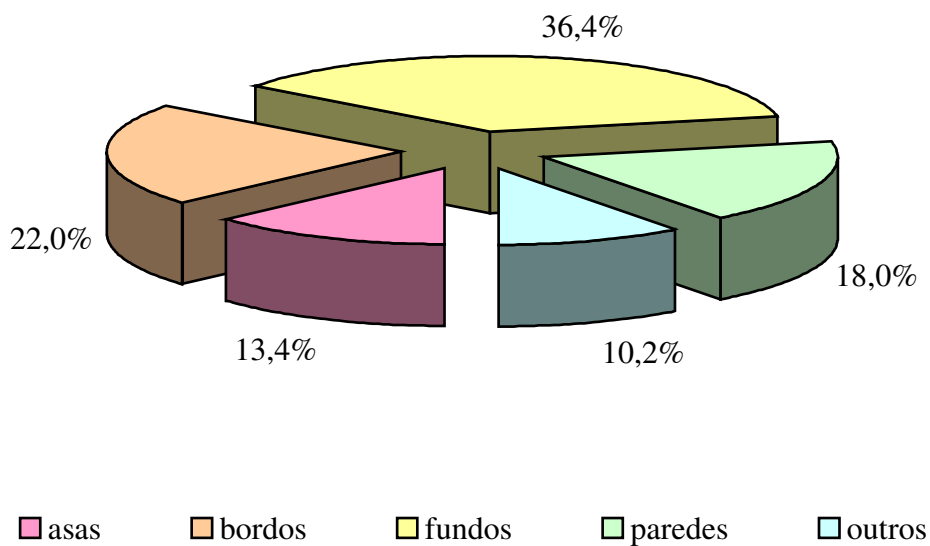


Gráfico II – Partes do espólio cerâmico em estudo

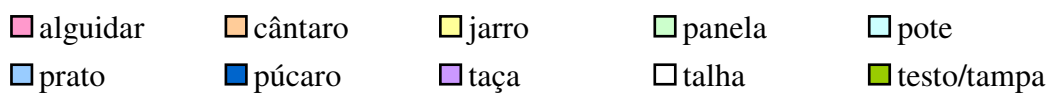
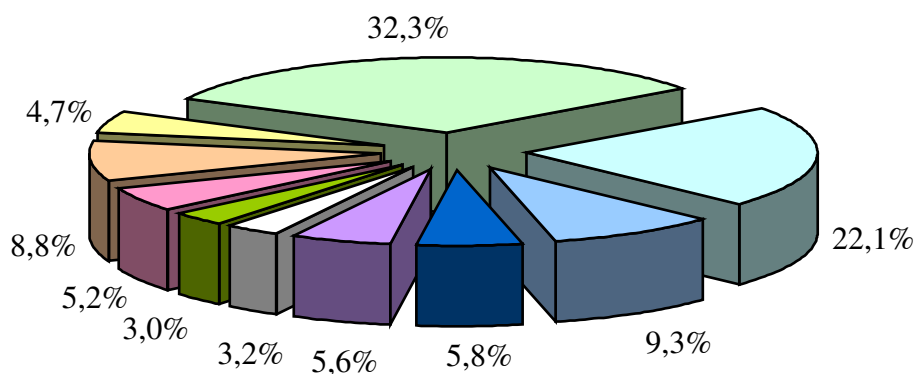


Gráfico III – Formas cerâmicas recolhidas

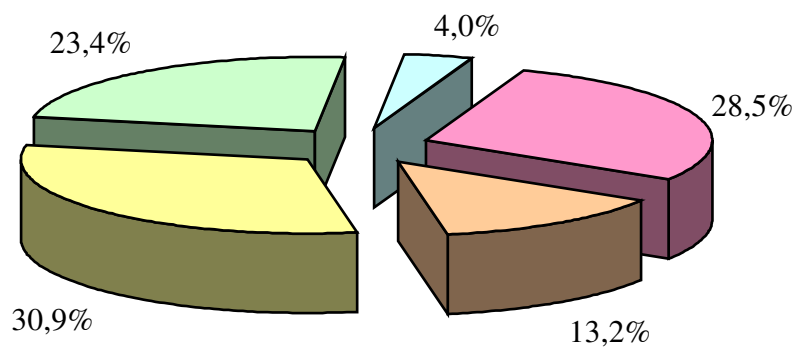


Gráfico IV – Categoria Funcional das peças cerâmicas

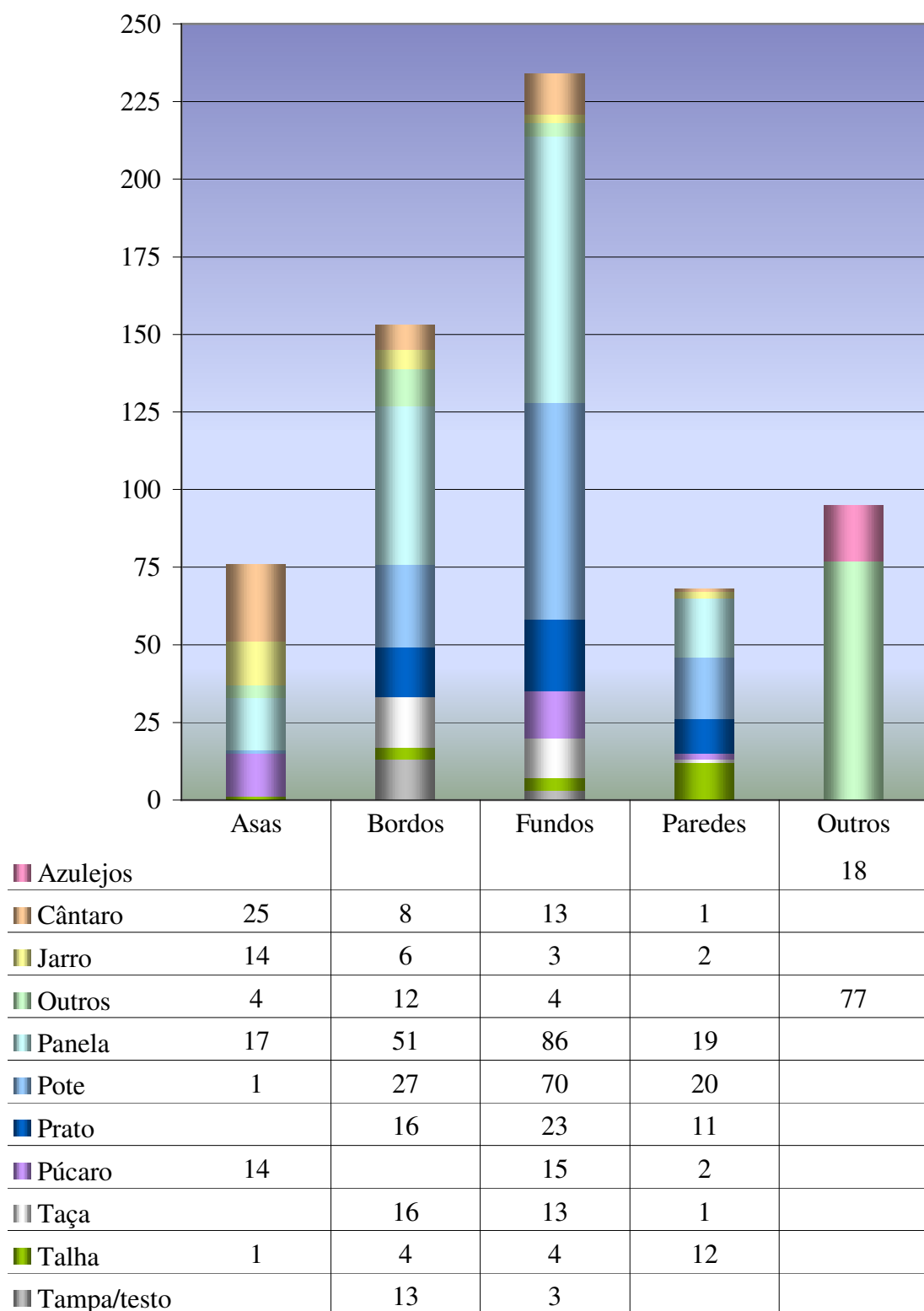


Gráfico V – Partes das peças cerâmicas recolhidas

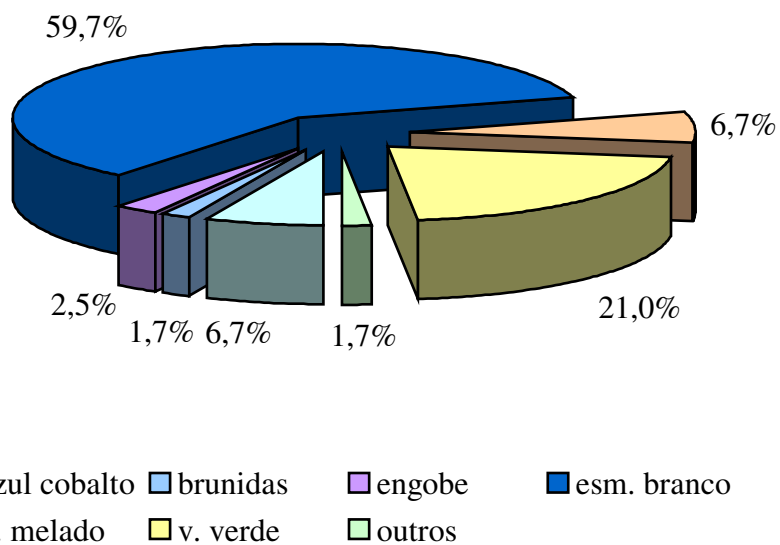


Gráfico VI – Tratamento das superfícies externas das peças cerâmicas

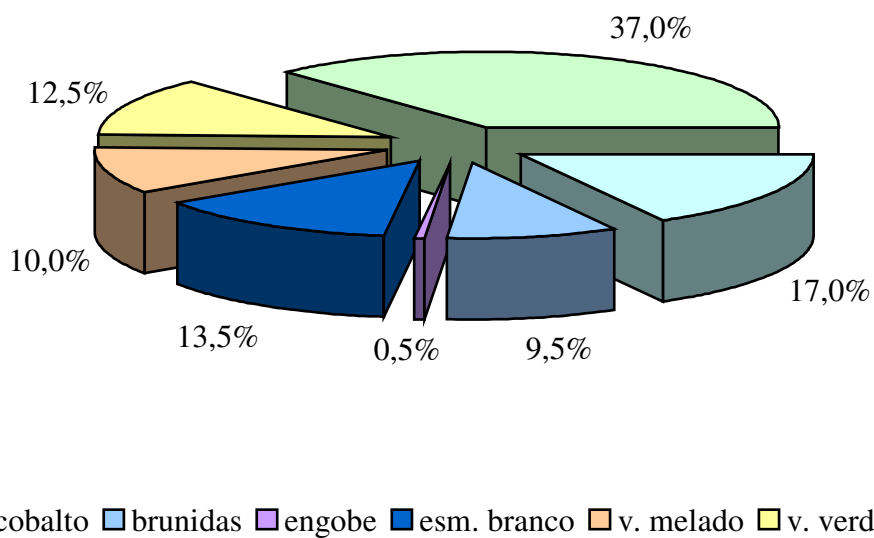


Gráfico VII – Tratamento das superfícies internas das peças cerâmicas

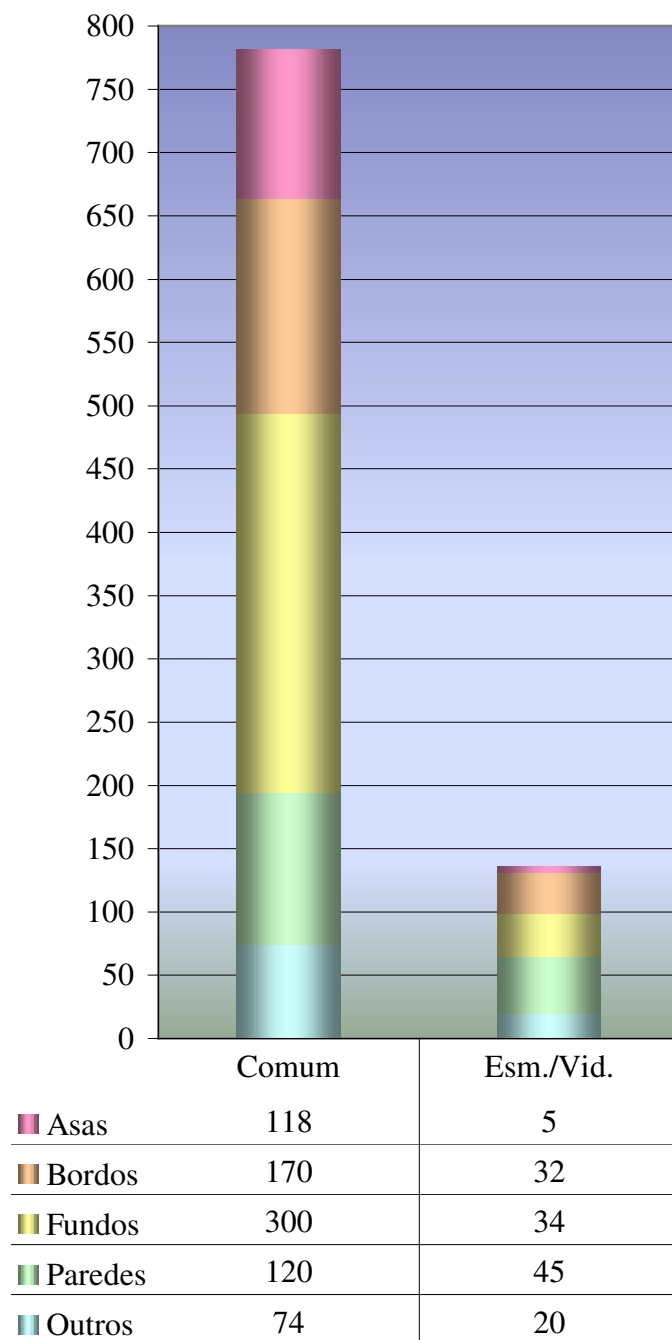


Gráfico VIII – Comparação entre cerâmica comum e cerâmica esmaltada ou vidrada, tendo em conta a parte da peça a que pertencem

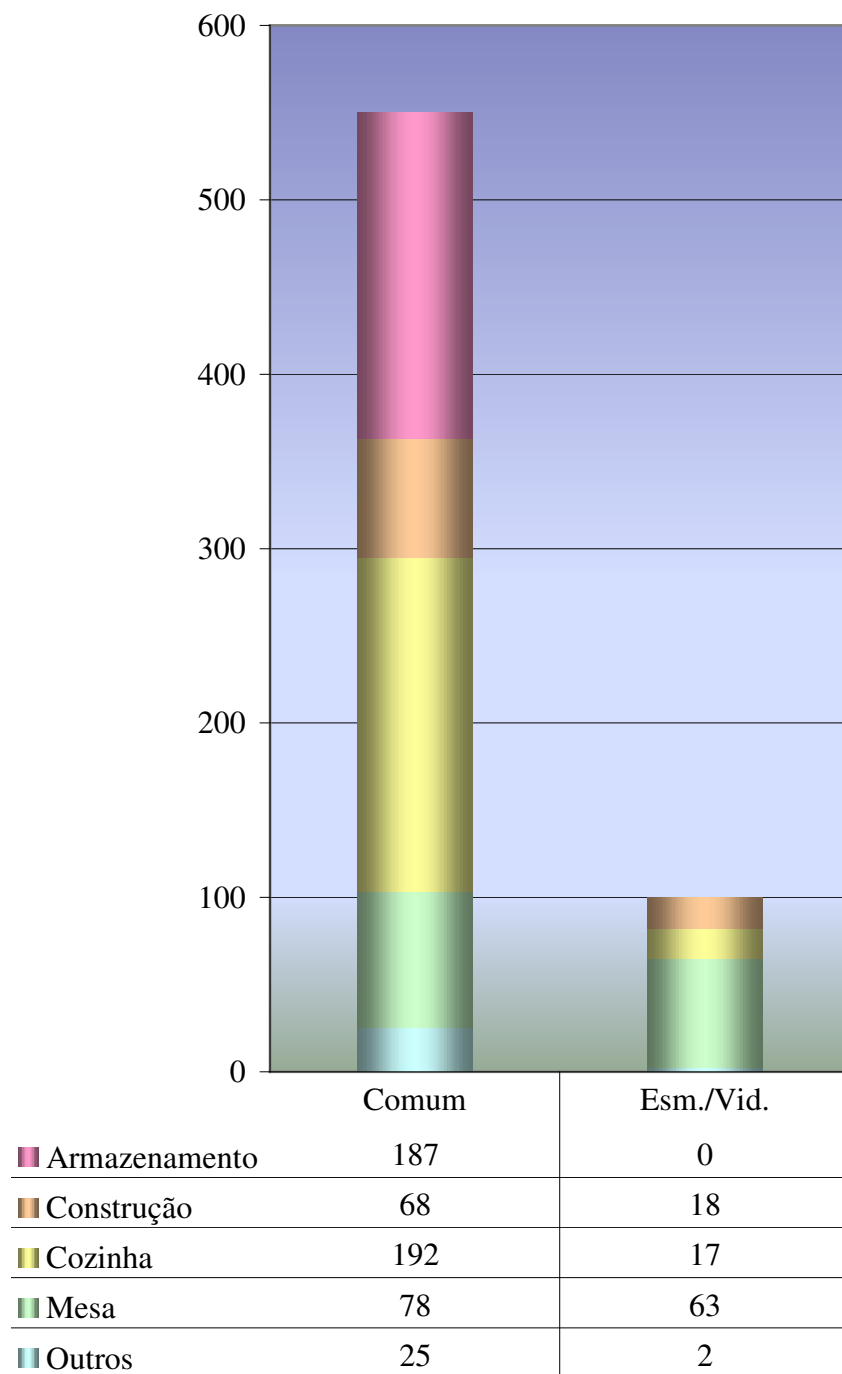


Gráfico IX – Comparação entre cerâmica comum e cerâmica esmaltada ou vidrada, tendo em conta a sua categoria funcional

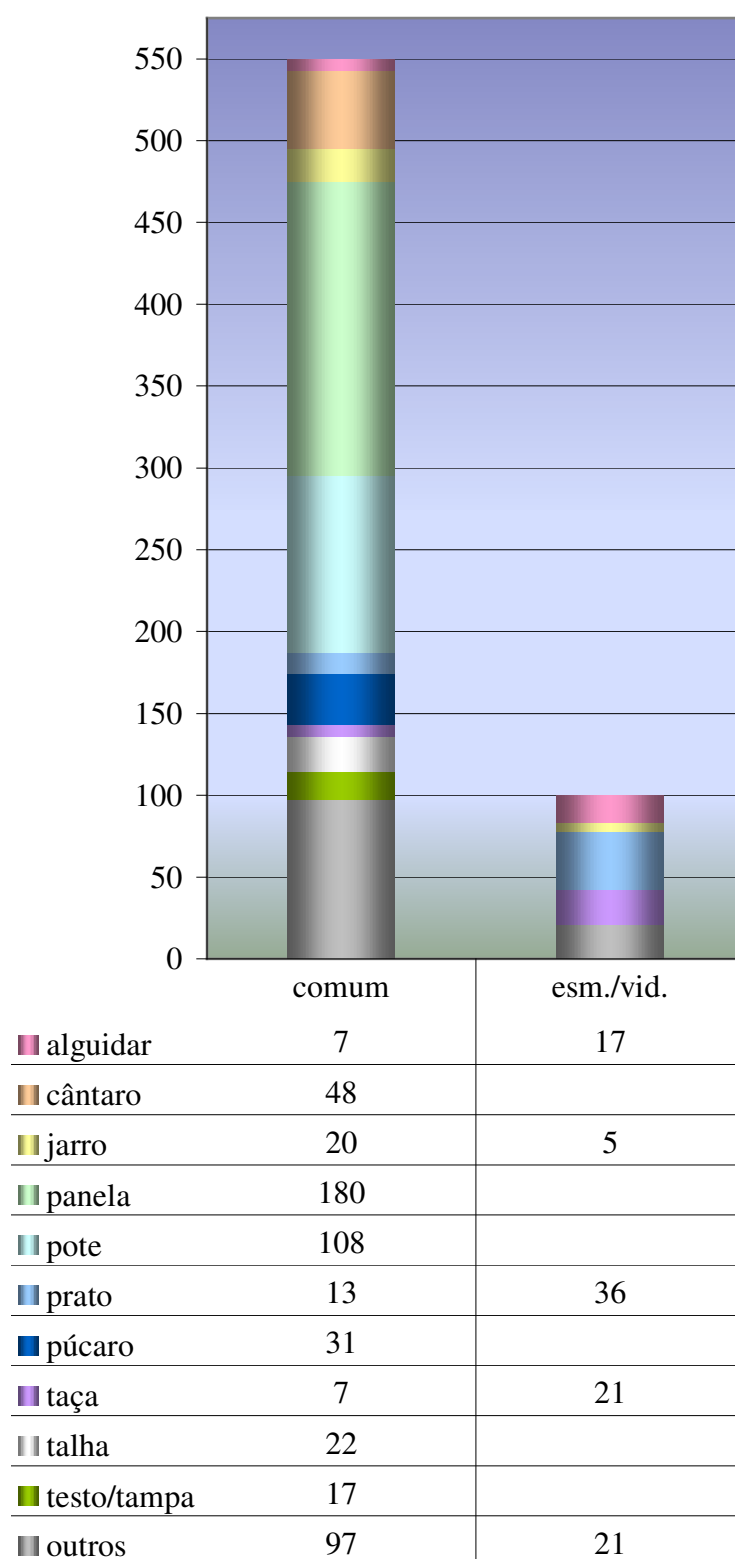


Gráfico X – Comparação entre cerâmica comum e cerâmica esmaltada ou vidrada, tendo em conta a sua designação formal

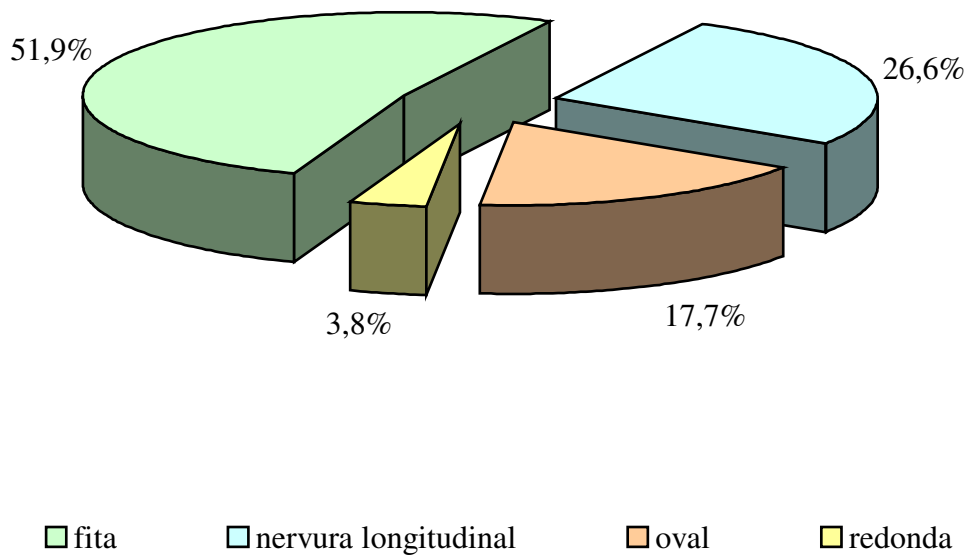


Gráfico XI – Tipologia da secção das asas do espólio cerâmico recolhido

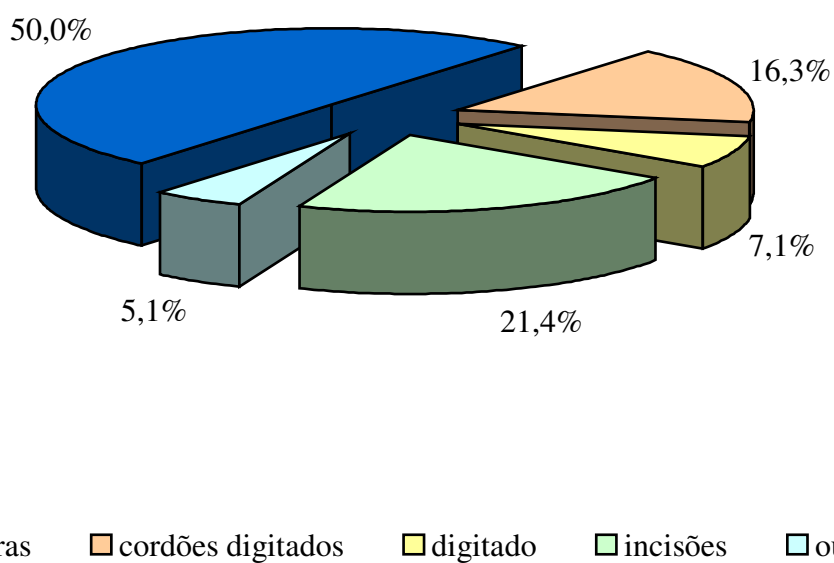
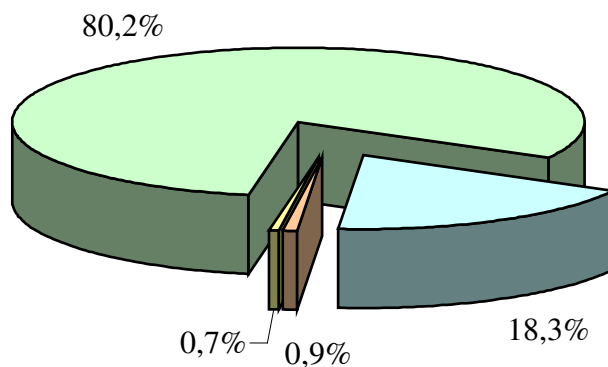
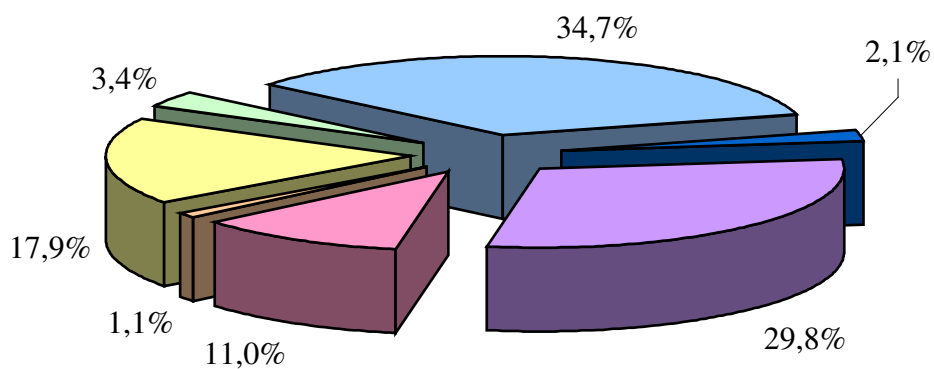


Gráfico XII – Tipos de decoração aplicados sobre a superfície das peças cerâmicas



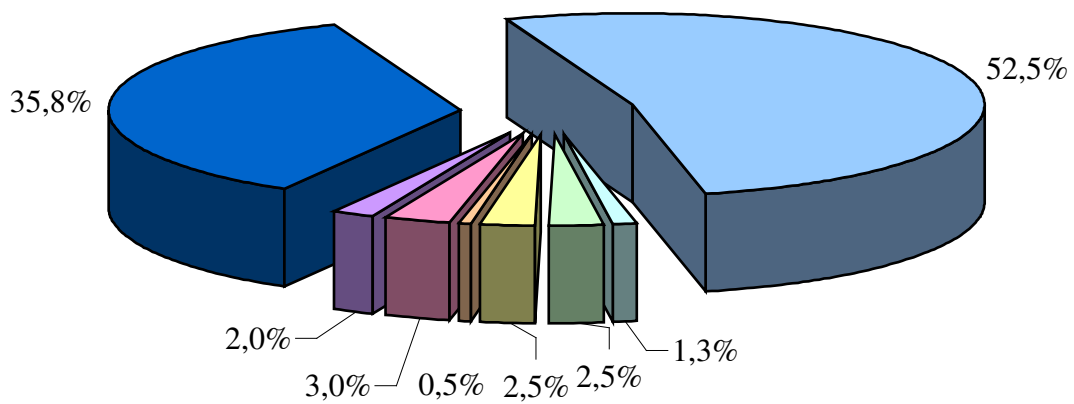
■ oxidante
 ■ parcial oxidante
 ■ parcial redutora
 ■ redutora

Gráfico XIII – Tipo de cozedura das peças cerâmicas



■ bege
 ■ branca
 ■ castanha
 ■ cinzenta
 ■ laranja
 ■ rosa
 ■ vermelha

Gráfico XIV – Cor das pastas cerâmicas



- | | |
|---|---|
| ■ cabelo (+/- 12 cm) | ■ cabeça grande, corpo espesso (+ 5 cm) |
| ■ cabeça grande, corpo espesso (- 5 cm) | ■ cabeça pequena, corpo fino (+ 3 cm) |
| ■ cabeça pequena, corpo fino (- 3 cm) | ■ cabeça pequena, corpo fino (- 3 cm) - prata |
| ■ pontas | ■ hastes |

Gráfico XV - Tipologia dos Alfinetes

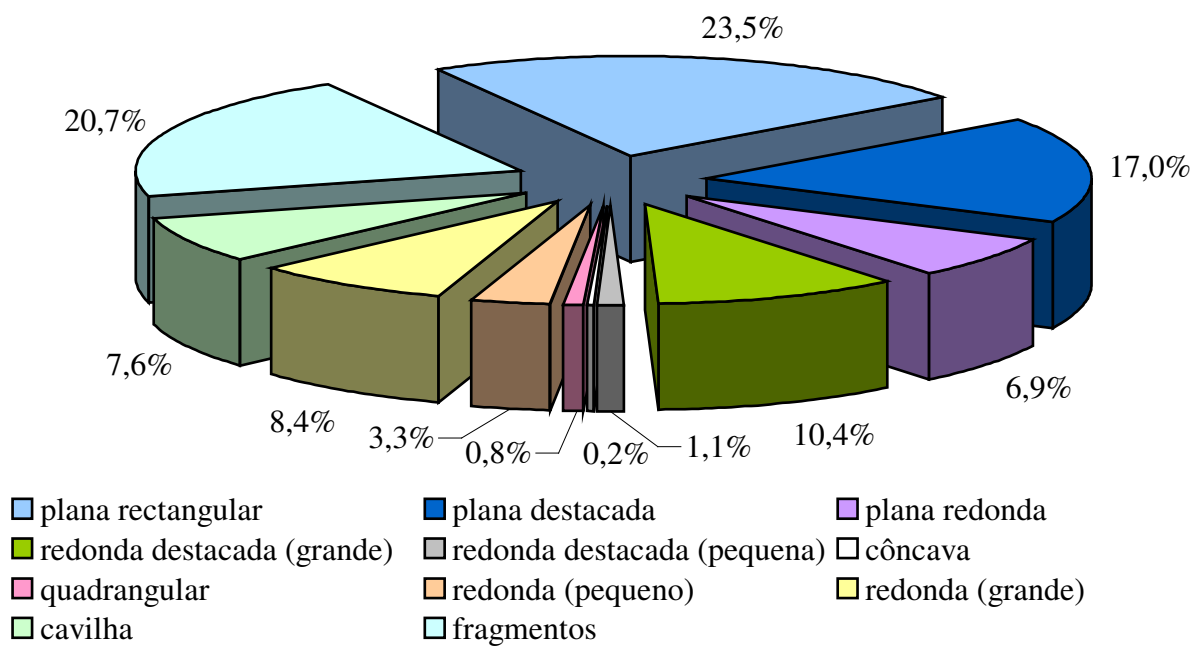


Gráfico XVI - Tipologia dos Pregos em função da cabeça (extremidade proximal)

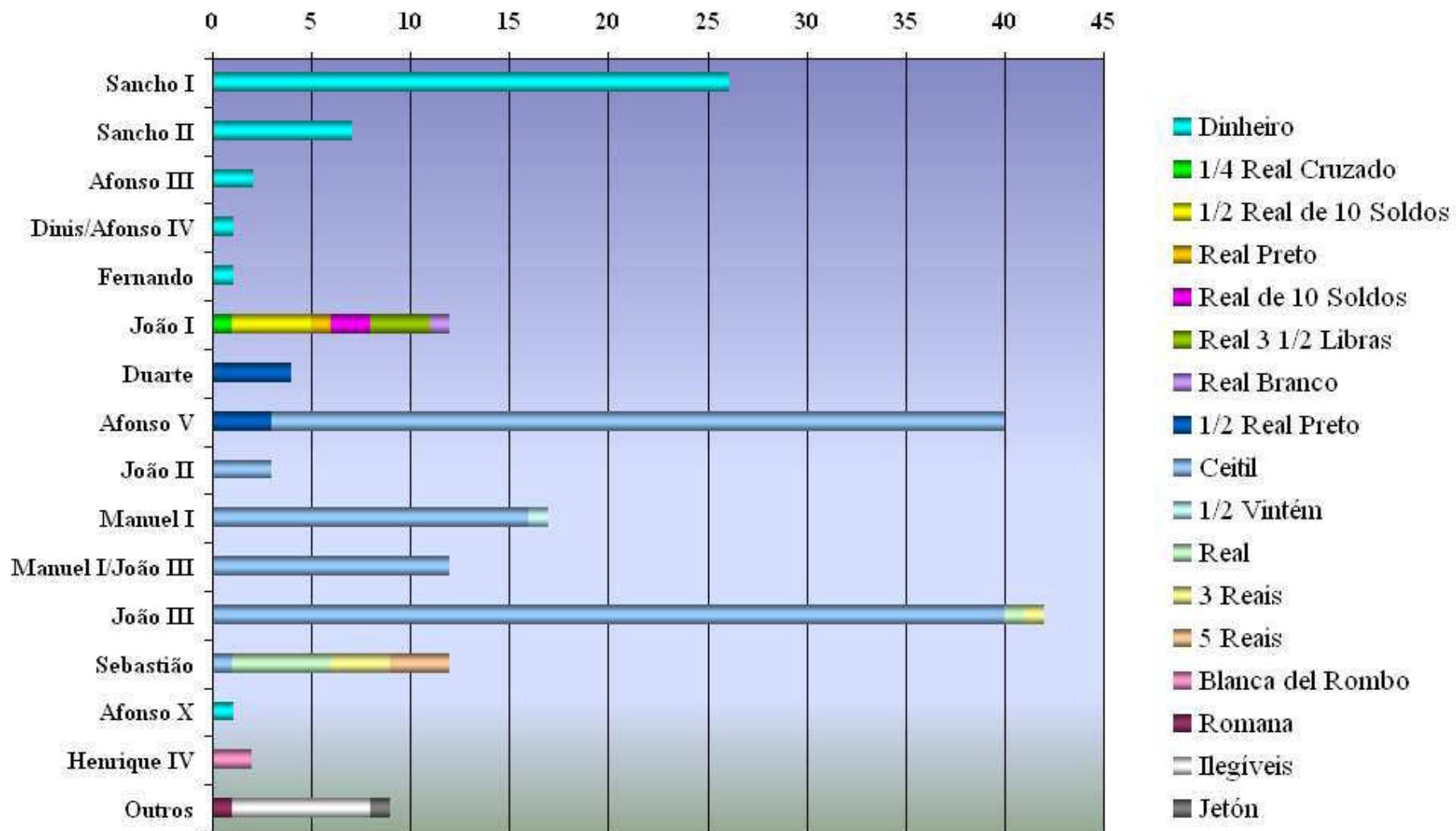
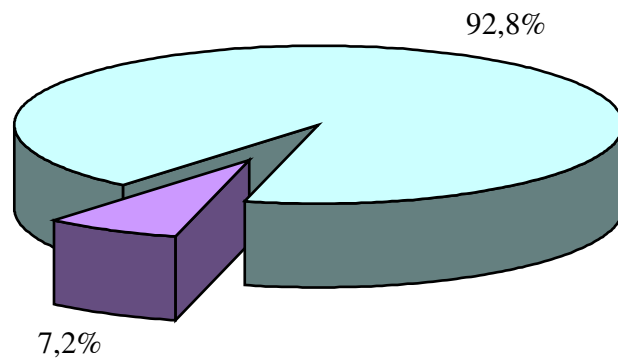


Gráfico XVII– Espólio numismático



- Museu Francisco Tavares Proença Júnior
- Museu do Canteiro

Gráfico XVIII – Percentagem do espólio em função do seu depósito

6. Tabelas de Inventário

Cerâmica Comum – Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
A	14	C	84	1	1983	144	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
A	14	C	115	9	1980	?	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		caneluras
A	14	C	?	?	1979	267	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
A	14	C	84	15	1983	144	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
A	14	C	97	8	1982	7	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	Oval	
A	14	C	?	?	1979	182	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
A	14	C	12	1	1983	146	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial redutora		
A	14	C	?	?	1979	?	Bordo	Tampa	Outros	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
A	14	C	?	?	1979	142	Bordo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	122	?	?	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
A	14	C	118	?	1983	145	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
A	14	C	97	2	1982	7	Fundo	Ânfora	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
A	14	C	?	?	1979	243	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
A	14	C	84	3	1983	144	Fundo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
A	14	C	84	4	1983	144	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	281	?	1980	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
A	14	C	275	?	1980	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial redutora		
A	14	C	114	12	1980	148	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	84	12	1983	144	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	?	?	1979	120	Outros	Defumador	Contentor Fogo	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	97	3	1982	7	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	84	2	1983	144	Fundo	Pote	Armazenamento	Porosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	84	17	1983	144	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	?	?	1979	179	Fundo	Prato	Mesa	Alisada	Brunido	Laranja	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
A	14	C	116	32	1982	8	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Brunido	Laranja	Oxidante		
A	14	C	?	?	1979	203	Fundo	Taça	Mesa	Alisada	Brunido	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	?	?	1979	145	Fundo	Prato	Mesa	Brunido	Brunido	Laranja	Oxidante		
A	14	C	118	15	1980	12	Fundo	Alguidar	Cozinha	Rugosa	Brunido	Vermelha	Oxidante		
A	14	C	118	9	1984	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Rugosa	Castanha	Parcial oxidante		caneluras
A	15	C	118	19	1984	167	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		incisões
A	15	C	118	6	1984	2	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
A	15	C	118	?	1981	93	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Porosa	Alisada	Vermelha	Oxidante	NL	
A	16	C	?	?	?	154	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
A	16	C	?	?	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
A	16	C	?	?	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
A	16	C	?	?	1979	148	Fundo	Prato	Mesa	Brunido	Brunido	Laranja	Oxidante		
A	16	C	62	10	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Engobe	Vermelha	Oxidante		
B	7	C	?	?	1979	35	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras
B	7	C	118	34	1983	149	Bordo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
B	7	C	20	12	1982	12	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	NL	
B	7	C	?	?	1979	36	Bordo	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	7	C	51	36	1981	93	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	7	C	48	7	1983	136	Fundo	Testo	Outros	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	7	C	47	3	1983	9	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	7	C	47	10	1981	91	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	7	C	12	2	1983	162	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	7	C	12	?	1983	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	7	C	20	3	1982	12	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	8	C	118	5	1980	125	Bordo	Frigideira	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		incisões
B	8	C	?	?	1979	22	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
B	8	C	251	?	1980	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Rosa	Parcial oxidante	Fita	

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
B	8	C	118	14	1980	118	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Oval	
B	8	C	20	17	1982	12	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Redonda	
B	8	C	51	42	1981	93	Bordo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	8	C	47	13	1981	91	Bordo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	8	C	16	8	1983	165	Bordo	Garrafa	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	8	C	?	?	1979	5	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Bege	Parcial oxidante		
B	8	C	47	20	1982	9	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	8	C	49/50	2	1981	92	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
B	8	C	?	?	1983	145	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
B	8	C	49/50	3	1981	92	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	8	C	?	?	1979	19	Parede	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	8	C	?	?	1979	4	Fundo	Defumador	Contentor Fogo	Porosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	8	C	?	?	1979	146	Bordo	Taça	Mesa	Alisada	Brunido	Vermelha	Oxidante		
B	8	C	118	4	1980	125	Fundo	Prato	Mesa	Alisada	Brunido	Vermelha	Oxidante		
B	9	C	118	5	1983	15	Bordo	Frigideira	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		digitado
B	9	C	118	24	1983	143	Bordo	Frigideira	Cozinha	Alisada	Alisada	Bege	Oxidante		incisões
B	9	C	118	4	1980	4	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante	Fita	plástica
B	9	C	?	14	1980	6	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
B	9	C	?	15	1982	?	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
B	9	C	118	3	1984	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	9	C	118	194	1982	?	Bordo	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	9	C	12	6	1983	167	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	9	C	118	1	1983	136	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	10	C	59	34	1982	1	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
B	10	C	?	15	1980	5	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
B	10	C	118	2	1983	157	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
B	10	C	14	14	1982	?	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	NL	

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
B	10	C	118	7	1983	150	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Oval	
B	10	C	118	34	1983	143	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Oval	
B	10	C	118	9	1983	133	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	10	C	118	94	1982	8	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
B	10	C	118	116	1982	3	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	10	C	118	26	1983	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	10	C	59	25	1982	1	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	10	C	118	85	1982	53	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	10	C	118	9	?	150	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Brunido	Castanha	Oxidante		
B	13	C	?	?	?	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	13	C	84	13	1981	15	Bordo	Taça	Mesa	Alisada	Brunido	Castanha	Oxidante		
B	14	C	11	4	1983	165	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		cordão
B	14	C	84	9	1983	144	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
B	14	C	118	41	1980	16	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	14	C	11	2	1983	165	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	14	C	?	?	1979	11	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	14	C	?	?	?	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	14	C	11	3	1983	165	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	15	C	118	?	1980	174	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	15	C	118	5	1984	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	15	C	118	7	1984	170	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	15	C	118	6	1984	170	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	15	C	118	22	1982	3	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	15	C	118	26	1983	148	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	15	C	118	16	1983	150	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	15	C	118	1	1980	102	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	15	C	118	3	1981	83	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
B	15	C	118	1	1983	152	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	15	C	118	3	1984	171	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Engobe	Vermelha	Parcial oxidante		
B	16	C	118	187	1982	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
B	16	C	118	4	1980	104	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Oval	
B	16	C	118	12	1984	167	Bordo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Oval	
B	16	C	118	19	1980	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	16	C	118	2	1980	110	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	16	C	118	28	1980	14	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	16	C	118	6	1984	133	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	16	C	?	?	?	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	16	C	118	2	1981	14	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	17	C	118	8	1983	153	Bordo	Tacho	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		caneluras
B	17	C	118	19	1983	?	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		incisões
B	17	C	118	?	1981	2	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	NL	
B	17	C	118	15	1983	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	17	C	118	7	1980	26	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
B	17	C	118	20	1983	140	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
B	17	C	118	102	1982	3	Fundo	Testo	Outros	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	17	C	118	4	1983	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	17	C	118	19	1983	155	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	17	C	118	4	1984	171	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	17	C	118	9	1984	171	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
B	17	C	118	5	1984	171	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	18	C	118	7	1984	171	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	NL	
B	18	C	118	3	1983	136	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	18	C	118	4	1981	79	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	18	C	118	82	1982	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Engobe	Vermelha	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
B	19	C	118	88	1983	28	Bordo	Tampa	Outros	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	19	C	118	31	1984	170	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	19	C	118	16	1984	133	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	19	C	118	6	1981	79	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	19	C	118	10	1984	168	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	19	C	118	4	1984	133	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	19	C	118	21	1984	133	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	19	C	118	14	1984	133	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
B	20	C	118	156	1981	95	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	20	C	118	15	1981	35	Bordo	Testo	Outros	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	20	C	118	80	1983	18	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	20	C	118	80	1980	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
B	20	C	118	27	1984	170	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
B	20	C	118	16	1983	153	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
B	20	C	118	?	1983	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
B	20	C	118	21	1984	166	Fundo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	20	C	118	32	1981	1	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	20	C	118	11	1983	158	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	20	C	118	1	1981	14	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	20	C	?	?	?	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	20	C	118	16	1983	155	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	20	C	118	23	1984	171	Fundo	Panela	Cozinha	Rugosa	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	21	C	118	13	?	?	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante	Fita	
B	21	C	118	?	?	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	21	C	118	11	1983	?	Bordo	Tampa	Outros	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	21	C	118	38	1983	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
B	21	C	118	5	1981	46	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial redutora		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
B	21	C	118	7	1983	161	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	21	C	118	33	1980	39	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	21	C	118	19	1981	2	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
B	21	C	118	7	1982	108	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	21	C	118	21	1983	150	Fundo	Testo	Outros	Alisada	Brunido	Castanha	Oxidante		
B	21	C	118	73	1980	21	Fundo	Talha	Armazenamento	Rugosa	Rugosa	Laranja	Parcial oxidante		
B	22	C	67	44	1981	7	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras
B	22	C	64	2	1981	86	Bordo	Tampa	Outros	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		digitado
B	22	C	67	5	1981	55	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		incisões
B	22	C	67	34	1981	7	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		incisões
B	22	C	83	1	1981	37	Bordo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
B	22	C	67	1	1981	51	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
B	22	C	67	61	1981	7	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	22	C	118	18	1983	150	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	22	C	67	2	1981	7	Fundo	Prato	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	22	C	118	29	1981	7	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
B	22	C	118	202	1982	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	22	C	67	6	1981	3	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Engobe	Alisada	Bege	Oxidante	Oval	
B	22	C	86	1	1981	71	Outros	Marca	Outros	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
B	22	C	62	29	1981	96	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Porosa	Castanha	Oxidante		pintada
B	22	C	85	15	1981	20	Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Rugosa	Laranja	Oxidante		digitado
B	23	C	59	4	1982	1	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	1	C	118	1	1981	2	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	1	C	118	4	1983	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	1	C	118	24	1984	166	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	1	C	118	1	1983	157	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	1	C	118	19	?	152	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
C	1	C	118	1	1980	?	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
C	2	C	118	?	1984	197	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
C	2	C	118	15	1984	168	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
C	2	C	118	1	1980	128	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	NL	
C	2	C	118	23	1984	171	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	2	C	118	14	1980	12	Bordo	Prato	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	2	C	118	8	?	165	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	2	C	118	1	1980	123	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	2	C	118	89	1982	3	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	2	C	118	58	1981	95	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	2	C	118	13	1980	120	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	2	C	118	20	1981	72	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	2	C	118	5	1984	165	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	2	C	118	5	1984	165	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	2	C	118	6	1984	165	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	2	C	118	4	?	165	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	2	C	118	1	1981	?	Fundo	Alguidar	Cozinha	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	3	C	118	3	1983	140	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		Caneluras
C	3	C	118	24	1981	46	Asa	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	NL	digitado
C	3	C	118	20	1980	128	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		incisões
C	3	C	118	77	1983	3	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
C	3	C	118	28	1984	167	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	NL	
C	3	C	118	26	1981	94	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Oval	
C	3	C	118	20	1982	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
C	3	C	118	28	1981	14	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	3	C	118	1	1980	121	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	4	C	118	89	1981	95	Bordo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
C	4	C	118	11	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
C	4	C	118	6	1980	76	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		incisões
C	4	C	118	23	1983	135	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	4	C	118	32	1982	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	4	C	118	17	1983	134	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	4	C	118	28	1982	?	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	4	C	118	70	1980	26	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	4	C	118	3	1983	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
C	4	C	118	5	1980	115	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	4	C	118	1	1981	88	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	4	C	118	5	1981	45	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
C	4	C	118	18	1980	107	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	4	C	118	59	1981	95	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
C	5	C	118	1	1984	1	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	Fita	
C	5	C	118	6	1984	81	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	5	C	118	1	1984	172	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
C	5	C	118	32	1983	143	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	5	C	118	4	1983	150	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	5	C	118	2	1984	133	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	5	C	118	6	1984	181	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	5	C	118	3	1984	172	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	6	C	118	6	1983	153	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Rosa	Parcial oxidante		caneluras
C	6	C	118	15	1984	167	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
C	6	C	118	71	1982	3	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	NL	
C	6	C	118	4	1984	1	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	NL	
C	6	C	118	8	1984	1	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Oval	
C	6	C	118	2	1984	170	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
C	6	C	118	188	1982	?	Fundo	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	6	C	118	1	1981	68	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	7	C	118	3	1981	79	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	7	C	118	3	1983	161	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
C	7	C	118	1	1981	59	Fundo	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	7	C	118	39	1981	95	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	7	C	118	11	1980	13	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	7	C	118	90	1982	3	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	7	C	118	13	1983	153	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	7	C	118	7	1981	72	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	7	C	118	18	1980	105	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	7	C	118	?	?	155	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Engobe	Rugosa	Laranja	Oxidante		
C	8	C	118	20	1980	1	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	Fita	caneluras
C	8	C	118	17	1984	133	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras
C	8	C	118	10	1981	?	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	Fita	
C	8	C	118	8	1983	143	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	NL	
C	8	C	118	153	1982	3	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	oval	
C	8	C	118	69	1980	21	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	8	C	118	19	1980	8	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	9	C	?	?	?	161	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras
C	9	C	?	?	?	?	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
C	9	C	?	27	?	137	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
C	9	C	118	20	?	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	9	C	?	?	1984	170	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	9	C	118	12	1980	103	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	9	C	118	6	1984	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	9	C	118	1	1980	114	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
C	9	C	?	4	1983	181	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	9	C	118	1	1983	148	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Rosa	Parcial oxidante		
C	10	C	118	7	1983	163	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		caneluras
C	10	C	118	5	1983	159	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	NL	
C	10	C	118	7	1983	149	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	10	C	118	5	1984	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	10	C	118	1	1980	12	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	10	C	118	?	1979	5	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	10	C	118	34	1981	17	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	11	C	118	4	1983	161	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
C	11	C	118	7	1984	1	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	NL	
C	11	C	118	10	1984	165	Bordo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	NL	
C	11	C	118	2	1981	43	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	11	C	118	16	1984	166	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	12	C	118	10	1980	132	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras
C	12	C	118	9	?	?	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras
C	12	C	118	2	1984	1	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
C	12	C	118	12	1983	3	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	NL	
C	12	C	118	13	?	?	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Oval	
C	12	C	118	8	1981	94	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Oval	
C	12	C	118	18	1983	15	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Oval	
C	12	C	118	37	1980	71	Bordo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	12	C	118	21	1983	143	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	12	C	118	15	1980	20	Fundo	Prato	Mesa	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	12	C	118	5	1981	59	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
C	12	C	118	12	1983	183	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
C	12	C	118	10	1980	103	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
C	13	C	?	?	?	?	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
C	13	C	?	?	?	?	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Redonda	
C	13	C	?	?	?	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Bege	Oxidante		
C	13	C	?	?	?	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	13	C	?	?	?	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	13	C	?	?	?	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	13	C	?	?	?	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
C	14	C	?	?	?	?	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
C	14	C	?	?	?	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	14	C	?	?	?	?	Bordo	Testo	Outros	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
C	14	C	?	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
C	14	C	?	?	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial redutora		
C	14	C	?	?	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Rugosa	Cinzenta	Oxidante		
D	4	C	?	?	?	?	Bordo	talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Bege	Oxidante		cordão
D	4	C	?	?	?	?	Parede	talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		cordão
D	4	C	?	?	?	?	Parede	talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
D	4	C	?	?	?	?	Parede	talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
D	5	C	?	?	?	?	Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		cordão
D	5	C	?	?	?	?	Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		cordão
D	5	C	?	?	?	?	Bordo	talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Bege	Oxidante		
D	5	C	?	?	?	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	5	C	?	?	?	?	Fundo	talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Bege	Oxidante		
D	6	C	118	11	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
D	6	C	118	?	1983	195	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
D	6	C	118	6	1984	153	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	6	C	118	6	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	6	C	118	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
D	7	C	118	29	1984	?	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	Fita	
D	7	C	118	8	1984	131	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Fita	
D	7	C	118	15	1983	143	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
D	7	C	118	1	1983	154	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	NL	
D	7	C	118	?	1983	147	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	7	C	45	18	?	?	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	7	C	118	18	1984	166	Bordo	Prato	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	7	C	118	2	1983	149	Bordo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	8	C	?	?	?	?	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
D	8	C	?	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	8	C	?	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	8	C	?	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	8	C	118	13	1984	166	Bordo	Testo	Outros	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	8	C	?	?	?	?	Fundo	Púcaro	Mesa	Porosa	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
D	9	C	118	?	1983	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Fita	
D	9	C	118	9	1984	166	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Fita	
D	9	C	118	11	1984	166	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
D	9	C	118	1	1982	?	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	NL	
D	9	C	118	4	1984	167	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	9	C	118	8	1984	?	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	9	C	118	?	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
D	9	C	?	?	?	197	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	9	C	?	?	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	10	C	118	20	1984	171	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras
D	10	C	118	3	1983	138	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		cordão
D	10	C	118	25	1983	154	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		incisões
D	10	C	118	31	1983	141	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		incisões

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
D	10	C	118	20	1980	118	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		incisões
D	10	C	118	4	1981	34	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		incisões
D	10	C	118	2	1984	171	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	NL	
D	10	C	118	3	1980	105	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	NL	
D	10	C	118	4	1981	40	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	10	C	118	7	1984	172	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	11	C	118	6	1981	57	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras
D	11	C	118	4	1980	118	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
D	11	C	118	30	1983	136	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Oval	
D	11	C	118	35	1983	140	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	11	C	118	44	1983	140	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
D	11	C	118	52	?	?	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	11	C	118	3	1983	148	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	11	C	118	22	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	11	C	118	17	1983	138	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	11	C	118	?	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	11	C	118	5	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	11	C	118	20	1983	136	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	11	C	118	8	1980	97	Outros	Marca	Outros	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	11	C	118	16	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	12	C	118	24	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
D	12	C	118	9	1983	142	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
D	12	C	118	86	1983	143	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
D	12	C	118	24	1983	154	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		digitado
D	12	C	118	1	1983	161	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
D	12	C	?	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Fita	
D	12	C	118	9	1984	165	Asa	Candeia	Contentor Fogo	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Redonda	

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
D	12	C	118	?	?	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	12	C	118	10	1984	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	12	C	118	5	1984	172	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
D	12	C	?	23	1983	138	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	12	C	118	?	1984	?	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	12	C	118	28	1983	154	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	12	C	118	8	1983	136	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	12	C	118	26	1983	154	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	12	C	118	26	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Rugosa	Laranja	Parcial oxidante		
D	13	C	118	3	1983	150	Parede	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		pintada
D	13	C	118	6	1983	158	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
D	13	C	118	4	1981	46	Asa	Bilha	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
D	13	C	118	22	1982	?	Asa	Bilha	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
D	13	C	118	6	1981	36	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	Fita	
D	13	C	118	1	1980	115	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Oval	
D	13	C	?	?	?	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	13	C	118	9	1981	46	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
D	13	C	118	8	1984	2	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
D	13	C	118	?	1980	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
D	13	C	118	3	1981	68	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	13	C	118	?	?	139	Fundo	Panela	Cozinha	Rugosa	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	14	C	118	10	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
D	14	C	118	20	1983	149	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
D	14	C	118	8	1981	57	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		digitado
D	14	C	118	24	1983	140	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
D	14	C	118	22	1983	154	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
D	14	C	118	27	1981	44	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Oval	

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
D	14	C	118	14	1983	196	Bordo	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	14	C	118	7	1983	150	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial redutora		
D	14	C	118	8	1983	140	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	14	C	118	7	1983	15	Bordo	Taça	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	14	C	118	3	1980	117	Bordo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
D	14	C	118	18	1980	132	Bordo	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	14	C	118	?	1980	97	Bordo	Prato	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	14	C	118	28	1984	165	Fundo	testo	Outros	Alisada	Alisada	Bege	Oxidante		
D	14	C	118	9	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	14	C	118	12	1983	134	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	14	C	118	35	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	14	C	118	17	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	14	C	118	1	1980	2	Outros	Marca	Outros	Rugosa	Rugosa	Vermelha	Oxidante		
D	15	C	?	1	1980	2	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
D	15	C	?	48	1980	1	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Oval	
D	15	C	?	4	1980	2	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	15	C	?	12	1980	6	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	15	C	?	5	1980	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	15	C	59	35	1982	1	Fundo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	15	C	?	19	1980	6	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	15	C	?	18	1980	6	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	15	C	?	4	1980	6	Fundo	Prato	Mesa	Alisada	Brunido	Vermelha	Oxidante		
D	16	C	118	34	1980	4	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
D	16	C	118	24	1984	170	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
D	16	C	118	90	1984		Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	NL	
D	16	C	118	15	1984	169	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	16	C	118	22	1983	155	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
D	16	C	118	21	1984	164	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
D	16	C	?	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
D	17	C	118	7	1984	1	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	Fita	pintada
D	17	C	?	?	?	?	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Fita	
D	17	C	118	23	1983	113	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
D	17	C	118	12	1983	143	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
D	17	C	118	10	1984	181	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Redonda	
D	17	C	?	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	17	C	118	7	1984	167	Bordo	Testo	Outros	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	17	C	118	31	1984	171	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	17	C	118	3	1981	83	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
D	18	C	?	?	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
D	18	C	?	?	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		cordão
D	18	C	118	24	1980	4	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		incisões
D	18	C	118	18	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		incisões
D	18	C	118	62	1983	145	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Redutora	Fita	
D	18	C	118	13	1980	119	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	18	C	118	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	18	C	118	5	1984	166	Bordo	Tampa	Outros	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	18	C	118	136	1981	95	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
D	18	C	?	?	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	18	C	118	9	1983	138	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Cinzenta	Redutora		
D	19	C	?	?	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		digitado
D	19	C	?	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
D	19	C	?	?	?	?	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	NL	
D	19	C	?	?	?	?	Bordo	Tampa	Outros	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
D	19	C	?	?	?	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
D	19	C	?	?	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
D	19	C	?	?	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
D	21	C	118	191	1982	3	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
D	21	C	118	3	?	25	Asa	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
E	7	C	?	?	?	?	Outros	Peso Tear	Outros	Rugosa	-	Laranja	-		
F	1	C	?	?	?	?	Bordo	talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Bege	Oxidante		
F	1	C	?	?	?	?	Fundo	talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Bege	Oxidante		
F	2	C	?	?	1984	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
F	2	C	118	2	?	194	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
F	2	C	118	9	?	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
F	2	C	118	2	1984	171	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	3	C	118	7	1983	143	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		cordão
F	3	C	118	1	1980	105	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		incisões
F	3	C	118	10	1980	17	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
F	3	C	118	9	1980	14	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
F	3	C	118	13	1983	140	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
F	3	C	118	12	1983	155	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
F	3	C	118	123	1982	3	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
F	4	C	?	?	?	?	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	Fita	caneluras
F	4	C	?	?	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
F	4	C	118	39	1981	75	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
F	4	C	118	25	1984	133	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	NL	
F	4	C	?	?	?	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
F	4	C	118	13	1984	168	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	4	C	118	21	1982	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	4	C	118	20	1984	183	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Brunido	Vermelha	Oxidante		
F	6	C	118	148	1982	3	Bordo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
F	6	C	118	1	1983	142	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
F	6	C	118	2	1983	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
F	6	C	118	11	1984	172	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	6	C	118	1	1980	118	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
F	6	C	118	?	1984	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	6	C	118	1	1981	83	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	6	C	118	7	1983	189	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	6	C	118	1	1984	179	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
F	6	C	118	?	1979	1	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Rugosa	Vermelha	Oxidante		
F	7	C	118	23	1984	166	Fundo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
F	7	C	118	5	1984	199	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
F	7	C	?	?	?	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
F	7	C	118	16	1984	168	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
F	8	C	118	89	1981	95	Bordo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
F	8	C	118	13	1981	75	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Rosa	Oxidante		caneluras
F	8	C	118	5	1984	167	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	8	C	118	16	1984	167	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	8	C	118	?	1980	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
F	8	C	118	33	?	2	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
F	8	C	118	15	1981	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	8	C	118	46	1981	94	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
F	9	C	118	98	1982	3	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	NL	
F	9	C	118	5	1983	138	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	Oval	
F	9	C	118	51	1983	143	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
F	9	C	118	1	1981	153	Bordo	Tampa	Outros	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
F	9	C	118	17	1983	139	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
F	10	C	118	188	1982	?	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
F	10	C	118	20	1983	141	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	3	C	118	16	1983	141	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		cordão
G	3	C	118	6	?	164	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
G	3	C	118	11	1983	140	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Fita	
G	3	C	118	9	1984	168	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	3	C	118	?	1982	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	3	C	118	6	1983	140	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	3	C	118	4	1983	140	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Engobe	Vermelha	Parcial oxidante	NL	
G	4	C	118	1	1983	158	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	4	C	118	1	1980	110	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Rosa	Parcial oxidante		
G	4	C	118	113	1982	3	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	5	C	118	12	1984	171	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
G	5	C	118	3	1983	142	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	NL	
G	5	C	118	1	1983	138	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	NL	
G	5	C	118	80	?	165	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	5	C	118	62	1981	1	Fundo	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
G	5	C	118	1	1981	43	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
G	5	C	118	13	1981	38	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	5	C	118	4	1981	46	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	5	C	118	7	1980	107	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Brunido	Laranja	Parcial oxidante		
G	6	C	118	1	1980	16	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
G	6	C	118	2	1983	164	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
G	6	C	118	?	1984	?	Bordo	Tampa	Outros	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	6	C	118	2	1981	65	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	6	C	118	13	1984	157	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	6	C	?	?	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Rosa	Oxidante		
G	6	C	118	24	1984	133	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
G	6	C	118	13	1983	141	Fundo	Panela	Cozinha	Rugosa	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	7	C	118	2	1983	140	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	8	1980	122	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
G	8	C	118	7	1984	133	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
G	8	C	118	7	1983	155	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
G	8	C	118	28	1984	170	Bordo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	2	1981	69	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	17	1983	153	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	3	1981	30	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	4	1981	83	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	1	1981	49	Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	6	1983	136	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	190	1982	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Rugosa	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	8	1980	120	Fundo	Taça	Mesa	Alisada	Brunido	Laranja	Oxidante		
G	8	C	118	8	1980	120	Fundo	Taça	Mesa	Alisada	Brunido	Vermelha	Oxidante		
G	9	C	118	?	?	?	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
G	9	C	118	10	1983	152	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
G	9	C	118	18	1980	14	Bordo	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
G	9	C	118	11	1984	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
G	9	C	118	7	1984	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	
G	9	C	118	13	1983	15	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Oval	
G	9	C	118	156	1982	3	Bordo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	9	C	118	14	1980	14	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial Redutora		
G	9	C	118	5	1981	10	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	9	C	118	3	1984	133	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Rosa	Parcial oxidante		
G	10	C	118	1	1983	153	Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		incisões
G	11	C	118	5	1984	33	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	NL	

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
G	11	C	118	1	1984	170	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	11	C	118	2	1983	148	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	11	C	118	15	1984	128	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	11	C	118	2	1980	7	Fundo	Prato	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	11	C	118	3	1983	154	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	12	C	118	12	1981	94	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	Fita	
G	12	C	118	?	1983	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
G	12	C	118	1	1981	85	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	NL	
G	12	C	118	4	1983	141	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	NL	
G	12	C	118	122	1982	3	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	12	C	118	67	1980	2	Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
G	12	C	118	2	1983	160	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Rosa	Parcial oxidante		
G	13	C	118	13	1984	?	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
G	13	C	?	?	?	?	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
G	13	C	118	21	1981	38	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
G	13	C	118	73	1981	75	Parede	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
G	13	C	118	37	1981	34	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		cordão
G	13	C	118	?	1982	?	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
G	13	C	118	13	1984	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	13	C	118	39	1980	17	Bordo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	13	C	118	?	1981	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	13	C	118	34	1981	17	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	13	C	118	8	1983	163	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	13	C	118	2	?	4	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	13	C	?	?	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	13	C	118	39	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	13	C	118	31	1980	17	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
G	13	C	118	2	1981	68	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
G	13	C	?	?	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante		
G	13	C	118	11	?	131	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	13	C	118	15	1984	2	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial redutora		
G	13	C	118	81	?	1	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	13	C	?	?	?	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	13	C	118	28	1983	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	13	C	118	22	1983	150	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	13	C	118	5	1981	78	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	13	C	118	34	1981	34	Fundo	Púcaro	Mesa	Rugosa	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	13	C	118	16	1982	163	Parede	Panela	Cozinha	Porosa	Porosa	Castanha	Oxidante		caneluras
G	14	C	118	33	1982	?	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
G	14	C	?	?	1980	?	Asa	Bilha	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
G	14	C	118	9	1984	?	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
G	14	C	118	48	?	21	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	Fita	
G	14	C	118	5	1980	118	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	14	C	?	?	?	?	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	14	C	118	5	1980	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Rosa	Parcial oxidante		
G	14	C	118	3	1981	14	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	14	C	118	18	1983	138	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Rosa	Oxidante		
G	14	C	118	18	1983	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
G	14	C	118	6	1984	168	Asa	Panela	Cozinha	Rugosa	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	Fita	
G	15	C	118	5	1984	165	Parede	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		caneluras
G	15	C	118	10	1981	16	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
G	15	C	118	4	1981	93	Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Rosa	Oxidante		cordão
G	15	C	118	8	1984	?	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	Fita	
G	15	C	118	1	1984	160	Bordo	Bilha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Decoração
G	15	C	118	2	1983	154	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
G	16	C	118	2	1983	141	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		caneluras
G	16	C	118	14	1983	?	Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		cordão
G	16	C	118	2	1981	50	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	NL	
G	16	C	118	25	1982	?	Bordo	Tampa	Outros	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	16	C	118	19	1983	154	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	17	C	118	3	1983	?	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
G	17	C	118	10	1984	178	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
G	17	C	118	186	1982	?	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Fita	
G	17	C	118	22	1984	167	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	Fita	
G	18	C	118	8	1983	?	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
G	18	C	118	20	1984	150	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		caneluras
G	18	C	118	29	1983	?	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Cinzenta	Parcial oxidante		caneluras
G	18	C	118	17	1984	2	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		incisões
G	18	C	118	?	1984	166	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Fita	
G	18	C	118	?	1983	156	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	Fita	
G	18	C	118	12	1980	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante	Fita	
G	18	C	?	?	?	144	Parede	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
G	19	C	118	1	1980	7	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	Fita	
G	19	C	118	4	1984	166	Bordo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante	Fita	
G	19	C	118	5	1981	44	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	NL	
G	19	C	118	22	1983	131	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial redutora	Oval	
G	19	C	118	5	1980	?	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
G	19	C	118	2	1981	59	Fundo	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Rosa	Oxidante		
G	19	C	118	11	1984	167	Fundo	Pote	Armazenamento	Rugosa	Alisada	Rosa	Oxidante		
G	20	C	118	1	1983	162	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante		
G	21	C	?	3	1980	6	Asa	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Parcial oxidante	NL	

Cerâmica Esmaltada e Vidrada – Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. Ext.	Trat. Sup. Int.	Cor	Cozedura	Asas	Decoração Relevada	Decoração pintada
B	8	C	118	20	1980	116	Bordo	Taça	Mesa	Melado	-	Bege	Oxidante			
B	8	C	47	11	1981	84	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Melado	Amarelo	Vermelha	Oxidante			
B	10	C	47	6	1983	136	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
B	10	C	47	4	1983	128	Fundo	Taça	Mesa	Cobalto	Branco	Bege	Oxidante			
B	10	C	?	57	1980	?	Fundo	Taça	Mesa	Cobalto	Branco	Bege	Oxidante			bandas
B	10	C	47	1	1981	91	Bordo	Taça	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			bandas
B	10	C	47	3	1983	9	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			
B	10	C	63	10	1982	2	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			
B	10	C	65	?	1982	21	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			bandas
B	10	C	116	14	1982	8	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			bandas
B	10	C	?	?	?	?	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Branco	Cobalto	Branca	Oxidante			
B	10	C	?	64	1980	11	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Manisses	Bege	Oxidante			
B	13	C	47	7	1981	91	Fundo	Taça	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
B	22	C	65	1	1981	90	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Melado	Rosa	Oxidante			
B	22	C	67	4	1981	3	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Vidrado	Laranja	Oxidante			
B	24	C	?	?	?	?	Outros	Azulejo	Construção	Cobalto	Alisada	Bege	Oxidante			
B	24	C	65	4	1982	?	Bordo	Taça	Mesa	Cobalto	Branco	Bege	Oxidante		relevo	
B	24	C	118	55	?	21	Asa	Jarro	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante	oval		
B	24	C	47	17	1981	92	Bordo	Taça	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			
B	24	C	51	1	1981	93	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			
B	24	C	?	?	?	?	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Rosa	Oxidante			espiral
B	24	C	65	?	1982	4	Parede	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			
B	24	C	118	18	1982	3	Parede	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			
B	24	C	48	2	1981	92	Parede	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Branca	Oxidante			

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. Ext.	Trat. Sup. Int.	Cor	Cozedura	Asas	Decoração Relevada	Decoração pintada
B	24	C	65	3	1982	4	Parede	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Branca	Oxidante			
B	24	C	?	56	1980	?	Parede	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Branca	Oxidante			
B	24	C	47	7	1983	?	Parede	Prato	Mesa	Cobalto	Cobalto	Bege	Oxidante			
B	24	C	?	65	1980	4	Parede	Prato	Mesa	Cobalto	Cobalto	Bege	Oxidante			
C	15	C	?	68	1980	41	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Alisada	Branca	Oxidante	oval		
C	15	C	60	3	1982	6	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Alisada	Bege	Oxidante			
C	15	C	12	5	1983	146	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Alisada	Vermelha	Oxidante			
C	15	C	47	5	1983	136	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
C	15	C	47	5	?	136	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
C	15	C	63	11	1982	2	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
C	15	C	V.2	2	1980	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Castanho	Laranja	Oxidante			
C	15	C	V.2	3	1980	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Castanho	Castanha	Oxidante			
C	15	C	V.2	3	1980	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Castanho	Castanha	Parcial oxidante			
C	15	C	51	2	1981	93	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Melado	Melado	Bege	Oxidante	oval		
C	15	C	V.2	2	1980	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Melado	Melado	Laranja	Oxidante			bandas
C	15	C	128	13	1983	5	Fundo	Garrafa	Mesa	Verde	Melado	Branca	Oxidante		incisões	
C	15	C	97	4	1982	7	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Bege	Oxidante			escorridos
C	15	C	97	4	1982	7	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Bege	Oxidante			
C	15	C	60	4	1982	6	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Castanha	Oxidante			
C	15	C	60	4	1982	6	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Castanha	Oxidante			
C	15	C	?	67	1980	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Castanha	Oxidante			
C	15	C	?	67	1980	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Castanha	Oxidante			
C	15	C	59	8	1981	1	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Vermelha	Oxidante			
C	15	C	59	?	1981	1	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Vermelha	Oxidante			
C	15	C	118	4	1980	17	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Vermelha	Oxidante			
C	15	C	118	4	1980	17	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Melado	Laranja	Oxidante			
C	15	C	142	?	1980	3	Bordo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Laranja	Parcial oxidante			

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. Ext.	Trat. Sup. Int.	Cor	Cozedura	Asas	Decoração Relevada	Decoração pintada
C	15	C	118	20	1980	105	Outros	Marca	Outros	Alisada	Verde	Laranja	Oxidante			
C	15	C	118	24	1980	165	Outros	Marca	Outros	Alisada	Verde	Laranja	Oxidante			
C	15	C	118	60	1980	21	Parede	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	118	60	1980	21	Parede	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	?	197	1980	?	Parede	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	?	297	1980	?	Parede	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	?	60	1980	11	Parede	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	?	60	1980	11	Parede	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	12	5	1983	146	Parede	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Laranja	Oxidante			
C	15	C	30	4	1980	?	Parede	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Vermelha	Oxidante			
C	15	C	63	11	1982	2	Parede	Prato	Mesa	Branco	Verde	Branca	Oxidante			
C	15	C	12	4	1983	162	Parede	Jarro	Mesa	Verde	Verde	Rosa	Oxidante		estampilhada	
C	15	C	118	56	1980	21	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Verde	Branca	Oxidante	oval		
C	15	C	118	9	1980	106	Fundo	Taça	Mesa	Verde	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	118	4	1980	22	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	?	1	1980	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	?	?	?	?	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Verde	Bege	Oxidante			
C	15	C	118	4	1980	22	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Verde	Vermelha	Oxidante			
C	16	C	67	1	1981	3	Bordo	Taça	Mesa	Alisada	Branco	Castanha	Oxidante			
C	16	C	65	9	1981	91	Asa	Jarro	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante	oval		
C	16	C	13	13	1983	133	Bordo	Prato	Mesa	Branco	Branco	Branca	Oxidante			
C	16	C	118	19	1980	117	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
C	16	C	?	51	1980	11	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
C	16	C	51	3	1981	93	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
C	16	C	118	28	1982	3	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
C	16	C	?	32	1979	?	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
C	16	C	118	20	1982	3	Fundo	Taça	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante			

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. Ext.	Trat. Sup. Int.	Cor	Cozedura	Asas	Decoração Relevada	Decoração pintada
C	16	C	?	39	1980	11	Fundo	Taça	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante			
C	16	C	55	?	1980	19	Fundo	Taça	Mesa	Branco	Branco	Rosa	Oxidante			
C	16	C	?	58	1980	11	Fundo	Taça	Mesa	Branco	Branco	Rosa	Oxidante			
C	16	C	118	4	1980	97	Bordo	Prato	Mesa	Alisada	Melado	Castanha	Oxidante			escorridos
C	16	C	65	4	1981	90	Bordo	Jarro	Mesa	Melado	Melado	Bege	Oxidante			pingos
C	16	C	67	107	1981	7	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Melado	Melado	Bege	Oxidante			
C	24	C	59	37	1982	1	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Branco	Branco	Vermelha	Oxidante			
C	24	C	?	?	?	?	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Cobalto	Branco	Bege	Oxidante			esponjado
C	24	C	118	?	1980	?	Bordo	Taça	Mesa	Cobalto	Branco	Bege	Oxidante			bandas
C	24	C	47	19	1981	91	Bordo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			bandas
C	24	C	59	17	1982	1	Bordo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			bandas
C	24	C	65	4	1982	4	Bordo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			bandas
C	24	C	118	17	1980	97	Bordo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			bandas
G	23	C	47	7	1982	9	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	47	9	1982	9	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	47	15	1982	4	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	47	15	1982	9	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	47	?	1982	9	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	59	15	1983	1	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	63	1	1982	2	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	63	1	1982	2	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	118	11	1983	160	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	118	11	1983	160	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	?	143	1980	3	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	?	317	1980	?	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	?	717	1980	?	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	?	?	?	?	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			

Con.	S.	T.	Q.	Cx.	Ano	N.º	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. Ext.	Trat. Sup. Int.	Cor	Cozedura	Asas	Decoração Relevada	Decoração pintada
G	23	C	?	?	?	?	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	?	?	?	?	Outros	Azulejo	Construção	Branco	Alisada	Bege	Oxidante			
G	23	C	65	2	1981	90	Outros	Azulejo	Construção	corda seca	Alisada	Rosa	Oxidante			
G	23	C	?	?	?	?	Bordo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			
G	23	C	?	?	?	?	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante			
G	23	C	?	?	?	?	Fundo	Taça	Mesa	Branco	Cobalto	Branca	Oxidante			
G	23	C	?	?	?	?	Bordo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Bege	Oxidante			
G	23	C	?	?	?	?	Bordo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Bege	Oxidante			

Metais – Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Cont.	N. Inv.	S.	Forma	Material	Obs.
IX	87.72	1	faca	ferro	lâmina
IX	87.72	1	chapa	ferro	lâmina em forma de gota
IX	87.72	1	indefinido	cobre	conj chapas várias
IX	87.72	1	virote de besta	ferro	
IX	87.72	1	pregos	ferro	550
IX	87.72	2	anilha	bronze	
IX	87.72	2	chave	ferro	
IX	87.72	2	escória	ferro	2 blocos média dimensão
IX	87.72	2	ferradura	ferro	
IX	87.72	2	indefinida	ferro	argola, tubular
IX	87.72	2	pregos	ferro	243
IX	87.72	3	argola	ferro	
IX	87.72	3	indefinida	ferro	
IX	87.72	3	cunha	ferro	
IX	87.72	3	cunha	ferro	
IX	87.72	3	cunha	ferro	
IX	87.72	3	pregos	ferro	43
IX	87.72	4	escória	ferro	4 blocos média dimensão
IX	87.72	5	alfinetes	cobre	317
IX	87.72	6	argola	cobre	peq dimensão
IX	87.72	6	argola	cobre	peq dimensão
IX	87.72	6	fecho de cintrurão	cobre	dec geométrica
IX	87.72	6	fecho de cintrurão	cobre	dec geométrica
IX	87.72	6	indefinida	cobre	chapa
IX	87.72	6	indefinida	cobre	chapa
IX	87.72	6	indefinida	cobre	chapa
IX	87.72	6	indefinida	cobre	chapa
IX	87.72	6	indefinida	cobre	chapa
IX	87.72	6	fuzilhão	cobre	
IX	87.72	6	fuzilhão	cobre	
IX	87.72	6	indefinida	cobre	tubular
IX	87.72	6	indefinida		
IX	87.72	6	indefinida		
IX	87.72	6	indefinida		
IX	87.72	6	indefinida		
IX	87.72	6	indefinida		
IX	87.72	6	indefinida		
IX	87.72	6	indefinida		
IX	87.72	6	prego	ferro	
IX	87.72	7	anilha	cobre	octogonal
IX	87.72	7	arame		
IX	87.72	7	arame		

Cont.	N. Inv.	S.	Forma	Material	Obs.
IX	87.72	7	argola	bronze	
IX	87.72	7	argola	bronze	
IX	87.72	7	arreio	bronze	
IX	87.72	7	botão	ferro	
IX	87.72	7	brinco (?)	cobre	
IX	87.72	7	cravo	ferro	c/ pé
IX	87.72	7	cravo	ferro	carapuça
IX	87.72	7	cravo	ferro	cabeça
IX	87.72	7	indefinido	cobre	chapa B
IX	87.72	7	fivela arreio	bronze	estrangulada
IX	87.72	7	prego		enrolado
IX	87.72	8	prego	ferro	
IX	87.72	8	alfinete cabelo	cobre	
IX	87.72	8	alfinete cabelo	cobre	
IX	87.72	8	aplique	cobre	
IX	87.72	8	arame		
IX	87.72	8	brinco	bronze	
IX	87.72	8	cravo	ferro	
IX	87.72	8	enrolamento	cobre	
IX	87.72	8	fechadura	cobre	dec castelo
IX	87.72	8	fecho de cinturão	cobre	dec geométrica
IX	87.72	8	fechadura	bronze	c/ dobradiça de arqueta
IX	87.72	8	fivela arreio	bronze	
IX	87.72	8	indefinido		tubular
IX	87.72	8	ponta de fuso (comp.)	cobre	
IX	87.72	8	ponta de fuso (frag.)	cobre	
IX	87.72	8	ponta de fuso (frag.)	cobre	
IX	87.72	8	preguinho	cobre	
IX	87.72	9	pregos	ferro	15
IX	87.72	10	medalha	cobre	S.Sebastião/Anunciação
IX	87.72	10	medalha	cobre	S.Francisco/N.S.Conceição
IX	87.72	10	medalha	cobre	S.Felipe Neri/S._arolus Borombus
IX	87.72	10	medalha	cobre	Custódia IHS/N.S._
IX	87.72	10	medalha	cobre	N.S._/Cálice
IX	87.72	10	medalha	cobre	Cristo/N.S. c/ menino
IX	87.72	10	medalha	cobre	S.Carlu/S.Francisco
IX	87.72	11	anel	cobre	
IX	87.72	11	anel c/ centro	cobre	peq dimensão
IX	87.72	12	moeda	bulhão	c/ tecido, ilegível
IX	87.72	13	aplique	bronze	
IX	87.72	13	decoração de imagem	vidro e cobre	
IX	87.72	13	gancho	bronze	
IX	87.72	14	crucifixo plano	cobre	douramento
IX	87.72	14	crucifixo vulto perfeito	cobre	
IX	87.72	15	alfinetes	cobre	34

Cont.	N. Inv.	S.	Forma	Material	Obs.
IX	87.72	16	alfinetes	cobre	20
IX	87.72	17	pequena corrente	cobre	
IX	87.72	17	alfinetes	cobre	21
IX	87.72	17	gancho	bronze	
IX	87.72	17	ilhós	cobre	
IX	87.72	18	ponta de fuso (comp.)	cobre	
IX	87.72	18	ponta de fuso (comp.)	cobre	
IX	87.72	18	ponta de fuso (comp.)	cobre	
IX	87.72	18	ponta de fuso (frag.)	cobre	
IX	87.72	18	ponta de fuso (frag.)	cobre	
IX	87.72	18	ponta de fuso (frag.)	cobre	
IX	87.72	18	ponta de fuso (frag.)	cobre	
IX	87.72	18	ponta de fuso (frag.)	cobre	
IX	87.72	18	ponta de fuso (frag.)	cobre	
IX	87.72	18	preguinho	cobre	
IX	87.72	18	preguinho	cobre	
IX	87.72	19	alfinetes	cobre	2
VIII			botão	ferro	?
VIII			botão	ferro	?
VIII			fuzilhão	bronze	
VIII			pintadeira	bronze	
VIII			fecho de cinturão	bronze	c/ leão rompante
VIII			ferradura	ferro	incompleta
VIII			fivela	bronze	fivela de sapato
VIII			chave	ferro	
VIII			dobradiça	ferro	de porta ou portinhola
VIII			sinete	bronze	pega
VIII			indefinido	bronze	gancho?
VIII			anilha de vassoura	ferro	
VIII			bala de mosquete	chumbo	estriada
VIII			botão	ferro	c/ argola
VIII			aplique	bronze	prego de cadeira
VIII			fimal	cobre	dec/ c contas e peça central de pasta vítrea vermelha
VIII			salto de sapato	alumínio	
VIII			escória	ferro	gde bloco
VIII			chapa	bronze	repuxada
VIII			cravo	ferro	
VIII			chapa	bronze	forma de bota

Outros Materiais

Cont.	S.	N. Inv.	Forma	Material	Descrição	Obs.
A-11	1	87.73	conta	osso	redonda de rosário	
A-11	2	87.73	conta	azeviche	redonda com entalhes	

Cont.	S.	N. Inv.	Forma	Material	Descrição	Obs.
A-11	2	87.73	conta	azeviche	redonda com entalhes	
A-11	2	87.73	conta	azeviche	oval com decoração bandas incisas	
A-11	3	87.73	conta	azeviche	redonda com entalhes	
A-11	3	87.73	conta	azeviche	redonda com entalhes	
A-11	4	87.73	anel	vidro	negro opaco, centro	
A-11	5	87.74	fragmento	carvão		
A-11	6	87.73	conta (frag.)	azeviche	redonda com entalhes	
A-11	6	87.73	figa (frag.)	azeviche	com argola de suspensão	colada
A-11	7	87.73	conta	vidro	4 frags; laranja opaco; 1 é marade de redonda e lisa	colada
A-11	8	87.73	conta	azeviche	redonda com entalhes	
A-11	8	87.73	conta	azeviche	redonda e lisa, achatada	
A-11	8	87.73	conta	azeviche	cilíndrica	
A-11	8	87.73	conta	azeviche	redonda e lisa	
A-11	9	87.73	conta	plástico	laranja transparente; facetada, oval	
A-11	10	87.73	conta (frag.)	azeviche	oval com decoração bandas incisas	
A-11	10	87.73	conta (frag.)	azeviche	redonda e lisa	
A-11	11	87.73	conta	osso	redonda de terço	
A-11	11	87.73	conta	osso	redonda de terço	
A-11	12	87.73	cruz (frag.)	osso	3 frags de braço de cruz	colada
A-11	13	87.73	anel	vidro	negro opaco, centro	
A-11	14	87.73	conta	vidro	laranja opaco, facetada, oval	
A-11	14	87.73	conta	plástico	verde opaco, facetada, redonda	
A-11	15	87.73	conta (frag.)	azeviche	parte de terço ou cruz	
A-11	16	87.73	indefinido	vidro	frag; branco transparente, irisado	
A-11	16	87.73	indefinido	vidro	2 frags; verde transparente, irisado	
A-11	17	87.73	fundo	vidro	arranque; opaco branco, irisado	
A-11	18	87.73	copo	vidro	pé com parede; transparente	
A-11	18	87.73	garrafa	vidro	parede; transparente	
A-11	18	87.73	indefinido	vidro	branco opaço	
IX	11	87.72	anel	vidro	negro, opaco	

NOTA: Não se considerou necessária a criação de tabelas de inventário para os materiais de construção (excepto azulejos), os cabedais, os líticos, as estelas funerárias, os numismas e o espólio arqueozoológico

Cerâmica Comum – Museu do Canteiro

N.º Inv.	Sítio	Dia	Mês	Ano	Q.	C.	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Dec. Relevada
1	CAS. C.B.	9	6	2000	D1	5	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	fita	
2	CAS. C.B.	31	5	2000	Sup.		Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	redonda	
3	CAS. C.B.	12	6	2000	D1	5	Asa	Jarro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	fita	
4	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
5	CAS. C.B.	13	6	2000	D1	5	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		incisões
6	CAS. C.B.	12	6	2000	C2	5	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Redutora	?	
7	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		cordão
8	CAS. C.B.	9	6	2000	A1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
9	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	oval	
10	CAS. C.B.	12	6	2000	D1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Redutora		
12	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Fundo	Púcaro	Mesa	Engobe	Engobe	Laranja	Oxidante		incisões
13	CAS. C.B.	13	6	2000	A1	5	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	redonda	
14	CAS. C.B.	13	6	2000	D1	5	Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
15	CAS. C.B.	13	6	2000	A1	5	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Redutora		
16	CAS. C.B.	13	6	2000	D1	5	Bordo	Prato	Mesa	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
17	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Bege	Oxidante		
18	CAS. C.B.	12	6	2000	A1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
19	CAS. C.B.	2	6	2000	Sup.		Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	fita	
20	CAS. C.B.	12	6	2000	C2	5	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	oval	
21	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	fita	
22	CAS. C.B.	9	6	2000	A1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Parcial oxidante		
23	CAS. C.B.	12	6	2000	B2	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
24	CAS. C.B.	9	6	2000	D1	5	Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		cordão

N.º Inv.	Sítio	Dia	Mês	Ano	Q.	C.	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Dec. Relevada
25	CAS. C.B.	8	6	2000	B1	5	Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		cordão
26	CAS. C.B.	9	6	2000	C1	5	Parede	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
27	CAS. C.B.	16	6	2000	F4	5	Bordo	Talha	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
28	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Fundo	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
29	CAS. C.B.	12	6	2000	C2	5	Fundo	Cântaro	Armazenamento	Alisada	Alisada	Vermelha	Oxidante		
30	CAS. C.B.	12	6	2000	C2	5	Fundo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
31	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Fundo	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
32	CAS. C.B.	13	6	2000	A1	5	Outros	Cafeteira	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
33	CAS. C.B.	31	5	2000	Sup.		Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante	fita	
34	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
35	CAS. C.B.	8	6	2000	F1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
36	CAS. C.B.	2	6	2000	Sup.		Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
37	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Fundo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
38	CAS. C.B.	12	6	2000	C2	5	Parede	Pote	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
39	CAS. C.B.	12	6	2000	A1	5	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	?	
40	CAS. C.B.	9	6	2000	D1	5	Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
41	CAS. C.B.	31	5	2000	Sup.		Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
42	CAS. C.B.	13	6	2000	D1	5	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
43	CAS. C.B.	12	6	2000	B2	5	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante	fita	
44	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
45	CAS. C.B.	12	6	2000	A1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
46	CAS. C.B.	12	6	2000	A1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
47	CAS. C.B.	9	6	2000	D1	5	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	fita	
48	CAS. C.B.	31	5	2000	Sup.		Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
49	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Parede	Pote	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		incisões
50	CAS. C.B.	12	6	2000	D1	5	Asa	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante	fita	
51	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Parede	Prato	Mesa	Alisada	Brunida	Castanha	Oxidante		

N.º Inv.	Sítio	Dia	Mês	Ano	Q.	C.	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas	Dec. Relevada
52	CAS. C.B.	13	6	2000	A1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
53	CAS. C.B.	31	5	2000	Sup.		Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
54	CAS. C.B.	2	6	2000	Sup.		Bordo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
55	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Bordo	Pote	Armazenamento	Alisada	Rugosa	Laranja	Oxidante		
56	CAS. C.B.	3	6	2000	F1	5	Asa	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Cinzenta	Oxidante	fita	
57	CAS. C.B.	13	6	2000	D1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
58	CAS. C.B.	2	6	2000	Sup.		Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
59	CAS. C.B.	12	6	2000	C2	5	Asa	Púcaro	Mesa	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	oval	?
60	CAS. C.B.	31	5	2000	Sup.		Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
61	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
62	CAS. C.B.	8	6	2000	F1	5	Parede	Panela	Cozinha	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
63	CAS. C.B.	12	6	2000	C2	5	Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
64	CAS. C.B.	9	6	2000	E1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
65	CAS. C.B.	9	6	2000	B1	5	Fundo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
66	CAS. C.B.	2	6	2000	Sup.		Parede	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Laranja	Parcial oxidante		
67	CAS. C.B.	13	6	2000	B1	5	Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Alisada	Alisada	Castanha	Oxidante		
68	CAS. C.B.	2	6	2000	Sup.		Bordo	Taça	Mesa	Alisada	Alisada	Laranja	Oxidante		
69	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Outros	Fogareiro	Contentor Fogo	Alisada	Alisada	Castanha	Parcial oxidante		
70	CAS. C.B.	13	6	2000	F1	5	Bordo	Tacho	Cozinha	Alisada	Brunida	Cinzenta	Redutora		

Cerâmica Esmaltada e Vidrada – Museu do Canteiro

N.º Inv.	Sítio	Dia	Mês	Ano	Q.	C.	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas
11	CAS. C.B.	2	6	2000	Sup.		Bordo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Castanha	Parcial oxidante	
71	CAS. C.B.	2	6	2000	Sup.		Bordo	Alguidar	Cozinha	Melado	Alisada	Castanha	Parcial oxidante	
72	CAS. C.B.	2	6	2000	Sup.		Fundo	Alguidar	Cozinha	Verde	Brunida	Vermelha	Oxidante	

N.º Inv.	Sítio	Dia	Mês	Ano	Q.	C.	Forma	Des. Formal	Cat. Func.	Trat. Sup. E	Trat. Sup. I	Cor	Cozedura	Asas
73	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Bordo	Alguidar	Cozinha	transparente	Verde	Castanha	Parcial oxidante	
74	CAS. C.B.	13	6	2000	B1	5	Parede	Alguidar	Cozinha	Alisada	Melado	Laranja	Oxidante	
75	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Parede	Indeterminado	Indeterminado	Verde	Verde	Bege	Oxidante	
76	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Fundo	Alguidar	Cozinha	Alisada	Verde	Bege	Oxidante	
77	CAS. C.B.	12	6	2000	C2	5	Bordo	Taça	Mesa	Alisada	Melado	Laranja	Oxidante	
78	CAS. C.B.	13	6	2000	A1	5	Bordo	Taça	Mesa	Melado	Melado	Laranja	Oxidante	
79	CAS. C.B.	31	5	2000	Sup.		Bordo	Prato	Mesa	Branco	Azul/Vinhoso	Bege	Oxidante	
80	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Parede	Taça	Mesa	Branco	Azul/Vinhoso	Bege	Oxidante	
81	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Parede	Prato	Mesa	Branco	Azul/Vinhoso	Bege	Oxidante	
82	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Fundo	Taça	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante	
83	CAS. C.B.	12	6	2000	A1	5	Asa	Jarro	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante	fita
84	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Bordo	Prato	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante	
85	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Bordo	Taça	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante	
86	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Bordo	Prato	Mesa	Branco	Branco	Bege	Oxidante	
87	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Bordo	Indeterminado	Indeterminado	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante	
88	CAS. C.B.	29	5	2000	Sup.		Bordo	Taça	Mesa	Branco	Multicolor	Bege	Oxidante	
89	CAS. C.B.	13	6	2000	B1	5	Fundo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante	
90	CAS. C.B.	9	6	2000	C1	5	Bordo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante	
91	CAS. C.B.	30	5	2000	Sup.		Parede	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante	
92	CAS. C.B.	13	6	2000	B1	5	Bordo	Prato	Mesa	Branco	Cobalto	Bege	Oxidante	

Metais – Museu do Canteiro

N. Inv.	Sítio	S.	Dia	Mês	Ano	Q.	C.	Forma	Material	Obs.
1a 31	CAS. C.B.				2000			pregos	ferro	31
32	CAS. C.B.		8	6	2000	B1	5	cinzel	ferro	cabeça plana
33	CAS. C.B.		9	6	2000	D1	5	cinzel	ferro	cabeça plana
34	CAS. C.B.		8	6	2000	F1	5	pega de caldeiro	ferro	
35	CAS. C.B.		14	6	2000	E1	5	faca	ferro	rectangular, curvada
36	CAS. C.B.		8	6	2000	B1	5	cão de espingarda	ferro	(?)
37	CAS. C.B.		13	6	2000	D1	5	bala de canhão	ferro	2 kg
38	CAS. C.B.		31	5	2000	Sup.		bala de canhão	ferro	2 kg
39	CAS. C.B.		12	6	2000	C1	5	bala de canhão	ferro	2 kg
40	CAS. C.B.		1	6	2000	Sup.		bala de canhão	ferro	2 kg
41	CAS. C.B.		14	6	2000	E1	5	bala de canhão	ferro	2,6 kg
42	CAS. C.B.		14	6	2000	E1	5	bala de canhão	ferro	3 kg
43	CAS. C.B.		1	6	2000	Sup.		bala de canhão	ferro	2,6 kg
44	CAS. C.B.		14	6	2000	E1	5	bala de canhão	ferro	3,1 kg
45	CAS. C.B.		1	6	2000	Sup.		bala de canhão	ferro	3,1 kg
46	CAS. C.B.		29	5	2000	Sup.		bala de canhão	ferro	4,5 kg
47	CAS. C.B.		30	5	2000	Sup.		bala de canhão	ferro	3,1 kg
48	CAS. C.B.		31	5	2000	Sup.		bala de canhão	ferro	5 kg
49	CAS. C.B.		14	6	2000	E1	5	bala de canhão	ferro	7 kg
50	CAS. C.B.		29	5	2000	Sup.		bala de canhão	ferro	4,5 kg
51	CAS. C.B.		14	6	2000	E1	5	bala de canhão	ferro	5 kg
52	CAS. C.B.		14	6	2000	E1	5	bala de canhão	ferro	7,2 kg
53	CAS. C.B.		14	6	2000	E1	5	bala de canhão	ferro	4 kg